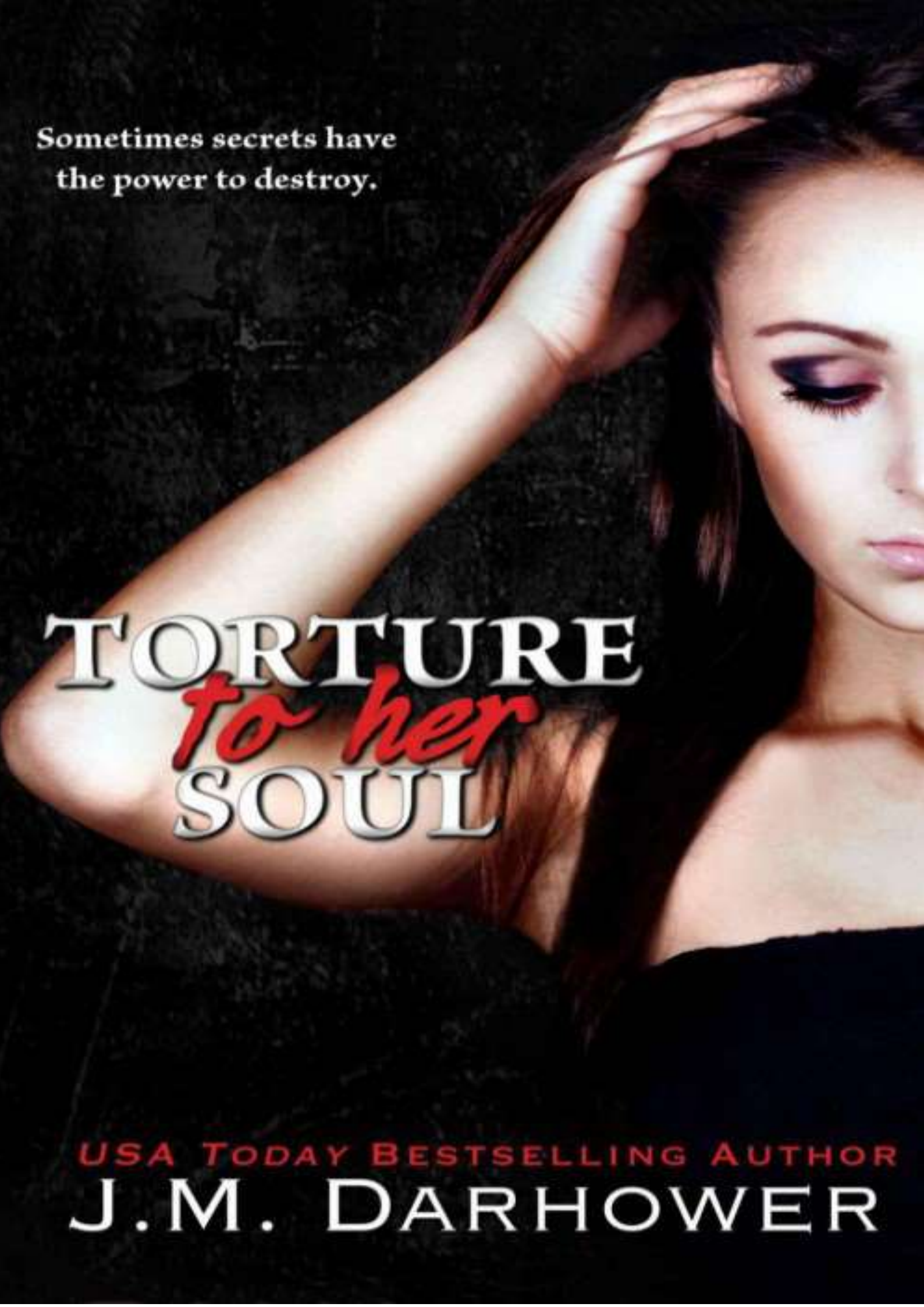

Sometimes secrets have
the power to destroy.
TORTURE
to her
SOUL
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
J.M. DARHOWER

TORTURE *to her* SOUL

J.M. Darhower

Para quem alguma vez se apaixonou pela última pessoa para quem deveria dar seu coração.

Isso é para você.

Sinopse

Não diga isso a menos que você queira dizer...

É um conceito simples, que eu tenho dito repetidas vezes, mas algo que as pessoas não parecem compreender. Você deve escolher cada sílaba com cuidado, porque você nunca sabe quando alguém vai prendê-lo à sua palavra.

Alguém como eu.

Eu não sou um bom homem. Eu não sou. Eu sei. Eu tenho bastante escuridão dentro de mim para livrar o mundo de cada ponto de luz. Mas há uma que eu nunca poderia fazer mal, uma luz que eu não poderia trazer-me a extinguir.

Karissa.

Ela acha que eu sou um monstro, e talvez eu seja. Eu a provoco com o meu toque, excito-me em torturar sua alma. Mas eu não sou o único. O mundo está cheio de monstros, e eu não sou o mais perigoso lá fora.

Nem de perto...

Deus me ajude, eu a amo.

Eu amo.

E Deus ajude qualquer um que tente levá-la de mim.

Prólogo

Segredos é uma coisa engraçada.

Você os mantém contidos, pensamentos ocultos que ninguém mais pode ouvir. Isso dificulta que outros se aproximem de você – que eles possam realmente *conhecer* você – quando você guarda as partes mais profundas de si mesmo, deixando apenas as pessoas arranharem a superfície.

Mas alguns segredos, eu acho, ficam melhores se não forem ditos.

Algumas vezes, segredos têm o poder de matar. O poder de *destruir*. Cada um de nós possui armas nucleares dentro de nós mesmos, nossos dedos sempre pairando sobre os botões para detonar. A maioria de nós os aperta. Alguns de nós não.

Gostaria de ter esse tipo de contenção.

Invejo aqueles que mantêm todos a um braço de distância.

Eu sou fraco.

Malditamente fraco.

Eu a deixei ficar muito próxima de mim.

Ouvi esse ditado uma vez, há muito tempo, que eu nunca esqueci: *três podem manter um segredo, se dois deles estão mortos.* Eu derramei muitos segredos em minha vida, segredos que sempre terminam com alguém morrendo. Algumas vezes por causa de mim, e outras vezes... Bem... *Por minha causa.* Eu penso sobre eles quando deito

na minha cama a noite, vejo seus rostos quando fecho meus olhos, revivo os momentos em que os botões foram pressionados e tudo ao meu redor implodiu.

Sou um homem assombrado.

Escuridão me rodeia.

Figurativamente.

Literalmente.

Está escuro.

É esse tipo pesado de escuridão, o tipo que você pode sentir quando respira, a densidade enchendo seus pulmões e lentamente lhe sufocando. Não há alivio nessa escuridão... Apenas mais tortura. Suor cobre minha pele conforme a umidade do verão preenche o ar, tornando difícil encontrar um pedaço de conforto. Eu me mexo e viro inquieto, acordando e dormindo, minutos, horas...

Toda vez que olho, o relógio no quarto mostra algo diferente, os números vermelhos brilhantes zombando de mim.

23h43

00h

1h45

2h09

Rolando sobre minhas costas, eu fecho meus olhos, jogando um braço em meu rosto, tentando me forçar a parar de olhar o maldito relógio. Ele dita a minha vida e odeio isso. Eu *odeio* isso, porra. O silêncio é tenso, os ruídos na instalação da casa velha preenchem meus ouvidos. Não há nada pacífico sobre isso.

Mais um rangido

Um piso de madeira range.

A cama muda de repente.

Eu movo meu braço e abro os olhos, meu olhar encontrando o teto quando sou sacudido. Eu encontro nada além de escuridão acima de mim, o brilho do despertador em minha visão periférica.

Lentamente, virando minha cabeça, eu olho a hora novamente.

2h45

Mais um ruído.

Um clique alto.

Meu coração pula uma batida antes de martelar com força em meu peito.

Eu conheço esse som.

Não é normal.

Anormal.

O armar de uma espingarda.

Eu sento, piscando rapidamente, desesperadamente procurando o que quer que seja isso na escuridão, mas leva muito tempo para os meus olhos se ajustarem. Não, os olhos *dela* se ajustam antes dos meus, e ela o vê... Ela vê o predador.

Ela percebe que nós somos a presa.

"Naz!" A voz dela é um grito de pânico. "Oh Deus, Naz!"

Estou congelado. É apenas um segundo. Apenas um segundo de atraso até que minha visão finalmente se ajusta. Eu encaro o rosto familiar – o rosto que sorriu para mim horas atrás, como se não houvesse

nada além de amor entre nós. Um rosto, eu percebo, de um homem que guardava segredos. Um homem que eu realmente não conhecia.

O rosto do meu melhor amigo.

É apenas um segundo, mas é um segundo muito longo.

Um segundo de hesitação que leva para longe tudo o que eu amo.

BANG

O som explode em uma luz ardente que me abala, empurrando-me para a consciência. Sento reto, mais uma vez sufocado pela escuridão. Engasgo por ar, suor escorrendo pelo meu rosto. Pisco rapidamente, a cena me recebendo de novo e de novo toda vez que fecho os olhos.

Pisco.

Pisco.

Pisco.

Porra.

Não importa o quanto tento, eu não consigo esquecer.

Não consigo parar de ver.

Eu não consigo para de *reviver* isso.

A parte da cama ao meu lado muda, e por um momento eu me convenço de que não foi real. Foi apenas minha imaginação. Apenas isso.

Não aconteceu realmente.

Eu estou bem.

Ela não está morta.

Mas quando olho de volta, não são os olhos de Maria que me recebem, não é o rosto dela que eu vejo, e a realidade vem e me atinge tudo de novo.

Não foi um pesadelo.

Não, foi uma lembrança.

Karissa me olha com cuidado através da escuridão, mas ela não diz nada. Ela não tenta me consolar ou perguntar o que há de errado. Ela não precisa.

Ela provavelmente já sabe.

Ela me conhece.

Suspirando, olho para longe dela conforme a aceitação me preenche, instintivamente olhando para a estante ao lado da minha cama, procurando por um despertador que não possuo há vinte anos. Eu me pergunto que horas são agora... Pergunto-me se isso ao menos ainda importa.

O tempo parou às 2h45 daquele dia.

Estive preso na escuridão desde então.

Eu vou lhe contar um segredo.

Um segredo que nunca disse a ninguém.

Eu, Ignazio Vitale, sempre tive medo do escuro.

Se você contar isso a alguém, eu mato você.

Capítulo 01

Minha vida é um caso de estudo da gula.

Se você está procurando uma explicação para isso, você vai querer procurar em outro lugar. Eu não me arrependo nem um pouco. Tudo que faço, eu faço em excesso; tudo que tenho, eu tenho mais do que um dia irei precisar.

O que eu posso dizer? Eu não me privo de nada.

Já matei mais de uma dúzia de homens na minha vida. Mais de duas dúzias se estamos sendo honestos aqui. Parei de contar há muito tempo. Eu mato, e eu machuco, mas até recentemente, eu só amei realmente uma vez.

Maria Angelo.

Eu achei que era ela, achei que ela era a única que poderia me alcançar, a única a atravessar essa armadura gasta que eu uso. Pensei que minha habilidade de amar tinha terminado com ela, e eu estava bem com isso. Vivo minha vida em excesso porque me deixa satisfeito. Amor, por outro lado, machuca como um filho da puta.

Eu sei.

Acredite em mim, eu sei.

Eu assisti o amor morrer bem na minha frente, engasgando, lutando por apenas mais uma respiração que a vida não concederia. Eu decidi, naquele momento, que preferiria morrer a sentir aquilo novamente.

Mas então *ela* aconteceu.

Eu paro na soleira da porta da cozinha e me inclino casualmente no batente da porta de madeira, observando Karissa

cozinhar. Ou tentando cozinhar, na verdade. Óleo respinga no ar da panela no fogão, um pouco de frango fritando, o lado de fora disso tão preto que quase parecia irreconhecível. Uma panela atrás ferve, a boca do fogão chiando quando o líquido o atinge, enquanto uma fumaça sai de dentro do forno.

"Merda, merda, merda," ela canta, tirando o fone de ouvido rosa de suas orelhas e o colocando em volta do pescoço. Agarrando um conjunto de pegadores de panela, ela puxa a porta, tentando ventilar a fumaça para longe. A fumaça rapidamente consome o ar em sua volta ao mesmo tempo em que um beep alto começa a tocar pela cozinha.

Ela lança um olhar zangado para o detector de fumaça nas proximidades antes de retirar uma assadeira e jogá-la no balcão, soltando outra série de palavrões para o que quer que seja. Biscoitos, eu presumo, embora eles se pareçam com pedaços de merda.

Apetitoso.

Eu ando e me aproximo, pegando o detector de fumaça e retirando a bateria para que possa parar de fazer barulho. Karissa me olha, oferecendo um meio sorriso tímido no lugar de quaisquer palavras.

Palavras são um presente raro vindo dela nesses dias. Ela me regou com bastante sarcasmo ante dele secar e nós entrarmos no período da seca.

Eu aguardo, mas seu silêncio é ensurdecedor.

Frustrante.

Extremamente torturantes alguns dias.

Ela anda por aqui com esse fone de ouvido rosa, música gritando enquanto ela bloqueia o mundo para fora. Se ela não pode me ouvir, ela pode fingir que não estou aqui. Se ela não pode me ouvir, ela acha que não vou gastar meu fôlego tentando conversar.

Ela se vira de novo para o fogão, para sua comida queimada. Ela normalmente é melhor que isso, mas alguma coisa a tem esgotado.

"Está tudo bem, Karissa?"

Ela desliga ambas as bocas do fogão quando murmura, "apenas fodidamente maravilhoso."

Minha mandíbula aperta com seu tom e eu me forço a não reagir. Eu não levo o desrespeito muito bem, mas ela os solta alguns dias como se eu estivesse faminto por isso.

Inferno, talvez eu esteja.

Talvez eu mereça.

Mas não me agrada.

Nem um pouco.

Em vez de empurrá-la para mais uma resposta, uma resposta *melhor*, eu apenas saio, deixando-a para salvar um jantar que ela sabe que não vou comer. Ela faz isso todo dia agora, parte de uma rotina que estabeleceu nesse verão, uma rotina que ela quase não diferencia mais.

Ela é previsível, com movimentos robóticos enquanto luta para controlar suas emoções ao meu redor, como se ela fizesse as mesmas coisas dia após dia, talvez eu me torne complacente e ignore sua presença. Como se eu talvez fosse me esquecer dela. Como se talvez fosse a chave para se afastar. Ela não percebe que é assim que pego as pessoas. Elas pensam que desapareceram no meio do alvoroço, quando é assim que elas se destacam mais para mim.

Ela está se distraindo, com esses jantares desastrosos, essas rotinas, mas não a impede de pensar. De pensar *demais*. Um silêncio tenso alimenta os pensamentos mais sombrios. Eu sei. Acredite em mim, eu sei. E isso torna as coisas piores.

Ela é uma bomba relógio.

Tique.

Tique.

Tique.

É só uma questão de tempo até eu cortar o fio errado e ela explodir.

Indo para a sala de descanso, eu me sento em minha mesa e pego meu celular para ligar para um restaurante chinês próximo. Eu peço o que quer que seja o especial de hoje e peço um yakisoba sem os vegetais, o favorito de Karissa.

Posso escutá-la se movimentar pela cozinha, armários batendo e coisas sendo jogadas. Eu apenas me inclino em minha cadeira e escuto seu caos, absorvendo o impacto que é feito com seus punhos.

Eu não planejei amá-la.

Eu não planejei gostar dela.

Mas aconteceu... Nós acontecemos... E eu ainda estou tentando descobrir como lidar com isso.

O entregador aparece em menos de trinta minutos. Um diferente toda vez, lugares diferentes toda vez que peço comida, assim ninguém pode prever onde estou comendo naquele dia. Não é a prova de idiotas, mas certamente é comprovado mais seguro do que comer algo que a Karissa faz.

Eu pago pela comida antes de curiosamente voltar para a sala de jantar. A luz está apagada, mas Karissa está sentada na mesa sozinha. O brilho através da cozinha me mostra que ela tem um prato em sua frente. Ela mexe na comida com o garfo, sem comer, enquanto está, mais uma vez, usando o fone de ouvido.

Não estou surpreso.

Outra parte de sua rotina: ela não admite derrota.

Sem dizer nada, eu puxo a caixa de yakisoba e a coloco na mesa ao seu lado antes de fazer meu caminho de volta para a sala de descanso, deixando-a com um pouco de dignidade, deixando-a comer o que quiser em paz.

Lidar com pessoas.

Encontrar coisas.

Minhas especialidades.

Sento na sala de descanso, meus pés apoiados na mesa, inclinando-me na cadeira de couro do escritório enquanto devoro meu jantar. Meus olhos estão focados no laptop, nas cotações de ações rolando na tela. Tenho um pouco de dinheiro investido em várias empresas de alto perfil, negociações legítimas que me mantém fora do radar do governo, mas meu foco está nas ações com cotações menores que ninguém se importa. *Ações sem valores*, eles as chamam.

Você encontra uma, investe, e persuade um grupo de outras pessoas em investir seu dinheiro, convencendo-os de que será a próxima grande coisa e, em seguida, logo que o preço sobe, você retira seu dinheiro. A ação vai despencar, já que é uma merda, e todo mundo perde, mas você sai com um lucro alto graças aos idiotas.

É ilegal, e eu não faço isso, pessoalmente, mas vem com a especialidade.

Encontrar coisas.

Sempre fui bom em orquestrar esquemas, encontrar um jeito de conseguir coisas, de fazer dinheiro, mas não foi até eu começar a trabalhar para Ray que aperfeiçoei minhas habilidades. Agora tenho conexões por todo o mundo – se alguém precisa de alguma coisa, eu conheço uma pessoa, ou conheço uma pessoa que conhece uma pessoa que consegue o que quer que seja. Isso caminha lado a lado com lidar com pessoas, quando se trata sobre isso. Se as pessoas estão com medo de você – do que você é capaz – eles nunca vão cruzar o seu caminho ou lhe evitar.

Essa minha habilidade especial não foi descoberta até mais tarde... Até o mundo que eu construí desabou ao meu redor, deixando-me com uma concha impiedosa. Quando você não tem nada deixado dentro de você além de escuridão, torna mais fácil afastar a luz de alguém.

E esse sou eu. Eu faço o que quero, consigo o que quero, e não peço desculpas por nada disso. Afinal de contas, eu não nasci assim. O mundo me fez ser do jeito que eu sou, e o mundo paga por esse erro todos os dias. Só há uma pessoa que consegue se esquivar, uma pessoa que consegue me iludir, uma inteligente o suficiente para ficar à frente de mim todos esses anos.

Carmela Rita.

Johnny foi fácil de encontrar. Ele pegou a mesma rota que Karissa está pegando agora: previsibilidade. Ele jogou isso perto do peito, estabeleceu-se em uma rotina, comprando uma casa e trabalhando em um emprego de merda das nove as cinco, esperando voar para fora do radar se tornando nada. Encaixando-se, realmente, desde que ele *era* nada.

Carmela, por outro lado, mexeu com sua rotina, vivendo uma vida de caos, de impulsividade. Sempre que eu chegava perto dela, ela fugia, mudando de táticas, mudando-se para outro lugar.

Ela é muito parecida comigo, eu acho.

Ela é inteligente.

Mas eu sou mais.

É como eu sei que isso ainda não acabou, que matar Johnny não terminou nada. Eu gostaria que ela fugisse de novo, desaparecesse em outra vida, criasse outra existência em algum lugar e nunca olhasse para trás, mas ela não vai.

Eu sei disso, porque isso é o que eu não faria.

Carmela está cheia de escuridão também. A única luz em sua vida ilumina minha casa, e ela virá por isso. Ela virá por Karissa.

Deus a ajude quando vier.

Por falar da luz que ilumina minha vida...

Meus olhos mudam do meu laptop para Karissa quando ela entra na sala de descanso, mal fazendo um som conforme se ajeita no sofá e pega o controle remoto. Ela liga a televisão, deixando o volume baixo, enquanto muda direto para o canal de comida. Um caderno está aberto

em seu colo, uma caneta enfiada entre os dedos que ela distraidamente agita enquanto olha para a tela.

Ela toma notas como se fosse importante.

Ela anota receitas como se precisasse de ideias.

E ela estuda... E estuda... E estuda, seu nariz enfiado naquele caderno a maior parte da merda do dia, como se fosse ter um teste no final de tudo isso, como se ela fosse encontrar Bobby Flay ou Rachel Ray[1] ou qualquer outro apresentador famoso desagradável que ela está assistindo hoje.

Fecho o laptop e termino de comer, minha atenção em Karissa agora. Eu a observo, dissecando-a enquanto ela examina o que quer que esteja sendo cozinhado, quebrando-a em pequenos fragmentos como os ingredientes que ela anota em seu caderno.

Eu me pergunto se ela sabe quantas vezes eu fiz isso, o quanto a estudei, o quão bem a conheço por dentro e por fora. Conheço todos seus suspiros e sorrisos, o significado do ruído em sua voz e os arrepios em sua pele. Posso dizer quando ela está feliz, quando ela está triste, quando ela está brava com o brilho em seus olhos e a animação em seus passos. Ela é um livro aberto, uma mulher enfática e energética, e não importa o quão duro ela lute para manter suas emoções escondidas, eu sei o que ela pensa sobre mim.

Eu sei que ela me odeia.

Eu posso ver isso. Posso sentir isso.

Está escrito na tensão em seus músculos, o jeito que ela se encolhe quando estou perto, o rubor em seu corpo sempre que ouso tocá-la. Mas sei que ela me ama também. Porque um incêndio cobre sua pele, e nem tudo disso é alimentado por raiva.

De vez em quando, ela vai esquecer que deveria me desprezar, ela vai esquecer que não tem permissão para me querer.

Ela vai esquecer que sou um monstro.

---

[1] Ambos os chefes americanos de cozinha famosos.

E tudo que ela se lembra no momento, tudo que ela sabe, tudo o que ela se importa, é que eu sou um homem, um homem que passou pelo inferno, um homem que a ama, que jurou não machucá-la, e no momento ela irá se deixar acreditar nisso. Ela vai esquecer que sou o homem mal e lembrar como era a sensação de quando ela pensava que eu era o herói.

Aquele que se afogaria para que ela pudesse boiar.

É nisso que eu me agarro.

É esse brilho que procuro quando a estudo.

Não está lá hoje.

Ela está carrancuda, cada pedaço do seu corpo, sua mandíbula apertada. Ela sabe que estou olhando para ela, mas se recusa tanto que nem reconhece que existo.

Eu sorrio, observando-a.

Ela está tentando me machucar, mas tudo que consigo pensar é que ela fica malditamente linda quando está brava.

Meu celular tocando me distrai do momento. Eu o pego na mesa, não me incomodando em olhar quando atendo. Eu sei quem é pelo som que faz. "Sim."

"Ignazio!"

Ray está embriagado. Sua voz não o trai, forte e firme como sempre, mas ele me chamou pelo primeiro nome. Ele não faz isso quando tem seu juízo sobre ele.

"Sim," eu digo de novo, sentando-me reto, jogando meus pés no chão.

"Estamos no Cobalt," ele diz. "Venha para cá um pouco."

"Sim," eu digo, levantando-me. "Ok."

Desligo, deslizando meu celular no bolso da minha calça preta. Eu poderia dizer não a ele... Eu sou, provavelmente, a única pessoa que poderia negar um convite dele sem sérias consequências... Mas o ar na casa está sufocante demais para ficar aqui. Ela precisa de espaço para

superar o que quer que seja que a deixou tão chateada hoje. Eu sei que ela estará aqui quando eu voltar.

Ela estará aqui, porque ela sabe que se não estiver, vou localizá-la e arrastá-la de volta.

Deslizando em meus sapatos, arrumo minha gravata antes de pegar meu casaco na cadeira. Eu o visto, fixando o botão quando ando até a porta. "Tenho coisas a fazer."

Karissa não diz nada, nem ao menos olha para mim, mas ela ouviu. O jeito que seu rosto se contrai me diz isso, conforme ela morde a parte de dentro de sua bochecha.

"Talvez eu chegue tarde," eu digo, andando até o sofá, parando bem ao lado onde ela está sentada. "Ou talvez não."

Outra contração. Mais silêncio.

Eu fico lá por um momento, contemplando, antes de me abaixar e pressionar um beijo no topo de sua cabeça. Não me incomodo de beijar seus lábios. Ela não vai resistir a mim, ela nunca resiste, mas não vou conseguir nada em troca hoje.

"Ligue-me se precisar de mim."

Um grunhido, suave e rouco, como se lutasse para conter as palavras e em vez disso, e oferecesse apenas um som de aborrecimento. Aborrecimento pelo fato de eu ousar pensar que ela já iria precisa de mim? Ou aborrecimento, porque bem no fundo, ela percebe que já precisa?

De qualquer jeito, eu sorrio de novo, rindo para mim mesmo conforme vou para fora.

A Cobalt Room é um clube social de alto nível em Manhattan, não muito longe do campus da NYU[2]. É o tipo de lugar que as pessoas admiram do lado de fora, uma grande estrutura antiga que está nas páginas de uma revista histórica, mas apenas alguns passam pela porta. É necessário ser sócio, apenas por convite, e para ser convidado nos dias de hoje, você tem que passar por Ray.

Ele não possui o lugar, mas ele certamente o controla. Ele executa a maioria de seus negócios em um escritório nos fundos, escondido atrás do bar elaborado e salas ostentosas de entretenimento. Ele fica na frente, comandando o público com sua personalidade aberta, mas quando você é puxado para trás, você sabe que tem um inferno para pagar.

Não me incomodo em mostrar minha identidade quando entro. Kelvin, o homem que trabalha na porta, me conhece – ele é um de nós, afinal de contas. Ele trabalha aqui quase todas as tardes para Ray, fazendo bico nos finais de semana a alguns quarteirões de distância em um pequeno clube chamado Timbers. Ele estava trabalhando na porta naquela noite, a noite em que Karissa foi lá com sua amiga, a noite em que decidi fazer minha jogada.

Kelvin mandou uma mensagem assim que ela apareceu naquela noite. Ele reconheceu seu rosto e sabia que ela era meu alvo. Todos sabiam, francamente... Cada um dos homens de Ray sabe exatamente quem Karissa é.

Kevin acena, inclinando sua cabeça quando passo, talvez por respeito, mas mais provável que seja porque os caras não gostam de me olhar nos olhos.

Poucas pessoas gostam.

Os soldados da rua, assassinos cruéis que mentem, enganam, matam e roubam, afastam-se, enquanto a pequena Karissa, metade do meu tamanho, com quase nenhuma força física, nunca hesitou em me encarar diretamente nos olhos, como se estivesse lendo minha alma com apenas um olhar. Pensei no início que ela apenas não via, não via o que

[2] Universidade de Nova York.

eu era, mas depois de um tempo eu percebi que ela viu – ela apenas não se importava tanto.

Não se importava que havia escuridão demais dentro de mim para livrar o mundo de cada ponto de luz.

Ninguém nunca me olha desse jeito, com esse tipo de abertura, com essa confiança e afeição.

Nem mesmo Ray.

Exceto quando ele está bêbado, talvez. E bêbado ele está essa noite. Ele sorri quando me vê aproximando dele na área privada do bar, sorri como se fosse o gato Cheshire e encontrou uma Alice para foder. "Naz!"

Eu quase vacilo quando ele diz isso. Ele percebe o que fez de imediato e não se desculpa, encolhendo os ombros e apertando o rosto como se dissesse, '*ah merda, você me pegou*.' Ele balança a mão, dizendo silenciosamente para o cara na cadeira de couro macia ao lado dele para sair, e eu deslizo no assento no momento em que ele sai. Aceno na direção da garçonete, dizendo a ela para me trazer o usual – uma garrafa de cerveja ainda selada. Ela traz sem questionar, sem hesitar, e eu uso o abridor de garrafa em meu chaveiro para retirar a tampa.

"Nós sacamos o estoque de comida congelada esta manhã," Ray diz imediatamente, descansando na cadeira. "Quase um quarto de milhão de lucro."

"Isso é ótimo," eu digo, relaxando na cadeira. "Acho que minhas bebidas estão por sua conta hoje à noite então?"

"Você sabe que sim," diz Ray, levantando seu copo – uísque – para brindar com o lado da minha garrafa. "Você continue assim e eu irei comprar uma cervejaria inteira."

Rindo, tomo um gole da minha cerveja. "Vou cobrar isso de você."

"Eu sei que você vai."

Bebidas estão fortes e o álcool flui livremente. Ray ri e brinca, seu humor contagiante. Brinco com ele, sorrindo, tentando relaxar e empurrar todo o resto da minha mente, mas pensamentos de Karissa continuam voltando.

Parece que estamos apenas curtindo, mas isso é trabalho para homens como nós. Tramar, planejar, conversar, socializar... É a parte do trabalho que eu odeio. Não é que eu odeie as pessoas no geral. Não odeio. Não realmente. Eu só sou mais feliz quando elas não estão por perto.

Exceto por ela.

Maldita Karissa.

Sempre minha exceção nos dias de hoje.

Ela nunca deveria ter sido.

Já passou da meia noite quando as mulheres chegam. Elas não são convidadas normalmente, não são permitidas dentro do Cobalt, mas quando Ray tem um desejo ardente de comemorar, todo mundo o satisfaz.

Prostituas. Elas se chamam de acompanhantes. Eu as chamo de vadias. A maioria não passa de garotas com muita maquiagem e sem cérebro suficiente.

Brandy, namorada loira e intrometida de Ray, aparece e se ajeita no assento com ele, em seu colo enquanto passa o nariz em seu pescoço. Ela já se vendeu como as outras, mas Ray tomou gosto por ela e a manteve para si mesmo.

Sua própria boneca pequena, ele a chama.

Todo mundo começa a se soltar, enquanto meus músculos ficam tensos, o álcool no meu sistema não fazendo nada para acabar com minha inquietação crescente.

Não ajuda que a amiguinha de Brandy se empoleira no braço da minha cadeira. Ela é nova, obviamente, sua primeira vez aqui. Ela olha para baixo para mim, sorrindo, suas pupilas como mármores negros. *Drogada*. "Ei, bonitão, você quer festejar hoje à noite?"

Eu a encaro, minha expressão vazia, conforme sua perna encosta na minha, seu pé esfregando minha panturrilha. Brandy toma conhecimento e luta para parar sua amiga, gaguejando bêbada, mas Ray coloca a mão em sua boca para silenciá-la, seu olhar fixo em mim, aquele sorriso de volta em seu rosto.

Ele quer ver minha reação.

Algumas vezes o homem me faz sentir como um de seus brinquedos.

Termino minha cerveja – minha quarta, na verdade – e coloco a garrafa vazia na mesa ao meu lado. Sentando-me, eu aceno para a garota se aproximar. Ela se inclina, sorrindo sedutoramente, pensando que vou beijar seus lábios infectados por colágeno, mas levo minha boca para seu ouvido em vez disso. "Eu vou cortar sua garganta se você me tocar de novo."

Sua expressão deve estar aterrorizada, baseada no jeito em que Ray ri desesperadamente. Não me importo. Eu me levanto e sigo para a saída, não olhando para trás. "Vejo você mais tarde, Ray."

"Tchau Naz."

Dessa vez eu me encolho.

Não é o nome em si que me incomoda. Eu sempre o preferi a Ignazio. Mas ouvi-lo me lembra do homem que eu costumava ser, o homem que eu era antes. Naz tinha esperança. Naz era cheio de amor.

Naz teve uma morte cruel.

Eu disse a Karissa para me chamar de Naz. Eu disso isso em um breve momento de fraqueza, porque ela me olhou com tanta luz em seus olhos, tanta inocência em sua expressão, que eu pensei no momento que poderia ter sido um reflexo do velho eu.

Feliz ignorância.

Eu perdi o rumo, então, esqueci quem eu era, e eu ainda não sei como diabos voltar de lá.

É mais de uma da manhã quando chego em casa. A casa está escura e silenciosa. Tiro minha jaqueta quando passo pela porta e afrouxo o nó da minha gravata, suspirando. A sala de descanso está vazia, a televisão desligada, o controle remoto na mesa pequena em cima do caderno de Karissa. Eu tiro o controle e agarro o caderno, pegando-o para ler no topo da página. Uma receita para algum tipo de prato de batata com notas em baixo: *como cozinhar o bife perfeito.*

Eu jogo o caderno de volta quando um envelope espreita para fora ao lado dele. Curiosamente, eu o puxo, vendo que está endereçado para Karissa da NYU.

É errado da minha parte, mas eu olho; eu puxo o papel e leio a carta.

Cara senhora Reed, blá blá blá, que seja, você perdeu sua bolsa de estudos então vamos precisar que você pague.

Uma conta próxima a vinte e cinco mil dólares.

Eu deixo escapar um assobio baixo enquanto empurro de volta o papel no envelope, colocando-o de volta onde o encontrei dentro do caderno.

Não admira que ela estava de mau humor.

Capítulo 02

"Você quer—?"

"Não."

Eu paro, na metade da pergunta, e olho para onde Karissa está sentada no sofá, o caderno em seu colo enquanto assiste mais um programa de culinária. *Mesma merda, dia diferente.* Eu posso ouvir a música tocando levemente através do fone de ouvido em volta do seu pescoço, deixando possível conversar com ela no momento.

"Eu posso pelo menos terminar minha pergunta antes de você responder?"

Ela não diz nada, anotando algo que vê na tela, agindo mais uma vez como se eu não existisse.

Respirando fundo, eu pergunto, "Você quer ir comigo até—?"

"Não."

Eu tento afastar minha frustração, mas ela escorre de mim com um gemido.

A mulher é incrivelmente irritante.

Balançando minha cabeça, saio da sala de descanso, sem me incomodar em perguntar pela terceira vez. Pegando minhas chaves, saio da casa, batendo a porta atrás de mim.

Ela me pegou.

Eu tento não a deixar me pegar.

Eu tento ficar calmo e sereno. Eu sou treinado para não deixar minhas emoções aparecerem. Mas só ela sabe como ficar sob minha pele.

Mais uma vez, ela é minha exceção.

Sempre uma maldita exceção.

A viagem até Manhattan parece se rastejar essa tarde. Estralo meus dedos e meu pescoço enquanto estou sentado no tráfego carregado, tentando trabalhar a rigidez do meu corpo, tensão que parece crescer mais e mais a cada dia. Em vez de melhorar, em vez das coisas se ajeitarem, parece que estamos parados na linha de partida.

Paciência tem sido sempre um ponto forte meu – eu gastei quase duas décadas rastreando Carmela, esperei anos para tentar chegar até Johnny – mas estou chegando ao limite da minha tolerância com a filha deles.

Eu sigo até Greenwich Village, estacionando o carro na vaga próximo a Washington Square, antes de fazer meu caminho em volta do quarteirão. Serviços estudantis da NYU, no primeiro andar do prédio: *Escritório do Tesoureiro*.

O prédio é bem iluminado, surpreendentemente cheio por serem férias de verão. Espero alguns minutos para ser reconhecido, aproximando-me de uma mulher de meia idade sentada atrás de uma mesa larga no saguão do escritório.

"Eu preciso falar com alguém sobre o pagamento de mensalidade escolar."

A mulher começa a divagar sobre como o aluno pode fazer acordos de pagamento online, dando-me o discurso usual, mas eu a corto. "Não, eu preciso fazer um pagamento, e eu gostaria de pagar tudo. Hoje."

Uma hora depois eu saio, vinte e cinco mil mais pobre com apenas um recibo impresso para provar, as palavras 'Pago Integralmente' estampadas no topo ao lado do nome de Karissa.

Está quase anoitecendo quando faço meu caminho de volta para o Brooklyn, estacionando na garagem da casa. Eu sigo para dentro, o som de música alta me recebendo antes mesmo de eu abrir a porta. Eu dou apenas alguns passos na sala de estar, chamando o nome de Karissa, quando risadas animadas cortam o barulho.

É feminina, e familiar, mas não é Karissa.

Melody.

Meu pulso acelera, meus dedos se contorcem com o aumento repentino de irritação. Cerro os punhos para pará-los, mas não ajuda muito. Quero acabar com aquela risada, sufocar a conversa insuportável para fazê-la parar.

Ela fica sob minha pele e me fere.

O barulho está vindo da sala de descanso, a única sala que me sinto mais em casa. O único maldito lugar que já me senti *seguro.*

Convidar alguém para minha casa é como deixá-los tocar minha comida ou derramar minha bebida: para mim, a confiança é quase impossível de encontrar. Eu já fui grampeado antes, tive meus telefones sob escuta, e é tudo muito fácil para alguma coisa escapar, patinar bem de baixo do meu nariz. Eu não deixo as pessoas entrarem na minha vida, e ela abre meu santuário para alguém que eu mal conheço.

Melody Carmichael. Seu pai trabalha na Wall Street. Sua mãe é dona de casa e tem um clube do livro. É a imagem da família perfeita, mas é uma imagem que eu não acredito. Bem no fundo, sob a superfície, há sempre outra história, segredos enterrados que um homem como eu sabe come descobrir.

Há um lado ruim de tudo, um lado escuro para todos, e aqueles que de bom grado andam pelas sombras são um inferno mais convincentes do que aqueles que só conhecem a luz do sol.

Meu melhor amigo atirou em meu peito, mas ao menos teve a decência de me olhar nos olhos quando fez isso.

Evito a sala de descanso e sigo para a cozinha em vez disso, procurando uma bebida forte para acalmar meus nervos, mas meus passos vacilam bem perto da porta. Está um desastre completo. Pratos e lixo estão por toda parte, panelas ainda no fogão com restos de comida nelas. Cheira grotescamente queimado, outro jantar falhado, esse abandonado com base nas caixas de pizza pela metade no balcão ao lado da bagunça carbonizada.

Eu posso me sentir ficando quente conforme aperto minha mandíbula. Fechando os olhos, respiro fundo, tentando manter minha raiva guardada. *Relaxe. Não se preocupe com isso*. Conto até dez para me acalmar, mas é sem sentido. Porque no momento que reabro meus olhos e olho a bagunça de novo, minha visão fica turva, e leva cada pedaço da contenção que eu tenho para não perder a calma.

Minha paciência está oficialmente acabada.

Pegando as panelas do fogão, eu as bato contra o lixo, jogando a comida antes de jogar as panelas no balcão, sem me importar com o barulho que elas fazem quando batem contra a bancada de mármore.

Encho a pia, as bolhas quase transbordando conforme o vapor cresce da água escaldante. Jogo os pratos dentro, minha mente um turbilhão de pensamentos escuros enquanto eu tiro meu casaco e puxo as mangas até meus cotovelos.

Esfrego, e esfrego, e esfrego, a água quente queimando minha pele. Cerro os dentes, tentando me distrair com a dor disso, tentando focar na dor para colocá-la para dentro, mas é contraproducente. Cada risada, cada suspiro, cada sílaba que alcança meus ouvidos da sala de descanso é como apertar o botão reset, minha irritação cresce de novo e de novo.

Ela tem muita coragem.

O mundo em minha volta cai em uma névoa, minhas mãos se mexendo por contra própria. Limpo tudo que está em minha vista até minhas mãos ficarem doloridas, esfregando tão forte com uma esponja que meus dedos sangram, limpando na escuridão para tentar acabar com os pensamentos vingativos, mas eles são tudo o que existe.

Eles me consomem quando eu fico assim.

Estou tão perdido na raiva, tão consumido pela fúria, que não escuto seus passos, não sinto sua presença até que a luz em cima de mim acende. O brilho momentaneamente me para. Eu aperto um copo com tanta força que os nós dos dedos da minha mão avermelhada ficam tão brancos como cocaína.

Sou malditamente sortudo pelo copo não quebrar.

Quase desejo que quebre.

Gostaria de pegar um caco e cortar uma maldita veia.

"Naz?"

Sua voz, tão perto, chamando meu nome, é como jogar gasolina no fogo já flamejante. Deixo minha cabeça cair, sentindo-me tremer violentamente.

Um monte de coragem, porra.

"Dê meia volta," eu digo, minha voz baixa, tão fria que é quase irreconhecível para meus próprios ouvidos. Preciso que ela volte para onde estava e me dê tempo para eu me acalmar, para limpar essa bagunça e trazer ordem de volta para o meu mundo, antes que eu desconte isso nela.

"O quê?"

"Dê meia volta, Karissa. Você não quer fazer isso agora."

"Não quero fazer o que?"

Não a respondo, e ela não vai embora.

Não, em vez disso ela se aproxima, seus passos finalmente sendo registrados conforme ela caminha pela cozinha em minha direção, seus passos calculados. Ela pisa suavemente, mas sua abordagem é um rugido ameaçador para os meus ouvidos. Respiro fundo para me impedir de reagir, ficando parado o máximo possível, fechando meus olhos quando ela fala de novo.

"Ignazio?"

Sua mão está nas minhas costas, seu toque tentador, mas é o suficiente para me por para fora. O copo desliza da minha mão, batendo na água com sabão quando me viro. Karissa é pega de surpresa e começa a se afastar, mas seguro seu pulso e a puxo para mim ao invés disso.

Ela se encolhe, os olhos arregalados, conforme eu a empurro contra o balcão no canto, prendendo-a lá.

"É isso que você quer? Hein?" Encaro seus olhos escuros enquanto me inclino mais perto. "Você quer me insultar? Você quer me provocar?"

"O que?" A palavra surge quando transborda dos seus lábios. "Do que você está falando?"

"Eu estou falando sobre o que você está fazendo?" Eu digo. "O que você está fazendo *comigo*."

"Eu não estou fazendo nada para você."

Seus olhos lacrimejam. Eu tenho inteligência o suficiente para soltar o meu aperto do seu pulso, no caso de estar a machucando, mas não faz diferença. Uma lágrima escorre em sua bochecha conforme ela olha em meus olhos, seu corpo tenso como se estivesse segurando a respiração por estar tão perto de mim.

De *mim.*

Ela não aguenta ficar perto de mim, porra.

Rasguei-me aberto para ela, expondo minhas partes vulneráveis, as partes que ninguém mais consegue ver, e ela aceita. Ela aceita, e ela ama isso, mas ela não entende. E quando finalmente explico isso a ela, explico como fui enganado, como fui machucado, como minha vida foi destruída, ela age como se eu fosse o único errado.

"Eu lhe dou espaço, Karissa. Eu lhe dou espaço, mesmo que tudo dentro de mim me diz para não o fazer, porque é o que você quer. Eu lhe dou espaço, e como você me retribui? Incitando-me. Convidando pessoas para minha casa, para o meu espaço, sem ao menos me consultar. Você quer seu espaço? Então me dê meu espaço, também, e pare de desrespeitar isso!"

"Eu não tenho —"

"Você fez," eu digo, interrompendo-a. "Seu pequeno ato inocente não vai funcionar comigo... Não mais. Você sabe o que está fazendo. Você não é ignorante. Você sabe como isso me afeta, e ainda assim você continua fazendo. Eu deixei você, porque você precisava de tempo, você precisava da minha paciência, mas acabou seu tempo,

Karissa, porque minha paciência acabou. Você quer jogar esse jogo? Você quer foder comigo até você conseguir uma reação? Tudo bem. Vou dar a você exatamente o que você quer."

Eu me pressiono contra ela, meu nariz se esfregando no dela conforme ela luta para quebrar o aperto que tenho sobre ela. Inclinando minha cabeça, inclinando-me para baixo, paro com meus lábios apenas um sopro de distância dos dela.

Quero beijá-la.

Daria qualquer coisa para tê-la me beijando de volta.

Posso sentir isso quando ela sussurra, "Deixe-me ir."

"Obrigue-me. Eu a desafio."

Ela me empurra com a mão livre, deslizando em torno de mim tão rápido que mal tenho tempo para reagir. Deixo seu pulso ir um segundo tarde demais, e ela estremece quando seu braço torce desajeitadamente. Ela pega seu pulso, onde a segurei enquanto ela se afasta, balançando a cabeça, outra lágrima escorrendo em sua bochecha.

"Tem algo de errado com você!" Ela grita, alto o suficiente para Melody ouvir, chamando da sala de descanso para ver se Karissa está bem. "Você é... Você é doente, porra."

"Diga-me algo que eu não sei."

"Eu odeio você!"

"De novo, me diga algo que eu *não* sei."

"Karissa?" Melody chama, aparecendo na cozinha, hesitando enquanto ela olha entre nós, seus olhos cheios com suspeita. "Está tudo bem?"

Eu olho para Karissa, levantando uma sobrancelha, esperando que ela responda. Ela não quer que me dirija para sua amiga, não agora, não quando estou com esse humor.

Karissa acena lentamente, ainda esfregando seu pulso. "Sim, está tudo bem, mas uh... Você provavelmente deveria ir. Naz e eu... Bem..."

"Entendi," Melody diz rapidamente, acenando para nós. "Briga de namorados e tudo isso. Eu vou, uh... Eu te vejo mais tarde esta semana, ok? Ainda vamos para o café?"

"Claro," Karissa diz, forçando um sorriso. "Vejo você depois."

Melody acena antes de sair correndo de casa. Não é antes de a porta abrir e fechar, sinalizando que ela realmente saiu, que Karissa se vira para mim de novo. O medo se foi de seus olhos, assim como a raiva que estive acostumado durante essas últimas semanas. Tudo o que me recebe agora é tristeza.

Coração partido.

Ela continua esfregando seu pulso, segurando-o. Minha raiva diminui à medida que preocupação surge. Eu me aproximo dela, alcançando seu braço. "Você está bem?"

Antes que eu possa tocá-la, ela se afasta, indo mais para trás para colocar mais espaço entre nós. "Como se você se importasse."

"Eu me importo," digo. "Se eu machuquei você…"

Ela zomba. "Tudo o que você faz é me machucar."

Quero dizer alguma coisa, para confrontar isso, mas não posso.

Karissa fica em silêncio por um momento antes de olhar para mim, sua voz um sussurro. "Você sabe qual foi o pior dia da minha vida, Naz?"

Eu mal hesito. "O dia em que matei seu pai."

Ela recua com essas palavras, mas balança sua cabeça enquanto cruza os braços em seu peito. "O pior dia da minha vida foi aquele dia em meu dormitório. Você me avisou para eu ficar longe de você... Mas não escutei. Você disse que se não se afastasse naquela hora, você nunca iria... Mas não ouvi isso, também. E vejo agora que você quis dizer aquilo. Você

realmente quis dizer aquilo." Sua voz falha. "Eu cometi um erro. Nunca deveria ter pedido para você ficar."

Ela podia ter pegado uma faca do balcão e enfiado em meu peito agora, e não iria me incomodar – não iria me machucar – tanto quanto essas palavras.

Prefiro ser baleado de novo a ouvir o que ela acabou de dizer.

Mas ela sabe disso.

E talvez ela queira dizer essas coisas.

Talvez aquele tenha sido o pior dia de sua vida.

Mas isso dá pouco consolo para mim

Machuca.

Sem dizer nada, eu me afasto do balcão e dou alguns passos tensos em sua direção. Karissa permanece parada conforme ando lentamente até ela, recusando encontrar meus olhos enquanto eu olho para ela.

Paro ao seu lado, inclinando-me mais perto, meus lábios perto de seu ouvido. "Mas você pediu," digo calmamente. "Você me pediu para ficar, então se acostume com isso, querida, porque não vou a lugar *nenhum*."

A pele dela é macia. Pura. Raramente tocada.

Apesar de Karissa manter os olhos fechados, seu corpo completamente imóvel, eu sei que ela está acordada. Posso dizer isso pela captura em sua garganta, o tremor suave de respiração que ela solta quando subo na cama ao seu lado. Ela está usando um top preto fino e uma calcinha.

Ela sempre usa muito pouco para dormir.

Eu uso menos ainda.

Durmo pelado. Não tenho nenhum problema com isso. Tento ser um cavalheiro, tento ser compreensível e manter minhas mãos para mim, mas é difícil.

É fodidamente difícil.

Especialmente em momentos como este.

Momentos quando sei que ela está acordada, quando sei que ela sabe que estou aqui, tão perto, mas tão malditamente longe. Isso causa uma dor em meus músculos que é difícil escapar. Eu me pego tocando-a, as pontas dos dedos traçando toda parte exposta de pele. Ela permanece imóvel, mas posso senti-la tremer, sentir os arrepios crescendo com meu toque.

É demais.

Nunca é o suficiente.

Eu quero mais. Eu preciso de mais. Sou ganancioso e quero tudo dela. Quero amá-la, quero segurá-la, quero estar dentro dela de novo.

Quero fodê-la sem piedade.

Da última vez que fiz, eu mal me lembro.

Estava drogado, e ela estava planejando ir embora. Já passou um mês... Um mês longo e torturante sem o toque dela. Quero escorregar minha mão pelo tecido, tê-la nua e abraçá-la.

Mas se eu tentar, ela vai usar a palavra. *Vermelho*.

Eu queria rasgar a porra da sua língua para fora por usar essa palavra em mim do jeito que ela fez.

Suspirando, rolo para longe dela, encarando o outro lado. Não vou tocá-la hoje à noite, por mais que me doa. Ela está chateada, e não quero deixar as coisas piores do que elas já estão.

Não sei como vamos superar isso algum dia.

Um passo para frente, meia dúzia para trás.

Eu tenho o sono leve, meu corpo naturalmente entra em sintonia com as coisas ao meu redor. Toda vez que ela se mexe na cama, rolando ou esticando as pernas, curvando-se ou agarrando o travesseiro mais apertado, acordo assustado, sacudido para uma consciência que não é fácil sacudir.

Dormir com alguém – dividir um quarto com ela, deixá-la entrar em seus lugares mais privativos, ver você em seus momentos mais vulneráveis – exige um monte de confiança. Eu sou forte, e rápido, mas até mesmo um idiota estúpido poderia cortar a garganta de alguém em seu sono, neutralizando-os antes deles ao menos estarem acordados.

Só é preciso de alguns segundos.

Eu sei.

Eventualmente, eu derivo, caindo no sono e acordando. Posso sentir quando Karissa levanta pela manhã, posso ouvir seus passos silenciosos conforme ela deixa o quarto. Tento voltar a dormir uma vez que ela se foi, mas é impossível.

Por mais difícil que seja dormir com ela ao meu lado, é ainda mais difícil com ela longe.

Curiosidade leva o melhor de mim depois de alguns minutos.

Saio da cama e coloco alguma roupa, lentamente fazendo meu caminho até lá embaixo. Karissa está na cozinha, de pé perto da bancada, se servindo de uma tigela de cereal. Coco Puffs[3]. Ainda é estranho, ver esse espaço sendo usado tanto assim, utilizado para café da manhã, almoço, e jantar. Algumas vezes ela apenas fica aqui, apenas inclinada contra a bancada.

Estranho.

Passando por ela, eu pego uma garrafa de água da geladeira, abrindo-a e tomando um gole quando ela fala.

"Eu mataria por um pouco de café."

[3] Marca de Cereal sabor chocolate dos EUA.

Sua voz é leve, as palavras saindo facilmente, como se falar comigo esses dias ainda fosse natural.

Huh.

Recostando-me contra a bancada, eu a olho peculiarmente. "Literalmente?"

Ela vira a cabeça na minha direção, revirando os olhos. "É uma expressão."

"Eu sei que é," digo, tampando minha garrafa. "Se você quiser café, ligue para o café no final da rua e peça para entregar um pouco."

"E o que, pedir quinze copos de café?" Ela pergunta. "Eles tem uma quantidade mínima de entrega, você sabe. É melhor eu apenas andar até lá, mas isso requer colocar calças, e bem..."

E bem, ela não está usando nenhuma.

Meus olhos lentamente a examinam com sua menção, bebendo com a visão de sua pele cremosa na luz suave da janela. Algumas vezes acho que ela faz isso apenas para me provocar. Ela nunca teve o hábito de mostrar tanta pele. É tentador, com certeza.

Quero acariciar cada pedaço dela.

"Você quer que eu vá e pegue para você?" Eu ofereço quando encontro seus olhos de novo. "Eu vou."

"Não, tudo bem," ela diz rapidamente. "Eu não quero nada de você."

Dou de ombros, afastando-me da bancada para passar por ela quando escuto meu telefone tocar na sala de descanso. Ray de novo. *Sempre Ray*. "Justo. Se você mudar de ideia—"

"Eu não vou," ela diz. "Eu não vou mudar minha mente."

Está silencioso de novo, conforme eu saio da cozinha, sua voz mal é um suspiro quando eu a escuto emendar, "Não quando se trata de você, de qualquer maneira."

Capítulo 03

"Então, tem esse cara…"

É assim que a maioria das conversas começa com Ray. Se eu tivesse um dólar para cada vez que ouvi essas quatro palavras…

Na verdade, tenho certeza que tenho alguns milhões para cada vez.

"Que cara?" Pergunto desnecessariamente, sabendo que ele irá me dizer quando estiver pronto. Ray tem uma queda por drama.

"Esse cara," diz ele, "que fez alguns trabalhos para mim. Ele está no negócio de carros, você sabe... Ele dono de uma loja e rouba alguns carros. Ele se aprofundou, embora, e decidiu que queria sair, mas você sabe tanto quanto eu que não existe uma *saída*, então o idiota preencheu um boletim de ocorrência. Por perseguição! Dá para acreditar? Ele chamou a polícia e pensou que eles iriam fazer alguma coisa por ele!"

Sim, eu posso acreditar.

As pessoas parecem acreditar que a polícia está realmente lá para ajudá-las.

Eu costumava pensar isso, também.

Antes de aprender a verdade.

Olho para Ray quando sentamos no escritório nos fundos do Cobalt, tomando bebidas embora não passe do meio-dia. Brandy está adormecida no canto, em um sofá de couro ao longo da parede. Pergunto-me se eles passaram a noite aqui. Eu nunca a vi no Cobalt tão cedo pela manhã antes.

"E o que, você quer que ele aprenda uma lição?"

"Nah, nós já pegamos dois joelhos," Ray diz. "Eu prefiro que ele seja simplesmente resolvido agora."

"Sim, okay." Digo. "Vou cuidar disso."

Ray solta o nome do cara e alguns detalhes de identificação – Josh Donizetti, mais ou menos quarenta anos, cabelo loiro, anda mancando por causa do incidente com o joelho. A garagem que ele possui está no Brooklyn, não muito longe de onde eu moro. Isso é tudo o que eu realmente preciso, mas Ray alcança sua mesa e puxa o cartão de visita do homem de qualquer maneira.

Termino minha cerveja conforme Ray muda de assunto, divagando sobre alguma coisa. Eu não sei. Ele não está falando comigo. Ele está apenas falando. Diferente de mim, Ray não gosta de silêncio.

Quando minha garrafa fica vazia, eu a deixo de lado e me levanto, colocando meu casaco antes de esticar minha mão até Ray.

Ele a balança, sorrindo genuinamente. "Eu não sei o que faria sem você, Vitale."

Sem mim, ele seria mais pobre, mais fraco e provavelmente já estaria morto. Ele depende de mim mais do que gosta de admitir... Mais do que os outros homens sabem. Eles pensam que o chefe é o homem mais forte da cidade, o mais poderoso, e na aparência parece desse jeito. Ele joga seu nome na maioria dos meus trabalhos, tomando os créditos.

Eu não ligo.

Não faço isso pela glória.

Não preciso de nenhum crédito.

Não quero as pessoas beijando minha bunda todos os dias.

"Eu ligo para você," digo. "Assim que tiver acabado."

Passei toda a tarde procurando a garagem no Brooklyn, delimitando a área, observando o homem do momento enquanto ele manca ao redor do seu local de trabalho, lutando para se abaixar, esforçando-se enquanto trabalha nos carros. O bastardo provavelmente sofreu o suficiente, os dois joelhos destruídos. Ele tem sorte de estar andando.

Mas ele cometeu o grave erro de ir à polícia. É imperdoável no nosso mundo, algo que ninguém está imune. Não importa quem você seja, ou o que você faz, ou quem ama você... É um pecado mortal que não perdoamos.

A primeira pessoa que matei foi um cara chamado Joseph Manchetti. Eu fiz isso limpo e simples, um tiro na parte de trás do crânio. Minhas mãos tremiam naquele dia quando puxei o gatilho, e eu mal cheguei a uma quadra antes de me dobrar ao lado da rua e colocar tudo dentro do meu estômago para fora.

Não era porque ele estava morto, não era porque tirei a vida de um homem casado, a vida de um pai, a vida de um homem severamente em dívida com a máfia que apenas queria sua morte como pagamento.

Não tinha nada a ver com ele.

Foi a adrenalina.

Tinha sido a primeira centelha de vida que senti em minhas veias desde a noite em que tudo foi roubado de mim, a primeira vez que me senti normal novamente. Foi uma empolgação diferente de qualquer outra, o poder de controlar o último suspiro de alguém. Meu coração batia violentamente no peito, um coração que eu não tinha certeza se existia mais.

O momento mais desumano da minha vida me lembrou de que eu, também, já tinha sido humano uma vez.

Senti-me vivo de novo.

Tornei-me viciado a esse sentimento.

Eventualmente, eu parei de passar mal depois. A empolgação não era mais tão alta. A adrenalina não vinha mais forte. Como qualquer outro viciado, eu precisava de mais e mais para me satisfazer. Limpo e simples se tornaram confuso e tortuoso, as sensações intensificadas por presenciar o resultado. Eu o aperfeiçoei, descobrindo o melhor jeito para conseguir a maior emoção com o mínimo de risco.

Eu não me importava como eles se sentiam desde que eu sentisse de novo.

Enquanto sento no meu carro do outro lado da rua, observando o homem se mover ao redor da loja, meus dedos começam a formigar de antecipação. Brinco com seu cartão de visita, correndo as pontas dos dedos ao longo das bordas, esperando meu tempo, mas a atração é forte. É engraçado, de certa forma, que eles chamam isso de golpe.

Porque é.

É um golpe.

Um extremo.

E eu desejo isso.

Eu espero até o anoitecer, o bairro tranquilo, todos da garagem foram embora exceto o homem pelo qual estou aqui para cuidar. Ele está trabalhando em um carro velho e potente, deitado sob ele.

Cuidadosamente, eu saio, descartando o cartão no console central, e colocando minhas luvas pretas conforme atravesso a rua. Silenciosamente, entro na garagem, meus passos mal fazendo barulho. O homem não me ouve, ou me vê, não sabe que estou aqui até que seja tarde demais.

Eu bato no guindaste velho, o carro abaixando abruptamente, tão rápido que o manco não tem um segundo a mais para sair do caminho. Ele não pode se mexer, só pode gritar, enquanto duas toneladas de metal esmagam seu peito. Ele chuta suas pernas enquanto vai silenciando, seu corpo tremendo violentamente.

Eu hesito por um momento, assistindo.

Há algo fascinante sobre a morte. É a oferta de paz, eu acho. Não importa a dor da vida, a tortura, a luta, tudo vai terminar eventualmente.

Nós nascemos para morrer. É apenas a maneira que é.

Eu vou morrer um dia, de algum jeito, e não tenho medo. A morte vai ser uma libertação para mim. Até lá, eu vivo indiretamente através dos outros, os vendo atingirem o ponto de aceitação, assistindo enquanto eles lutam por mais um suspiro.

A vida nunca concede isso a eles, não quando estou por perto.

Assim como não deu a ela outra chance.

Às vezes acho que sou amaldiçoado dessa forma.

É uma punição auto imposta que mal mantém meus demônios na alcova. É purificante, mas apenas temporariamente.

A liberação me deixa instável.

Eu vou embora enquanto ele ainda está se contraindo, mantendo minha cabeça abaixada quando atravesso a rua de novo até onde meu carro está parado. Dirijo para longe da garagem sem dar outro olhar, puxando meu celular e ligando para Ray, mal dizendo 'está feito' quando ele atende antes de desligar. Eu não vou direto para casa, ao invés disso, dirijo entre as ruas por um tempo para limpar minha mente, para deixar o fluxo de adrenalina sair do meu sistema.

Enfrentar Karissa desse jeito seria perigoso.

A máquina prata e preta ocupa um quarto da bancada, as luminárias cristalinas brilhando sob o sol da manhã entrando pela janela. Eu me inclino contra a bancada no extremo oposto da cozinha, ouvindo Karissa se mover acima de mim, seus passos fazendo seu caminho pelo corredor e descendo as escadas.

Meus olhos a encontram assim que ela entra na sala. Eu olho de soslaio quando ela passa rapidamente sob a luz brilhante, observando quando ela hesita, vendo-me à espreita na escuridão. O medo que me recebe faz meu interior girar, minha pele tensa. Meu peito parece pesado, como se ela tivesse me dado um soco no estômago com esse olhar.

Não importa quantas vezes eu prometa que não vou machucá-la, ela ainda esquece. E mesmo que seja apenas por um momento, é demais.

"Bom dia," digo.

Ela me olha, o pânico se dissolvendo para sua sombra habitual de discordância. Ela não responde, seu olhar indo para longe de mim, sua testa franzindo quando percebe a máquina na bancada.

"É um sistema de café para bancada," explico. Ela me encara, surpresa, e dou de ombros, pegando o manual de usuário da bancada ao meu lado e o seguro para ela. "Você disse que mataria por um café."

"Então você comprou uma máquina?" Ela pergunta, pegando o manual de mim antes de olhar para ele. "Você não podia apenas comprar uma máquina de café pequena e normal? Uma que não tenha que ler um romance para aprender a usá-la?" Eu começo a responder quando ela me corta, resmungando. "É claro que você não podia."

Ela olha para o manual por um momento antes de jogá-lo para baixo e virando para longe dele. Ela pega uma tigela do armário, batendo portas e gavetas enquanto coloca para si mesma seu cereal matinal. Eu observo em silêncio quando ela passa por mim, pegando o leite da geladeira. Ela o derrama na tigela, um pouco caindo para fora que ela não se importa em limpar.

Permanecendo lá, de costas para mim, ela pega uma colher e olha para fora da janela.

Ainda tão brava...

Lentamente, eu ando até ela, parando bem atrás dela, tão perto que minha gravata descansa em suas costas. Ainda estou usando as roupas de ontem. Não sei nem se ela percebe, ou se importa, que eu não dormi ao seu lado, que eu não vim para casa até sabe-se lá Deus que hora e então fiquei até o amanhecer montando essa maldita máquina para dar café a ela. Eu não sei se ela sentiu falta da minha presença antes, mas eu sei que ela a sente agora.

Eu sei, porque ela treme quando me inclino para frente, e no reflexo da janela eu vejo seus olhos fechando brevemente. Eu levo meus lábios até seu ouvido, minha voz baixa quando digo, "acho que a palavra que você está procurando é *obrigada*."

Capítulo 04

Fé.

Confiança.

Pó Mágico.

As palavras brilham em negrito, escritas em dourado, no pôster velho colorido. Eu o vi algumas vezes no passado, no dormitório de Karissa, mas não o tinha visto desde que ela se mudou de lá.

Até agora, de qualquer forma.

Os olhos grandes da pequena fada loira me encaram através do quarto, de onde agora ela está fixada em minha parede, casualmente presa lá. O pôster está amassado, e torto, o canto inferior rasgado.

Parece que ele pertence a uma lata de lixo, não pendurado ao lado da minha cama.

A visão disso faz minha pele arrepiar de ansiedade. Eu quero arrancá-lo... Ou, inferno, pendurá-lo reto, suavizar o amassado e o deixar apresentável. Mas não faço isso. Não faço nada além de permanecer na porta, irritado, e olhando a maldita coisa na iluminação fraca.

Balançando minha cabeça, viro-me e sigo para o andar de baixo. Estou cansado demais para lidar com sua aparição repentina agora. Passei a tarde toda lidando com coisas para Ray, cuidando de negócios, e eu apenas quero ser capaz de desacelerar um pouco, colocar tudo isso para trás e relaxar.

A única luz ligada na casa é a da sala de descanso, o som da televisão filtrando quando sigo naquela direção. Mais programas de cozinhar, presumo. Sempre o maldito canal de comida. Chegando à porta, eu paro de novo surpreso quando a mesma pequena vadia loira do andar de cima me recebe na tela.

Sininho.

Huh.

Karissa está sentada no sofá, usando pijama, seus pés dobrados em baixo dela. Eu ando até lá e me jogo ao seu lado, tão perto que minha coxa encosta-se a sua perna.

Ela fica tensa, seu corpo rígido, mas ela não olha para mim. Ao invés disso, seus olhos estão fixos na tela. Eu a observo por um momento enquanto afrouxo minha gravata antes de tirar meus sapatos e me virar para a televisão.

Peter Pan.

Isso me intriga.

Eu sei muito sobre ela, mas uma coisa que me confunde é o porquê dela amar tanto esse filme. Eu pensei sobre isso, considerei, e eu sei que ela é nova, mas parece tão juvenil para alguém tão madura.

"Você sabe," digo, "algumas pessoas acham que Peter Pan é, na verdade, uma história de terror."

Do canto do meu olho, vejo sua testa franzir em confusão. Ela lança um olhar incrédulo em minha direção.

"Estou falando sério," digo, encontrando seus olhos. "Existem teorias que Peter Pan é o ceifador e Neverland é o purgatório. É por isso que eles não envelhecem lá." Ela me olha em silêncio, ainda sem se virar, então eu tomo isso como uma abertura para continuar. "Mas claro que existem outras teorias, também, que aos meninos perdidos não envelhecem porque Peter os mata antes disso. Há um trecho no livro, não sei se você já leu, mas diz: *Quando eles parecem estar crescendo, o que é contra as regras, Peter os expulsa.* Bastante autoexplicativo, você não acha?"

Eu corro dois dedos pela minha garganta, simulando um corte nela.

Karissa me encara.

E me encara.

E me encara um pouco mais.

Sua expressão está em branco, mas seus olhos lançam chamas. Se ela pudesse me queimar com eles, ela queimaria. Depois de um momento, ela se afasta, agarrando o controle remoto e apertando o botão de desligar. A televisão desliga quando ela se levanta, jogando o controle remoto na almofada ao meu lado.

"Você tem que estragar tudo, não tem?" Ela resmunga, não me dando a chance de responder antes de desaparecer da sala de descanso.

Uma vez que ela se foi, eu inclino minha cabeça para trás, descansando no sofá e fechando os olhos.

É uma causa perdida.

É óbvio, eu acho, mas inaceitável. Não consigo fazer nada certo quando se trata dela. Tenho certeza que ela pensa que tenho todo o poder, que ela está minha mercê, mas isso é apenas porque eu luto dia a dia para manter uma aparência de controle por aqui.

Por que sem isso? Eu vou perdê-la completamente.

E se eu perdê-la?

Nós dois poderíamos muito bem estar mortos.

Levantando-me de novo, eu sigo para fora da sala de descanso, deixando minhas coisas onde estão, muito esgotado para manter a ordem hoje. Amanhã eu irei lidar com isso, lidar com tudo ao meu redor que parece estar caindo aos pedaços, mas hoje à noite eu apenas tenho energia o suficiente para lidar com ela.

E eu não posso lidar com ela do jeito que eu lido com todo mundo. Eles recebem uma faca na garganta ou uma bala atrás da cabeça. Tudo o que tenho para ela são palavras, e elas parecem inadequadas, na melhor das hipóteses.

Ela não quer nada a ver com a minha bondade.

Não acredita em uma palavra das minhas promessas.

Machiavel acreditava que era melhor ser temido do que ser amado, porque apego é facilmente cortado, mas o terror da dor está sempre presente. Eu tenho o medo dela. Eu sei que tenho o medo dela. Eu vejo isso algumas vezes quando ela olha para mim. Mas o que não sei é como manter o amor dela quando parece estar perto de se dissolver toda vez que converso com ela, como se ela escolhesse cada sílaba procurando por alguma coisa para usar contra mim, alguma coisa que prova a si mesma que sou o monstro que ela acredita que eu seja.

E talvez exista um monstro dentro de mim.

Risque isso, eu sei que existe.

Eu o sinto erguer sua cabeça feia algumas vezes. Eu o sinto corroendo meu corpo, envenenando meus pensamentos quando a escuridão toma conta. Meu interior é negro, mas meu coração ainda bate.

Ainda bate.

E bate fodidamente para ela.

Então há um monstro dentro de mim, sim, mas não controla tudo em mim.

Além disso, não existe um monstro dentro de todo mundo?

As luzes estão apagadas no andar de cima, o quarto escuro agora que o sol finalmente se pôs. Meus olhos se ajustam facilmente na escuridão, acostumado a se adaptar à escuridão facilmente depois de anos os treinando, e a primeira coisa que noto é o pôster.

Não está lá.

Eu encaro a parede vazia, vendo as tachas ainda forçadas no gesso, os cantos do papel presos nelas.

Ela o rasgou.

Meus olhos examinam o quarto rapidamente, localizando-o no chão ao lado da cama, rasgado ao meio, ambas as metades amassadas.

Eu fico na porta e encaro o pôster destruído por um momento antes de um som tranquilo surgir em meus ouvidos, o gemido mais suave que eu quase não peguei.

Eu conheço esse som, conheço intimamente, um som que assombra minha existência.

Porra.

É uma lufada de ar, o suspiro fraco de ar de um peito que precisa disso desesperadamente.

Eu vivo cada dia torturado pela memória disso.

Meu olhar muda direto para a cama, para onde Karissa está, enrolada na coberta como se tentasse se proteger do mundo exterior. Eu não consigo ver seu rosto, não posso ver muito mais além da forma do seu corpo, mas conforme o som ressoa através do quarto de novo, eu sei.

Eu sei que ela está chorando.

Ela está chorando por minha causa.

Parece que meu peito está desmoronando, o peso da sua dor como um fardo pesado para carregar. Eu não coloco toda a culpa em mim, mas eu sei, por mais que eu não queira admitir, eu tenho um jeito de machuca-la.

Eu tento não machucar.

Eu prometi que não a machucaria.

Mas a machuquei.

Nós não podemos evitar isso algumas vezes, eu acho. Nós regularmente fodemos tudo tão facilmente quanto respiramos. Os únicos erros que já cometi são aqueles que eu não tenho controle, os empurrões pelo destino que são inevitáveis, mas ainda assim eu sempre consigo manter meu equilíbrio.

Mas com ela, eu estou perdendo isso.

Eu estou perdendo meu equilíbrio.

Ela vai me deixar de joelhos se fizer esse som de novo.

Calmamente, eu ando até o seu lado da cama, meus passos silenciosos. Posso ver seu corpo tencionar quando paro ao seu lado, minha sombra bloqueando o pouco do luar vindo da janela. Eu olho para ela, vendo que seus olhos estão abertos, lágrimas correndo pelas bochechas coradas. Sem dizer uma palavra, chego mais perto, limpando suavemente um rastro de lágrima com meus dedos antes de empurrar um pouco de cabelo para trás de seu rosto, colocando-o atrás da orelha.

Ela olha fixamente para o nada, não encontrando meus olhos, não reconhecendo minha presença. Inclinando para baixo, pressiono um beijo em sua bochecha, saboreando a umidade salgada, deleitando-me com seu calor. O momento em que meus lábios encontram sua pele, ela faz isso de novo, faz aquele barulho, a inalação aguda de desespero que percorre através do meu corpo, alojando-se nos meus ossos rígidos.

Ajoelho-me ao lado dela e a forço a olhar para mim, para me enxergar. Não há nenhuma maneira que eu possa dormir essa noite, nenhuma maneira que eu possa relaxar, com ela desse jeito. "O que eu posso fazer, Karissa?"

A pergunta é calma, mas ela recua, como se eu tivesse gritado com ela. Seu lábio se enrola em um sorriso de escárnio, ódio crescendo em seus olhos. "Vá para o inferno."

Ela engasga com as palavras, engasga com elas como se fossem a coisa mais amarga que já experimentou. A raiva faz minha pele formigar. Provavelmente é errado, ficar excitado com isso, mas foda-se se sua hostilidade não faz com que algo se agite dentro de mim, algo primitivo e decadente. Uma torção, um espiral, uma infusão que faz meu pau ficar duro e minha pele endurecer.

As sensações são perigosas para evocar.

Eu corro a palma da mão pelo seu rosto de novo, limpando mais lágrimas. "Eu estive caminhando nessa direção por um longo tempo, querida."

As palavras mal saíram da minha boca quando sou empurrado, fortemente, quase caindo para trás. Eu me seguro com as mãos quando

ela senta, a coberta caindo ao seu redor enquanto cruza os braços no peito. Ela não está mais chorando, o ressentimento secando suas lágrimas.

A raiva eu posso lidar... Qualquer coisa menos mágoa.

Antes que ela possa falar, antes que possa reagir, estou de pé de novo, minhas mãos em cada lado dela na cama enquanto me inclino para frente, tão perto que meu nariz encosta no dela.

Ela inala bruscamente, dessa vez de surpresa.

"Cuidado," sussurro, minha voz baixa e rouca de emoção contida. "Você sabe que eu gosto quando você luta."

"Vai se ferrar."

Pressiono meus lábios nos dela, beijando-a asperamente.

Ela não me beija de volta.

Dura apenas alguns segundos antes de ela empurrar contra o meu peito, deixando espaço suficiente entre nós para ela me bater.

Forte.

Ela me acerta bem na boca, seu punho inesperado, pegando-me desprevenido. Faço uma careta com a pontada de dor e agarro seu punho antes que ela possa me acertar de novo. Ela estremece, dobrando os dedos, encarando-me, suas narinas dilatadas conforme ela treme de raiva.

O gosto metálico de sangue cobre minha língua quando eu a passo no meu lábio inferior, sentindo o pequeno corte onde meus dentes rasparam. Queima, já pulsando com o ritmo descompassado do meu coração.

Não é sempre que alguém tem coragem avançar em mim. Ainda mais raro é minha guarda estar baixa para eles realmente me acertar.

Os sentimentos que afastei apenas um momento atrás transborda, o pavio aceso, tudo o que eu mantive enjaulado explodindo. Eu a arrasto de volta para a cama e subo em cima dela, e ela grita alguma

coisa, mas sua voz é apenas um sopro no ar, um murmúrio aborrecido sugado pelo zumbido de eletricidade dentro de mim.

Só tem apenas uma palavra que vai me tirar dessa neblina.

Vermelho.

Vermelho, a cor da raiva, a cor do ódio, a sombra que toma conta da minha vida até o ponto que mal consigo pensar direito. Vermelho, a cor do sangue, o lodo espesso que se infiltra em pisos de madeira e tecidos, raramente removível uma vez que foi derramado. Vermelho, como o rubor de suas bochechas, e a curva de sua boca que apenas implora para encontrar a minha de novo. Vermelho, como as marcas de arranhões que ela faz em meus braços, meu peito, meu pescoço e meu rosto. Ela está lutando, mas ela está puxando e não empurrando, me segurando contra ela enquanto ela destrói minha pele.

Vermelho.

Vermelho.

Vermelho.

Eu a beijo duro de novo, a dor do meu lábio cortado absorve mais fundo, penetrando em meus músculos, alimentando-me. Eu a mordo, não o suficiente para tirar sangue, mas o suficiente para fazê-la sentir como eu sinto.

"Diga," eu rosno, pressionando-me contra ela. Eu estou duro, tão duro que dói. "Diga a palavra."

Eu quero que ela diga.

Eu *preciso* que ela diga.

Porque se ela não disser – se ela não gritar com toda a força dos seus pulmões, se ela não a cuspir para mim como veneno – eu não serei capaz de parar. Vermelho tinge minha visão, um revestimento nebuloso sobre tudo, e '*vermelho*' é a única coisa que pode tirá-lo.

"Diga," eu falo novamente, meus lábios pairando logo acima dos dela, tão perto que posso sentir suas respirações rápidas, "mas não diga isso a menos que você queira."

Ela me olha com mais raiva do que eu já tenha visto nela antes. Minha gatinha pequena se transformou em uma besta feroz, uma leoa faminta que é capaz de me despedaçar. E ela vai. Ela vai me destruir.

Tudo que ela tem que fazer é dizer a palavra, e eu estarei em pedaços.

"Diga," eu solto. "*Diga* isso, porra."

Seus lábios se separam, e eu espero. Cada músculo dentro de mim se aperta, tencionando, meu peito se contraindo enquanto espero por essa palavra surgir em meus ouvidos, mas tudo o que recebo é uma exalação trêmula. Ela sai como um rosnado, o som prolongando no ar a nossa volta por uma fração de segundo antes de ela levantar a cabeça apenas o suficiente para esmagar seus lábios nos meus.

E eu estou perdido.

Roupas são rasgadas e corpos são esmagados quando nós despimos cada tecido nos separando. Não há nada de gentil sobre isso, nada de amor.

Isso não é amor.

Isso é ódio.

Ódio *verdadeiro.*

Ela me odeia, e acho que isso a acalma, pacifica sua alma, deixando-a liberar essa raiva em mim.

Eu não me importo.

Eu recebo isso.

Ela pode me acertar, me bater, me torturar, e eu vou aceitar tudo isso. Eu vou felizmente absorver o impacto dos seus socos e a amargura de suas palavras. Ela pode liberar sua agressividade, perder-se comigo, e eu nunca vou invejá-la por isso.

Porque eu conheço o sentimento.

Eu conheço a raiva, o ódio e a dor.

E olhando para ela, como ela puxa meus lábios por uma fração de segundo para me olhar nos olhos, é como olhar em um espelho de novo... Um pedaço irregular, quebrado de vidro refletindo minha alma de volta para mim.

Dessa vez, é a metade escura.

Ela está tão fodida quanto eu.

Talvez seja errado da minha parte.

Mas dane-se se não parece certo desse jeito.

Beijo sua bochecha, queixo, pescoço, peito, de novo, e de novo e de novo, meus dentes beliscando sua carne conforme eu a arrasto mais na cama, ajeitando-me entre suas pernas. Ela já está molhada, sua pele corada, cada parte dela queimando em antecipação.

Agarrando suas pernas, eu as empurro afastadas, forçando seus joelhos contra o peito enquanto meus lábios encontram os dela de novo. Eu empurro dentro dela, duro, empurrando profundamente, e ela chora em minha boca, rosnando um palavrão. "Foda-se."

"Eu vou," sussurro contra os lábios dela. "Eu vou foder tudo fora de você, cada pedacinho." Eu saio e empurro de volta, provocando outro grito. "Eu vou foder você até você me implorar para parar." Outro impulso. Outro grito. "E então eu ainda não vou parar, não até você me dizer a palavra." Eu puxo para trás para olhar para ela quando empurro de novo, mais fundo que antes. Sua respiração engasga. "Eu não vou parar até você dizê-la... Até você *querer* dizer isso."

Ela olha para mim, teimosamente, desafiadoramente... Silenciosamente. É uma batalha de vontades, uma que ela nunca irá ganhar.

Eu vou fodê-la até meu coração ir para fora.

Inferno, sem ela, eu não preciso dele, de qualquer maneira.

Ela não diz nada, e ela não precisa, porque eu não lhe dou muita chance. Estou batendo nela tão forte que cada impulso a força mais fundo na cama. Ela tenta seu melhor para se manter em silêncio, seu rosto

contorcido, sua mandíbula apertada para não fazer barulho, mas posso ouvir seus gemidos compulsivos, senti-la engolir os gritos quando eu lambo, chupo e mordo em volta do seu pescoço, dando a ela cada pedaço de mim.

Eu não recuo.

Cansei de recuar com ela.

Ela sabe quem eu sou.

Ela sabe do que sou capaz.

Ela não recebe mais minha gentileza.

Minutos passam. Dez. Quinze. Vinte.

Talvez meia hora.

Pode ser metade de um dia.

O quarto está mortalmente escuro, mas posso ver sua expressão tensa quando me recuso a deixar, movendo-a e virando-a ao redor, tratando-a como uma boneca de pano que descobri que ela gosta de ser. Ela leva tudo numa boa por um tempo até que começa a ser demais, seus gemidos mais agonizantes, seus músculos mais tensos, seus orgasmos chegando com mais força e juntos, seu corpo inteiro exausto.

Posso sentir suas pernas se contorcendo, suas mãos perversas contra minha pele. As marcas de unha nas minhas costas latejam, queimando com o suor escorrendo ao longo delas. Ela está tirando mais sangue, uma unha rasgando um pedaço em minha bochecha, mas eu não pisco.

Ela pode me ferir.

Ela pode me deixar cicatrizes.

Ela pode fazer o que quiser comigo.

Eu posso sentir seu corpo ficar tenso em baixo de mim, o começo de outro orgasmo. Ela inala bruscamente, a respiração deixando seus pulmões em forma de palavras. "Chega."

"O que?" Pergunto "Eu não ouvi você."

"Chega," ela diz, empurrando meu peito. "Eu... Eu não aguento—" Sua respiração engata. "Mais."

A palavra sai sufocada, seu corpo convulsionando. Ela se agarra a mim, uma lágrima caindo do canto do seu olho. Eu não paro. Ela sabe que não vou. Ela começa a lutar, batendo-me de novo, mordendo tudo que pode alcançar, e arrancando mais sangue quando a contenho.

"Diga," eu falo de novo, sabendo que cheguei ao seu limite, o lugar onde ela desenha a linha. "Diga a palavra."

Tudo o que eu quero é que ela admita a derrota.

Para ela sair dessa rotina de novo.

Ela encara meus olhos, sem fôlego, quando a fixo na cama, seus pulsos cruzados em minhas mãos. Seu lábio treme. Tenho que lutar contra o impulso de mordê-lo. Depois de um segundo, ela inala bruscamente, e eu fecho meus olhos em antecipação. Eu posso sentir meu orgasmo crescendo, forçando meus músculos.

Estou perigosamente perto.

Sua voz é tão baixa que é quase abafada pelo som de peles suadas se batendo, a palavra solitária um pouco mais que um sussurro. "Amarelo."

Meus olhos abrem imediatamente. É instintivo. Eu me controlo, movendo-me mais devagar, mais suave, enquanto olho para baixo para ela.

"Amarelo," ela diz de novo, entoando a palavra. Eu diminuo até que quase paro, mas ainda assim, ela diz isso, de novo e de novo.

Amarelo.

Amarelo.

Amarelo.

Ela sabe que não vou ignorá-la.

Um arrepio percorre minha espinha quando gozo, mas não consigo nenhum prazer nisso. Eu puxo para fora antes mesmo de terminar, deixando seus braços e me afastando. Sento-me para trás em meus joelhos, correndo minhas mãos pelo meu cabelo e agarrando apertado os cachos enquanto olho para o teto na escuridão. Meu pau pulsa enquanto meu crânio lateja.

Ela me deu um amarelo, porra.

Nenhum de nós pode ganhar desta forma.

Nós somos um desastre, uma catástrofe certificada, e não há nada de bonito sobre o jeito que estamos indo. Ela está tentando ser inquebrável, mas eu sou inabalável. Ela está enlouquecendo, e eu já sou malditamente insano. Eu prendi as asas do meu passarinho engaiolado para que ela não pudesse voar para longe de mim, e então eu me pergunto por que diabos não posso fazê-la voar.

Aquele som familiar ecoa pela sala de novo, como se ela estivesse sugando ar, mas ainda assim não pode respirar. Eu abaixo minha cabeça, meus olhos procurando por ela assim que começa a chorar. Dessa vez, ela não se segura, não tenta enterrar isso no fundo dentro de si. Isso começa a escorrer, um fluxo de emoção, a bomba relógio finamente explodindo.

Eu posso sentir a explosão.

Aqui está.

BOOM.

Ela chora tanto que está hiperventilando. Deito-me ao seu lado, passando os braços ao redor dela e a puxando para perto de mim, sua cabeça em meu peito. Esperava ela me empurrar para longe, empurrar-me para fora, mas ela apenas fica deitada lá, seu corpo mole e pesado contra o meu.

Ela não disse a palavra, mas deveria.

Ela quis dizer.

"Respire," sussurro em seu cabelo. "Apenas continue respirando, e tudo vai ficar bem."

Capítulo 05

O homem que me cumprimenta no espelho na manhã seguinte está destruído.

Vergões vermelhos e arranhões cobriam meu peito, subindo pelo meu pescoço e braços, alguns cortes pequenos em minhas bochechas. Meu lábio inferior está inchado, um corte pequeno ligeiramente visível, a pele manchada. Bolsas pesadas alinham meus olhos por não dormir, meus músculos tensos, e mandíbula cerrada conforme aperto meus dentes juntos distraidamente.

Percorro meus dedos ao longo de um hematoma se formando ao redor da junção entre meu pescoço e meu ombro, uma ligeira impressão de marcas de dentes na pele.

Já matei homens com nada além das mãos e saí apenas com alguns machucados.

Suspirando, ligo a torneira do banheiro e jogo água fria no rosto, correndo os dedos pelo meu cabelo, antes de desligar a água de novo e sair. Eu ando levemente nas escadas, seguindo para o andar de baixo usando nada além de um par de calças de moletom que peguei na gaveta.

Karissa está acordada agora... Ou de pé, de qualquer maneira. Não acho que ela tenha dormindo muito também, se dormiu, quando nos deitamos na cama toda a noite, perdidos na escuridão.

Sufocados pelo silêncio.

Afogando na verdade amarga.

O aroma de café se prende no ar da cozinha. Já tem duas semanas – catorze longas manhãs – desde que trouxe essa máquina para casa.

Ela finalmente a tocou.

Karissa está no balcão usando um par de calcinha coberta com uma de minhas camisetas, de costas para mim. Eu paro na porta, tomando um momento para apreciar a visão dela. Posso fazer o perfil de seu rosto, vendo sua expressão passiva. Ela está segurando uma pequena xícara branca, que eu suponho que ela tenha pegado do armário com as outras porcelanas que nunca usei. Vapor sobe do topo enquanto ela sopra levemente antes de tomar um pequeno gole.

E outro.

E outro.

"Bom dia."

Ela vira com o som da minha voz. Seu olhar segue em minha direção e ela congela, seus olhos examinando meu rosto e meu peito, admirando seu trabalho. Eu espero que ela saia, para se afastar como normalmente faz quando tento iniciar uma conversa, mas ao invés disso, ela anda em minha direção.

Seus pés param depois de alguns passos, e ela permanece na minha frente, poucos passos entre nós. Permaneço quieto, estoico, enquanto ela segura sua xícara, oferecendo um pouco sem dizer nada.

Meu peito aperta.

É uma oferta de paz, percebo, mas uma que não tomo.

Ela bebe um pouco, então não acho que tenha algo de errado com isso, mas eu me lembro exatamente o que aconteceu da última vez que pensei isso.

Depois de um momento, ela suspira, percebendo que não vou tocar nisso, e puxa a xícara de volta conforme se afasta.

"Obrigada pela máquina de café, Naz," ela diz calmamente. "Eu gostei."

Ray está tentando não rir.

Eu estou tentando não dar um soco seu rosto.

Descanso na cadeira preta de couro no Cobalt após o anoitecer, bebendo uma cerveja gelada, esperando que o álcool acalme meus nervos desgastados, mas é inútil, dada a forma como Ray está de boca aberta para mim.

Viro meu olhar em sua direção e levanto uma sobrancelha em um desafio silencioso, conforme os cantos dos lábios se contorcem com espasmos. Ele é uma merda em manter a expressão séria, e ele definitivamente não consegue esconder seu divertimento hoje.

Está dançando em seus olhos.

Ele está gostando disso.

Depois de um momento, ele perde a batalha totalmente e uma pequena risada ecoa conforme ele sorri por completo. "Como você está, Vitale?"

Pelo menos ele ainda não está bêbado.

Porque se ele tivesse me chamado de Naz com aquele olhar em seu rosto...

Eu o *teria* socado.

Consequências possíveis que se danem.

"Bem," respondo, tomando um gole da cerveja. Tem um gosto amargo extra, ou talvez eu apenas esteja em um daqueles dias. Karissa tem me virado de cabeça para baixo. Não sei se estamos vindo ou indo.

"Bem," ele repete, girando seu copo de uísque, os cubos de gelo tilintando contra os lados enquanto acena sua bebida para mim. "Se isso é estar bem, eu odiaria ver o outro cara."

Ele está procurando por informações, informações que ele sabe que não vou dar, mas ele não é estúpido, nem um pouco. Ele ficaria preocupado se acreditasse realmente que algum cara tirou o melhor de

mim assim. Os arranhões são o sinal de uma mulher desprezada, e apenas uma mulher poderia deixar essas marcas e ainda viver depois.

Ray sabe disso, mas não entende.

Ele não entende porque Karissa ainda está respirando.

Porque eu não... Porque não vou... Porque não *posso*… Matá-la.

Ele ri de novo, dessa vez um pouco afiado, enquanto toma um gole do licor escuro. "Que desperdício."

Eu o encaro, esperando que ele esteja falando sobre a oportunidade desperdiçada e que não seja um insulto destinado a mim.

Ao contrário dos outros caras que ele mantém por perto, eu nunca fiz um juramento para estar aqui. Eu nunca fui introduzido a organização que ele comanda, nunca jurei minha vida as coisas que eles fazem. Eu as faço, tudo bem. Eu faço mais do que a maioria desses homens fazem. Mas eu faço isso com um entendimento, uma espécie de respeito mútuo, que não precisou de um aperto no gatilho para forjar.

Eu faço isso porque ele é como um pai para mim.

Eu faço isso porque quero.

Eu faço isso porque há muito tempo atrás, eu decidi que isso é exatamente o que eu estava destinado a fazer.

Então enquanto eu seja leal, e Ray sabe disso, ele não pode me tratar como trata os outros homens. Ele pode apenas me empurrar agora. Nós não nos apunhalamos pelas costas, mas não há nada que nos impeça de um dia nos apunhalar pela frente.

Ninguém está realmente a salvo.

Meu melhor amigo provou isso.

A coisa é, eu não era o único que queria Johnny morto.

Ray queria, também.

Ele queria a linhagem Rita destruída.

Ele os queria mastigados e cuspidos.

Ele queria que eles sofressem como ele sofreu.

Como *nós* sofremos.

O único juramento que fiz a ele foi que eu iria fazer exatamente isso.

Que eu iria destruí-los.

Que iria conseguir justiça.

A única coisa mantendo Karissa viva – mantendo Ray de terceirizar em outro lugar, de colocar um fim na vida dela – é que ele não está disposto a cortar os laços comigo. Isso é pessoal, e até o momento isso supera qualquer tipo de negócio, mas eu não sou idiota.

Talvez não seja para sempre assim.

Tenho certeza que Karissa pensa que eu sou um monstro por forçá-la a ficar comigo, e talvez eu seja. Talvez eu seja um ser humano desprezível de merda. Certamente eu não sou um bom homem. Mas ela não percebe que é por causa disso que continua respirando. É por causa disso que ela acorda todas as manhãs para me odiar por mais um dia.

Ela está viva porque eu não consegui me fazer matá-la, e ninguém mais é estúpido o suficiente para cruzar meu caminho fazendo isso.

"Um desperdício, huh?" Eu tomo um gole da cerveja antes de olhar para a garrafa, agitando o resto do líquido dentro dela. "É tudo um desperdício, se você me perguntar. Nada disso deveria ter acontecido."

"Mas aconteceu," ele contrapõe. "Apenas um idiota iria ignorar que aconteceu."

Agora isso *é* um insulto, mas mantenho a calma, terminando o resto da minha cerveja. "Sim, bem, uma coisa boa que não sou idiota. Eu não ignoro nada."

Eu coloco a garrafa vazia de lado e me levanto, alisando meu paletó. Não me incomodo em dizer tchau, apenas aperto o ombro de Ray e passo por ele até a porta.

Está uma noite abafada, do tipo onde a escuridão parece mais espessa que o usual e o ar é pesado em meus pulmões, fazendo meu peito apertar quando tento respirar. Eu odeio essas noites. É o tipo de ar que guardou o último suspiro de Maria. A sensação sinistra rasteja sob minha pele, um calafrio no calor, como se eu estivesse lutando uma corrente que quer me levar para baixo, mas não vou deixar.

Nunca vou deixar.

Meu carro está estacionado no lote privado atrás do Cobalt, no beco que funciona ao lado do clube. Eu vou em direção a ele, sem pressa, sem ter certeza do que fazer ou dizer quando encontrar Karissa de novo.

Eu alcanço o estacionamento, andando em direção ao meu carro parado de baixo de um poste de luz brilhante, apertando o botão das minhas chaves para destravar as portas quando ouço um barulho atrás de mim. É baixo, e contido, o barulho de cascalho sendo pisado, um barulho em uma brisa inexistente. Os pelos em meus braços eriçam em alarme, minhas costas endurecem enquanto cada parte de mim fica em alerta máximo.

Alguém está lá.

Meu coração bate rapidamente em antecipação, minha mente trabalhando rapidamente para traçar estratégias. Eu não mantenho uma arma comigo a menos que eu saiba que vou precisar dela. Eu não posso nem carregar um canivete suíço na cidade sem a polícia de Nova York chamá-la de arma mortal. Meus olhos examinam em torno da escuridão, procurando por algo que eu possa usar em defesa, mas nada se destaca.

Serão as mãos, eu acho.

Fui abençoado com umas bem pesadas.

Enquanto tiver minhas mãos, não estarei indefeso.

O barulho se aproxima – dez passos de distância no máximo. Preparando-me, eu giro ao redor, preparado para atacar antes que eles possam fazer um movimento, quando pego um vislumbre do rosto, olhos castanhos familiares me pegam desprevenido por alguns segundos, tempo suficiente para o cano de uma arma ser apontado diretamente em meu peito.

Carmela Rita.

Ela está fora do alcance da luz, suas mãos tremendo a arma de pequeno calibre, seu dedo no gatilho. Congelo no lugar, sem fazer movimentos bruscos para não fazê-la agir prematuramente.

Porque ela vai atirar.

Eu sei que vai.

O olhar dela me diz isso.

"Olá, Carmela," digo calmamente, mantendo minha voz firme enquanto a cumprimento. "É bom vê-la de novo."

"Nem ao menos... Não se atreva a falar comigo desse jeito!" Ela grita, sua voz trêmula. "Não fale comigo como se fôssemos amigos!"

Ela agarra a arma firmemente com as duas mãos agora, mas ainda treme, instável. Ela está louca, mais do que eu já vi alguém antes. Ela é um gato feroz apoiada em um canto, pronta para arranhar minha cara fodida.

Uma pena para ela, sua filha a venceu nisso.

Lentamente, levanto minhas mãos no ar para mostrá-la que não quero machucá-la. Não agora, de qualquer maneira. Não tenho nenhuma intenção de machucá-la hoje.

"É justo," digo. "Porque você não me diz por que está aqui?"

"Você o matou!" Ela diz. "Você matou Johnny! Você tirou tudo de mim, e eu quero de volta! Eu preciso disso, e você vai dar isso para mim!"

Karissa, eu suponho. Ela quer Karissa.

Ela não vai levá-la, embora.

Eu não vou deixar.

Eu *não posso.*

Eu não posso deixar Karissa se tornar um dano colateral.

Minha mente trabalha rapidamente, tentando vir com algo a dizer, algum jeito de distraí-la, jogar com ela por tempo o suficiente para me dar um controle. Não acho que ela saiba onde eu moro, não a menos que Karissa tenha contado a ela antes de perderem contato. Poucas pessoas sabem onde minha casa fica por esse motivo. "Você quer—"

"Eu quero minha filha," ela exclama. "Mas preciso de dinheiro agora."

Minha testa franze. "Dinheiro?"

"Johnny estava me mantendo. Não tenho para onde ir sem ele. Não me sobrou nada! Eu preciso de dinheiro, preciso de um jeito para sair disso, e você vai me dar."

Ela dá um passo mais perto, para a luz. Ela está mais confusa do que eu pensava – suja e desordenada. Pergunto-me como ela se sustentou durante essas últimas semanas sem Johnny, mas é claro que o que quer que ela tinha guardado acabou se ela está desesperada o suficiente para tentar força física *comigo*.

"Eu não tenho dinheiro comigo. Vou ter que ir pegar um pouco."

"Mentiroso!" Ela balança a arma em meu rosto. "Me dê sua carteira."

Eu hesito antes de lentamente abaixar uma das mãos, alcançando meu bolso de trás para pegar minha carteira. Eu a puxo e a abro, decidindo acalmá-la entregando voluntariamente um pouco de dinheiro, mas isso não é o suficiente para ela.

"Jogue a coisa toda para mim," ela ordena. "E não tente nada engraçado, Vitale. Eu vou atirar em você."

Merda.

Eu jogo a carteira pelo estacionamento. Ela cai alguns centímetros de seus pés, e ela cuidadosamente se abaixa para pegá-la, tendo certeza de manter a arma trêmula apontada para mim, seu dedo ainda no gatilho. Ela luta para mantê-la apontada em minha direção

enquanto olha dentro da carteira, apenas um olhar confirmando que menti bem na sua cara.

Tem mais de mil dólares lá.

Estou esperando que ela vá roubar o dinheiro e jogar a carteira de lado, mas ela guarda tudo com ela antes de focar em mim de novo. "Agora me de suas chaves."

"Minhas chaves."

"Sim."

"Você está roubando meu carro também, Carmela? Eu pensei que você fosse mais inteligente que isso. Você sabe que carros novos são equipados com GPS. Você não irá muito longe."

"Você está mentindo de novo," ela diz. "Se alguém fosse ter um carro que não pode ser rastreado, seria você. Você deixaria ninguém rastrear seus movimentos."

Esperta.

Estou quase impressionado.

"Além disso, eu não quero seu carro," ela diz. "Eu apenas quero ter certeza que você não pode me seguir de imediato."

Ela é esperta, tudo bem.

Lentamente, começo a tirar a chave da Mercedes fora do chaveiro quando ela balança a cabeça, dando outro passo em minha direção. "Dê-me *todas* elas. Você não vai me enganar."

Esperta *demais*.

Mas ela me subestima.

Eu tenho uma chave reserva no carro.

Eu jogo as chaves a contragosto, encarando-a quando ela as pega. Quando ela começa a se afastar, pânico percorre através de mim. Eu preciso encontrar uma maneira de pará-la, de detê-la. Não posso apenas deixá-la ir.

Dou um passo adiante, seu nome em meus lábios. "Car—"

A porta dos fundos do clube abre e vozes altas percorrem o estacionamento. A presença deles desencadeia Carmela, acendendo o fusível. Eu posso ver isso em seu rosto, mas é tarde demais para eu reagir, tarde demais para espalhar isso.

A explosão acontece inesperadamente, um tiro ilumina o estacionamento entre nós por uma fração de segundos antes de dor rasgar através de mim. Um palavrão deixa meus lábios em um suspiro afiado enquanto meu peito de repente parece que está envolvido em chamas, o fogo revestindo meu lado esquerdo, dormência radiando disso.

Porra.

Porra.

Porra.

Não consigo respirar.

Aperto meu lado, fazendo uma careta, e respirando bruscamente quando um segundo tiro atravessa a noite, tilintando quando atinge a porta do meu carro, ricocheteando e acertando a janela do lado do motorista. Meus joelhos se dobram quando caio no chão ao lado do carro, tentando me proteger conforme ela descarrega a arma, bala após bala atingindo metal em minha volta. Eu posso senti-las conforme rasgam através de mim, colidindo com o carro.

Ela puxa o gatilho, mais e mais.

Click.

Click.

Click.

Eu levanto minha cabeça, sangue escorrendo pela minha camisa quando escuto o som de click diferente. Ela está sem munição. Estou respirando pesadamente, adrenalina perfurando meu sistema. A dor é profunda, como se alguém tivesse me apunhalado com um atiçador de ferro quente. Estou esperando que seja apenas uma ferida na carne, mas dói como um filho da puta.

Carmela dá alguns passos para trás freneticamente. Os tiros assustaram quem tivesse vindo para fora, mas haverá outros logo, e ela sabe disso. Ela sabe que eles estão vindo, e ela está indefesa, e eu não estou morto. Ou eu sou um sortudo filho da puta ou ela é uma atiradora horrível. Nossos olhos se encontram por apenas alguns segundos, alguns segundos onde eu bebo de seu puro terror.

E então ela se foi.

Em um piscar de olhos, o tempo que leva para reabrir meus olhos depois de fechá-los, ela está correndo, desaparecendo na escuridão. Eu me forço de pé, apertando meu queixo pela dor, lutando para conseguir minha respiração sob controle. Estou firme em meus pés no momento, mas estou perdendo sangue.

Posso sentir isso.

Não posso ficar aqui.

A polícia nunca está muito longe, e houve muitos tiros para que ninguém os chamasse. Eu ouço as pessoas correndo para fora do clube, gritando, mas não paro para ver quem é. Subindo no meu carro, abro o porta-luvas, pegando a chave reserva. É difícil, usar apenas meu braço direito, minha mão esquerda pressionando o ferimento, mas consigo dar partida no carro antes que alguém me alcance.

Tudo é um borrão conforme corro para longe.

Minha visão está distorcida, minha cabeça latejando pra caralho.

Não faço ideia de como diabos cheguei em casa.

Mas no momento em que chego à garagem e estaciono o carro, eu sinto como se já estou me segurando por um fio. Não me incomodo em desligar o carro, forçando-me em direção à casa, precisando entrar. Eu deveria ir ao hospital, eu sei, mas não posso.

Eles fazem perguntas.

Eu não tenho nenhuma resposta.

A porta está destrancada quando chego lá. Eu normalmente fico bravo quando Karissa não tranca, mas estou agradecendo a Deus por isso no momento. Eu empurro contra ela quando a abro, sangue cobrindo minha mão enquanto me esforço. Bato a porta atrás de mim e me inclino nela, estremecendo.

Eu ouço passos vindo das escadas quando me empurro para longe e cambaleio para a sala de estar.

Karissa.

"Naz?" ela diz, sua voz beirando o pânico quando aparece na minha frente, seus olhos arregalados com terror. Arrancando seus fones de ouvido, ela corre até mim, agarrando minha camisa. "Oh Deus, você está sangrando, Naz! Você está fodidamente *sangrando!*"

Eu a encaro, hipnotizado pelo medo em sua voz – não por minha causa, mas *por* mim. Ela está com medo por mim?

"O que aconteceu com você?" Ela pergunta. "Jesus, há sangue por toda parte!"

"Tiro," eu solto. "Apenas um, eu acho."

"Tiro? Alguém *atirou* em você?"

Suas mãos me apertam freneticamente, e eu faço uma careta, rangendo os dentes para não gritar, mas um palavrão escapa dos meus lábios.

"Oh Deus, sinto muito!" Ela se afasta rapidamente. Sangue mancha suas palmas, suas mãos tremendo enquanto se atrapalha com seu telefone. Ela derruba a maldita coisa uma vez... Duas… Antes de ficar firme o suficiente para sequer apertar o botão na tela quebrada.

Ela e aquele maldito telefone...

"Apenas... Aguente firme," ela diz. "Aguente firme, ok? Vou conseguir alguma ajuda."

Ela começa a discar para o resgate, mas eu a paro antes que ela possa apertar o último número, balançando minha cabeça quando alcanço seu telefone. "Não! Sem polícia."

"O quê?" Ela me olha em choque. "Naz, você está ferido! Tipo, muito ferido! Você precisa de uma maldita ambulância! Você precisa ir para o hospital!"

"Carter," murmuro. "Ligue para Carter."

"Quem é Carter?"

"Ele é médico," digo. "Seu número é, uh... É três quatro sete, uh... Oito cinco três... Uh... Um."

"Um o quê?" ela pergunta quando hesito. "Qual o próximo?"

Balanço minha cabeça. *Porra.* Tudo está embaçado. Eu estou balançando. "Meu celular… Está no meu celular. Procure por Carter."

Ela derruba seu telefone e procura nos bolsos da minha calça, pegando o meu. Ela liga para o número enquanto cambaleio através dela, ignorando seus protestos. O ferimento está sangrando muito, mas não acho que tenha atingido algo importante.

Se tivesse atingido uma artéria, eu estaria morto agora.

Posso ouvir Karissa, sua voz soando abafada. Ela fala freneticamente no telefone antes de chamar por mim. "Naz, espere... Ele disse para você não se mover, para ficar onde está!"

Antes que eu possa responder, ela está me segurando, tentando seu melhor para me ajudar enquanto sigo para a sala de descanso. Eu caio no sofá, tentando manter meus olhos abertos. Preciso fazer esse ferimento parar de sangrar.

"Diga a ele para se apressar," resmungo.

"Ele está a caminho," ela diz, jogando meu telefone antes das palavras saírem por completo de seus lábios. "O que posso fazer? Do que você precisa?"

"Faça pressão no ferimento," digo. Estou ficando muito fraco para fazer isso, a dor é demais para infligir mais em mim mesmo. Autopreservação é uma vadia.

"Como?"

"Apenas... Pegue uma toalha ou algo assim. Use qualquer coisa."

Ela olha ao redor a procura de algo para usar antes, em uma decisão precipitada, puxando sua camisa. Acontece em um segundo, um segundo ela está apenas sentada aqui, o outro ela está praticamente em cima de mim usando nada além de sutiã, sua regata branca enrolada em seu punho.

Ela não podia ter ido pegar uma toalha?

Afastando minha mão do caminho, ela pressiona com força o tecido em meu lado. Eu faço uma careta, rosnando conforme a queimação rasga meu estômago.

"Porra, Karissa," eu resmungo. "Eu já estou ferido, e você começa a tirar a roupa. Você está tentando me matar?"

"Não tem graça," ela diz, um leve tremor em sua voz, seu tom sério. Ela não acha isso nem um pouco engraçado.

Forçando meus olhos abertos, eu a olho, minha visão embaçada, mas clara o suficiente para ver lágrimas silenciosas escorrendo por suas bochechas.

Aquilo me acorda rapidamente.

"Hey," digo, minha voz corajosa quando a alcanço, esfregando sua bochecha com as costas da minha mão, ignorando o fato de que manchei seu rosto com um pouco de sangue. "Não chore. Vai ficar tudo bem."

Ela não encontra meus olhos, mantendo seu olhar treinado em meu lado enquanto pressiona contra ele com tudo o que tem, as lágrimas ainda caindo. Eu não tenho certeza do que dizer. Não sei se é o sangue escorrendo ou a percepção de que a estou machucando de novo que me faz sentir como se estivesse vomitando, a náusea tão intensa que queima minha garganta, tudo distorcido, meu peito parecendo como se quisesse ceder.

Meu coração pode realmente desistir nesse ponto.

A tontura está vindo forte, minha visão desaparecendo conforme suor cresce ao longo da minha testa, escorrendo pela lateral do meu rosto enquanto tento focar em me manter consciente. Cada segundo se torna mais difícil, cada respiração mais como uma luta.

"Como você sabe?" Ela pergunta calmamente. "Como você sabe que vai ficar tudo bem?"

Meus olhos se fecham, minhas pálpebras muito pesadas, a tontura muito forte para eu lutar, a corrente me levando para baixo. Eu luto com cada última gota de energia em mim para responder, minhas palavras quase um sussurro.

"Porque você não vai se livrar de mim assim tão facilmente."

"Naz! Oh Deus, Naz!"

Estou preso naquele espaço entre o sono e a consciência onde o mundo está em uma lenta névoa, uma ilusão que não consigo acreditar. Não é real. Não pode ser. Não pode estar acontecendo. A voz dela é um grito de terror ardente, um som que sacode meus ossos e me impede de respirar.

"Naz!"

Ela grita de novo, meu nome se transformando em um grito ensurdecedor. É um piscar de olhos, uma fração de segundo onde eu olho na escuridão grossa, um rosto frio e calculado que costumava me venerar calorosamente.

Dizem que quando essa vida leva você, é geralmente na mão de um amigo.

Nunca pensei que fosse ser ele.

O tiro ilumina o quarto antes da explosão me atingir bem no peito, como um fogo de artifício saindo debaixo da minha caixa torácica.

Não consigo falar, não consigo reagir, conforme a dor rasga dentro de mim, expandindo, explodindo.

Porra, estou morto.

Estou morrendo.

Eu caio de costas na cama, minha visão já escurecendo pelo tiro, sangue manchando os lençóis brancos ao meu redor. Parece preto na escuridão, um esquecimento sombrio ameaçando me levar.

Ela ainda está gritando.

Ela está gritando meu nome.

Uma e outra vez.

Naz.

Naz.

Naz.

O nome morre em seus lábios quando outro tiro ecoa pelo quarto, sua voz engolida por um suspiro alto. Um suspiro por ar, por mais uma respiração, por outra chance... Um suspiro que me atinge no âmago, uma dor que sinto na pele, agarrando-me mais forte do que o chumbo grosso em meu peito, comprimindo meu coração até que ele exploda.

Um piscar de olhos, e ele se foi. Não há nada além de escuridão a minha volta, o quarto completamente silencioso.

Outro piscar de olhos, e eu me forço a me mover, desafiando as leis da natureza conforme eu luto para puxá-la em meus braços. Ela ainda está arfando, desesperada, tentando falar, seus lábios movendo quando soam meu nome, mas não há nenhum som acompanhando. Eu a seguro apertado, lutando... E lutando... E lutando, mas não há luta o suficiente no mundo para ela.

Mais um piscar de olhos e ela se foi, também.

Capítulo 06

Através da escuridão pesada, o cheiro fraco de antissépticos me atinge, fazendo meu nariz se contorcer. Eu tremo, o cobertor fino me cobrindo é duro e gelado, como um lençol de gelo fino, enquanto ar me atinge de algum lugar do teto.

Antes mesmo de eu abrir os olhos, sei exatamente onde estou. Já estive aqui antes. Essa não é a primeira vez que acordei desse jeito.

Da última vez, pensei que estava no inferno.

O hospital.

O ar está gelado ao meu redor, mortalmente silencioso, mas posso ouvir o caos na distância: bipes das máquinas, passos apressados, conversas sussurradas. Forçando meus olhos abertos, não estou surpreso que escuridão me recebeu.

Ainda é noite.

Isso se ainda for o mesmo dia.

Minha visão está embaçada e minha cabeça está confusa. Remédios pesados correm através do meu sistema, uma sonolência que vem apenas por estar drogado, mas faz pouco para diminuir a dor.

Eu não quero me mexer.

Dói para piscar, merda.

Ignorando isso, mudo de posição de qualquer maneira, cerrando minha mandíbula quando tento – e falho – sentar na cama. Meus dedos formigam, minha boca está seca, quando uma onda de náusea me preenche.

Minha cabeça parece que está prestes a explodir.

Caindo de volta com um suspiro resignado, minhas mãos exploram o que posso sentir de mim mesmo. Há um curativo grande no meu lado esquerdo, a fonte da maior parte da dor. Uma intravenosa sai do meu braço até uma máquina, bombeando algo claro em minhas veias.

O que quer que seja, não quero ter nada a ver com isso.

Fazendo uma careta, eu arranco a intravenosa do meu braço e a jogo de lado, ignorando o pequeno fluxo de sangue que sai do pequeno furo, derramando no chão. Eu arranco cada fio conectado a mim, puxando agulhas, desconectando-me das máquinas.

Meus olhos embaçados examinam o quarto na escuridão. Estou sozinho. Não estou surpreso, mas o incômodo em meu peito no momento é mais do que apenas minhas lesões. Não importa o quão irracional seja, parte de mim pensou que ela estaria aqui, que ela estaria ao meu lado quando eu acordasse.

Mas não há sinal de Karissa em qualquer lugar.

Ela encontrou sua abertura, sua chance de correr quando não há nenhuma maneira para você persegui-la. Ela está livre de você agora.

Leva apenas um minuto depois de ter recobrado a consciência antes da porta do quarto abrir. Meu olhar se desloca para lá, instintivamente procurando por ela, estupidamente esperando que fosse ela.

Ao invés disso, é um homem que estou gravemente familiarizado.

Dr. Michael Carter.

Ok, então ele não é *esse* tipo de médico, propriamente.

Ele é médico de medicina veterinária.

O que significa que nenhum de nós pertence aqui.

Hospitais significam registros, o que significa relatórios obrigatórios, o que significa que é apenas uma questão de tempo antes da polícia aparecer. Vou até Carter para tomar pontos rapidamente e silenciosamente, mas isso não era algo rápido, e nem será silencioso.

O homem ao menos tem senso o suficiente para manter a luz no quarto apagada, oferecendo um meio sorriso nervoso enquanto se aproxima hesitante.

Eu não devolvo a saudação.

Não há nada para sorrir aqui.

Minha voz é áspera quando pergunto, "Por que estou aqui?"

Ele hesita antes de desligar a máquina que acabei de me desconectar antes que o alerta traga mais alguém ao quarto. Ele senta na ponta da cama em meus pés. "Não tive escolha, Vitale. Você perdeu um pouco de sangue."

"Eu não me importo," digo. "Você deveria ter roubado a Cruz Vermelha antes de me trazer para este lugar."

Ele está tranquilo, pensativo, enquanto olha ao redor, olhando para tudo exceto para mim agora. Ele sabe que cometeu um erro. Seu olhar cai para a cadeira vazia no canto da sala, destinada aos visitantes, mas não há ninguém para mim.

Ninguém se importa tanto *assim,* eu acho.

"Conversei com o cirurgião... Ele é um amigo meu, você sabe. Bom homem. Ele disse que o tiro em seu lado foi minucioso. Desalinhado, mas superficial. Eles pararam o sangramento e repararam o dano."

"Então de novo," digo, "Por que diabos estou aqui?"

Ele balança a cabeça. "A mulher que ligou? Ela estava aflita."

Meu olhar para na cadeira vazia. "Não poderia estar tão preocupada."

Ele solta uma risada tensa. "Ela estava uma bagunça quando cheguei lá. Fora de si. A pobrezinha tinha mais sangue nela do que você. Você estava apagado como uma luz, mas estava respirando bem, o pulso fraco, mas aguentando firme. Ainda assim, ela estava tentando fazer massagem cardíaca em você, batendo em você e soprando ar em seus pulmões, fazendo mais mal do que bem. Cada vez que ela empurrava seu

peito, você jorrava mais sangue. Tentando manter você vivo, e ela quase matou você fazendo isso."

Apesar da minha situação, eu sorrio com isso. Soa como Karissa – inadvertidamente fodendo com minha vida, nem mesmo percebendo o que estava fazendo comigo.

"Então é por isso que tive que trazer você para o hospital," ele diz. "Eu sei que é sempre a última opção, Vitale, mas a condição que você estava? A condição que ela estava? Pareceu uma situação de última opção para mim."

"Eles relataram isso?"

Ele suspira. "Você sabe que eles tiveram que fazer."

Eu quero estar furioso com o homem, pelo problema óbvio que trazer aqui irá causar, mas não tenho isso em mim. Não posso me forçar a ficar bravo quando meu peito dói violentamente e só posso me importar com Karissa.

A vadia da sua mãe atirou em mim e estou apenas preocupado com ela. *Vai entender.*

Mudando de posição, faço uma careta com a pontada de dor quando Carter se levanta de novo.

"Apenas relaxe, ok?" Ele olha para a intravenosa que joguei no chão e balança a cabeça. "Eu sei que não tenho nenhuma autoridade sobre você aqui... Ou em qualquer lugar... Mas espero que confie em meu julgamento. Eles vão querer manter você aqui por 48 horas em observação."

"48 horas."

"Sim, mas eu conheço você, Vitale, então estou esperando que você dê a eles pelo menos metade disso... Só porque não foi fatal, não significa que não foi sério, você sabe."

Eu sei, mas não digo nada, soltando um suspiro resignado quando fecho meus olhos, tentando permanecer imóvel para afastar qualquer choque de dor.

Eu luto contra o sono pelo resto da noite, muito paranoico para baixar a guarda em um lugar como esse, onde é fácil demais se safar ao terminar com a vida de alguém. Só é preciso um deslize de medicamento errado e todo mundo irá dizer que foi um acidente. Mas não há nenhum acidente, não onde estou interessado.

A enfermeira aparece, checando meus sinais vitais e tentando recolocar a intravenosa, querendo colocar morfina em mim, mas a mando para longe, recusando tudo. A dor piora conforme o que quer que esteja em meu sistema vai acabando, e com a agonia vem o ataque de raiva amarga.

Eu prefiro acabar no necrotério, do que no maldito hospital de novo.

No momento em que o sol nasce lá fora, começando um novo dia, estou intolerável, insuportável, cheio de raiva mal contida que sai em cada palavra que falo, brilhando dos meus olhos para qualquer pessoa que se atreva a por o pé em meu lugar.

Eu preciso dar o fora do inferno dessa cama.

Dar o fora do inferno desse lugar.

O fora dessa vida, dessa situação fodida, dessa merda de existência.

Em uma decisão precipitada, jogo o cobertor e sento, uma dor lancinante apunhalando meu estômago. Estou prestes a me forçar de pé quando a porta abre, vozes imediatamente entrando. Eu reconheço uma logo de cara, uma voz que deixa o cabeço do meu braço em pé, cada parte de mim congelando.

Azul. É provavelmente a única cor que me afeta mais que vermelho. Vermelho é cheio de paixão, mas azul é o que acontece quando a paixão se torna fria. Não sinto nada – *nada* – exceto puro ódio, do tipo que invade através do corpo e transforma sangue em gelo, congelando tudo dentro de mim quando estou mergulhado nele. Sou a casca de um homem cheio de indignação não adulterada, e não peço nenhuma desculpa por isso.

Quando é revestido de azul, não peço desculpa por *nada.*

Olho em direção à porta do quarto do hospital, avistando dois homens em uniformes azuis com seus distintivos de ouro brilhantes e pequenos broches com seus nomes, o símbolo da polícia de Nova York costurado em seus braços finos. No centro dos homens está um homem usando um terno cinza tedioso, sua voz cavando através de mim como se fosse um picador de gelo e eu sou a porra da geleira.

Detetive Jameson.

A primeira vez que encontrei esse homem em um quarto exatamente como esse, foi acordando com um peito quebrado e metade de uma vida deixada para juntar. Ele me perfurou naquele dia, perfurou-me por respostas sobre o que aconteceu, e eu fui honesto.

Eu estava quebrado de mais para manter isso preso dentro de mim.

Eu disse a ele que Johnny Rita tinha assassinado minha mulher.

Ele me disse que iria fazer justiça.

Ele nunca fez.

O homem *mentiu* para mim.

Eu posso respeitar um assassino, e um ladrão, mas não tenho nenhum respeito por alguém que mente bem na minha cara. Diga o que você quer dizer e queira dizer o que você diz ou não diga nada.

A vida é curta demais para merdas inofensivas.

Detetive Jameson entra no quarto, sorrindo um sorriso largo falso, seu parceiro mais novo em seu encalço. Não tenho muita experiência com o Detetive Andrews, pessoalmente, mas ele não abusa da sorte, não força um sorriso ou pretende ser alguém que não é. Ele é um verdadeiro idiota, e quase me faz gostar dele.

Quase.

"Sr. Vitale," Detetive Jameson diz, caminhando até a cama. "Lamentamos saber o que aconteceu com você."

"Tenho certeza que sim."

"Eu lamento. Estou feliz de ver você se movimentando ao redor, embora. Você está...?" Ele pausa, teatralmente olhando ao redor. "Você não está indo para algum lugar já, está?"

Não cedo a isso com uma resposta, esforçando-me quando me ajeito na cama. Não posso me levantar agora, não com todos eles aqui. Eu vou provavelmente cair de cara no chão, e não vou dar essa satisfação a eles.

Sem mencionar que estou usando nada além de uma roupa de hospital sem a parte de trás, e não há sinal das minhas roupas em algum lugar.

"Para onde eu iria?" Pergunto.

"Boa perguntar," Jameson diz, tomando um assento na cadeira preta, sem esperar por um convite para ficar, enquanto seu parceiro encosta contra a parede mais próxima. Os oficiais uniformizados ficam no corredor, não chegando mais perto. Eles estão aqui apenas para apoio.

Pelo que? Eu não sei.

Não é como se eu iria ferir algum deles no meio de um hospital em plena luz do dia.

Não, eu teria deslizado em suas casas após o anoitecer.

"Nós queremos apenas fazer algumas perguntas em relação ao incidente que aconteceu na noite passada," o detetive continua, puxando um caderno pequeno de sua jaqueta, junto com uma caneta. Ele abre na primeira folha em branco, sem olhar para mim quando pergunta, "você sabe me dizer quem atirou em você?"

Minha resposta é imediata. "Sim."

Silêncio engole o quarto por alguns segundos antes do homem encontrar meus olhos, levantando uma sobrancelha. "Bem?"

"Bem o que?"

"Você vai me dizer?"

"Não."

Sua testa franze. "Não?"

"Você perguntou se eu sabia, não se eu iria," eu especifico. "Não tenho nenhuma intenção de lhe dizer alguma coisa."

Andrew entra na conversa, limpando a garganta. "Se você está com medo de vingança—"

Uma risada aguda surge em meu peito. Eu faço uma careta, lágrimas ardendo meus olhos, dor correndo pelo meu corpo sacudindo-o com raios de eletricidade impressionante em minhas veias. Olho para longe do homem, apertando meu queixo e fechando os olhos para afastar a sensação.

Quando reabro meus olhos, meu olhar vai para a porta e eu paro, congelado pela visão inesperada.

Karissa está lá, inclinada calmamente no batente da porta, vestindo uma camiseta preta grande demais e um par de calças de flanela, parecendo como se tivesse acabado de sair da cama. Seu cabelo está empilhado todo bagunçado no topo de sua cabeça, apertado e torcido, pedaços caindo em torno de seu rosto cansado. Há linhas em seu rosto, marcas vermelhas em sua pele que só pode ser de um ataque de lágrimas recente.

Ela parece quebrada, mas tão bonita.

Eu quero juntar seus pedaços.

Eu quero quebrá-la ainda mais.

Seus olhos encontram os meus, e meu peito aperta com a angústia que encontro à espreita nas profundezas. Há tristeza, sim, mas eu vejo medo ainda mais.

Ela ainda está com medo de mim?

Porque sequer ela está aqui?

Suspirando, eu tiro meus olhos dela e volto para os detetives de novo. Estou exausto demais, humilhado e com muita dor para continuar

com essa charada. Jameson está falando de novo, falando e falando sobre o mesmo absurdo, sobre deixar as ruas mais seguras, sabendo bem e muito bem que sou um dos piores violadores nessa cidade louca. Nós dois sabemos disso, mas ele não pode provar isso, por isso sua meia palestra tocante cai em ouvidos surdos, pouco mais que a punheta narcisista de um homem ignorante que anseia por poder, mas não consegue sequer derrubar um assassino canalha e miserável.

Isso o queima.

Eu gostaria de botar fogo em sua casa e queimá-lo alguns dias, realmente.

"Você quer saber quem atirou em mim?" Pergunto, o interrompendo. Ambos olham para mim, com olhos arregalados e esperançosos, conforme Jameson agarra seu caderno com força. "Aqui, deixe-me soletrar para você, para facilitar. Quero ter certeza que não se perca na interpretação."

Jameson balança sua caneta para mim. "Estou pronto."

"É, uh... V-A-I –S-E. Último nome F-O-D-E-R. Entendeu? Ou você precisa que eu soletre de novo?"

Antes que a última palavra saia da minha boca, Jameson fecha seu caderno e levanta, guardando-o em seu bolso. Ele sabe que é inútil. Ele não vai conseguir uma maldita coisa de mim. Ele acena para a porta, e Andrews segue para aquela direção conforme Jameson segue, olhando-me peculiarmente como se tivesse mais alguma coisa para dizer.

O que quer que seja, é um desperdício de fôlego, fôlego que deveria guardar, porque quem sabe quando ele poderá ficar sem ele. Ele parece pensar melhor sobre isso depois de um momento e balança a cabeça, virando.

Karissa está de cabeça baixa, seus olhos no chão enquanto pressiona suas costas contra a parede da direita do quarto, saindo do caminho deles. Andrews passa direto por ela com mais que uma carranca no rosto, mas Jameson para e sorri calorosamente. "Bom ver você de novo, Senhorita Reed."

"Você, também."

A voz dela é baixa, apenas um sussurro que quebra com essas palavras escassas. Jameson sai, os oficiais uniformizados seguindo bem atrás dele, nos deixando sozinhos.

Não posso acreditar que ela está realmente aqui.

Está silencioso, exceto pelos barulhos no corredor do lado de fora. Karissa permanece lá por um momento antes de seu olhar ir para aquela direção, como se estivesse pensando em correr por aquela porta. Meu estômago aperta com o pensamento dela saindo, mas forço o sentimento de volta quando limpo minha garganta, sabendo que não será ela a quebrar o silêncio.

"Você está aqui."

Ela não responde de imediato, seus olhos mudando ao longo do piso de linóleo de novo, antes de finalmente virar em minha direção. "Por que não estaria?"

Porque você me odeia.

Porque matei seu pai.

Porque sua mãe é a próxima, e baseado no seu olhar, eu acho que você sabe disso.

"Porque você não estava aqui quando acordei esta manhã."

"Oh." Ela se afasta da parede para marchar pelo quarto, estatelando-se na cadeira preta que permaneceu vaga durante toda a noite sem ela. Ela chuta seus chinelos e puxa seus pés sujos para cima, colocando-os de baixo de si enquanto se ajeita. "Bem, não somos parentes, e eles deixam apenas a família passar a noite, então..."

"Então eles não deixaram você voltar aqui."

"Sim."

Raiva borbulha dentro de mim. É uma coisa ela não vir; e é outra coisa eles a mandarem embora. Eu não posso culpá-la, por mais que

doa, mas eu certamente vou segurar isso contra eles. "Você disse a eles quem você é para mim?"

"Não." Sua voz está ainda mais baixa agora. "Você estava apagado, então não teria importado. Eu apenas fiquei lá embaixo na sala de espera até que me disseram que você estava acordado."

"Você ficou lá a noite toda?"

Ela confirma levemente, mexendo as mãos, mordendo as unhas. Meu olhar muda para elas, a pele rosada e esfregada com força. Pergunto-me quantas vezes foram lavadas para se livrar do meu sangue. Seu anel de noivado está visivelmente ausente, um fato que não me surpreende. Ela nunca o colocou de volta.

Talvez seja um ato de rebeldia.

Uma maneira de obter algum controle em uma situação sem controle.

Ou talvez ela não queira ter nada a ver sobre casar comigo.

Não quero perguntar a ela sobre isso, embora, e ela nunca trouxe isso à tona. Ela se senta em silêncio, sua atenção focada em seu colo, antes de soltar um suspiro. "Eu pensei que você fosse morrer."

Não posso dizer como ela se sente com sua voz oca, então faço uma pergunta que tenho medo. "Você está desapontada que *não* morri?"

É como de zero a sessenta em um segundo, sua cabeça virando, seus olhos apertados encontrando os meus. Lágrimas nadam no canto, ameaçando cair enquanto me olha com hostilidade, se eu não estivesse tão machucado, eu me afastaria dela. A mulher me diz que sou um monstro, mas existe um pouco de ferocidade dentro dela que ela libera de vez em quando.

Eu provavelmente não deveria amar isso tanto como eu amo.

"Eu deveria," ela diz, sua voz trêmula, lutando para manter as lágrimas de caírem. "Eu deveria querer você morto. Deus sabe que você provavelmente merece. Eu deveria odiá-lo… Eu *odeio* você. Alguns dias eu acordo e desejo que você desaparecesse, então nunca mais iria olhar

seu rosto de novo... Mas então eu pensei que você poderia. Eu pensei que você poderia realmente morrer. Eu pensei que você *estava* morrendo." Ela para, uma lágrima escapando. Ela limpa com a ponta dos dedos enquanto olha para longe de mim, rindo amargamente sob sua respiração. "Pensei que poderia nunca mais ver seu rosto de novo, ouvir sua voz mentindo de novo, e isso me machucou mais do que eu esperava."

Eu a observo conforme ela limpa outra lágrima... E outra... Antes de eu responder. "Eu nunca menti para você."

"Você continua dizendo isso," ela diz, sua voz uma oitava maior do que a um momento atrás, mais forte, como se talvez admitindo que não gostaria de me ver morto tirasse um peso de seu peito. "E a parte triste é que eu acho que você acredita nisso."

"Eu acredito," digo. "Eu nunca menti para você."

"Bem, talvez isso seja verdade em seja lá qual for o universo que você vive, mas aqui no mundo real, há algo parecido com mentir por omissão, e machuca do mesmo jeito. Você me enganou, você jogou comigo. Brincou comigo. O tempo todo em que estivemos juntos, eu me perguntei 'por que eu?' E agora eu sei o porquê. Você estava me manipulando! Então talvez você não tenha mentido na minha cara, mas certamente não estava sendo honesto. Você não estava sendo verdadeiro. Você não pode sorrir e agir como se me ama em um segundo e então destruir meu mundo no seguinte. Você não pode fazer isso e esperar que eu ainda confie em você, Naz."

Você não pode sorrir e agir como se me ama em um segundo e então destruir meu mundo no seguinte. Essas palavras me atingiram como um soco no peito. Alguém fez isso para mim uma vez, e eu certamente não o perdoei por isso.

"Eu nunca tentei ser alguém que não fosse," respondo. "Talvez eu não tenha mostrado todas minhas cartas logo de cara, mas eu nunca enganei você sobre o jogo que estávamos jogando."

"Não é para ser um jogo!"

"É nisso que você está errada," digo. "O mundo é um jogo Karissa. Há vencedores e perdedores na vida, e eu fiz tudo em meu poder

– e eu vou sempre fazer tudo ao meu alcance – para ter certeza que nunca vou perder. Talvez eu tenha que trapacear algumas vezes, e nem sempre eu jogo limpo, mas não posso. Não se eu quero sobreviver. Você pode me odiar por isso, mas não vai me impedir de proteger você. Não vai impedir de me certificar que você ganhe, também."

"E se você não puder?" Ela finalmente encontra meus olhos de novo. Ela está colocando tudo para fora na minha frente, seu coração em sua mão, arejando sua mágoa ao invés de guardá-la. "E se nós dois não pudermos vencer?"

"Eu já lhe disse o que acontece em seguida."

"O quê?"

"Eu lhe dou a tábua, Karissa."

Leva um momento para ela entender. A Tábua de Carneades. Se apensa um de nós pudesse sobreviver, quem seria? Algumas pessoas acreditam que assassinato é justificável quando é vital para se salvar. E enquanto eu não sou um que reprove roubar outra vida, há outras pessoas que eu nunca poderia me fazer tirar desse mundo.

Certas pessoas como ela.

Apenas ela.

Porque um mundo sem ela nele, não tenho certeza se é um mundo que vale a pena viver, de qualquer maneira. Eu já vivi uma vida de escuridão, anos onde o sol não brilhou em mim, e agora que já vi a luz do dia de novo, eu não acho que poderia virar minhas costas para isso.

Ela me encara, não se incomodando em limpar uma lágrima quando ela cai. Ela cai de seu queixo até seu colo quando ela balança a cabeça, como se não pudesse acreditar no que estou dizendo.

Ela não responde, não pressiona o assunto, enquanto se ajeita na cadeira e deita sua cabeça no braço dela, usando a superfície dura como um travesseiro improvisado. Meus olhos estão grudados em Karissa enquanto ela cai no sono.

Horas passam, cada tique do relógio é agonizante. Estou rígido e cansado, irritado e com dor, querendo estar em qualquer lugar menos nessa maldita cama.

As pessoas me deixam sozinho, vindo até a porta e olhando, mas seguindo em frente sem falar comigo. É fim de tarde quando Karissa acorda, alongando e bocejando, claramente desconfortável por dormir naquela cadeira.

Ela deveria estar em casa.

Nós *dois* deveríamos estar em casa.

"Você não sabe aonde as roupas que eu vim para cá estão, sabe?"

A atenção de Karissa volta em minha direção. "Elas estavam arruinadas."

"E você não me trouxe nenhuma extra?"

"Não," ela diz. "Por quê?"

"Por que eu gostaria de ir embora desse inferno."

"Você quer ir embora? Já?"

"Eu não deveria nem ter vindo aqui."

"Você estava ferido," ela diz incrédula, sentando ereta. "Tipo, muito ferido. Aqui é exatamente onde você precisa estar."

"Não há nada que eles possam fazer por mim," digo. "Eu não vou comer a comida deles ou tomar seus remédios, não vou dormir nessa cama com pessoas que não conheço andando ao redor. A única coisa que pode me ajudar nesse momento é descansar, e eu não vou conseguir isso aqui."

"Mas—"

"Olhe, eu vou sair daqui desse jeito se for preciso," digo, apontando para mim mesmo, "mas prefiro não ter que fazer isso."

Ela me olha com descrença. "Desse jeito?"

"Sim."

"Usando esse roupão?"

"Sim."

Sua expressão se abre com um pequeno sorriso, um que ela rapidamente tira, mas não rápido o suficiente. Eu vi, e esse sorriso é tudo o que preciso para diminuir um pouco da pressão em meu peito.

Balançando sua cabeça, ela estica as pernas para frente antes de se levantar. "Deixe-me ver o que posso fazer."

Ela sai, me deixando sozinho no quarto. Mais uma vez sozinho, aperto os dentes e me forço a sentar, mudando meu corpo para que minhas pernas caiam para o lado da cama. Aperto levemente o curativo na minha lateral, respirando profundamente, de forma constante, para tentar diminuir a dor.

Espero que ela vá demorar um pouco, e eu tenho que mijar como um filho da puta, então me forço para cima, segurando na cama enquanto me coloco de pé.

Minha visão embaça, e meu corpo queima quando ando através do quarto em direção ao pequeno banheiro do quarto, trancando-me dentro.

Eu me esforço para me aliviar, uma mão agarrando a pia, a outra apenas apontando vagamente no vaso enquanto mijo. Lavo minhas mãos antes de voltar, assustado com o som da voz assim que volto para o quarto.

"Whoa," Karissa diz, parada ao lado do batente. "Você está de pé."

"Você está de volta."

"Estou," ela diz, andando em minha direção. Seu rosto enrubescendo, aquele sorriso tocando seus lábios de novo.

"Aqui, achei esses."

Ela me entrega uma bola de roupas azul escuro – um par de roupas médicas. "Você pegou isso de um médico?"

"Peguei-as de *alguém*," ela diz. "Encontrei-as no armário dos funcionários no primeiro andar."

"Você as roubou?"

"Peguei emprestadas."

Balançando a cabeça, eu as analiso peculiarmente. Elas estão limpas e próximas de um caimento perfeito. Fazendo meu caminho para a cama, agarro o apoio para me firmar enquanto tiro o roupão, deixando-o cair no chão.

Karissa engasga, escondendo o rosto. "Você vai fazer isso bem aqui?"

Eu solto uma pequena risada, a risada aumentando a dor mais ainda. "Sim, bem, não há nada que você já não tenha visto antes."

"Talvez sim, mas o resto do mundo pode ver isso agora."

"Não tenho vergonha," digo, sentando na ponta da cama para tentar colocar a calça, mas é quase impossível. Não posso me inclinar para frente para puxá-la em minhas pernas. Meus olhos lacrimejam com agonia quando luto em silêncio por um momento, antes de Karissa segurar a calça, ajudando-me a vesti-la sem dizer nada.

Eu assumo quando está ao meu alcance, cobrindo-me, e seguro seu braço quando ela tenta se afastar. Seu rosto está vermelho brilhante, tímido, e ela evita me olhar nos olhos quando a puxo em minha direção.

"Não fique com vergonha," digo. "Eu certamente não estou. Além disso, eu consigo me lembrar de você tirando *suas* roupas ontem à noite."

"Você estava sangrando. Eu tive que usar alguma coisa."

"Continue dizendo isso a si mesma," digo, deixando-a ir. "Eu sempre soube que havia um pouco de exibicionismo em você."

Ela rola os olhos, mas não nega isso.

A camiseta é muito mais fácil de colocar do que as calças. Depois que estou vestido, eu me levanto, satisfeito que não estou mais indecente. "Obrigado por roubar as roupas para mim."

"Eu peguei emprestado," ela insiste novamente.

"O que você queira chamar isso, passarinha engaiolada," digo, olhando para ela e levantando uma sobrancelha. "Você está pronta para dar o fora daqui?"

Ela não responde logo de cara, contemplando minha pergunta, mas acaba dando de ombros como se fosse dizer, 'que diabos, vamos.' Eu a sigo para fora do quarto para o corredor cheio. Estou andando tão devagar como uma tartaruga, cada passo doloroso, mas me forço a continuar, meus pés descalços batendo contra a porra do chão sujo.

"Como chegamos aqui, afinal?" Pergunto quando seguimos para os elevadores.

"Ambulância."

"Você tem algum dinheiro com você?"

"Uh, não, acho que não."

Suspiro quando paramos em frente do elevador. "Vamos ter que achar algum jeito de ir para casa."

Assim que digo isso, olho para cima, meus passos vacilando quando vejo Ray parado no balcão das enfermeiras. Assim que o vejo, a enfermeira de plantão aponta em minha direção. Ray vira, vendo-me logo de cara.

Karissa para ao meu lado, dando um passo mais perto de mim quando ele se aproxima. Coloco meu braço ao seu redor, instintivamente, protetoramente, mas mais para me apoiar nela.

Estou instável em meus pés.

Ray ignora sua presença momentaneamente quando para na nossa frente, focado completamente em mim. Seus olhos me estudam, como se estivesse procurando por uma fraqueza. "Já está indo embora, Vitale?"

"Sim," digo. "O que você está fazendo aqui?"

"Vim apenas para checar você," ele diz. "Você fugiu ontem à noite, não tinha certeza do que aconteceu, mas ouvi que tinha sido baleado."

"Apenas uma ferida superficial," digo. "Já estive pior."

"Isso você esteve," diz ele, concordando. "Bem, vamos lá, deixe-me lhe dar uma carona para casa."

Começo a argumentar, mas não tenho um motivo para sustentar. O que posso dizer? Não temos outro jeito de ir para qualquer lugar. Eu cambaleio até o elevador enquanto Karissa permanece ao meu lado, nós três seguindo para uma limusine esperando, o motorista ainda aguardando atrás do volante.

É tenso, todo o caminho até o Brooklyn, enquanto sento no extravagante veículo ao lado de Karissa, e em frente de Ray. Ninguém fala. Ninguém sabe o que dizer. Minha mente é uma confusão de pensamentos, meu corpo uma agonia, meu peito pesado com as implicações.

Quando paramos em frente da minha casa, Ray limpa sua garganta. "Posso ter um pouco do seu tempo, Vitale?"

Hesitando, relaxo de volta no banco, acenando para Karissa seguir para dentro. Ela sai, fechando a porta atrás de si, e sentamos em silêncio por um momento. Olho para fora da janela, meu olhos mudando para o meu carro na garagem, sua lateral coberta com buracos de bala.

Ray parece apreensivo, seus olhos mudando de mim para o meu carro na garagem. "Quem fez isso?"

Uma mentira está na ponta da minha língua. Eu tento engolir de volta, mas ela se libera. "Eu não sei."

Eu nunca menti para Ray antes.

"Você não sabe?"

"Não," digo. "Eles me pegaram de surpresa, roubaram minha carteira e minhas chaves, então entraram em pânico e atiraram em mim."

"E você não sabe quem foi?"

"Não," digo. "Eu não sei."

Seus olhos encontram os meus de novo, cautelosos, e ele parece considerar tudo isso. Ele não acredita em mim, vejo isso em seus olhos, mas ele, também, sabe que nunca menti para ele. Ele não quer pensar que as coisas mudaram entre nós. Eu não quero pensar isso, também, mas eu sinto isso.

Eu sinto a mudança antes mesmo de ele abordá-la.

"Você está ficando mole, Vitale. Você deixou alguém atirar em você. Deixou-os roubarem você e fugir com isso."

"Só porque eles fugiram ontem à noite não quer dizer que eles vão escapar disso," digo. "Eu sempre consigo minha vingança."

"Vingança," ecoa Ray, soltando uma risada seca. "Estou começando a pensar que temos definições diferentes sobre isso. Pensei que vingança significava represália, justiça, olho por olho... Uma família por uma família... Não pegar a saída mais fácil."

Fácil. Balanço minha cabeça. "É ai onde diferenciamos, Ray. Você parece pensar que o que eu fiz foi fácil para mim, que deixar um plano que passei quase duas décadas traçando foi fácil, mas você está errado, porque não houve nada de fácil sobre isso. Eu ainda sinto como se tivesse falhado, como se não tivesse feito nenhuma justiça para Maria."

"Você não fez," ele diz, constatando um fato, essas palavras me perfurando como uma facada no peito. "Você mijou na memória da minha filha ao deixar Carmela viva."

"Sim, bem, isso é apenas temporário."

Depois de ontem a noite, não há alternativas sobre isso.

Não posso deixar Carmela continuar andando nas ruas depois do que fez. Eu tentei dar a ela uma chance, uma oportunidade de fugir pelo bem de Karissa, mas agora é tarde demais.

Ela cometeu um erro grave.

"E a filha deles?" Ray pergunta, virando para olhar para mim. Eu não olho em sua direção, mas pelo canto do olho posso ver sua expressão séria. "Karissa?"

"O que sobre ela?"

"Você vai apenas deixá-la viver," ele diz. "Você vai deixá-la continuar respirando, vivendo nessa casa que deveria ter sido da minha filha, dormindo na sua cama, dormindo com *você*, dando a ela a vida que minha filha deveria ter vivido, a vida que minha filha poderia ter vivido, teria vivido, e você vai dar a ela, porra? *Ela?*"

Cada palavra que sai de seus lábios me atinge, corroendo minhas entranhas como veneno, despedaçando-me com uma sílaba de cada vez. Ele não está dizendo nada que eu já não tenha pensado mais de uma vez, o sentimento de traição já existe dentro de mim, mas o tom acusatório com que ele fala, só piora.

Eu sinto que vou desmaiar.

"A filha do assassino da minha filha," ele murmura. "É isso o que você escolheu, quem você deixou substituí-la."

"Ninguém nunca vai substituí-la," digo, tendo que forçar as palavras através da onda de emoções em meu peito. "Eu não estou tentando substituir ninguém, mas não posso evitar sentir o que sinto por Karissa."

"Acho que não concordamos ai, também," diz Ray. "Você poderia ter evitado. Você poderia ter evitado tudo isso cortando a garganta daquela vadia como era esperado você ter feito. Não foi isso o que você disse, Vitale? *Fazê-la sufocar no sangue imundo que a criou.*"

Eu vacilo quando ele diz isso, a raiva em sua voz um eco da minha na primeira vez que eu disse exatamente essas palavras. Foi apenas alguns meses atrás, semanas que de alguma forma me transformou em alguém que eu não conheço. Entendo a confusão de Ray. Como ele pode entender o que eu ainda estou tentando chegar num acordo? Por quase vinte anos malditos, eu sonhei em deixar cada um deles sangrar até secar, e agora que está ao meu alcance, eu hesito.

Não, eu não hesitei.

Eu mudei de ideia.

Eu fiz uma reversão total, a porra de cento e oitenta graus, praticamente durante uma noite por causa de Karissa.

Ela não está apenas sob a minha pele, ela está em meus órgãos, enrolada em minhas células, infectando-me.

"Estou apenas tentando entender, Vitale," ele diz. "Apenas tentando entender como você pode suportar respirar o mesmo ar que essa garota e não passar cada segundo pensando que deveria ser minha filha respirando. Que deveria ser a sua filha, ou seu filho, ao invés da filha do Johnny. Como você pode estar com ela, foder com ela, fazer coisas com ela que você costumava fazer com a minha filha, e ainda não querer cortar a porra de sua garganta por ser tão injusto?"

Não tenho certeza do que dizer, como responder a isso. Eu fico sentado lá por um momento, sem me mover, ainda olhando pela janela. "Ela não era parte do plano original."

"Planos mudam."

"Exatamente," digo. "E eles mudaram de novo. Matá-la não me faria melhor do que Johnny, e esse não é o tipo de homem que sua filha amou em primeiro lugar. Matar Karissa não fará nenhuma justiça à memória de Maria. Matar Karissa só vai tornar isso pior."

Eu saio do carro, sem me incomodar em agradecê-lo pela carona. Eu começo a fechar a porta, ouvindo sua voz pouco antes de ela bater entre nós. "Outra coisa que teremos que discordar."

De pé na calçada, assisto quando a limusine se afasta, desaparecendo na rua. Balançando a cabeça, eu me viro para a casa, seguindo em sua direção.

A primeira coisa que vejo quando entro, a primeira coisa que meus olhos são atraídos, são as manchas de sangue seco por todo o chão em volta dos meus pés descalços. Eu encaro os riscos de vermelho escuro, suspirando exasperadamente, quando Karissa passa no hall de entrada para mim.

Eu fecho meus olhos.

Respirações profundas.

Inspire.

Expire.

Eu não posso limpar isso agora.

Farei isso mais tarde.

Não se preocupe com isso.

Quando reabro meus olhos, Karissa está bem de frente para mim. Ela se aproxima de onde eu estou, fixando as fechaduras na porta, enquanto corro minhas mãos pelo rosto.

É provavelmente sem sentido.

Não tenho certeza se Carmela sabe onde moro. Não está listado na minha carteira de habilitação, mas se ela souber, se ela descobrir, ela tem a chave para o meu lugar agora. Eu sei que ela é esperta, mas ela também provou ser destemida, e isso pode ser uma combinação fatal.

Como se eu já não fosse paranoico o suficiente antes.

Karissa me ajuda até o andar de cima o melhor que pode. Eu caio na cama de costas, as pernas penduradas para fora, conforme meus olhos fecham logo de cara. Eu não quero dormir, não deveria arriscar, mas não posso evitar. Ela diz algo para mim, sua voz gentil, seus dedos mais gentis enquanto percorrem meu cabelo caótico, mas não consigo entender.

A atração é muito forte para lutar.

Capítulo 07

Apareça como você deseja ser.

Eu durmo profundamente, longas horas perdidas no abismo, o tempo se esvaindo, antes de eu finalmente voltar à consciência. Eu fico na escuridão e encaro o teto conforme pisco rapidamente, tentando me recuperar.

Estou sozinho no quarto.

Minha cabeça está pendendo e meu corpo parece que está em chamas. Não me atrevo a mexer um músculo ainda, olhos seguindo o ventilador do teto enquanto gira, soprando um toque de ar frio em meu rosto suado.

Estou fraco – tão fraco que dói piscar, tomando cada gota de energia que tenho sobrando para respirar. Seria muito fácil para alguém acabar com a minha vida hoje. Estou vulnerável, e suscetível, ainda vivo no momento, mas sentindo como se já tivesse com um pé na cova.

Já me senti assim por um longo tempo, na verdade.

Pergunto-me quando o outro pé irá finalmente se juntar.

Ainda estou cansado, mas preciso ficar acordado, então fecho os olhos para me preparar, rangendo os dentes quando me forço para fora da cama. O tempo não espera ninguém. O mundo não vai simplesmente seguir e levar. Eu tenho que encarar isso de cabeça erguida, levantar-me e seguir em frente o quanto eu puder.

Não posso ser fraco.

Tenho que ser forte.

Minhas pernas parecem pesadas, mas meus passos são leves, lentos e calculados, quando faço meu caminho para o andar de baixo. Eu

sigo para a cozinha, a luz está acesa nesse cômodo, minha boca tão seca quanto areia, minha garganta como se tivesse sido raspada por uma lixa. Passando pelo batente, eu paro quando vejo Karissa de pé em frente ao balcão ao lado da pia, casualmente cortando alguns vegetais e os jogando em uma panela no fogão.

Ela luta com a faca enquanto massacra uma cenoura, os cortes irregulares, pedaços voando ao redor. Balançando a cabeça, entro na cozinha, observando-a com uma espécie de diversão mórbida. "Ninguém nunca ensinou você a usar uma faca?"

Minha voz parece ampliada pelo silêncio. Karissa pula, o som a pegando desprevenida. A faca escorrega quando ela leva até a cenoura, cortando bem a ponta do seu dedo. Xingando, ela deixa a faca cair instantaneamente no chão.

"Merda, merda, merda!" Ela solta pulando pela cozinha. "Jesus, Naz! Você me assustou!"

Não falo nada, parando ao seu lado, pego seu pulso e puxo sua mão para mim para ver o corte. Antes que eu possa dar uma boa olhada, ela se afasta, colocando o dedo cortado em sua boca, enrolando seus lábios ao redor dele com uma carranca no rosto.

Náusea me atinge. Eu quase posso sentir o gosto do sangue. *Nojento.*

Passo por ela para abrir a gaveta mais próxima da geladeira. Está cheia disso e daquilo, um pouco de tudo, uma das únicas gavetas da cozinha que não está vazia. Eu procuro dentro dela, puxando um pequeno kit de primeiros-socorros. Eu o coloco no balcão e o abro, pegando um band-aid.

Pego sua mão de novo, puxando seu dedo de sua boca. Eu o olho por um momento quando uma gota de sangue sai da pequena ferida. O corte não é tão fundo, ela não precisa de pontos, mas está obviamente doendo pelo olhar em seu rosto.

Por anos eu procurei esse sangue – cacei para que pudesse drená-lo, para parar o coração que bate nele, para livrar o mundo dessa linhagem vergonhosa. Nunca imaginei que uma pequena gota iria ter

tanto efeito, como sua dor, não importa o quão trivial, teria provocado esse mesmo tipo de dor em mim.

Karissa não me impede, observando em silêncio quando abro o curativo. "Você sabe, deveria ter alguma regra que diz que apenas um de nós está permitido sangrar por dia."

"É depois da meia-noite," ela sussurra. "Você ainda não sangrou hoje."

Ainda.

Rindo secamente, eu enrolo o band-aid em seu dedo, cobrindo a ferida. Trazendo seu dedo para meus lábios, eu beijo levemente antes de deixar sua mão ir. "É um pouco tarde para cozinhar."

"Seu, uh... Aquele medico passou aqui e deixou algumas receitas, e me deu algumas instruções... Você sabe, descansar, beber líquidos e coisas assim. Ele disse que você deveria tentar comer alguma coisa, mas que provavelmente não poderia lidar com muita coisa ainda, então apenas pensei..."

Ela para, ainda não respondendo minha pergunta. "Você pensou?"

"Eu pensei em fazer algum caldo."

"Caldo?"

"Uh, sim, acho que é mais como uma sopa desde que tem galinha, cenouras, aipo e—" Sua voz diminui quando se afasta de mim para mexer o que quer que esteja na panela. Ela desloca seu olhar em minha direção depois de um segundo e franze a testa com a minha expressão. "São apenas essas coisas, e um pouco de água e temperos. Apenas isso. Nada mais."

Eu realmente quero acreditar nela.

Eu realmente quero.

"Não tínhamos nenhum caldo no armário? Pensei que tivesse visto uma caixa disso em algum lugar."

Ela sorri. "Há certas coisas que você não deveria *nunca* beber de uma caixa, e caldo de galinha é uma delas."

"Suponho que vinho seja outro?" Pergunto, inclinando contra o balcão.

"Eu gosto de vinho de caixa," ela diz. "É barato e tem o mesmo efeito."

"Bem, eu não me importo com caldo de galinha de caixa," digo, dando de ombros quando me afasto do balcão. "Ainda não me matou."

Começo a sair da cozinha quando ouço sua voz, calma quando murmura, "*eu* não vou matar você, também."

Não me viro, fazendo meu caminho até a sala de descanso. O cheiro de água sanitária chega ao meu nariz assim que passo pelo batente da porta. Meus olhos se arrastam ao longo do chão até o sofá, absorvendo a área, antes de me virar e encarar a porta da frente.

Todo o sangue se foi.

Tudo parece estar de volta no lugar, limpo e higienizado, cada lembrança do que aconteceu aqui completamente apagada enquanto eu dormia no andar de cima. Um sentimento se forma na boca do meu estômago que eu instintivamente tento empurrar de volta, mas estou cansado demais para pretextos, drenado demais para vestir uma máscara.

Gratidão.

Ela limpou a bagunça que eu fiz, limpou o sangue derramado causado pelas mãos de sua mãe. Ela não tinha que fazer isso, mas fez.

Suspirando, entro na sala de descanso e me ajeito no sofá, inclinando minha cabeça e fechando os olhos, tentando respirar com as pontadas de dor. Eu deveria voltar para a cama, mas me sinto desconectado lá em cima, preso em um vazio onde o tempo não existe.

Eu fiquei sentado aqui por mais de alguns minutos, quase cochilando outra vez, meu corpo à beira de desligar enquanto tenta processar, quando sinto algo me cobrir. O material roça contra minha pele, suave, mas alarmante. Meus olhos se abrem, instantaneamente

encontrando os de Karissa conforme ela coloca um cobertor sobre o meu corpo.

Aquela gratidão aparece de novo, mas a empurro de volta. "Por que você está fazendo isso?"

Ela ajeita o cobertor antes de sentar com cuidado na pequena mesa bem na frente do sofá, tão perto que seus joelhos se encostam aos meus. É uma mudança surpreendente desde a última vez que sentamos nessa sala, onde ela fez tudo em seu poder para não ter nenhuma parte sua me tocando. Horas parecem semanas, dias como uma eternidade, mas eu sei que foi menos de quarenta e oito horas atrás.

Dois dias, e uma diferença tão drástica.

"Você estava tremendo," ela disse calmamente. "Imaginei que estivesse com frio."

"Não estou falando apenas do cobertor. Por que você está fazendo *tudo* isso?"

"Porque você está machucado. Você acabou de ser baleado, Naz. Apenas ontem. Você não deveria nem estar fora do hospital ainda, muito menos tentando andar por aí como se estivesse tudo bem."

"Mas eu estou," digo. "Estou bem, Karissa. Não é a primeira vez que isso aconteceu comigo."

"Eu sei."

"E provavelmente não será a última, também," continuo. "Posso cuidar de mim mesmo. Venho fazendo isso por mais tempo do que você está viva. Não preciso de você fingindo que se importa comigo agora só porque estou machucado, porque eu vou melhorar, querida. Estarei tão bom como novo, com ou sem a sua pena."

Ela afasta suas mãos, mágoa surgindo através de seu rosto que desaparece rapidamente em uma barreira de raiva. Os olhos apertados focam em mim quando cerra os punhos em seu colo. "Você *tem* que ser tão babaca? Só estou tentando ajudar."

"Por quê?"

"Porque você está *machucado*," ela diz de novo. "E independentemente do que você pensa, não é pena, ou o que diabos você queira chamar isso. Talvez você pense que não precisa de ninguém, e talvez não precise... Não sei... Mas isso não significa que você não *mereça* alguém. Você não precisa ficar sozinho ou cuidar de si mesmo agora, não quando outra pessoa pode fazer isso por você."

"Por que *você* faria isso? Por que iria me ajudar?"

"Porque é a coisa certa a fazer."

Eu a encaro enquanto pondero suas palavras. Ela me encara por um momento antes de desviar, olhando para longe quando balança a cabeça. Ela começa a se levantar quando solto um suspiro resignado. Estamos em um impasse, e nunca vamos quebrá-lo se um de nós não desistir.

Um de nós significa *eu*.

Ela está admitindo o máximo que pode.

"Não é sua culpa," digo calmamente, minhas palavras pegando sua atenção de volta. Sua testa franze quando eu continuo. Não contei para ela quem atirou em mim... Não contei para ninguém. Mas posso sentir a vergonha flutuando fora dela, indiferente. "Se você está fazendo isso por algum senso de culpa, se você acha que é porque me deve..."

"Não é isso," ela diz rapidamente, embora o tom de sua voz me diga que é, pelo menos parcialmente. "Eu pensei que estava vendo você morrer, Naz. Isso não é algo que eu quero passar de novo. E eu sei que você não confia em mim. Não sei se vai confiar em mim de novo, mas não estou tentando enganar você. Não estou tentando lhe machucar, ou fazer algo que não seja ajudar. Eu só quero ajudar você. Só isso. Você pode apenas… Dar-me o benefício da dúvida?"

Eu tenho meia dúzia de razões para não confiar nela, não acreditar numa única palavra do que ela diz. História certamente está do meu lado quando se trata dessa família. Mas acabei de dizer a ela que não foi sua culpa.

Segurar isso contra ela agora me faria ser menos homem do que eu tento ser... Menos homem que eu *quero* ser.

Inclinando minha cabeça para trás de novo, eu fecho meus olhos, pensando em suas palavras de alguns dias atrás sobre a máquina de café. "Obrigado pelo cobertor, Karissa. Eu aprecio isso."

Dar e receber, eu me lembro. Tem que haver dar e receber.

"De nada." Sua voz é calma. Eu sinto suas pernas rasparem nas minhas, sentindo o cheiro do seu perfume quando se aproxima, segundos depois sentindo seus lábios macios contra minha bochecha.

"Bons sonhos."

Bons sonhos. É um sentimento bom.

Mas meus sonhos nunca são bons.

Eu tenho apenas pesadelos.

Memórias.

A mesma, sempre, uma e outra e vez.

A dor.

A angústia.

Os tiros.

Bang

BANG.

Eu caio no sono de novo no sofá mesmo, dentro e fora da consciência pelo resto da noite, tentando mudar de posição, tentando ficar confortável, mas não encontro alívio em nenhum lugar. Alguma coisa me acorda por volta do amanhecer, o sol da manhã invadindo pelas janelas e iluminando o chão de madeira, deixando tudo ao redor em tons de ouro. Estou tremendo, meu coração batendo rapidamente, suor frio cobrindo meu corpo da cabeça aos pés.

Preciso de um banho.

E me barbear.

Alguma coisa.

Deito completamente imóvel, forçando meus ouvidos para tentar adivinhar o que me perturbou, engolindo de volta a onda de náusea quando percebo que foi a porta da frente.

Foi aberta e fechada, a tranca tilintando. Passos suaves descendo pela casa, contidos como se alguém estivesse tentando se esgueirar da sala para a cozinha, as coisas se deslocando, gavetas abrindo.

Forçando-me de pé, agarro a ferida na minha lateral, segurando-a como se estivesse tentando me segurar junto. Lentamente, eu faço meu caminho para fora da sala de descanso, em alerta, a visão embaçada e a cabeça confusa.

Estou uma bagunça fodida.

Se alguém tentasse me atacar agora, eles me derrubariam facilmente. Minhas piscadas são acentuadas pela escuridão, minhas reações lentas.

Faço meu caminho para a cozinha silenciosamente e paro no batente da porta, uma sensação de alívio acalmando a tensão em meus músculos quando vejo que é a Karissa. *Apenas Karissa.* Ela está usando um par de shorts jeans rasgado, mal cobrindo seu traseiro cheio de curvas, e uma regata branca que é quase pecaminosa.

Inclino-me contra a porta, incapaz de sustentar todo o meu peso em minhas pernas cansadas, enquanto a observo. Preciso de um pouco de energia de volta, e preciso disso rapidamente. Apenas cambalear até aqui levou tudo de mim. Algumas sacolas de mercado a cercam no chão enquanto passa por elas, puxando coisas para fora para guardar. Seus fones estão na orelha, o som fraco de música me atingindo.

Pergunto-me o que ela está ouvindo, mas nunca pergunto.

Ela pega uma caixa nova de cereal e fica na ponta dos pés para guardá-la no armário. Sua regata levanta quando faz isso, meus olhos atraídos para o pedaço de pele exposta. Ela pode ser autoconsciente do seu corpo às vezes, especialmente quando me pega olhando para ela,

puxando tecido para cobrir lugares que não quer que eu olhe. É sem sentido, porém, porque eu conheço cada centímetro dela.

Eu memorizei cada curva e rachadura, cada cicatriz e arranhão marcado em sua pele. É inesquecível, as covinhas na parte inferior das costas, cumes em suas costelas quando ela se estica, a tensão dos seus dedos quando prendem em mim, seus pés enrolados em mim quando prazer a preenche. Ela é perfeitamente imperfeita, até suas sardas espalhadas por suas costas e que pontilham suas bochechas coradas.

Tudo sobre ela é bonito para mim.

Mesmo quando ela está com a testa franzida, quando está brava e cheia de ódio. Ela é linda quando chora, quando está no auge da dor. Ela é linda quando sorri, quando ri de mim. Mas ela é a mais linda quando não está fazendo nada. Quando acha que ninguém está olhando, quando acha que está sozinha. Suas paredes estão para baixo, e a verdadeira Karissa brilha. Ela é pensativa e passiva, uma brisa calma no meio da tempestade que de alguma forma me deixa calmo. Ela se perde em algum lugar em sua cabeça, e tanto quanto eu odeio quando ela pensa demais, ela é linda demais quando faz isso.

Se eu fosse duramente pressionado para explicar porque eu me apaixonei por ela, essa seria minha resposta. *Porque ela é linda.* E não falo isso de um jeito superficial. Você não vai encontrá-la em uma capa de revista. Ela é mais do tipo que você encontra em um museu, em uma pintura ou em uma peça de literatura. Sua beleza está em sua alma.

Ela tem o suficiente disso por nós dois.

Karissa fica em seus pés de novo e volta para as sacolas, pulando quando me pega parado lá. Ela arranca os fones de ouvido, a música aumentando um pouco, quando solta um suspiro. "Jesus, você está praticamente inválido e *ainda* se esgueira perto de mim!"

"Um inválido?" Eu levanto uma sobrancelha. "Você está me chamando de inútil?"

"Bem..." Ela me dá um sorriso brincalhão quando se aproxima. "Se a carapuça serviu."

"Estou ferido."

"Você está," ela afirma, apontando para o meu lado. Sua expressão muda quando se aproxima mais, preocupação alinhando seu rosto. A tranquilidade some quando mais uma vez a turbulência assume. Parando na minha frente, ela coloca as mãos em minha bochecha. "Você está suando como um louco, Naz. O que você está fazendo aqui de pé?"

"Pensando o quanto você é bonita."

É a verdade.

Era exatamente o que eu estava fazendo.

Não acho que falei isso para ela o suficiente.

Ela revira os olhos, o rubor nas bochechas aumentando, quando se estica para sentir minha testa. "Você deve estar com febre."

Agarrando seu pulso, afasto sua mão de mim e balanço a cabeça. "Estou bem."

"É o que você continua dizendo." Ela dá um passo para trás e hesita antes de andar até onde sua bolsa está no balcão. Ela procura dentro dela por um momento, puxando dois frascos laranja de comprimido, e vira para mim. "Eu saí e peguei suas prescrições, peguei outras coisas enquanto esperava por elas. Não sabia que tipo de seguro você tinha..."

"Não tenho nenhum."

Ela olha genuinamente surpresa. "Nenhum?"

"Não."

"Você deveria ter um."

"*Você* tem um seguro de saúde?"

Ela não tem. Eu sei que ela não tem. Sua cabeça balançando não me surpreende. Seguro saúde significa registros, o que significa uma trilha de papeis que pode levar alguém diretamente até você.

"Bem, eu não preciso de nenhum," digo. "Meu medico aceita pagamentos em dinheiro ao invés disso."

"*De qualquer forma,*" ela diz, ignorando minha declaração enquanto segura os frascos de remédio. "Eu fui e paguei o preço cheio deles, você sabe, desde que não sabia se você tinha algum seguro, e eu não queria acorda-lo para perguntar."

"Eu agradeço isso, mas você não deveria ter se incomodado," digo. "Não tenho planos de tomar algum deles."

Sua expressão cai rapidamente quando olha entre o frasco e eu. "Se você está preocupado... Quero dizer, se você acha que *eu* mexi com eles, eu juro que não. Você pode contar as pílulas... Checá-las. Você vai ver."

"Não é isso."

"Então o que é?"

"Não gosto de ser medicado."

"Mas você precisa deles," ela diz, balançando os frascos para mim. "Um é antibiótico. Você não quer ficar mais doente. E o outro é apenas para dor. Eu sei que você *deve* estar com dor."

"Estou bem."

"Não, você *não* está," ela diz, levantando a voz, a última palavra rachando um pouco quando ela força de seus lábios. Posso ver o brilho em seus olhos de onde estou, lágrimas não derramadas crescendo nas bordas. "Você está sendo teimoso. Você não vai tomar minha sopa, não vai tomar seu remédio, não vai *descansar...* Eu tenho que brigar com você para você aceitar um maldito cobertor. Você me diz que *eu* penso demais nas coisas. Há! Olhe para *você*! Você é pior do que eu!"

Ela está gritando comigo.

Gritando.

Ela é linda quando grita, também.

Um sorriso surge em meu rosto, mas não faz nada para acalmá-la. Se faz, é deixa-la mais irritada. Ela encara o vislumbre dele, inclinando a cabeça enquanto me estuda. "O que você está sorrindo?"

"Você," admito. "Você ainda é tão bonita."

"E você é um maldito delirante," ela diz, sua voz séria quando se aproxima de mim de novo, empurrando os frascos em meu peito. Eu estremeço quando ela me acerta, quase tropeçando para trás, soltando um assobio baixo quando o choque em meu corpo faz o fogo na ferida queimar. Sua expressão muda como se ela tivesse sido encharcada com um balde de água fria, seus olhos se arregalando com arrependimento. "Sinto muito, eu—"

"Não se desculpe," digo, agarrando os frascos. "Imaginei que você gostaria de me ver sofrer."

"Sim, bem, você imaginou errado," ela diz. "Acredite ou não, não sou esse tipo de pessoa. Não sou uma sádica louca que gosta de ver os outros lutarem."

Eu a encaro quando ela dá um passo para longe de mim. Há um fogo nela hoje, mais forte do que já vi antes, mas não acho que ela tem isso nela para ser intencionalmente cruel. "Como eu, você quer dizer?"

"O que?"

Seguro os dois frascos na mão esquerda, alcançando ela com a direita. Ela se assusta quando corro meus dedos em seu pescoço, minha mão indo descansar na base de sua garganta. "Um sádico louco que gosta de ver os outros lutando."

"Não quis dizer isso. Não estava chamando você —"

Antes que ela possa terminar, puxo minha mão de sua pele e viro para longe dela, balançando os frascos. "Vou considerar tomar o antibiótico."

"E o para dor?"

"Não quero matar a dor," digo. "Se eu parar de senti-la, eu posso esquecer."

"Esquecer que está ferido?"

"Esquecer que *alguém* me feriu."

Ela não responde a isso, ficando em silêncio quando jogo o frasco de narcótico direto para a lata de lixo antes de colocar o antibiótico no balcão. Indo até a geladeira, pego uma garrafa de água e abro a tampa, tomando um gole.

"Masoquista," ela murmura. "É isso o que você é."

"Essas são algumas palavras muito poderosas para alguém que só usou suas primeiras palavras de segurança dois meses atrás."

Revirando os olhos, ela pega o frasco de remédio para dor do topo da lata de lixo e o coloca no balcão junto ao outro. "Apenas pense sobre tomar os dois, ok? Acho que você já sofreu demais. Não há razão para se torturar. Deus sabe que você *me* torturou o suficiente por nós dois."

Ela começa a se afastar quando encosto-me ao balcão ao lado da geladeira. "Parece que você está me chamando de sádico de novo."

"Sim, bem, como eu disse antes, se a carapuça serviu..."

Rio para mim mesmo quando ela sai, ficando lá por um momento, bebericando a água. Minha sede está insaciável, meu peito doendo e estômago rasgando enquanto tontura continua a me esmagar. Depois de um momento, afasto-me do balcão e caminho, fazendo lentamente meu caminho para o andar de cima.

Preciso desesperadamente daquele banho.

Ignoro o quarto, onde Karissa está deitada de costas e toda vestida, seu braço sobre seus olhos. Acho que ela dormiu menos do que eu nos últimos dois dias e não quero perturbá-la quando está tentando descansar. Ao invés disso, faço meu caminho direto para banheiro, fazendo uma careta no segundo que olho no espelho.

Já tomei um tiro de espingarda no peito e não fiquei tão mal assim.

Eu era mais novo na época, mais resistente... Ou talvez eu não tenha reparado em mim naquela época. O mundo girava em torno de tudo o que perdi, quando hoje o que importa é que eu ainda estou aqui. Estou caindo aos pedaços, e me sinto como merda, mas estou vivo, e respirando.

E alguém vai pagar por isso.

Luto para tirar a roupa de médico suada roubada que ainda estou usando, arrancando-a e a deixando em uma pilha no chão. Ligo o chuveiro, deixando a água esquentar, enquanto observo a atadura em minha lateral. Pego na fita cirúrgica, arrancando-a da minha pele. Puxo metade dela quando escuto uma batida leve na porta, meu nome chamado suavemente antes dela abrir.

Do canto de olho, vejo Karissa hesitar quando me vê de pé completamente pelado, mas apenas para por um segundo. Ainda estou puxando a fita, chiando enquanto tento arrancá-la, quando ela entra e tira minhas mãos do caminho.

"Deixe-me ver isso," ela diz, gentilmente puxando-a da minha pele, fazendo uma careta quando descarta o curativo no lixo. Dou um passo e vejo o estrago no espelho. A ferida na frente é pequena, um círculo perfeito onde a bala atravessou na pele, mas a parte de trás parece que explodiu de mim. O buraco irregular e disforme foi suturado por dentro.

"Oh Deus," Karissa sussurra. "Isso está horrível."

"Não está tão ruim," digo. "Vai curar rápido. *Tudo* vai se curar. Alguns dias, e não vou mais sentir. Uma semana ou duas, e tudo o que irá ficar será algumas novas cicatrizes."

Afasto-me dela e entro no chuveiro, não me incomodando em fechar a cortina, sem me importar que esteja derramando água por todo o chão. Estou cansado demais para me importar com algo hoje. Espero que Karissa me deixe em paz, saia do banheiro, mas ao invés disso ela se aproxima do chuveiro. "Posso ajudar você?"

"Não sei," digo. "Você pode?"

Ela hesita, vacilando por um momento, antes de alcançar a borda de sua regata e puxá-la, jogando-a no chão com minhas roupas. Viro minha cabeça, fechando os olhos, e solto um suspiro profundo quando ela se despe bem ao meu lado. Eu não olho – não posso. Ela entra no chuveiro atrás de mim, suas mãos instintivamente correndo pela minha espinha, enviando arrepio pelo meu corpo.

É agonizante.

Não é da minha natureza deixar alguém cuidar de mim. Não gosto de depender dos outros para qualquer coisa. Mas algo dentro de mim quebra com a sensação de suas mãos em minha pele, sua presença perto de mim, quando ela puxa a cortina do chuveiro, deixando nós dois nas sombras.

Ela me lava enquanto fico lá, gentilmente limpando o sangue em volta das feridas com um pano macio, tentando ao máximo para não me machucar ainda mais. Fico de baixo do jato, deixando a água cair sobre mim por um tempo, nenhum de nós falando, antes da tontura começar a ser demais. Afastando-me dela, sento na borda da banheira, inclinando minha cabeça contra a parede de azulejo.

Ela fica de frente para mim, de baixo do jato de água, e fica me olhando. Não importa o quanto eu tente não olhar, meus olhos percorrem seu corpo, bebendo cada pedaço do seu corpo, antes de encontrar seus olhos.

Ela não diz nada.

Não sei o que deveria dizer.

Ao invés disso, enrolo meus braços ao redor dela, puxando-a para mim, minha cabeça descansando contra seu estômago.

Ela corre suas mãos pelo meu cabelo, acariciando-o, enquanto fecho meus olhos, deixando-me, pelo momento, sentir isso.

Sentir tudo isso.

Cada pedaço.

Tudo que eu evito, afasto e ignoro.

Estou apaixonado pela única mulher que eu não deveria.

Nós somos uma tragédia em processo. O jogo de cabo de guerra que estamos jogando vai acabar nos destruindo, porque ela não tem isso nela para se render, e eu não posso deixar ir.

É outra coisa que eu amo sobre ela.

Há uma luta nela.

Mas é uma luta que vai nos destruir.

Porque eu tenho a mesma luta em mim.

Ainda não falamos. Eu a seguro, até que a água começa a ficar gelada, um frio no ar que causa um arrepio nela. Ela se afasta de mim, escapando dos meus braços, e sai do chuveiro. Eu permaneço lá por mais um tempo, ouvindo-a andar pelo banheiro, antes de eu me esticar e desligar a água.

Capítulo 08

Eu me dou mais um dia.

É isso ai.

Apenas mais um dia, antes da paranoia se tornar demais e eu não posso mais ficar aqui.

Visto minha expressão corajosa e me forço de pé. Há um inferno a pagar com cada pequeno passo que dou, mas continuo dando passos apesar disso.

Parece que há lava queimando em meu estômago.

Aperto meus dentes e não demonstro, mesmo quando minha visão fica borrada, mesmo quando minha cabeça fica girando, mesmo quando a dor faz meus joelhos quererem desmoronar em baixo de mim.

Karissa não está no quarto.

Está anoitecendo, eu acho, ou talvez perto do amanhecer. Não tenho mais certeza. Tudo o que sei é que a casa parece escura. Escura demais. Perdi horas, muitas horas, horas que me deixaram exposto e vulnerável. A sensação incômoda ainda me cerca, o silêncio ensurdecedor na ausência dela.

No começo, penso que ela foi embora, mas a luz fluindo para fora do banheiro empurra esse pensamento de volta para dentro de mim. Eu encontro a porta do banheiro encostada e eu a empurro, olhando para dentro.

Ela está na banheira.

Inclino-me no batente da porta e a observo por um momento. A água cheia de bolhas esconde as partes mais íntimas de seu corpo, mas posso ver o suficiente para minha imaginação tomar o controle.

Mais uma vez, estou impressionado com o quanto ela é linda.

O alívio de sua presença é o suficiente para acalmar um pouco a dor, pelo menos temporariamente. Ela está tão impregnada em minha vida nesses dias, enterrada tão fundo em meu coração, que eu acho que matá-la agora seria realmente a minha morte.

Eu consegui sobreviver da última vez que o amor me despedaçou.

Não sei se consigo sobreviver a isso novamente.

E isso é o que Ray não entende, eu acho.

Ray não entende mais o amor. Ele tem uma esposa e uma amante, centenas de homens obedecendo a seus comandos, mas não acho que ele já amou alguém além de sua filha. Amor o destruiu naquele dia, também, e ele nunca se recuperou.

Ele não entende como eu consigo.

Karissa está lendo, um livro velho familiar em suas mãos, um que reconheço apenas com um olhar. *O príncipe.* Já o li tantas vezes que posso literalmente citá-lo. Com base em sua testa franzida, seus lábios enrugados quando olha ameaçadoramente, eu diria que ela não o acha tão fascinante quanto eu.

Ela o está lendo, pelo menos.

Eu daria a ela algum crédito.

"O príncipe."

Minha voz soa ampliada no banheiro silencioso. Ela pula, assustada, não me notando até agora. O livro escorrega de suas mãos, atingindo a água com um respingo. Xingando, ela o agarra de volta antes de estar completamente submerso, lançando-me um olhar de pânico. "Merda, sinto muito, eu não queria—"

Eu levanto minhas mãos para pará-la. "Não se desculpe."

"Mas seu livro," ela diz, sacudindo a água dele. "Está molhado."

Eu ando até ela, dando de ombros. "É só um livro."

"É o seu livro favorito," ela diz. "Estou supondo, de qualquer maneira, considerando que metade dele está sublinhada, em destaque e você rabiscou tudo nas bordas. Ugh, e eu o estou arruinando... Sinto muito, de verdade. Eu não queria fazer isso, mas você me assustou. Como diabos você continua fazendo isso? Você pensaria que eu já estaria acostumada com isso agora."

"Você pensaria," digo, "Mas sua intuição está faltando."

Ela rola os olhos. "Oh não, eu a tenho, só está dando errado. Acho que estou ficando igual a minha mãe."

Hesitando, eu debato por um minuto antes de me afastar da porta e lentamente andar até ela. Rangendo os dentes com a dor aguda, eu sento lentamente na borda da banheira. Diminui uma vez que sento. "Por que você diz isso?"

"Ela estava sempre paranoica, você sabe, pensando que as pessoas a estavam observando e eu acho que no caso dela, eles meio que estavam..." Ela me dá um olhar acusatório. "Mas não sei... Continuo tendo essa sensação, também."

"A sensação de que alguém está observando você?"

"Sim. Eu senti isso ontem, quando fui à loja, e então hoje quando fui até a garagem e eu sei que é só uns dez passos de distância, mas eu apenas..." Ela para, franzindo a testa. "Acho que estou apenas ansiosa depois do que aconteceu com você."

Não é paranoia, eu acho, apesar de eu não contar a ela.

Não me surpreenderia nem um pouco se ela estava sendo seguida, se pessoas estavam a observando.

Isso me coloca no limite.

"O que você está fazendo, afinal?" Ela pergunta, mudando de assunto. "Por que você está mesmo fora da cama?"

"Eu tenho coisas para fazer."

"Sim," ela diz incrédula. "Como dormir, descansar e se recuperar."

"É apenas uma ferida," digo. "Quase não dói."

Ela rola os olhos, mas não discute mais comigo sobre isso, sua atenção voltando para o livro de novo. "Eu realmente sinto muito que molhei seu livro."

"Tudo bem," digo. "Posso comprar outra cópia."

Suspirando, ela fecha o livro, as bochechas ficando rosadas. "Mas você irá perder todas suas anotações."

"Bobagem." Bato em minha cabeça. "Está tudo aqui."

"Eu aposto," ela diz, segurando o livro para mim, oferecendo-o. Eu o pego, sentindo a capa encharcada. É velha e vintage, definitivamente arruinada. "Eu meio que senti que estava dando uma espiada em seu cérebro."

"E como foi isso?"

"Complicado."

Eu rio levemente, encolhendo-me. Merda, até *isso* dói. "Isso é bom ou ruim?"

Ela me oferece um encolher de ombro leve, se mexendo na água para puxar os joelhos mais próximos, enrolando os braços ao redor deles. Desconforto está rastejando enquanto ela tenta proteger suas partes de mim, partes que ela não quer que eu veja.

Ela é desnecessariamente autoconsciente, considerando que eu já conheço cada pedaço dela.

"Huh." Eu olho para o livro em minhas mãos enquanto considero isso. "Homens julgam mais pelos olhos do que pela mão, todos podem ver, mas poucos entram em contato com você."

"Você está...?" Ela gira os dedos em torno da água. "Você está dizendo que quer me sentir ou algo assim?"

Levanto-me de novo, balançando a cabeça. "Estou dizendo que você me tocou, Karissa. Você chegou mais perto do que os que podem apenas olhar. Por isso é complicado."

Saio, deixando-a em paz, não querendo que ela fique mais desconfortável do que já parece estar.

Largo o livro molhado na cômoda do quarto antes de seguir para o armário, tirando um terno. Ouço Karissa andar no corredor, vindo direto para o quarto atrás de mim. Lanço um olhar para ela quando ela para bem dentro do quarto, segurando uma toalha branca fortemente enquanto me encara.

Puxo a camisa do cabide e começo a colocá-la lentamente quando olho de volta para ela. É uma questão de segundos antes de estar de frente para mim, forçando minhas mãos para longe para fazer isso por mim. "Então, uh... Você está dizendo que *não* quer me sentir então?"

Seu jeito brincalhão me faz sorrir. É bom ouvi-lo de novo. "Não acho que você vá me ouvir dizer isso *alguma vez*."

Recuando um pouco, sento na borda da cama para puxar a calça antes de olhar para era de novo. Meus olhos traçam as frações expostas de pele à luz do luar antes de encontrar seus olhos. Ela está me observando curiosamente, testa ligeiramente franzida.

"Você tem certeza que está bem, Naz?" Ela me pergunta calmamente, aproximando-me, enrolando os braços em volta de si. "Eu realmente gostaria que você pegasse leve."

Olhando para ela, estudo seu rosto, absorvendo cada gota de sua expressão. Ela soa genuinamente preocupada comigo. Lentamente, minhas mãos a alcançam, começando em seus joelhos e subindo em suas coxas, escorregando sob a toalha e indo descansar em seus quadris. Eu a puxo para perto de mim, entre minhas pernas, e descanso minha cabeça contra seu estômago.

Novamente, ela não fica tensa ou me afasta.

Sem dizer nada, ela corre os dedos pelo meu cabelo.

"Eu vou ficar bem," murmuro quando fecho os olhos. "Vou relaxar quando tudo for resolvido."

"Quando *o que* for resolvido?"

Sento-me lá por um momento, sem responder, apenas saboreando tocá-la. Não dou a ela uma chance de se afastar de mim. Dessa vez, *eu* a soltei.

"Que horas são?" Pergunto, olhando através dela, procurando meu relógio, mas não faço ideia onde poderia estar, nem onde meu celular está. Estou tão desligado. Não soa como eu.

"Uh, sete horas, talvez."

"Da manhã ou da noite?"

Ela me olha incrédula. "Da noite."

"Você sabe onde meu celular está?"

"No andar de baixo," ela diz. "Em sua mesa na sala de descanso."

Concordando, levanto-me, fechando minha calça antes de passar por ela para procurar por algum sapato.

"Quando o que for resolvido?" Ela pergunta de novo. "Onde você está indo?"

Mais uma vez, eu não a respondo.

Ela me observa por um momento antes de se virar, pegando algumas roupas para ela e correndo para fora do quarto. Eu a ouço quando chega ao andar de baixo, tropeçando em coisas e batendo portas.

Ela está com raiva.

O que mais há de novidade?

Capítulo 09

Casas fazem barulhos, mudam e se ajeitam quando todos estão dormindo à noite. Eu comprei essa casa quando era nova, logo após o último prego ter sido colocado na parede. Antes de Karissa se mudar alguns meses atrás, eu era o único a ocupar esses cômodos, o único a andar por entre esses corredores ou cochilar na sala de descanso durante o dia.

Eu comecei de novo a partir do zero.

Sem memórias presas através desses pisos duros, sem histórias infundidas nessas paredes nuas, mas a casa continua a fazer barulhos a noite, gemendo como se estivesse de luto pelo o que nunca chegou a ser.

Por que paredes e um telhado? Eles não fazem de uma casa um lar.

Havia uma casa pequena no outro lado do Brooklyn, a uma curta distância da minha pizzaria favorita, que eu costumava pensar como um lar. Tinha um andar, um quarto, e a menor cozinha que já tinha visto, mas foi o primeiro lugar que já pude chamar de meu.

Foi o primeiro lugar que já me senti seguro e protegido.

O primeiro lugar que encontrei felicidade.

O primeiro lugar que senti o amor.

Mas não tinha nada a ver com o prédio que ali estava. Era o que existia dentro daquelas paredes que a faziam daquele jeito.

Eu vivi lá por menos de um ano... Menos de um ano antes do meu lar ter ficado sob ataque... Mas dezenove anos nesta casa nunca chegou perto de se comparar com o que tive lá. Eu entendi quando Karissa disse que um lar não era um lugar para ela, porque nunca foi um para mim, também.

Johnny tomou minha casa de mim aquele dia.

Eu a queimei depois disso.

"Acho que é verdade o que dizem."

O som da voz de Karissa chama minha atenção. Virando-me, eu a vejo parada atrás de mim, seus olhos treinados através de mim na porta da frente. O sol de início da manhã ilumina o espaço ao redor com um brilho laranja suave, fazendo as novas trancas douradas na porta brilharem. Eu passei a noite toda reforçando a casa, fazendo o possível para tornar o lugar seguro.

Não posso impedir Carmela de aparecer aqui, mas irei impedi-la de entrar caso se aproxime.

"E o que, exatamente, eles dizem?"

Os olhos de Karissa mudam da porta para encontrar os meus. Seu cabelo está uma bagunça, seu pijama amassado. Ela claramente acabou de acordar de um sono pesado, perdida em tranquilidade, enquanto eu passei as últimas horas mergulhando em paranoia. Cada vez que a casa rangia, eu quase arranhava meu caminho para fora da pele.

"A história se repete," diz ela, "Primeiro como tragédia, depois como farsa."

Karl Marx. Eu reconheço a citação.

Daniel Santino deve tê-la ensinado isso.

Huh.

Eu aceno para a porta da frente. "Algo sobre isso é engraçado para você?"

"Não realmente engraçado," ela diz, lentamente se aproximando. "É um pouco curioso, porém, que eu passei a minha vida inteira trancada atrás de cadeados e aqui está, acontecendo comigo de novo. Eu sempre soube que havia algo acontecendo quando minha mãe começou a comprar cadeados extras e os pregando nas janelas. É só um pouco de *déjà vu* ver você fazendo a mesma coisa."

Hesitando, alcanço um molho de chaves no meu bolso. Eu jogo para ela sem avisar, e ele atinge o chão de madeira em seus pés com um tinido. Abaixando-se, ela o pega, olhando-me curiosamente.

"Você não está presa aqui, Karissa."

Seu punho fecha ao redor das chaves, seu olhar me queimando quando levanta uma sobrancelha, em silêncio por um momento antes de perguntar, "Não estou?"

"Não, você não está. Você pode sair de casa sempre que quiser."

"Posso?"

"Claro," digo. "Não quer dizer que não irei segui-la, embora."

Ela me encara por um momento antes de olhar para longe, focando de novo nas trancas da porta. "Retiro o que disse."

"Retira o que?"

"*É* engraçado," ela diz, apesar de não ter humor em sua voz. "Toda a razão pela qual eu estive crescendo presa era por sua causa, e aqui estou eu, presa mais uma vez, tudo por sua causa. Irônico, você não acha?"

"Não faz você se sentir como uma música da Alanis Morissette?"

Sua testa franze. "Quem?"

Balançando a cabeça, ando até ela. "Deixa para lá. Algumas vezes esqueço o quão jovem você é."

Seus olhos encontram os meus mais uma vez. "Não sou jovem. Você é apenas velho."

"Huh." Eu paro bem de frente para ela. "Eu me lembro de uma vez, não muito tempo atrás, você foi inflexível que eu não era velho. Mas de novo, foi na mesma noite que você me falou para ficar, e você têm falado muito sobre como se arrepende dessa noite. Acho que não deveria ficar surpreso se você retirar tudo o que disse."

Ela devolve meu olhar por alguns segundos antes de fechar os seus e olhar para longe. Eu não demoro muito, passando por ela em meu caminho para a sala de descanso. Estou exausto, não querendo mais nada além de me jogar na cama e dormir por dias a fio, mas ainda há muito que fazer.

Desperdicei tempo demais ficando inconsciente.

Estou sentado em minha mesa, no telefone com a American Express quando Karissa aparece. Espero que ela tome um lugar no sofá, ligue a televisão e faça tudo o que costuma fazer, mas me surpreende ao se aproximar da minha mesa, ao invés disso. Ela se empoleira no canto enquanto me inclino na cadeira.

"Preciso cancelar meu cartão e pedir um novo," digo à pessoa no telefone. "Também preciso saber se ele foi usado recentemente."

A moça me dá o discurso usual sobre prazos e segurança quando olha meu histórico. Última vez usado em um posto de gasolina no limite norte da cidade na noite em que foi roubado. *Huh.*

Desligo uma vez que foi resolvido e continuo a observar Karissa conforme olha fixamente para fora da janela atrás de mim. Ela está mudando sua rotina por minha causa, mas não mudou muito realmente. Não realmente. Não quero que ela se sinta como uma prisioneira, mas é óbvio que ela se sente presa.

Ela até disse isso a si mesma.

"Eu tenho algo para você," digo.

"Eu não—"

"Quer nada de mim," digo, terminando seu pensamento. "Você não quer nada de mim, já entendi."

"Na verdade, eu ia dizer que não preciso de nada."

"Ok, bom, porque eu acho que você vai querer isso."

Abrindo minha gaveta de cima, eu puxo o recibo da Universidade de Nova York e seguro para ela. Ela o pega, lentamente o abrindo enquanto fecho a gaveta de novo. Seu olhar vai para o recibo

enquanto o agarra com força. Seu olhar fita o papel enquanto lê. "Você pagou meu curso?"

"Sim."

"Mas como você soube? Quero dizer, como você…?" Ela para, balançando a cabeça. "Deixa pra lá, o que você *não* sabe quando se trata de mim."

Não muito, acho, mas vou aprender o resto eventualmente.

"Você não tinha que fazer isso," ela continua, olhando-me enquanto dobra o recibo de volta. "Eu não ia pedir para você fazer isso."

"Eu sei," digo. "Mas você arriscou muito para chegar a NYU, então se a faculdade é importante para você, você deve continuar."

Ela deve estar sem palavras, sua boca abrindo e fechando algumas vezes. Depois de algumas tentativas falhas de resposta, ela simplesmente olha para longe, desistindo temporariamente de tentar uma conversa.

Eu sei que ela está grata, mesmo que não diga isso.

Suspirando, empurro minha cadeira para trás e me levanto de novo, balançando um pouco. Agarro a mesa ao lado dela e fecho os olhos, tomando algumas respirações profundas para me estabilizar. Quando reabro meus olhos, eu vejo que ela está me observando, mas não demoro. Não preciso que ela se preocupe.

Saio da sala de descanso sem outra palavra.

Eu vou para o andar de cima para tomar banho, ficar no jato intenso de água gelada e esperar que isso me deixe acordado, antes de seguir para o quarto e me trocar. Estou atordoado quando visto distraidamente outro dos meus ternos, apenas prestando atenção vagamente quando dou nó em minha gravata preta. Sento-me na ponta da cama com meus sapatos quando olho para a porta, Karissa aparecendo de novo. Ela hesita na minha frente, inclinando-se no batente da porta.

Ela ainda tem algo a dizer.

Acho que ela finalmente achou as palavras.

"Você não veio dormir noite passada."

Eu dirijo meus olhos até ela. "Estou surpreso que você notou."

"Eu sempre noto."

"Então estou surpreso que você se importa."

"Eu sempre me importo, também."

"Sim, talvez você se importe," murmuro, colocando meus sapatos antes de soltar uma risada fraca. "Algumas vezes você se importa porque não me quer lá."

Ela não discute isso, suspirando dramaticamente quando me levanto cuidadosamente para pegar meu casaco. "Você está indo para algum lugar? *De novo?*"

"Tenho que ir resolver as coisas com o meu carro," digo. "Eu também preciso de uma carteira de motorista nova e lidar com o que quer que tinha em minha carteira."

"Isso não pode esperar?"

"Não," digo. "Não pode."

"Então você ficará fora por um tempo?"

A pergunta me faz olhá-la peculiarmente enquanto coloco meu casaco. "Talvez."

"Oh."

"Planejando dar uma festa em minha ausência?"

Planejando fugir assim que eu não estiver aqui.

"Claro que não," ela diz calmamente. "Eu só pensei, você sabe, talvez eu pudesse ir com você."

Meus dedos param quando estou fechando os botões. "Você quer ir comigo?"

"Se você não se importar... A não ser que você vá fazer algo, bem, você sabe..."

"Ilegal?" Adivinho, balançando minha cabeça quando ela acena com a sua em confirmação. "Isso tudo vai ser chato e honesto. Sem contornar qualquer zona cinzenta hoje, passarinha engaiolada. Promessa de escoteiro."

Ela sorri ligeiramente. "Você era um escoteiro?"

"Sim," admito, arrumando meu casaco, alisando o tecido. "Durante todo o ensino fundamental."

"Sério?"

"Sim."

"Você deve ter uma coisa para entrar em organizações."

Apesar disso, eu dou risada. Tenho uma regra contra falar sobre o que faço no trabalho, contra até mesmo reconhecer verbalmente que eu tenho um papel no mundo de crime organizado, mas ela não é idiota, e estou cansado em esconder quem eu sou.

Ela me viu.

Ela sabe.

"Sim, bem, eu gosto de pensar que é mutuamente benéfico," digo. "Eles me ensinam o que querem que eu saiba, e eu uso o que aprendi para ajudá-los no que eu posso."

"O que os escoteiros ensinaram a você?"

"O básico," digo. "Dar nós, caçar, acertar alvos, fazer fogo... *Sobreviver.*"

"E a, uh... Outra organização?"

Eu considero isso. "Praticamente as mesmas coisas."

Ela me olha com cautela. "Você deve ser bom com tanto treinamento."

Aproximo-me dela, parando bem em sua frente, tão perto que as pontas dos meus pés encostam-se aos seus. Ela me encara, sua expressão séria enquanto morde o interior de sua bochecha.

Cuidadosamente, eu a alcanço, correndo a ponta dos dedos ao longo de sua mandíbula enquanto seus lábios se contorcem. "O que eu disse sobre perguntar coisas como essa?"

"Que eu deveria ter cuidado com o que pergunto," ela diz calmamente. "Que as respostas nem sempre são bonitas."

"Exatamente."

"Mas eu não estava perguntando nada," ela diz. "Não era uma pergunta."

Você deve ser bom com tanto treinamento.

Não, não era uma pergunta.

"Você alguma vez já ouviu a expressão '*mais é aprendido do que ensinado*'?" Pergunto. Ela balança a cabeça, e eu me inclino mais perto, deixando minha voz mais baixa, sussurrando para ela. "Você pode aprender mais assistindo o mundo a sua volta do que qualquer um poderia sonhar em lhe ensinar. Eu sou bom, tudo bem, mas não tem nada a ver com algum tipo de treinamento. Eu sou bom, porque o mundo me mostrou como ser. Muito poucos já testemunharam meus melhores truques, Karissa... Menos ainda sobreviveu para se lembrar deles."

Seus músculos ficam tensos... Posso vê-los tencionando enquanto ela tenta ficar parada, mas minhas palavras enviaram um arrepio através dela. Eu me afasto, virando para a porta.

"Estarei lá em baixo," digo. "Se vista se quer ir comigo hoje. Depende de você."

Eu não espero que ela realmente venha perto; não espero que ela mostre seu rosto de novo antes de eu sair.

Depois de recuperar um pouco de dinheiro do cofre na sala de descanso, achar minha chave reserva e pegar meu passaporte e o cartão do seguro social como identificação, eu sigo para a porta da frente e ando até a garagem, observando meu carro.

Alguns buracos de bala cobrem a porta do motorista, mas um calibre 22 não é páreo para o metal blindado de uma Mercedes S-Guard.

Eu comprei esse carro porque é indiscutivelmente o mais seguro no mercado. Não é a prova de balas, porque nada é a prova de balas. Uma arma suficiente forte pode atravessar até mesmo o Kevlar [4] mais resistente, até mesmo demolir a estrutura mais resistente, mas é resistente para o que quer que venha em minha direção. A janela lateral levou a pior disso, uma rachadura de teia de aranha filtrando ao longo do vidro temperado.

Eu alcanço a maçaneta da porta, abrindo-a, e congelo quando olho dentro. Manchas de sangue marcam o couro, mas elas são apenas isso... *Manchas*.

O carro foi limpo.

Eu escuto um barulho atrás de mim enquanto estou olhando o interior e me viro rapidamente – *muito* rapidamente – e quase tombando com o choque de dor. Eu agarro a porta, apertando-a com força, e fecho os olhos para fazer o mundo parar de girar.

Quando reabro os olhos, eu vejo Karissa parada lá.

Ela está usando um par de jeans e uma regata preta justa, botas pretas altas e um lenço rosa. Seu cabelo está puxado de lado, com uma trança frouxa sobre o ombro, apenas um toque de maquiagem em seu rosto. Ela se parece muito com a mulher que encontrei pela primeira vez, a que me encantou.

Ela prova que eu estou errado novamente.

"Eu tentei limpar o sangue, mas ele ficou por muito tempo e eu não sabia o que usar," ela diz, apontando para dentro do carro. "Eu pensei... Bem, eu imaginei que você tinha mais experiência com isso do que eu."

Não há um pingo de sarcasmo nessa afirmação.

É a verdade, de qualquer maneira.

"Você não deveria."

[4] Fibra leve e resistente usada na fabricação de diversos artigos de vestuários, acessórios e equipamentos seguros e resistentes a cortes. Mais conhecida por ser usada em coletes a prova de balas.

Ela dá de ombros. "É o mínimo que eu podia fazer."

Não, realmente, ela não deveria...

Suspirando, volto para o carro, ignorando as manchas quando subo atrás do volante. Eu espero até que ela esteja afivelada no banco de passageiro antes de ligar o motor e sair.

Karissa está quieta conforme eu corro pela cidade, gastando uma quantidade enorme de tempo tentando tirar uma nova cópia da minha carteira de motorista no DMV.[5] Ela se senta ao meu lado o tempo todo, seguindo-me de um lugar para o outro, sua presença estrondosa mesmo que não esteja falando nada.

"Apenas mais uma parada," eu digo a ela finalmente. "Preciso do carro arrumado."

Seus olhos seguem para a janela rachada. "Nós vamos para a Oficina Donizetti's?"

Minha testa franze. "Onde?"

"Donizetti's," ela diz novamente antes de olhar para mim. "Acho que é assim que se chama. Eu encontrei o cartão de negócios..."

Ela começa a alcançar o console central, e meu estômago cai, percebendo sobre o que ela está falando. *Merda.* Antes que ela possa pegar o cartão, eu a paro, fechando o console mais uma vez enquanto balanço a cabeça. "Eu tenho todo o trabalho feito na concessionária."

"Oh." Ela se ajeita no banco novamente. "Eu achei que ele fizesse o serviço para você."

Eu não digo nada para isso.

Fico aliviado por ela esquecer o assunto.

É final de tarde quando chegamos à concessionária da Mercedes em Midtown East. O saguão está calmo, apenas algumas pessoas ao redor, conversando com vendedores ou à espera de seus carros. Um brilho azul estranho rodeia a mesa enquanto estou na frente

[5] Departamento de Veículos Motorizados. O DETRAN no Brasil.

dela, inclinando-me contra ela, esperando enquanto a recepcionista procura um espaço na agenda para me encaixar.

"Vai levar apenas alguns minutos, Sr. Vitale," ela diz, os lábios vermelhos brilhantes sorrindo amplamente, piscando inexplicavelmente seus dentes brancos para mim. É forçado e falso, o tipo de sorriso que é comprado e pago para isso. Odeio quando as pessoas sorriem sem necessidade, como se seus rostos fossem fantoches e a corrupção puxa as cordas. "Apenas tome um lugar e alguém estará com você."

Ela pega minha única chave reserva e anda para longe enquanto solto um suspiro e me afasto da mesa. Karissa está sentada em uma cadeira azul do outro lado do lobby, bem de frente para a televisão, mexendo distraidamente.

Sigo até sua direção, e ela olha para mim, mas passo por ela até o balcão ao lado, para o pequeno espaço de Dean & DeLuca[6], pegando dois copos de expresso antes voltar até Karissa. Ela me olha com cautela enquanto seguro um deles para ela.

"Aqui," digo. "Nós podemos ficar aqui por um tempo."

Eles dizem minutos quando é sempre mais como horas.

"Obrigada," ela diz calmamente, pegando o copinho de plástico, dando um pequeno sorriso com gratidão. Diferente do outro que recebi alguns minutos atrás, esse é genuíno.

Eu gosto desse sorriso.

Sinto falta dele.

"De nada," digo, sentando na cadeira ao lado dela, esticando minhas pernas enquanto tomo um gole do expresso. É mais grosso que o habitual, um pouco mais amargo. Faço uma careta, o gosto persistindo em minha boca, e olho para Karissa para vê-la fazendo o mesmo.

Ela torce o nariz. "Esse café é horrível."

"É expresso."

[6] Loja de conveniência famosa nos EUA.

Ela zomba, tomando outro gole. "Mesma coisa."

"Mesma coisa? Sério?" Balanço a cabeça. "Você é uma vergonha para os italianos em todo lugar."

Ela ri. "Uma coisa boa que não sou realmente italiana."

"Oh, mas você é," digo a ela. "Seu pai era um cidadão italiano, então por padrão você seria também."

Ela hesita, tomando outro gole. "Minha mãe também é uma cidadã italiana?"

"Uh, não, ela não é," digo, encostando-me na minha cadeira enquanto a considero. "Os pais dela... Seus avós, sendo assim... Eram segunda ou terceira geração."

Os olhos de Karissa se arregalam. "Meus avós?"

"Sim," digo. "Você tem alguns deles, sabe… A maioria das pessoas tem."

Posso dizer olhando para ela que ela nunca pensou sobre isso, nunca considerou o fato de que teria mais família.

"Eles estão mortos, no entanto, certo?" Sua voz é calma. "Crescendo, minha mãe sempre me disse que seus pais haviam morrido."

"Sim, eles morreram em um acidente de carro."

"Então ela não mentiu para mim sobre isso, pelo menos."

"Eu suponho que sim," digo, batendo meus dedos contra o braço da cadeira. "Embora, você sabe, Carmela não é sua única parente. A mãe de Johnny ainda está por aí."

"Sério?"

"Sim, ela mora próximo de Harlem[7]. Ela é uma bruxa amarga, chutou seu pai para fora em sua bunda quando ele tinha apenas dezesseis anos, mas ela ainda está por aí. Seu nome é Janice."

"Janice," ela murmura. "Interessante."

[7] Bairro de Manhattan em Nova York.

Enquanto estou sentado aqui, tomando o expresso, a mulher do balcão da frente se aproxima, aquele sorriso falso ainda grudado em seu rosto. "Sr. Vitale, você tem alguma identificação com você? Preciso de uma para verificar se você é o dono, assim podemos pedir uma nova chave da sede."

"Sim." Alcançando o bolso do meu casaco, pego o papel do DMV, a autorização de condução temporária até a minha nova licença chegar, e entrego meu passaporte junto com ele, no caso de ela precisar de uma foto. Ela se afasta com os dois, retornando um minuto depois e os entregando de volta para mim.

Eu começo a guardá-los em meu bolso quando a voz de Karissa corta o silêncio. "Posso ver?"

Volto meus olhos para ela. "Ver o que?"

"Seu passaporte."

Eu hesito, mas imagino que não há nenhum mal em deixá-la olhar. Qualquer coisa que ela irá ver nele são coisas que eu diria se ela perguntasse. Eu o levanto e ela o pega, colocando seu expresso para baixo.

Continuo bebendo o meu.

Ela abre o passaporte e imediatamente cai na gargalhada, o som me atravessando, aliviando a tensão em meus músculos. Eu sei exatamente sobre o que ela está rindo antes de ela dizer alguma coisa. "Michele? Seu nome do meio é *Michele*?"

Ela o pronuncia como a maioria dos americanos, feminino e suave, sua risada aumentando enquanto repete uma e outra vez. *Michele.*

"Não é Mah-shell," digo, corrigindo-a. Quantas vezes eu disse essas palavras enquanto crescia? "É Me-kale-ah. É a forma italiana de Michael."

"Você é italiano?"

"Claramente."

"Não, quero dizer, você é um cidadão como meu, uh... Johnny? Eu imagino que você seja, com um nome como o seu, mas você tem um passaporte americano, então..."

"Oh, não," digo. "Nova Iorquino, nascido e criado."

"Então seus pais apenas como, uh... Nomes tradicionais?" Ela pergunta, tropeçando na palavra tradicional enquanto tenta controlar seu riso. "Nomes como Michelle?"

Ela ri de novo, mais alto dessa vez, quando intencionalmente pronuncia errado meu nome do meio. Aproximando-me, eu agarro o passaporte para fechá-lo, mas ela o agarra apertado, lutando por controle. "Não, espere, não terminei."

Saindo do meu agarre, ela muda seu corpo para que fique fora do meu alcance. Balançando minha cabeça, relaxo de volta na cadeira, desistindo. Não tenho isso em mim para ficar irritado e com raiva, mesmo quando ela ri para si. É preciso uma alma corajosa para me insultar. Ela sabe quem eu sou, e do que sou capaz, mas ela não está com medo da minha reação.

Bem no fundo, ela não está com medo de mim.

Ela está esquecendo de novo, eu acho. Esquecendo que deveria me odiar. Esquecendo o tipo de monstro que eu posso ser.

Eu não consigo ficar chateado nem um pouco com isso.

Isso me faz sorrir, mesmo que seja à minha custa.

"Não, sério, porque o nome italiano hardcore?"

"Você vai ter que perguntar aos meus pais," digo. "Não tenho nada a ver com isso."

"Como é o nome dele?"

"O nome do meu pai é Giuseppe."

"E o da sua mãe?"

Eu hesito, sabendo que ela vai rir de novo, mas posso sentir seu olhar enquanto ela espera por uma resposta. Eu termino meu expresso

em silêncio enquanto o revendedor que sempre lida com meu carro entra no lobby, seu olhar observando a área antes de parar em mim.

"É Michelle," digo, pronunciando do jeito feminino. "Seu nome é Michelle."

Levantando-me, jogo meu copo no lixo quando Karissa cai na risada, assim como eu sabia que iria. Meu nome pode ser o equivalente italiano de Michael, totalmente masculino, mas é inegável – foi me dado esse nome em homenagem a minha mãe. Ela ri muito e forte enquanto me aproximo dela, inclinando-me cuidadosamente, minhas mãos nos braços da cadeira em ambos os lados dela. Ela me olha, um contratempo em seu riso enquanto inala acentuadamente.

Eu me movo lentamente em sua direção, lentamente, minha expressão mortalmente séria.

"Continue rindo," digo, encarando-a nos olhos, a ponta do meu nariz esfregando o seu quando me movo até a sua orelha, sussurrando, "vamos ver o quão engraçado você vai achar meu nome na próxima vez que eu fizer você gritá-lo."

Seus olhos se arregalam, sua diversão desaparecendo rapidamente, um rubor subindo em suas bochechas. Afasto-me dela, virando para o revendedor. Ele sorri para mim – outro sorriso falso e forçado que eu sempre recebo nesse lugar, enquanto segura alguns papéis, incluindo a conta e a minha chave reserva.

"Eu pedi uma chave substituta, mas não vai estar aqui em uma semana ou algo assim," ele diz. "A que você tem aqui ainda vai funcionar bem. Eu desativei remotamente a chave que foi roubada, então não vai mais poder ligar o carro. Mas pode, entretanto, destravar as portas e o porta-malas, mas, nesse caso, o alarme soará, e nada além de você desligando-o com sua chave irá pará-lo. Podemos marcar uma hora para ter as fechaduras manuais trocadas, se você quiser."

"Irei pensar sobre isso," digo, concordando enquanto me afasto. "Obrigado."

Eu ando de volta até Karissa quando o revendedor chama meu nome. "Uh, Sr. Vitale, sobre os danos. Os, uh... Buracos de bala."

Os olhos de Karissa mudam para mim quando ele diz isso. Eu me afasto dela de novo para olhar para o homem. "O que tem sobre eles?"

"Você gostaria que arrumássemos?" Ele pergunta. "Não há nenhum dano interno, claro, desde que é um S-Guard... E graças a Deus por isso, certo? Mas a oficina pode lidar com o dano visual."

"Talvez em alguma outra hora."

Eu sigo para o balcão principal e pago a conta, puxando o dinheiro direto do meu bolso, lamentando pela perda da minha carteira, antes de seguir até Karissa. Sem dizer nada, eu aceno para ela me seguir, e nós dois seguimos para fora da concessionária até onde meu carro está parado perto das portas de serviço da garagem. Eu abro o lado do passageiro para ela, e ela para, olhando-me com cautela. Posso ver a curiosidade em seus olhos, e eu tenho todas as respostas do mundo, mas ela nunca faz as perguntas certas.

Sem comentar, ela desliza pelo lado do passageiro, deixando-me fechar a porta. Eu subo atrás do volante e ligo o carro, mesclando pelo tráfico de Manhattan logo em seguida.

Ela senta-se no banco de couro fresco, ainda segurando meu passaporte. Ela o abre de novo enquanto dirijo, lendo através das páginas, um olhar pensativo em seu rosto. "Sem Itália."

"Desculpa?"

Ela levanta o passaporte. "Não há carimbos da Itália aqui."

"Oh, sim, eles nunca se incomodaram em carimbá-lo."

"Por quê?"

"Eu não sei." Nunca dei muita importância a isso, sempre grato por passar direto quando aterrissava em Roma. "Por que isso importa?"

"Porque você me disse que foi à Itália."

Eu viro para ela quando paro em um sinal vermelho, surpreso com seu tom acusatório. "Eu fui."

Ela parece dividida quanto à possibilidade de acreditar ou não em mim, e eu percebo então porque isso importa tanto. Ela ainda está procurando por uma razão para duvidar de mim, procurando por uma justificativa para me odiar, agarrando qualquer pitada de ceticismo que vem junto para tentar convencer a si mesma de que não deveria me amar.

Ela não quer me amar.

Eu não a culpo.

Mas a verdade é que ela ama.

Ela me ama.

E ela provavelmente odeia essa verdade mais do que me odeia na maioria dos dias.

Olho para longe dela quando a luz fica verde. Ela parece, pelo momento, decidir acreditar no que estou dizendo. Ela olha de volta para o passaporte, olhando os poucos carimbos que juntei antes de fechá-lo.

Ela o joga no console central e fica confortável no assento, mudando seu corpo e encostando-se à porta para olhar pela janela. "Seus pais ainda moram em Nova York?"

"Sim."

"Aqui na cidade?"

"Sim."

"E você não os vê?"

"Não."

"Por que não?"

Eu suspiro quando paro em outro sinal vermelho. O tráfego está intenso hoje. Vai levar um tempo para voltar ao Brooklyn neste ritmo. Estou exausto, enjoado e meu corpo está começando a doer.

Volto meus olhos para ela, vendo seu olhar interrogativo. "Você tem certeza que não está escrevendo um livro sobre a minha vida?"

Ela revira os olhos. "Estou apenas tentando descobrir quem você é."

"Você sabe quem eu sou."

"Não, eu não sei." Sua voz tem um tom duro, uma leve amostra da raiva que faz minha pele arrepiar. "Você é como uma caricatura para mim, Naz... Você é um contorno de um homem, um rascunho vago de uma pessoa e, eu estou apenas tentando preencher o resto da imagem, adicionar um pouco de cor entre todas essas linhas pretas, e eu não sei como fazer isso, como descobrir quem você realmente é, sem bisbilhotar você."

"O que você quer saber?"

"Tudo," ela diz. "Eu quero saber tudo sobre você. E eu sei que você me disse que as respostas podem não ser bonitas, mas eu não me importo. Se vamos ter alguma chance de fazer seja o que diabos estamos fazendo, de realmente construir alguma coisa juntos, eu vou ter que entender o que faz as respostas serem tão feias em primeiro lugar."

Considero isso por um momento, sentado em silêncio enquanto encaro através do para-brisa para o sinal vermelho brilhante, esperando que ele mude. Uma vez que vira verde, eu faço uma curva inesperada, cortando na frente dos outros carros, ignorando o barulho das buzinas quando viro à esquerda em uma rua próxima.

Isso nos desvia do Brooklyn quando viro à esquerda outra vez, nos colocando de volta na direção em que acabamos de vir.

"Você está com fome?" Pergunto, olhando para Karissa.

Ela me olha com descrença. Posso ver a fúria crescendo em seus olhos, raiva por ter sido ignorada, por ter suas perguntas ignoradas. Todas as paredes que derrubei já estão sendo reconstruída de novo, sua guarda voltando, sua armadura chegando.

Estou grato por isso no momento.

Ela provavelmente irá precisar disso.

"Você ainda não comeu hoje," digo quando ela não responde.

"Sim, bem, você não come nada tem uma semana."

Ela está exagerando, mas isso não importa, considerando que eu não tenho intenção de comer hoje, também.

"Você deve estar com fome," digo. "Vamos conseguir alguma coisa para você."

Ela apenas balança a cabeça enquanto olha para longe. Eu não falo mais enquanto dirijo para o norte através de Manhattan. Dou algumas olhadas para o outro lado do carro sempre que o tráfego nos para, vendo sua expressão ficando mais dura, a raiva ainda lá, crescendo junto com sua confusão.

Ela quer tanto perguntar para onde estamos indo, exigir que eu diga onde a estou levando agora.

A delicatessen fica em um edifício de tijolo desbotado em Hell's Kitchen[8], entre um açougue e uma pequena loja de doces, escondida em baixo de um monte de apartamentos antigos e desordenados. Barras de metal cobrem desnecessariamente a maioria das janelas de vidro colorido, um toldo verde sobre o edifício em cima dele, *Delicatessen Italiana* escrita em letras maiúsculas ao longo do tijolo. O nome atual do lugar não está mais nele, não tem estado por décadas, embora o local que costuma ficar em cima, na frente e no centro, ainda está sem cor em comparação com as outras áreas ao redor.

Não importa, no entanto, não realmente.

Com nome ou sem, a delicatessen é um ícone.

As pessoas dirigem do norte do estado por um de seus sanduíches, por apenas um gosto de sua mozarela fresca, por um pedaço de seu presunto defumado. Eles podem se mudar para a porra de um beco e vender na parte traseira de um caminhão que as pessoas ainda irão fazer a viagem.

Todo mundo pensa que é um sinal de modéstia do dono, que ele nunca deu a mínima para o reconhecimento, que ele nunca se incomodou em ter a placa substituída depois das renovações anos atrás.

[8] Conhecido também como Clinton e Midtown West, é um bairro de Manhattan em Nova York.

A comida é o que importa, ele diz as pessoas quando perguntam. *Quem se importa como você o chama desde que você venha comer.*

Mas eu sei que não é humildade. É arrependimento.

Ele apenas não se importa mais com o nome.

Eu estaciono o carro na vaga mais próxima que encontro, apenas no final da rua, e coloco um pouco de dinheiro no parquímetro quando saio. Karissa continua sentada no carro enquanto faço isso, como se planejasse não vir comigo, mas após um momento ela sai, sua expressão diferente.

"Nós não temos que ficar aqui se você não quiser," digo. "Eu a levo para casa agora mesmo."

Parte de mim espera que ela concorde com isso.

Suportei merda demais essa semana para passar por *isso* acima de tudo.

Mas não tenho muita sorte.

"Não, nós já estamos aqui," ela diz, acenando ao seu redor. Ela não faz ideia onde *aqui* é. "Nós também podemos ficar."

"Se você tem certeza."

"Eu tenho."

Quem me dera como o inferno que eu também tivesse.

Pressionando minha mão em suas costas, eu a guio pela rua, desacelerando à medida que me aproximo da delicatessen familiar. Meus olhos varrem cuidadosamente o lado de fora, procurando instintivamente por alguma coisa que tenha mudado desde a última vez que estive aqui, encontrando-a exatamente como me lembro. Alcanço a porta, puxando-a aberta, o sino detestável no alto tilintando quando aceno para Karissa entrar.

Isso irrita meus nervos.

O interior é singelo – chão de várias cores, uma dúzia de mesas de madeira, uma iluminação suave e alta, balcões redondos. Caixas de

vidro ocupam metade da frente do lado do caixa, cheias com carnes e queijo, uma placa de cardápio escrito à mão pendurado acima de tudo.

Um cara jovem cuida do caixa sozinho, ajudando aqueles que esperam na fila, enquanto um homem corta carnes firmemente a alguns passos ao lado, de costas para os clientes. Ele é robusto, um e oitenta de massa sólida coberta de pele dura, seu cabelo escuro em uma confusão caótica com uma mecha um pouco cinza.

Ele se move com fluidez, apesar de sua idade.

Calmo.

Confiante.

Ele é o dono do lugar.

Ele assobia alto enquanto trabalha, como um anão acima do peso vindo da Branca de Neve, a melodia desafinada sendo o único ruído no lugar acima da conversa. Não há televisões, música e WI-FI.

Apenas um homem assobiando 'Just Walking in the Rain' de Johnnie Ray.

Não escuto essa música há tempos.

Karissa passeia pela delicatessen, absorvendo o lugar até o fundo. Eu me junto a ela, esperando sem dizer nada, o som do assobio casual me seguindo. Cada segundo que passa deixa meus joelhos mais fracos, minha visão embaçada e minha cabeça pulsando de dor.

Estou suando.

Dolorido.

Enfio as mãos nos bolsos.

Isso foi uma péssima ideia.

A porra de uma péssima ideia.

Nenhum de nós dois fala durante a espera. Ela lê o cardápio, observando as dezenas de opções enquanto lentamente, nos aproximamos da frente.

Leva apenas alguns minutos.

Não há ninguém na nossa frente, apenas dois ou três esperando atrás de nós. O cara trabalhando no caixa olha para cima. Ele não pode ser mais velho que Karissa, e parece ter apenas olhos para ela. Ele dá o tipo de sorriso que diz que gostaria de levá-la para jantar e depois ter uma sobremesa, quando diz empolgado, "o que posso fazer por você?"

Quero alcançá-lo através do caixa e agarrar sua garganta, rasgar esse pedaço de voz por apenas falar com ela.

Em outro lugar, talvez.

Em outra ocasião, eu provavelmente faria.

Eu estriparia o garoto por ter a coragem de sequer pensar em flertar com ela.

Mas no meu estado, o punk pequeno maldito poderia provavelmente me derrubar.

Patético.

Karissa devolve seu sorriso antes de olhar para mim, esperando eu responder a pergunta. Eu encaro o garoto trabalhando, observando sua expressão mudar quando nota minha presença, e limpo minha garganta quando viro para Karissa.

Limpo o suor da minha testa. *Lá se vai a merda.* "Peça o que você quiser, querida."

As palavras mal saíram completamente dos meus lábios quando o silêncio cai sobre a delicatessen, o homem cortando a carne para na metade, o homem assobiando hesita no meio de uma nota. Posso sentir a mudança abrupta no ar, frieza varrendo tudo, como se o sol desaparecesse atrás de nuvens grossas, cobrindo o mundo no tipo de sombras onde homens como eu vivem.

Eu tremo.

Posso sentir os olhos em mim. Não saio do lugar onde estou em pé, apenas mudando meu olhar para o balcão. Lábios que assobiavam tão exuberantemente há um segundo agora estão pressionados em uma linha

fina de desprezo, como se o homem tivesse os forçando para não dizer nada.

Suas costas não estão mais viradas para mim.

Posso apenar imaginar o que ele está pensando. Seus olhos são duros e críticos, o reconhecimento se aprofundando, mas nada disso é sentimental.

Karissa obviamente começa a fazer o pedido – um lanche especial italiano para ela – antes de voltar para mim. "Naz, o que você vai pedir?"

"Nada," digo, olhando para o homem mais uma vez antes de voltar para o garoto no caixa. "Nada para mim, então apenas o italiano dela."

Ele registra e eu rapidamente pago, sem esperar pelo meu troco. Apenas jogo uma nota de vinte no balcão antes de virar de costas e me afastar, deslizando na cadeira em uma mesa vazia no meio da delicatessen. Karissa se junta a mim, sem dizer nada, até seu lanche estar pronto e em sua frente na mesa.

Seu olhar salta entre a comida e eu com confusão. "Você não quer alguma coisa?"

"Não."

"Por que não?" Ela pergunta, dando uma mordida no lance, praticamente gemendo enquanto mastiga. "Jesus, isso é realmente bom."

Eu acredito nela.

A comida aqui sempre é.

Mas não posso comer agora e certamente não nesse lugar.

"Você sabe como você pensa que eu paranoico por acreditar que as pessoas possam tentar me envenenar?"

"Eu não diria exatamente que você é paranoico," ela diz, "mas sim..."

"Bem, se alguém fosse realmente fazer isso, eu colocaria meu dinheiro nele."

Eu aponto minha cabeça para o balcão. Seus olhos se arregalam, seu olhar mudando de mim para sua comida de novo com uma pitada de pânico. Ela parece doente repentinamente.

"Relaxe," digo, soltando uma risada leve com sua reação forte. "Sua comida está boa. Ele não mexeria com ela."

"Como você sabe?"

"Ele não tem motivos para isso," digo. "Você não o insultou."

"E você sim?"

"Sim."

"Como?"

Eu a encaro, considerando como responder. "Por existir, principalmente."

Ela balança a cabeça e volta a comer, como se entendesse, quando não entende. Não realmente. Não ainda, de qualquer maneira. Mas ela vai, assim que o homem começar a se desvendar, o choque da minha aparição saindo e desfazendo sua cuidadosa fachada despreocupada de assobiar-enquanto-trabalha.

A maioria das pessoas n negligenciam homens como eu, ou nos veem como um mal necessário, ficando fora do nosso caminho para evitar cruzar nosso trajeto, mas ele tem muita força de vontade, muito marcado com um senso de justiça equivocado, intrometido demais para apenas manter sua boca fechada e cuidar de seus próprios negócios.

Vir aqui foi definitivamente uma péssima ideia.

Eu sei melhor do que fazer isso.

Mas Karissa quer saber coisas... Coisa que apenas contar a ela não irá fazê-la entender. Eu posso gritar que o céu é azul por toda a tarde, mas até que você veja por si mesmo, você nunca irá entender que cor é.

Poderia ser um azul Royal profundo ou esbranquiçado com uma tonalidade fraquinha.

E quando se trata dos sentimentos desse homem para mim, é tão escuro como a meia-noite.

O assobio não começa de novo, mas há mais barulho agora, coisas fazendo ruídos e gavetas batendo. Isso me lembra de Karissa tentando cozinhar.

A comida de Karissa está quase acabando quando ouço a voz através da delicatessen, suas palavras educadas, mas seu tom sempre impetuoso, como se apenas o som dela pudesse rasgar uma pessoa, ralar a pele do seu corpo e expô-la até o osso. Isso não é nada novo – ele cumprimenta os clientes todos os dias, toda vez que tem uma chance, tendo a certeza que a comida está boa e que eles gostem de estar aqui.

Nossa mesa está no centro de tudo, mas ele faz um grande círculo em torno, nos deixando por último. Karissa observa o homem com curiosidade enquanto os outros sorriem sempre que ele sorri, rindo com ele. Seu humor pode ser contagiante com o público certo, mas eu não sou seu público alvo.

Nem ela vai ser, por uma questão de fato.

Finalmente, ele chega a nossa mesa. Karissa olha para ele, sua expressão escorregando. Ela vira para mim, hesitante, e eu posso praticamente ver seu coração batendo para fora do peito em alarme.

Não há nenhuma recepção calorosa aqui.

Sem sorrisos ou risadas para nós.

Ele parece *furioso.*

Ele pressiona as mãos contra a mesa, inclinando até seu rosto estar a poucos metros de distância do meu. Posso sentir o calor irradiando dele, sentir o cheiro de suor em sua pele, o toque de sal misturado com uma pitada de tabaco, um perfume que eu estaria em êxtase se nunca sentisse novamente.

Meu olhar muda para encontrar o seu pela segunda vez em um dia, tentando parecer relaxado e à vontade, mas meu interior está tenso, enrolado como uma mola.

"Não há outro lugar que você pode ir?" Ele pergunta, a voz baixa. Seu hálito cheira a canela quente, como os palitos com sabor que ele mastiga para parar de fumar. "Algum lugar que possa comer? Há milhares de restaurantes nessa cidade, Ignazio. Milhares. Por que você veio aqui?"

"A comida é boa."

"*A comida é boa*," ele zomba. "Você não pediu nada."

"Eu estava preocupado com a segurança."

Ele aperta os olhos com as minhas palavras descontraídas, levando-as ofensivamente. "Você acha que eu mexeria com a sua comida, não acha? Acha que eu tentaria deixá-lo doente? Envenená-lo, como aqueles outros babacas que você lida?"

"Eu acho que é possível."

"Você pensa tão bem de si mesmo. Você sempre pensou. Mas nunca faria isso. Nunca. Isso é a minha vida… Minha comida é tudo… E você não vale a pena. Você não é digno para comer minha comida, ponto final. Eu certamente nunca a contaminaria para pessoas como você."

A voz está lentamente me esfolando vivo, despedaçando-me pedaço por pedaço. Eu o encaro duramente, vendo a expressão atordoada de Karissa pela visão periférica. Não me viro para ela. Não faço nada, mas bato os dedos na mesa, absorvendo cada palavra que ele diz, sabendo que ela escuta também.

Bom.

Talvez ela consiga o que quer com isso.

Validação.

Ela não é a única que me odeia.

Há pessoas por aí que me odeiam mais do que ela jamais poderia.

Ela não é capaz do tipo de ódio que esse homem traz.

"Você é uma escória," ele continua. "Você acha que eu sou o cara mal; você acha que eu iria manchar minha comida por você, que eu faria mal ao que eu amo, mas esse é você, Ignazio. Você. Não eu. Você é o único que estraga tudo."

A voz é dele, mas as palavras são dela... Palavras que Karissa me disse apenas alguns dias atrás. *Você tem que estragar tudo?*

Alcançando seu bolso, ele puxa uma nota de vinte dólares e a joga na mesa na minha frente, seus olhos ainda fixos em meu rosto. "Você não é bem vindo aqui, e nem o dinheiro do seu sangue. Pegue-o e saia. Tanto quanto estou interessado, você morreu há muito tempo atrás e eu estou feliz com isso. Não vou deixar você nos caçar mais. Não consigo olhar para você, não consigo olhar para esse demônio que você se tornou. Você é melhor ficando morto. Deus sabe que você procura isso agora." Ele se afasta, voltando seu foco para Karissa. "Corra, garotinha. Corra para bem longe dele."

Meus olhos o seguem conforme ele anda pela delicatessen, seguindo direto para a parte de trás, desaparecendo atrás da porta vaivém. Eu a encaro em silêncio, tomando profundas respirações para ficar estável, desejando que eu fique calmo, ficar nesse assento. Um silêncio mortal toma conta da delicatessen enquanto ele me repreendeu. Tenho certeza que Karissa não foi a única que ouviu tudo o que ele disse.

"Naz?" Karissa sussurra, sua voz trêmula. Eu fico olhando para a porta ainda balançando, pensando em segui-lo até lá enquanto continuo a bater meus dedos contra a mesa. Depois de um momento, ela se aproxima, colocando sua mão no topo da minha para parar meus movimentos. "Ignazio?"

Meu olhar muda da porta para minha mão – para a mão dela, no topo da minha, unhas pintadas de rosa claro, um forte contraste com sua pele macia bronzeada – antes de encontrar seus olhos. Ela parece em estado de choque, um olhar que já vi uma e outra vez, o olhar de alguém

que sabe que testemunhou algo que não deveria... O olhar de alguém preocupado em como vou reagir por causa disso.

"Estou bem," digo, limpando minha garganta quando minha voz falha porque certamente não soou bem. "Você já acabou de comer?"

Sua testa franze quando ela olha para o que sobrou de sua comida, como se não pudesse acreditar que estou falando sobre isso em um momento como esse. "Uh, sim..."

"Você tem certeza?"

Ela acena. "Não estou mais com fome."

"Então vamos sair daqui."

Puxo minha mão para longe e empurro a cadeira para trás, levantando-me. Ajeito meu terno enquanto a espero se levantar, sem olhar para nenhum outro cliente enquanto a guio para a saída, deixando o dinheiro em cima da mesa. Ele pode jogá-lo na porra da lixeira se quiser. Eu abro a porta para ela, saindo logo atrás, fechando os olhos e rangendo os dentes com o som do sino tilintando acima de mim.

"O que acabou de acontecer?" Karissa para na calçada, bem em frente da delicatessen, não se movendo quando tento fazê-la andar. "Quem diabos aquele cara pensa que é? Por que ele iria falar com você daquele jeito?"

Ela me encara, suas sobrancelhas levantadas, esperando uma resposta. Não tenho certeza o que ela espera que eu diga. É bastante autoexplicativo, eu acho.

"Não sou sua pessoa favorita."

"Obviamente," ela diz, acenando para o prédio. "Quero dizer, qual o ponto de nós pararmos para comer algo se você não pode nem comer? Por que viríamos até aqui? Por que você me traria aqui, sabendo disso?"

Ela está falando bem alto, fazendo uma cena como a que fizemos lá dentro, as pessoas andando e nos olhando com curiosidade, perguntando-se por que ela está gritando desse jeito.

Aproximo-me dela. "Você me fez uma pergunta."

"Eu fiz várias perguntas para você, nenhuma delas você pareceu querer responder a menos que seja conveniente para você."

"Conveniente?" O uso dessa palavra me leva para o caminho errado. Fácil... Conveniente... Por que as pessoas pensam que essas coisas não são um incômodo para mim? "Você acha que isso foi *conveniente* para mim, Karissa? Você acha que eu gostei de ser repreendido na frente de todas aquelas pessoas, de ser chutado para fora tê-lo me despedaçando em público daquele jeito? Você acha que eu fiz aquilo por diversão, para o inferno disso? Porque eu não fiz. Eu não desfrutei de um segundo. Mas você fez uma pergunta, você disse que queria me conhecer, então eu mostrei a você."

"Mostrou-me o que?"

"Porque eu não vejo meus pais."

A raiva em sua expressão derrete enquanto me olha de boca aberta, as rodas em sua cabeça girando rápido enquanto junta os pedaços do porque viemos a esse lugar. Está tudo lá, sempre está, se ela tivesse apenas aberto a porra dos olhos e prestado atenção. *Mais é aprendido do que ensinado*. Mas não tenho isso em mim agora para ficar aqui em pé pacientemente, para falar sobre essa merda, ficar nessa calçada suja e quebrada enquanto todos nesse bairro assistem, esperando ela juntar sua merda.

Eu acendo para a rua, onde o carro está estacionado.

"Podemos ir agora, antes que eu desmaie?" Pergunto. "Ou você precisa gritar mais um pouco comigo antes?"

Vejo o brilho de culpa quando ela abaixa a cabeça e começa a andar. Eu suspiro, balançando minha cabeça de novo, meus olhos observando a parte de fora da delicatessen mais uma vez, demorando apenas um momento na descoloração onde a placa costumava ficar, quando significava algo para o dono, antes que eu, sozinho, manchei o nome que costumava deixá-lo orgulhoso.

Vitale's.

Assim que estamos no carro, Karissa se vira para mim, divagando antes mesmo de eu ligar o carro. "Eu sinto muito. Eu não percebi..."

"Não sinta."

"Mas eu sinto muito. Eu realmente sinto. As coisas que ele disse—"

"São verdadeiras," eu digo, interrompendo-a antes que possa continuar. "Eu não sou um homem bom, Karissa. Já lhe disse isso, seus pais disseram isso, e agora você escutou do meu pai, também. Não se desculpe para mim por isso, porque eu não vou me desculpar para você. Não sinto muito por ser quem eu sou. Você queria saber, então eu mostrei, fim da história. Não há mais nada a dizer."

Minhas palavras a silenciam. Ela vira para longe de mim, mudando seu corpo no banco, e olha para fora da janela o caminho inteiro até o Brooklyn. Quando chegamos em casa, o sol está começando a se pôr e eu ainda não acabei com tudo o que tenho que fazer. Estou ficando sem dormir, mentalmente e fisicamente exausto, totalmente gasto emocionalmente.

Estou uma bagunça.

Frustrado, eu paro na garagem e desligo o carro, mas fico sentado lá, sem me mover. Meus olhos mudam para o espelho retrovisor, para o carro vagamente familiar estacionado junto ao meio feio. Eu o vi assim que virei na rua.

Detetive Jameson.

Simplesmente ótimo.

Eu saio, fazendo uma pausa quando a porta do carro à espreita abre e o homem familiar aparece. Detetive Jameson se aproxima enquanto seu parceiro fica atrás, observando.

"Detetive," digo quando Jameson para na grama alguns passos de distância. "Existe algum motivo para você estar aqui?"

"Apenas achei que deveria checar como você está indo," ele diz. "Ouvi que você já estava de volta a seus pés. Acho que o incidente no Cobalt não o derrubou por muito tempo."

Eu apenas o encaro. Ele soa casual, disposto, mas não sou estúpido.

A atenção do detetive muda para Karissa quando ela sai do carro. "Senhorita Reed, bom ver você de novo."

Ela parece em pânico e não diz nada.

"Bem, então," Jameson diz, olhando para longe dela e voltando para mim, seu olhar deslizando ao longo da lateral do carro, olhando o estrago. "Estrago forte sobre o carro."

"Não é tão ruim quanto parece."

"Ainda assim, eu conheço um cara que poderia consertar para você. Talvez você o conheça, na verdade. Seu nome é Josh Donizetti."

O detetive faz uma pausa, levantando suas sobrancelhas como se estivesse esperando por alguma confirmação que eu conheça de quem ele está falando. Eu conheço claro, e ele sabe disso.

Posso ver isso em seus olhos.

"De qualquer maneira, ele tem uma oficina não muito longe daqui. Tenho certeza que ele faria um bom negócio. Ele costuma trabalhar com homens como você." Jameson se vira como se fosse ir embora, mas para, batendo seu dedo, suspirando teatralmente. Ele é um ator terrível. "Oh, certo, esqueça… Fugiu totalmente da minha cabeça que o homem morreu recentemente. Trágico, realmente. Mais pelo acidente. Um carro caiu sobre ele. Você não saberia sobre isso, porém, saberia?"

Ele olha de volta para mim.

Ele sabe.

De alguma forma, ele sabe.

Nada bom.

"Claro que não," digo. "Não saberia nada sobre isso."

O detetive balança a cabeça, seu olhar virando para Karissa. Ele inclina a cabeça, cumprimentando-a novamente. "Senhorita Reed."

Permaneço lá, sem me mexer, observando enquanto o homem vai embora, o carro desaparecendo no fim da rua. Uma vez que foram embora, sigo direto para dentro, sem ficar no andar de baixo, indo direto para o quarto. Tiro meu casaco e chuto meus sapatos, sentando no final da cama.

Posso ouvir Karissa quando ela entra atrás de mim, ouvir o clink e clank enquanto ela prende as novas trancas na porta, ouvir seus passos quando ela cuidadosamente faz seu caminho até o andar de mim.

Desfazendo o nó da minha gravata, olho para o batente da porta quando ela aparece.

"Você está errado," ela diz logo de cara.

Puxo a gravata e a jogo na cama atrás de mim. "Duvido."

Seus lábios se contorcem ainda que suavemente, a sugestão de um sorriso com minha réplica. "Mas você está."

"Ok," restrinjo, desabotoando o punho da minha camisa enquanto a observo, perguntando-me onde ela está indo com isso. "Sobre o que exatamente eu estou errado?"

"Mais cedo você disse que não havia mais nada para dizer, mas há sim. Sempre há."

Suspirando exasperadamente, começo a desabotoar minha camisa, sem me importar com uma resposta. Se ela tem mais alguma coisa para tirar do peito, tenho certeza que ela irá dizer sem qualquer persuasão.

"Talvez você não seja um bom homem—"

"Eu não sou."

Ela trava com minha interrupção antes de terminar seu pensamento. "Ok, mas isso não significa que você é um homem *mal*, Naz."

Puxo minha camisa, jogando-a de lado antes de olhar de volta para ela. "O que isso faz de mim então?"

"Um homem," ela diz, "Apenas um homem."

Suas palavras me fazem desejar que eu pudesse acreditar nelas. É bom, tê-la falando isso, embora. "Não há nada bom ou mal, mas pensar o torna nisso."

O sorriso volta um pouco. Ela percebe que eu estou citando Hamlet. Ela é inteligente. Ela sabe o que estou fazendo. "Então você acha que é um homem mal?"

Eu a encaro em silêncio por um momento. "Eu acho."

"Bom, não acho que um homem mal pensaria isso," ela diz. "Um verdadeiro homem mal não veria nada do que fez como ruim. Ele se sentiria justificado. Ele não teria arrependimentos."

Eu abro minha boca, as palavras na ponta da língua, mas sua expressão sincera me faz engoli-las de volta. Ela está errada – tão, mas tão errada. Eu me sinto justificado. Não tenho arrependimentos. Não peço desculpas. É o que é. Mas é cativante, o quanto acredita no que está dizendo, como ela realmente quer pensar que eu não sou um homem mal. Mas eu sei que sou e o esclarecimento não nega isso.

Eu apenas aceito.

Ela não consegue, embora, e eu a amo por isso. Outra razão pela qual amo essa maldita mulher. Apesar de saber tudo o que eu fiz, apesar da maior parte do tempo me odiar, ela não pode deixar escapar aquele pedaço de esperança, aquela parte dela que pensou ter visto um homem bom dentro de mim em algum lugar. Eu disse que ela não poderia me mudar, mas ela não acreditou nessa merda por um segundo. Eu gostaria... Gostaria fodidamente... Que alguma parte de mim pudesse deixá-la estar certa sobre isso.

Ao invés de argumentar, devolvo seu sorriso. Tão equivocada, mas aprecio isso, e eu vou deixá-la manter esse pensamento positivo, brigar para proteger a parte não viciada dela o máximo que conseguir. "Obrigado."

"Pelo o que?"

"Por pensar isso."

Seu sorriso aumenta um pouco mais, seus ombros relaxados. Ela acha que estou comprovando que está certa, mas gratidão não apaga a ganância, assim como água não pode magicamente limpar todo o sangue em minhas mãos. Você pode não ver, mas está lá, e sempre vai estar.

Por um capricho, eu aceno para ela se aproximar, esperando ser ignorado, mas ela caminha em minha direção ao invés disso. Meus braços circulam sua cintura, correndo ao longo da curva de sua bunda antes de minhas mãos escorregaram por baixo de sua camiseta, descansando na parte inferior de suas costas.

Sua pele está quente.

Eu amo tocá-la.

"Eu amo você, você sabe," eu digo calmamente, olhando para ela. "Não importa o que. Quero dizer isso."

Ela hesita, sua boca abrindo e fechando enquanto tenta encontrar as palavras. Ao invés de dizer de volta, ela simplesmente sussurra, "eu sei."

Capítulo 10

Privação do sono é uma coisa engraçada.

Atinge-se um ponto de exaustão quando você simplesmente não está mais cansado. A sonolência cessa. Você está acordado. Alerta. A tontura da fadiga desaparece com uma percepção estranha, a cabeça limpa e os olhos arregalados.

Eles chamam isso de pegar o seu segundo fôlego.

É algo que normalmente acompanha a morte, também... Morte natural, de qualquer maneira. Quando eles alcançam o ponto onde você pensa que não podem mais aguentar, algo brilha dentro deles, e o fim, no momento, parece mais como um começo.

A vida balança um pouco de esperança na frente dos mais desesperados, só para levá-la para longe de novo.

Nunca testemunhei isso acontecer, nunca estive perto de alguém que a morte levou naturalmente, mas já usei a tática antes. Eu tentei fazer isso limpo e rápido, uma execução e não uma experiência, mas às vezes o momento pede por um pouco mais. É fascinante, assistir a onda dentro deles se manifestar fisicamente, alívio brilhando em seus olhos quando pensam que talvez, apenas talvez, eles irão conseguir.

Talvez eles vão viver.

Talvez vão sobreviver a isso.

Eles nunca sobrevivem.

Eu me pergunto se é errado, provocá-los dessa forma, ou se é algo que eles deveriam me agradecer. Posso apenas imaginar como eles devem se sentir – o alívio, a gratidão, a reverência pela vida. Pergunto-me quantos deles encontram Deus naqueles segundos, quantos sentem Deus pela primeira vez em suas vidas mundanas, enquanto adrenalina, dopamina e todas aquelas merdas que fazem seus corpos se sentirem bem se lançam em uma grande inundação através de sua corrente sanguínea.

Whoosh.

A maior loucura, provocada pela menor de todas. Talvez eles pensem que seja um presente, uma '*oportunidade de uma vez na vida*' que você não quer perder... Ou talvez não seja nada mais do que um truque cruel.

Não tenho certeza.

Não sei como eu iria preferir.

Essas são as coisas que eu penso quando deito na cama à noite, olhando para o teto na escuridão, passado o ponto de exaustão e indo direto para meu segundo fôlego. Tem sido, o que? Dois dias? Quarenta e oito horas desde a última vez que fechei meus olhos e caí no sono.

Irei dormir quando estiver morto. Isso é algo que meu pai costumava dizer, algo que ele disse a minha mãe sempre que ela entrava no papo sobre ele trabalhar demais. O homem nunca dormia também, usando seu segundo fôlego todos os dias.

A vida é curta, apenas um piscar de olhos para alguns de nós.

Por que gastar metade dela com os olhos fechados?

Irei dormir quando estiver morto.

Talvez eu esteja quase lá...

Suspirando, viro minha cabeça, olhando para longe do teto e olho para a cama ao meu lado. Karissa está dormindo em seu estômago, de frente para mim, sua perna presa contra a minha enquanto deito em minhas costas. Seu rosto está tão perto que eu posso, mesmo na escuridão, enxergar as sardas ao longo do seu nariz, mais salientes nesses dias devido ao sol. Ela parece tão pacífica. Pergunto-me se ela está sonhando.

Pergunto-me com que frequência ela pensa sobre morrer.

Rangendo meus dentes com a dor, mudo para o meu lado não lesionado, cuidando para não perturbá-la. Eu a alcanço e afasto algumas mexas de seu rosto, colocando-as atrás de sua orelha antes de correr a palma da minha mão ao longo de sua bochecha corada.

Eu penso sobre ela morrendo o tempo todo.

Inclinando-me, pressiono um beijo em sua testa, dando-me apenas um segundo para demorar, antes de sair da cama. Eu me visto em silêncio, puxando minhas roupas no escuro e saio do quarto sem dar a ela uma segunda olhada. Sigo para o andar de baixo, pegando uma garrafa de água na cozinha, e olho para o frasco de comprimidos no balcão.

Eu ainda não os tomo.

Saio da casa, tendo a certeza de trancá-la, e olho para meu relógio sob o brilho das luzes ao ar livre.

Cinco da manhã.

Não sei para onde estou indo ou o que estou fazendo, mas não posso mais olhar para aquele teto, não posso deitar naquela cama ao lado de Karissa e divagar sobre morrer. Dirijo ao redor por um tempo,

deixando a escuridão me consumir, deixando o silêncio me preencher, antes de alguma maneira, terminar no Hell's Kitchen por volta do amanhecer.

A sugestão de luz toca o céu da manhã, a temperatura quente... Vai ser um dia abafado.

Estaciono o carro perto da delicatessen familiar pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas, trancando as portas antes de seguir em direção a ela. Está vazia no lado de dentro, as cadeiras viradas ao contrário em cima das mesas, mas posso ver a luz no fundo, atrás da porta de vaivém.

Eu sei que ele está aqui.

Ele sempre está nesse horário.

A porta está trancada, não se mexendo quando a empurro. Às vezes me pergunto se ele coloca barras no lugar por minha causa. Eu me lembro de quando ele a abriu pela primeira vez, quando eu era apenas um garoto, quando Vitale's era pendurado proeminente e o vidro era exposto, aberto e amigável.

Todos eram bem vindos naquela época.

Eu tinha apenas dezoitos anos no dia em que meu pai me disse para sair e nunca mais voltar, o dia em que me disse que meu tipo não era mais bem vindo aqui.

As barras apareceram uma semana depois.

Eu mantive distância desde então.

Viro a esquina, deslizando no pequeno beco que fica atrás dos prédios. Lixeiras cobrem as paredes grafitadas, o cheiro de lixo e mijo queimando minhas narinas quando passo. A porta de trás da delicatessen

está iluminada por dentro, a porta encostada graças a um bloco de cimento.

Meu pai está do lado de dentro, na frente de uma mesa longa de metal, cortando vegetais com suas costas viradas para a porta. Ele para quando me ouve entrar, seus ombros ficando retos, mas ele não se vira.

Cinco. Dez. Quinze segundos passam, enquanto fico no interior da cozinha, antes de ele voltar para o que estava fazendo.

"Duas vezes em um dia, Ignazio," ele diz sem ao menos olhar, o som da faca contra a tábua de cortar ampliada enquanto ele habilmente corta. Eu aprendi como fazer isso com ele, como usar uma faca graciosamente como uma extensão do meu braço.

Eu só a uso de forma diferente.

"É quase amanhecer," digo, empurrando minhas mãos em meus bolsos enquanto me inclino contra a parede ao lado da porta. "É um novo dia."

Ele termina a cabeça de alface antes de mudar para outra. "Se você quiser ser técnico, tem sido apenas doze horas desde sua última visita. Isso é *metade* de um dia."

"Sim, bem, o que posso dizer? Você é sempre tão hospitaleiro. Não consigo ficar longe."

Ele trabalha em silêncio, rasgando facilmente a segunda cabeça de alface enquanto permaneço lá, antes de finalmente colocar a faca para baixo e se virar. Ele limpa suas mãos em seu antigo avental branco manchado antes de correr as mãos sobre o rosto, suspirando exasperadamente.

Olhos cansados me recebem, examinando-me, julgando quando ele se inclina contra a mesa de metal.

Giuseppe Vitale é o homem mais destemido que conheço. Nunca o vi se encolher de alguém – não da polícia, não dos espertalhões que costumavam tentar extorquir dinheiro dele e certamente não de *mim*. Ele tem padrões elevados e tolerância baixa, e eu nunca me encaixei o suficiente em suas expectativas. Eu desapontei o homem no momento em que comecei a falar e ele me levou mais longe a cada dia com suas criticas.

Nunca vamos nos ver olho por olho. Ele me apagou no dia em que comecei a trabalhar para Ray, e Ray se tornou o tipo de pai para mim que Giuseppe nunca seria. Mas o fato permanece – o homem na minha frente me deu a vida.

Sou grato por isso.

E eu o respeito.

Mesmo que não seja mútuo.

"Quem era ela?" Ele pergunta, cruzando seus braços grossos sobre o peito largo.

"Quem?"

"Aquela garota que você trouxe aqui."

Eu o olho curiosamente. "Ela não lhe pareceu familiar?"

"Ela pareceu," ele diz, "por isso estou perguntando. Ela tem um daqueles rostos, você sabe, e você não esquece um rosto daquele, nunca. Costumava passar na porta da frente da delicatessen depois da escola todos os dias, procurando um dos cookies da sua mãe. Um rosto tão doce... Não o vejo há um longo tempo por causa de você."

Ele me culpa, naturalmente.

Eu comecei tudo isso, juntei os dominós para caírem eventualmente.

Se eu não tivesse roubado da loja de Ray aquele dia, ele não teria me oferecido aquele emprego e Johnny e Carmela, provavelmente, nunca teriam cruzado seu caminho. Eu conheci Maria na primeira vez em que fui à casa do seu pai com dezesseis anos de idade, e foi através de mim que ela conheceu o resto deles.

Eu fui o centro de tudo e meu pai sabe disso.

Eu era um núcleo danificado.

Ele sempre acreditou que eu era muito fraco para segurar alguém junto.

O dia do funeral da minha esposa, meu pai andou até mim, agarrou minha mão com força, olhou-me mortalmente nos olhos e disse, "ratos sempre abandonam um navio afundando, Ignazio."

Eu pensei, no início, que era compaixão. Pensei que ele estava simpatizando já que meu amigo se virou contra mim. Não foi até mais tarde que eu percebi que tinha sido uma pancada, a pessoa que eu acabei me tornando.

Eu era o navio afundando.

Ele não culpou Johnny por correr por sua vida.

Ele não os culpou por saltar para fora.

Ele *me* culpou por afundar.

"Ela é filha deles," digo. "De Johnny e Carmela."

"Ela sabe quem você é?"

"Sim."

"Então por que ela está com você?"

É uma maldita boa pergunta. Não sei como responder. Eu poderia listar uma dúzia de razões pelas quais ela pode estar comigo, mas isso equivaleria a nada com a explicação. No final do dia, ela está comigo porque tem que estar. Comparado a isso, o resto não significa nada.

Se ela pudesse ter ido embora há muito tempo, ela teria ido, e eu acho que ela ainda pode ir se alguma vez conseguir uma chance.

Balançando sua cabeça com meu silêncio, ele se afasta de mim e pega a faca de novo enquanto volta para o trabalho. "Gostaria de poder dizer que estou surpreso, surpreso que você arrastou essa garota para sua bagunça, mas não estou. Sua mãe, embora... Sua mãe ficaria devastada. Desapontada. *Indignada.* Você pode se destruir o máximo que quiser. Eu não me importo. Parei de me importar. Você quer ser um daqueles babacas que se chamam de homens, mas vivem como bandidos, você faz isso, mas faça longe de mim, longe da sua mãe e faça longe especialmente de garotinhas inocentes."

Estou feliz que ele não está me olhando, porque sua escolha de palavras me faz sorrir. "Ela não é uma *garotinha inocente.*"

"Sim? Quantos anos ela tem?"

"Dezenove."

Ele ri. *Ri.* "Eu me lembro de você nessa idade. Correndo nas ruas, achando que era um homem... Um homem grande... Mas você não era homem. Você era um garotinho com uma arma e ódio, pensando que tinha tudo resolvido. Mas eu lhe digo – você não tinha. Você ainda não tem. Você nunca cresceu, e olhe para você. Olhe para você!" Ele não olha

para mim, mas posso apenas imaginar o que ele veria se estivesse, a parede me segurando enquanto aperto meu lado ferido. Está pulsando. "Ouvi que você foi baleado de novo. Um dos vizinhos ouviu sobre isso e disse a sua mãe. Pensei que ela fosse ter um derrame!"

"Não foi nada," digo. "Estou bem."

Sinto como se tivesse dito isso uma centena de vezes essa última semana.

"Você parece como a morte," ele diz. "Você está se afundando de novo, você vai se afundar e vai levar aquela garota com você se não for cuidadoso. E isso certamente não o torna um *homem*, Ignazio."

Não é nada que ele não tenha dito antes, mas o peguei cedo demais pela manhã, então a crueldade ainda não assumiu ainda. O que eu escuto agora é exaustão com um pouco de preocupação.

A preocupação é pela Karissa.

Ele está simplesmente cansado de mim.

"Você sabe, não vim aqui para uma palestra."

"Você não deveria ter vindo aqui por nada," ele diz. "Eu disse que você não é bem vindo. Você está invadindo agora."

"Você vai chamar a polícia? Para seu próprio filho?"

"Meu filho está morto," ele diz, constatando um fato. "Ele morreu nas ruas quando era apenas uma criança. Não sei por que você se aproxima, porque você está aqui agora."

"Sim," murmuro. "Eu não sei também."

Eu considero sair quando ele se vira, apontando a faca para mim. Não há ameaça nisso. Ele está apenas tentando fazer um ponto, tentando chamar minha atenção. "Você se importa com aquela garota?"

"Sim."

"Você se lembra do que aconteceu da última vez que se importou com uma."

Ele se vira para longe de mim e eu sei que disse tudo o que iria dizer. Se eu não sair pela porta agora mesmo, ele irá chamar a polícia. Ele irá.

E eu não posso deixar isso ir tão longe.

Não posso fazer isso com a minha mãe.

Meu pai desistiu de mim há muito tempo.

Minha mãe é a esperança resistente que talvez eu não esteja sem.

"Está infeccionado."

Movo meu antebraço dos olhos e encaro o homem de pé sobre mim. Dr. Carter. Não gosto de pessoas em minha casa. Eu não convido pessoas para a minha casa. Mas ainda assim o homem está de pé na minha sala de descanso novamente.

Meu olhar muda dele para o meu peito enquanto deito sem camisa no sofá. A pele na minha lateral está inflamada, o ferimento

escorrendo. Está pulsando, cada pedaço de mim queimando, em carne viva e dolorosamente com o toque.

Infeccionado. Não brinca.

Eu posso até *sentir* o cheiro.

Meus olhos voltam para ele, mas não digo nada. Ele era o compromisso, uma concessão forçada. Karissa insistiu que eu precisava voltar para o hospital, mas eu disse que estava bem, então ela ligou para ele ao invés disso.

Estou a dez segundos de retirá-lo do lugar.

Carter limpa sua garganta, examinando meu machucado enquanto segura sua bolsa médica. "Você tomou os remédios que foram prescritos?"

"Não," uma voz diz do batente da porta. "Ele não tomou."

Karissa.

Suspirando, cubro meus olhos com o braço novamente, sem humor para isso.

Carter tem lidado comigo o suficiente para saber que sua linha de questionamento é inútil, então ele não se incomoda em perguntar mais alguma coisa. Mantenho meus olhos fechados e aperto minha mandíbula quando ele coloca um par de luvas de látex e começa a cutucar ao redor da minha pele. Ele libera o ferimento e esteriliza-o antes de cobrir minha pele com um curativo novo.

Eu sinto isso, quando ele se senta perto de mim, empoleirando-se sobre a mesa bem na frente do sofá.

"Eu entendo, Vitale," ele diz calmamente. "Se você quer sofrer com isso, vá em frente. Nós dois sabemos que a dor não irá matá-lo. Mas

essa infecção? Se você não tomar cuidado, irá matá-lo. Tome os antibióticos, mantenha o ferimento limpo e pelo amor de Deus, evite ficar andando."

"Por quanto tempo?" Karissa pergunta, ouvindo nossa conversa. "Por quanto tempo ele ficará de molho?"

Eu quero fazer uma observação sobre o porquê isso ao menos importa, mas a verdade é que eu não poderia levantar e me mover ao redor se eu quisesse agora. Eu me forcei muito rápido, muito longe e eu atingi o fundo antes que eu pudesse ao menos começar.

"Até ele ficar melhor," diz Carter. "Ele precisa relaxar e dormir."

"Irei dormir quando estiver morto," murmuro.

"Sim, bem, do jeito que você está indo, isso pode ser em breve."

O homem se afasta. Escuto seus passos quando ele segue para a porta da frente, Karissa atrás dele, mostrando-o a saída. Posso escutar suas vozes na sala de estar, palavras sussurradas que não consigo entender, antes da porta se abrir e fechar. Alívio diminui a tensão em meus músculos uma vez que ele se foi e eu escuto as trancas tilintando, Karissa as prendendo.

Eu não escuto seus passos.

Não, ela está mortalmente quieta.

Não sei se ela está lá até que o sofá se mexe, assustando-me quando ela senta na ponta. Movo meu braço de novo, espiando-a enquanto ela segura o frasco laranja prescrito e o balança em meu rosto.

"Antibióticos," ela diz. "Você ouviu o homem."

As palavras estão na ponta da minha língua.

Eu não recebo ordens de ninguém.

Quase digo as palavras, mas as engulo de volta no último segundo quando me forço a sentar. Faço uma careta, uma mão apertando o curativo na minha lateral quando agarro o frasco de comprimidos dela com a outra mão. Eu olho o rótulo, lendo as instruções.

Tome quatro vezes por dia por sete dias.

Sem dizer nada, eu abro o frasco e pego uma pílula, jogando-a em minha boca e engolindo sem água. Jogo o frasco na mesa em minha frente antes de deitar de costas e fechar meus olhos.

"Você deve tomá-lo com comida."

"Não estou com fome."

"Então, ao menos, deixe-me pegar um pouco de água para você."

"Estou bem, Karissa," digo a ela. "Bom como novo."

"Você está iludido."

"Você quis dizer *bonito*."

Ela zomba. "Não hoje. Você parece uma merda."

Movo meu braço quando ela diz isso. No momento que encontro seus olhar, ela revira seus olhos e se afasta. "Que seja, então talvez você ainda seja bonito, mesmo quando parece que foi fodido por um ceifador."

Essas palavras fazem uma risada ecoar do meu peito. Isso dói como um inferno, mas valeu a pena, eu acho, baseado no sorriso que apareceu em seus lábios. Aproximando dela, meus dedos tocam sua

bochecha antes de encarar seus lábios. "Você está ficando muito corajosa com suas palavras ultimamente."

"É porque você é irritante," ela diz quando solto minha mão. "Você é tão teimoso. Eu sei que você provavelmente não precisa de ninguém na vida, mas eu estou aqui, você sabe, então eu poderia muito bem..."

"Ajudar-me," eu digo quando ela se interrompe.

"Sim."

Considero isso por um momento antes de soltar outro suspiro resignado. Aparentar ser fraco é contra minhas regras, mostrar vulnerabilidade é muito perigoso fora dessas paredes, mas quando somos apenas nós dois, quando estamos bem aqui, talvez não tenha mal nisso.

"Tudo bem," digo. "Você quer me ajudar?"

"Sim."

"Tenha certeza de que ninguém coloque os pés nesta casa."

Ela sorri ligeiramente. "Isso eu posso fazer."

Uma semana.

Vou me dar uma semana dessa vez, sete dias para descansar e me recuperar. Eu tomo os antibióticos quando tenho que tomar e dou a Karissa um pouco de liberdade. Ao sétimo dia, estou me sentindo muito mais como eu, minha força voltando, a infecção removida. O ferimento ainda dói um pouco quando me mexo, mas está se curando. Em pouco tempo, não vou quase notar que está lá.

Mas por agora, eu ainda me lembro.

Por agora, não vou esquecer.

Não vou esquecer como ele chegou ali.

Não vou esquecer o que tenho que fazer sobre isso...

Capítulo 11

Você só pode fazer uma primeira impressão.

Meu pai salientou isso quando eu era uma criança. Fique reto. Não fique desleixado. Fique com a cabeça erguida. Não fique de cara feia. Leva menos do que um segundo para que alguém tenha uma ideia sobre você. Apenas uma olhada. O piscar de um olho.

É algo que eu cresci me lembrando. As pessoas me veem do jeito que eu quero. Mas tão importante como isso, fazer uma boa impressão, é a última impressão que significa mais, eu acho. Eles podem não se lembrar do que pensaram primeiro sobre você. Os sentimentos evoluem. As pessoas mudam suas mentes. Mas eles nunca vão esquecer os últimos momentos. Eles são eternos.

Últimas palavras.

Eles dizem que quando Al Capone estava em seu leito de morte, ele implorou para o fantasma de Jimmy Clark deixá-lo em paz. Capone era um homem problemático, caçado pelo passado, torturado pela memória de um homem que ordenou matar em uma garagem anos antes.

Perguntou-me se serei assim.

Pergunto-me se tudo irá me alcançar um dia.

Será que meu mundo cuidadosamente controlado será rasgado por que algo finalmente me quebrou no final?

Espero que irei ser mais como Frank Gusenberg, enquanto ele estava deitado na cama de um hospital, quatorze balas o atingiram vindas de homens do Capone.

"*Quem atirou em você?*" o policial perguntou.

"*Ninguém atirou em mim,*" o homem disse antes de dar seu último suspiro.

Penso demais sobre isso.

Escolho minhas palavras com cuidado.

Não diga isso a menos que você queira.

Você nunca sabe quando pode ser a última coisa que irá dizer.

A velha instalação industrial está abandonada, no fundo de um bairro degradado no Queens. Matadouro número cinco, Ray chama o lugar na brincadeira. Tem visto mais morte do que um soldado na guerra. Embora o exterior da estrutura ainda seja sólido, os tijolos todos intactos, o interior está destruído.

De volta ao trabalho eu vou.

Um homem está pendurado em um gancho de carne em uma viga com correntes nos pulsos, balançando tão próximo ao chão que seus sapatos raspam o concreto. Ele está golpeado e ensanguentado, em uma confusão fodida de soluços. Não sei seu nome. Não sei nem o que ele fez para ter terminado nesse lugar. Mas ele está aqui e quando você termina na posição dele, só há um caminho para sair dela.

Em um saco.

"Alguma última palavra?" Pergunto.

O homem pisca lentamente como se estivesse drogado, mas eu sei que não há nada em seu sistema. Não, seu corpo está apenas se fechando sobre ele. Quem sabe quanto tempo ele tem estado aqui. Recebi uma ligação de Ray essa manhã, pedindo-me para acabar com o sofrimento.

Então, tem esse cara...

Ele me encara como se estivesse vendo um anjo da morte e eu acho que de alguma forma é o que eu sou.

Vou tomar sua vida como um pagamento por seus pecados.

Com uma mão enluvada, alcanço em meu casaco uma pistola barata calibre 22, já carregada, definitivamente não registrada em meu nome. O grande estado de Nova York irá dizer-lhe que não tenho nenhuma arma.

Aponto a arma para ele, dando-lhe tempo para dizer algo.

Seu silêncio é ensurdecedor.

"Última chance," digo a ele. "Torne isso intenso."

Ele cospe no chão, uma mistura de sangue e saliva, antes de murmurar, "Vai se ferrar."

Últimas palavras admiráveis, apesar de um pouco clichê. Não é a primeira vez que alguém as diz para mim nesse lugar. Eu aponto a arma e puxo o gatilho, o tiro ecoando alto quando a bala rasga através de seu crânio, terminando com ele de imediato. Seus pés batem no chão sujo quando seu corpo balança com o impacto.

Derrubo a arma e saio andando, descartando-a lá. Não pode ser rastreada até mim. Ninguém nunca vai saber que eu estive aqui.

Já disse isso antes.

Vou dizer novamente.

Não sou um homem bom.

Eu nunca serei.

Dirijo por um tempo depois de eliminar a adrenalina, antes de fazer meu caminho de volta para o Brooklyn. Ainda está cedo, então estou surpreso em encontrar Karissa se movimentando, de banho tomado e vestida.

Ela está na cozinha, usando um par de shorts jeans rasgado e uma das minhas camisetas brancas por cima de um biquíni rosa, as tiras amarradas atrás de seu pescoço. Seu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo solto, sua pele livre de maquiagem enquanto está de pé ao lado da geladeira colocando algumas garrafas de água dentro de um isopor.

"Indo a algum lugar?" Pergunto.

Ela balança em minha direção, sorrindo amplamente.

A visão de seu sorriso faz meu peito doer.

Ela está com um muito bom humor está manhã por alguma razão, mas o que quer que seja, eu aceito. O que quer que a faça feliz, estou dentro.

"Bem, sim... É dia quatro."

"Dia quatro?"

"Sim, você sabe... Dia Quatro de Julho. Deixe a liberdade tocar e todo o jazz."

Ah. Eu não percebi, mas normalmente nunca percebo. Feriados são apenas mais um dia para mim. Um título e uma declaração nacional não lhes dão significados. Ela parece animada com isso, embora. "Huh."

Sua expressão cai com minha reação. "Tudo bem, não é? Quero dizer, você tem se sentido melhor, então não acho que precise de mim, especialmente desde que saiu essa manhã e Melody ligou, então pensei..."

Ela está divagando.

Nervosa.

"Tudo bem," digo, embora não estou inteiramente certo sobre como me sinto sobre isso, pessoalmente, ela andando em uma grande multidão em algum lugar da cidade, possivelmente desaparecendo para sempre. Mais de uma vez nessa última semana ela mencionou estar sentindo como se alguém a estivesse observando. É apenas uma questão de tempo antes de seu observador decidir fazer um movimento. "Apenas... Tome cuidado lá fora."

Ela me olha com cautela por um momento. "Eu irei."

"Bom, porque você tende a encontrar problemas quando está fora por sua conta."

Estou meio brincando, mas ela sorri divertida. "O que posso dizer? É um talento."

Aceno, meus olhos demorando nela por apenas um momento, antes de me virar, deixando-a terminar o que está fazendo.

"Naz?" Ela chama. "Você não quer ir junto, quer?"

O convite me surpreende. "Eu passo."

Ando até a porta quando sua voz soa novamente. "Você vai me seguir hoje?"

A pergunta me para mais uma vez. Ela está me chamando para manter um olho nela, de fato, como se estivesse realmente curiosa com a resposta. Tem sido um tempo desde que fiz isso... Desde que ela foi para algum lugar para eu fazer isso... Mas não posso negar que o pensamento passou pela minha cabeça.

Parando, viro-me para ela. "E se eu for?"

"Então você pode apenas vir junto," ela diz, dando de ombros enquanto usa a máquina de gelo do freezer para mandar gelo picado para o pequeno isopor. "A coisa toda de me observar de longe é um pouco assustadora, você sabe. Entendo que você não confia em mim, mas perseguição só é legal quando Edward Cullen faz isso."

Edward Cullen... Não consigo encaixar o nome. "Edward Cullen?"

"Sim, você sabe, o vampiro? De Crepúsculo?" Ela me olhando esperando eu entender, mas dá de ombros um segundo depois e continua. "Não importa. É meio assustador quando ele faz isso também. O ponto é, se você vai manter um olho em mim, para ter certeza que estou sendo boa ou o que seja, você deveria apenas vir junto."

É estranho para mim, quão casual ela fala sobre a situação, mas algo que ela disse me leva para o caminho errado. "Não é que eu não confie em você."

"Você confia, então?" Ela pergunta. "Você confia em mim?"

"Não."

A resposta a faz rir.

"Mas não tem nada a ver com isso," digo. "Eu faço isso para que eu saiba que você está segura."

"Sou completamente capaz de me manter a salvo."

"Você realmente pensa isso, Karissa?"

"Sim."

"Bem, você pensa errado," Digo. "Você não consegue reconhecer o perigo quando ele está bem na sua cara, querida."

Perigo de verdade não vem com uma arma; não vem até você com violência ou raiva. Quando alguém vê vermelho, eles se tornam descuidados, emocionais e é um inferno mais fácil difundir uma bomba-relógio com todos os fios expostos do que uma que está quieta e escondida. O perigo maior tem sorrisos em seu rosto e palavras doces nos lábios. Eles não ameaçam ou forçam... Eles seduzem. Eles têm o poder de fazer você acreditar no que quer que eles queiram e eles fazem isso com manipulação, através da sedução.

E Karissa não tem absolutamente nenhuma ideia de quando isso está acontecendo com ela.

Eu sei, porque eu fiz isso e ela facilmente se apaixonou por mim.

Ela cruza seus braços contra o peito. Ela está na defensiva por causa do que eu acabei de falar. Seus olhos me analisam por um momento em silêncio antes de ela balançar a cabeça, decidindo não se envolver no argumento. "Que seja. Eu só acho que se você vai estar lá fora de qualquer maneira, você deveria apenas vir conosco."

"Não vou interferir com seus planos."

"Não é interferir se eu convidei você."

"Por que você me convidaria?"

"Porque eu quero que você venha."

Levanto uma sobrancelha. "Você *quer* que eu vá?"

"Uh, sim." Ela dá de ombros. "Caso contrário, eu vou ficar paranoica o dia todo, pensando que alguém está me observando de novo."

"O que você tem planejado?"

"Nós vamos ao parque perto da ponte para cozinhar, passear e nadar antes dos fogos de artifício. Melody vai estar lá com seu namorado e algumas outras pessoas... Amigos dela. Seria legal ter mais alguém lá... Alguém para conversar. Além disso, quem sabe? Você até pode ter um pouco de diversão."

Altamente improvável, eu penso, mas não falo isso, deixando-a acreditar no que quiser. Eu a deixaria para baixo, negar o convite, mas suas palavras me pegam, fazendo impossível uma negação sair dos meus lábios.

"Tudo bem," digo. "Ok."

Um lampejo de surpresa passa por seu rosto que ela apaga rapidamente com outro sorriso. "Você soa tão animado."

"Cozinhar e passear não são realmente minha praia," admito. "Prefiro entrega em casa e solidão."

"Eu notei," ela diz, voltando para o que estava fazendo quando cheguei em casa, jogando alguns refrigerantes em cima do gelo. "E sobre nadar, embora? Você não disse nada sobre nadar."

"Isso porque eu não sei nadar."

Ela quase derruba um refrigerante, virando rapidamente. Ela não se incomoda em esconder sua surpresa dessa vez. "Você está brincando."

"Parece que estou brincando?"

Seus olhos examinam meu rosto enquanto balança a cabeça. "Isso dá um novo significado sobre você me dar a tabua, você sabe."

"Não realmente," digo, casualmente encostado no batente da porta. "De qualquer jeito, eu acabo me afogando, eu sabendo nadar ou não."

"Sim, mas ao menos se você souber nadar, você tem esperança de talvez sobreviver."

"Algumas vezes é melhor não ter esperança."

Ela zomba. "Isso é loucura. Se estou indo para a água, eu gostaria de saber se ao menos eu tenho uma chance."

"Mesmo se for uma falsa esperança."

"Absolutamente." Ela apoia a tampa do isopor, fechando-o quando termina de enchê-lo. "Eu prefiro ter uma razão para lutar a apenas desistir bem no começo. Não me importo se a esperança é uma mentira e estou apenas adiando o inevitável... Ao menos me dá alguma coisa para me segurar. Alguma coisa é sempre melhor do que nada."

Ela se inclina contra o balcão ao lado do freezer e cruza os braços contra o peito, um olhar peculiar passando em seu rosto enquanto me observa. Eu a conheço bem o suficiente para saber que está pensando em sua mãe, sobre o engano, sobre o vislumbre de esperança que sua mãe tentou introduzir em sua vida, mudando a verdade feia em uma pequena mentira descente... Uma mentira que eu quebrei, uma esperança que eu levei para longe. Eu destruí a fantasia com a realidade.

Ela seria feliz vivendo nas nuvens, mas a agarrei pelos pés e a puxei de volta para o chão.

Karissa iria preferir o segundo fôlego, eu percebo. Mesmo com a morte batendo na porta, vindo inevitavelmente para levá-la, ela iria preferir nada mais do que acreditar que teria uma chance para ela ficar.

"Você realmente virá?" Ela pergunta depois de um momento.

"Sim."

"Vou ligar para Melody," ela diz. "Ela e Paul estavam vindo me buscar, mas já que você vai, eles não precisam mais."

"Ok."

Ela pega seu telefone, mas ainda não o usa, ainda olhando para mim, estudando-me, como se tivesse mais alguma coisa para me dizer. Seus olhos me percorrem da cabeça aos pés antes de encontrar meu olhar novamente. "Você *está* indo mudar de roupa, certo?"

Instintivamente, olho para meu terno. "Não estava planejando."

"É Quatro de Julho," ela remarca. "É uma festa, não uma reunião dentro de uma sala ou, você sabe, o que quer que você faça com esses ternos."

O jeito que ela fala isso me faz rir. "Eu faço tudo com esses ternos... Socializo, como, trabalho… Já fui conhecido até por foder com eles antes."

O rubor em suas bochechas e o sorriso malicioso que ela tenta repreender me diz que ela muito claramente lembra-se disso acontecendo. "Estou só dizendo, você sabe... Você pode ficar mais confortável com algo como o que estou usando."

Ela aponta para si mesma para marcar seu ponto e meus olhos analisam seu corpo instintivamente, bem feliz por ter uma desculpa para

comê-la com os olhos abertamente. "Algo me diz que eu não iria ficar tão bem quanto você com essa roupa."

Ela revira os olhos, o rubor se aprofundando. "Você sabe o que eu quis dizer."

"Sim, eu sei," digo. "Se a fará feliz, irei mudar."

"Obrigada."

Eu acabo mudando para uma das minhas roupas de malhar – um par de shorts de ginástica preto e uma camiseta branca simples, com um par de tênis preto tirado do fundo do meu armário. Não tenho malhado há um tempo, com Karissa me mantendo preocupado e meu ferimento tornando difícil até para andar por muito tempo em algumas tardes.

Depois que estou fora do terno, sigo de volta para o andar de baixo, ouvindo a voz de Karissa enquanto ela conversa em seu telefone.

"Sim, tenho certeza," ela diz. "Encontramos vocês lá."

Ela desliga, deslizando o telefone em seu bolso de traz, antes de se virar para a porta quando entro. Seus olhos se arregalam, a mandíbula caindo enquanto me encara tão forte que quase me faz hesitar.

"O que agora?" Pergunto, olhando-me.

"Uh, nada," ela diz, balançando enquanto desvia os olhos. *Huh.* "Eu apenas nunca o vi usando algo assim antes. Fica bom... Quero dizer, estou só dizendo, você ficou bonito."

O rubor está de volta em seu rosto.

"Você está flertando comigo, Karissa?"

"O que? Não! Claro que não! Estou só dizendo…"

"Você está dizendo que fiquei bonito."

"Sim."

Eu solto uma risada, balançando a cabeça, esperando ela terminar o que quer que precise fazer. Ela só leva alguns minutos antes de se virar para mim e sorrir, um saco grande de lona em seu ombro, recheado com suas coisas. Tomo sua expressão no sentido dela estar pronta e pego o isopor, acenando com minha cabeça para ela ir até a porta.

Coloco o isopor no porta-malas do carro e ela coloca sua bolsa ao lado, bufando quando faz isso. "Jesus, está quente aqui fora hoje."

"Você tem certeza que quer ir?" Pergunto, fechando o porta-malas. "Só vai esquentar cada vez mais."

Ela zomba. "Posso lidar com o calor."

O parque Brooklyn Bridge está no lado leste superior do município, localizado ao longo da fonte de East River. Paro o carro em um estacionamento cerca de meio quilometro de distância, sabendo que nunca irei encontrar uma vaga na rua, e pego o isopor do porta-malas enquanto Karissa, mais uma vez, desliza sua bolsa em seu ombro.

O caís cinco está lotado, a maioria das mesas de piquenique ocupadas, a maioria das churrasqueiras já acesas. A grama é anormalmente verde, o ar salgado, permeado com cheiro de sal tão perto da água. Karissa inclina a cabeça para trás enquanto nos aproximamos, inalando profundamente quando um sorriso brinca em seus lábios. "Eu amo esse cheiro."

Ela ama.

Vai entender.

Faz meu nariz torcer.

Eu noto o grupo assim que chegamos, meia dúzia de pessoas rodeando uma das mesas. Não conheço a maioria deles e pelo jeito que os passos de Karissa diminuem, sua aproximação contida, eu sei que ela realmente não os conhece também. Melody Carmichael está bem no centro da multidão, de pé atrás de seu namorado enquanto ele está sentado na mesa com outros dois caras. As outras pessoas são mulheres, pequenas loiras com um bronzeado intenso, assim como Melody.

Eles estão em pares, eu percebo. Três casais.

Não é de admirar que Karissa não queria vir sozinha...

Meus olhos estudam o grupo antes de mudarem para Karissa quando ela se aproxima, abraçando Melody imediatamente. Fico para trás em silêncio, colocando o isopor para baixo em meus pés e observo enquanto os cumprimentos e apresentações são feitas. Mandy e Monica – melhores amigas de Melody da escola – junto com seus namorados, Scott e Jackson.

Melody se vira para Paul por último, envolvendo seus braços ao redor dele por trás e dando um beijo em sua bochecha que ele limpa no segundo em que ela se vira. "E claro que você conhece Paul."

"Sim," Karissa diz, sua voz hesitante enquanto olha brevemente para ele. "Claro."

Mais ninguém parece ter percebido a mudança em sua voz, o jeito menos entusiasmado que ela reage à presença de Paul, mas é gritante para mim, balançando uma grande bandeira vermelha. Eu encaro o garoto, avaliando-o. Já o vi antes quando eu observava Karissa de longe, o vi na noite da Timbers quando Melody deixou o bar... À noite em que Karissa foi drogada e desmaiou na rua.

Huh.

Isso é um strike.

Estou tão envolvido com esse fato, preso em desvendar esse mistério que não percebo alguém se dirigindo a mim até que uma mão é pressionada contra meu peito. Meus olhos disparam até ela, vendo o esmalte vermelho brilhante nas unhas longas falsas, antes de seguir o braço até o corpo de alguém que não deveria estar me tocando.

Encontro os olhos de Melody.

"Você parece bem, Naz," ela diz brincando, o azul suave brilhando com diversão. "Não vi você fora de um terno antes. Eu gostei."

Olho para baixo, encarando sua mão intrusa até ela removê-la. *Finalmente.* "É bom vê-la de novo, Srta. Carmichael."

Ela cora com meu tom como se estivesse pensando que estou flertando, mas estou apenas tentando não chatear a amiga de Karissa. Sorrio para não fazer cara feia, oferecendo palavras gentis para não ofendê-la. Por mais que eu despreze desilusão, eu sei jogar o jogo quando tenho que jogar.

E para meu grande desânimo, eu tenho que jogá-lo com frequência.

Conheço o tipo dela. Elas sorriem muito facilmente, recebem muito calorosamente, suas palavras tão falsas quanto os gemidos que fazem quando deixam seus pequenos namorados brincarem entre suas pernas. Elas vêm de famílias boas e nunca lhes faltam alguma coisa. Elas não sabem como é sentir dor. Elas não sabem como é lutar. Elas não sabem como é acordar um dia e perceber que tudo que você pensou que sabia sobre a vida era uma maldita mentira.

Elas não sabem, mas eu sei e Karissa sabe, também.

Ela é boa demais para ele.

Apesar de estar fora do seu ambiente, Karissa parece relaxada, como se fizesse parte dessas pessoas e talvez ela ache que faça... Talvez ela queira fazer... Mas eu sei melhor.

Ela lutou pela vida e conseguiu sobreviver.

Ela não teve nada entregue a ela.

Paul e os outros caras desocuparam a mesa rapidamente para começarem a grelhar. Karissa senta em um de seus lugares enquanto Melody senta ao seu lado, as duas caindo em uma conversa fácil. Escuto por um momento antes de olhar ao redor, mudando minha atenção de volta para Paul. Eles estão mexendo com carvão, espalhando-o em pilhas dentro da grelha, antes de Paul puxar um pequeno isqueiro de seu bolso e abri-lo, inflamando uma pequena chama.

Ele segura o isqueiro em cima de um dos carvões secos, esperando acendê-lo sem nenhum acelerador.

Apesar de tudo, eu rio, alto o suficiente que a voz de Karissa oscila temporariamente, mas ela não interrompe para me perguntar. Eu não sei uma merda sobre grelhar, mas começar incêndios? *Fácil demais.* É tanto uma arte como uma ciência, e é óbvio, observando-os, que eles não têm um osso engenhoso em nenhuma parte do corpo.

Eu os deixo se foderem por um minuto, ouvindo-os discutirem sobre como fazer isso, os outros dois repreendendo Paul por comprar o carvão errado, por esquecer o fluído do isqueiro, por não saber como fazer nada. Eles estão perto de entrarem em uma briga de socos quando

suspiro exasperadamente, interrompendo-os antes de trocarem algum soco.

Eu não digo uma palavra, apenas deslizo entre os meninos briguentos e olho ao redor em seus suprimentos, não encontrando muito para trabalhar, mas é o suficiente para fazer o truque. Alguns guardanapos e um spray de carnes para grelhar são tudo o que preciso. Arrumo os guardanapos de modo que estão distribuídos antes de virar para Paul.

Ele está pasmo me olhando.

"Isqueiro?" Estendo minha mão e ele o desliza na minha palma sem questionar. Eu rapidamente o abro, acendendo as pontas dos guardanapos, ignorando a sensação das chamas quando encostam nos meus dedos. Encaro os papeis enquanto eles inflamam antes de me virar e jogar o isqueiro de volta para ele. "De nada."

Ele não me agradece.

O idiota apenas me encara um pouco mais pasmo.

Ando de volta até Karissa. Ela está me observando, sua conversa com Melody esquecida quando a garota segue para conversar com suas outras amigas. Eu paro bem na frente de Karissa enquanto ela se inclina contra a mesa de piquenique, encarando a água. Você pode ver o céu de Manhattan claramente daqui, a agitação da cidade do outro lado do rio. Seus olhos me analisam antes de inclina a cabeça para trás. Ela levanta uma sobrancelha quando olho para ela.

"Você é bom naquilo," ela diz.

"Bom em que?"

"No que você acabou de fazer."

Olho brevemente para a grelha. As chamas crescendo, queimando tão intensamente que os caras deram uns passos para longe.

Viro de volta para Karissa, dando de ombros levemente. "Todos nós temos talentos."

Ela está quieta, seus olhos apertando suspeitamente enquanto estuda meu rosto, como se estivesse tentando adivinhar algo fora da minha expressão, mas eu a mantenho em branco. Após um momento, ela se inclina para frente, esticando o pescoço para olhar para mim. "Brincar com fogo," ela diz, sua voz quase um sussurro. "É sua especialidade, certo?"

Minha testa franze.

"Eu ouvi você dizer isso uma vez," ela diz. "Você estava no telefone na sala de descanso."

Ela engole pesadamente, como se o que acabou de dizer a deixasse nervosa. Meus olhos são atraídos para o contorno de seu pescoço. É uma coisa linda, observar os músculos de sua garganta flexionarem. Isso me lembra de como foi a sensação dela chupando meu pau, o calor que me envolveu, os arrepios, as cócegas, quando me senti escorregar em sua garganta lisa.

Por mais que eu amei, não pude tolerar por muito tempo. Fodê-la é uma coisa – eu a possuo, corpo e alma, quando estou dentro dela, reivindicando cada pedaço dela como meu. Mas quando ela me levou em sua boca, quando ela me olhou por entre minhas pernas, a honestidade em seus olhos foi muito para aguentar.

Foi assim que ela me tomou.

Eu sou uma escória, comparado a essa mulher.

Eu deveria ser o único a estar de joelhos.

Esse pensamento me faz rir e sua expressão muda em confusão, quando a alcanço e traço meus dedos ao longo do comprimento de sua laringe, até sua garganta, até onde seu colar estar. Ela está usando o que eu dei para ela. Ela não usa seu anel de noivado, mas nunca tira *esse.*

Eu pego o pingente, rolando o enfeite entre meus dedos, lendo as palavras gravadas nele. *Carpe Diem*[9]. É um sentimento engraçado, eu acho, valorizando algo que você costumava querer destruir. Não engraçado do tipo ha-ha... Engraçado como que-piada-fodida.

Encontro seus olhos de novo. "Você sempre vai desconfiar de tudo o que eu faço?"

"Sim."

Sua voz é apenas um suspiro.

Eu rio de novo, mas não há humor nisso. Eu aprecio a honestidade, mas odeio a porra da resposta.

"Assim como você sempre vai desconfiar de mim," ela continua. "Talvez quando você começar a confiar em mim de novo, eu vou dar-lhe o benefício da dúvida, também."

"Talvez," eu digo, abaixando-me, meus lábios perto de seu ouvido quando sussurro, "mas você provavelmente não deveria."

Eu solto seu colar e me endireito assim que Melody se vira, mais uma vez puxando uma conversa com Karissa. Os olhos de Melody estão arregalados, implorando, sua voz combinando com o olhar quando diz, "então, você pensou mais sobre isso?"

Karissa lança um olhar para ela. "Pensou sobre o que?"

[9] Viva o momento.

"Pegar aquela aula comigo," Melody diz. "Ética e Sociedade."

A expressão de Karissa muda quando ela torce o nariz. "Inferno não."

"Oh, vamos lá!" Melody diz, agarrando o braço dela e puxando, como uma criança fazendo birra. "Por favor? Não posso pegar aula de filosofia sem você. Isso é muito errado. Jesus Cristo, é como uma blasfêmia."

"Então não pegue."

"Mas eu quero e eu não entendo porque você não quer."

"Não quer o que?" A voz de Paul corta a conversa quando ele caminha até a mesa. "O que está rolando?"

"Karissa não quer pegar aquela aula comigo."

Paul ri. "A aula de filosofia? Ela não bombou na primeira?"

"Eu não bombei," Karissa diz defensivamente. "Eu só não fui tão bem como esperava."

"Isso porque Santino é um idiota," Melody diz. "Você deveria ter tirado um A na matéria. Você era boa nela! Aquele tipo *ser ou não ser, se há uma árvore na floresta, ela caga em um urso* louco é você o tempo todo, Kissimmee."

Os outros riem, e darei isso a Melody... Ela é certamente divertida... Mas tudo o que registro é o vacilo que Karissa dá com o apelido. *Kissimmee.* Pergunto-me se ela sabe o verdadeiro significado por trás dele, a história que seus pais e eu temos em Kissimmee.

Pergunto-me se deveria contar a ela.

Se eu deveria contar a ela que foi para lá que seus pais correram depois de destruir minha vida. Se eu deveria contar a ela que eles pensaram que seria a salvação deles. Se eu deveria contar a ela que os rastreei lá, encontrei-os vivendo naquela casa pequena em Kissimmee, Florida, como se fossem a imagem da família perfeita. Foi o último lugar que os dois ficaram juntos antes de Johnny enviar Carmela, por conta própria, em sua fuga e ele veio para casa, para encarar meu julgamento. *Sempre teremos Kissimmee,* eu o ouvi dizer uma vez.

Ele pensou que eu iria deixá-la em paz se ele se oferecesse em uma bandeja, mas eu não estava procurando por uma refeição fácil.

Eu queria *justiça igual.*

Paul se afasta quando um de seus amigos chama seu nome, indo verificar a grelha. As chamas diminuíram um pouco então eu mal consigo vê-las de onde estou.

"Ética e Sociedade," digo, juntando-me a conversa. "Estou assumindo que isso envolve questões sociais polêmicas. Soa fascinante."

"Viu!" Melody acena em minha direção. "Ele sacou! E lembra daquele papel sobre assassinato que escrevemos? Você tirou A nele! Essa é exatamente a sua área. Assassinatos é totalmente sua praia!"

Eu seguro uma risada com isso.

Eu li a dissertação de Karissa sobre assassinato. Eu a vi na mesa de Daniel na primeira vez que o confrontei sobre como ele a estava tratando na aula. Estava horrível.

Ela merecia ter falhado.

Mas claro que eu o fiz passá-la, de qualquer maneira.

"E vamos lá," Melody continua, realmente levando a sério. "Há uma seção inteira sobre a moralidade sexual. Você tem que pegar. Todo o resto é tudo *blah blah blah*, mas este é o negócio! Hoje em dia, todo mundo quer falar como se tivesse algo para falar, você sabe? Mas nada sai quando eles movem os lábios. É *ridículo.* Onde mais você vai conseguir tal conversa excitante?"

Não faço ideia do que diabos a garota está divagando, mas de alguma forma atinge Karissa, o canto dos lábios oscilando com a sugestão de um sorriso. "De Eminem."

Melody aperta o peito dramaticamente, jogando a cabeça para trás. "Deus, eu gostaria. Aquele homem poderia me excitar a noite toda. Mas ele não está aqui, então eu acho que você deveria totalmente pegar essa aula comigo."

"Além disso," Paul grita quando bate a grade de metal na parte superior da grelha, "não é como se você tivesse que se preocupar com Santino esse ano. Alguém já cuidou disso para você."

Os olhos de Karissa mudam imediatamente em minha direção quando a atenção de Melody é desviada. Ela briga com seu namorado por fazer piada sobre a morte do professor, enquanto o olhar apontado para mim está cheio de nada além de suspeita. Ela sabe. Eu sei que ela sabe. Ela não veio e perguntou para mim, não trouxe o assunto depois da conversa inicial na noite em que foi questionada pela polícia, mas eu posso ver em seus olhos que ela pensou sobre isso.

Ela quer perguntar para mim.

Espero que ela nunca pergunte.

Porque se ela está procurando por remorso ou algum tipo de explicação racional, ela nunca irá encontrar o que quer de mim. Eu não me arrependo por um segundo do que fiz. O homem tinha isso vindo.

Espetei aquele maldito bastão direto em seu coração.

Eu nunca tinha esfaqueado alguém no coração antes. É insensível e pessoal, e eu prefiro manter isso estritamente profissional. Mas ele cruzou meu caminho, ofendeu-me e eu queria que ele me olhasse quando a morte o levasse. Eu esperava que fosse rápido, mas ele lutou. Ele lutou e tentou correr, o maldito bastão preso em seu peito quando ficou em seus pés.

Eu aprendi uma lição aquele dia.

Eu nunca irei fazer isso de novo.

É por isso que eu cortei a garganta de Johnny antes de colocar uma faca em seu peito.

Dobro uma sobrancelha para Karissa, esperando ela se virar para longe de mim de novo, mas ela não o faz.

Ela encara.

E encara.

E encara.

Sinto como se ela estivesse cavando minha alma quando me olha desse jeito.

Como se ela estivesse levando para longe um pouco da escuridão, tentando salvar o que ainda pode estar por baixo. Pergunto-me se irá ficar desapontada ao descobrir que cada parte de mim está contaminada, que até o meu lado bom não é tão bom quanto deveria ser.

Depois de um momento, Melody se volta para ela, reorientando, e chamando a atenção de Karissa para longe de mim. "Então? Você irá ao menos considerá-la?"

Karissa suspira exasperadamente. "Tudo bem."

"Você vai pensar sobre isso?"

"Eu vou pegar a maldita aula."

Melody dá um grito, mais uma vez agarrando o braço dela, dessa vez animadamente. Não demorou muito para ela se distrair quando mudou de assunto, convidando seus outros amigos para a conversa quando um deles entra no assunto e faz a pergunta de um milhão de dólares: "Quem é esse cara Santino?"

Melody se lança para a história toda, começando desde início, o primeiro dia que Karissa entrou em sua sala de aula.

"Ele deu uma olhada para ela e empinou o nariz," Melody diz, constatando um fato. "Ele a odiava sem nenhuma razão. Foi uma loucura."

Loucura, talvez, mas havia uma razão, e certamente não era porque ele a odiava. Ele nunca viu Karissa naquele dia. Não acho que ele realmente *alguma* vez a viu. Ele pôs os olhos em uma jovem que se parecia demais com a que ele bajulou quando era um adolescente, a única garota que Daniel Santino já deu seu coração, e ela o quebrou e o destruiu. Ele sempre teve uma queda por Carmela, seguindo-a por aí como um cachorrinho, tragando cada grão minúsculo de atenção que ela o dava, devorando cada osso que ela jogava. Carmela brincou com sua paixão, até foi em alguns encontros com ele.

Ela disse que era compaixão.

Disse que era certo dar-lhe um tratamento justo.

Mas no final ela o deixou como um mau hábito e escolheu um pior no lugar: Johnny.

Ele olhou para Karissa naquele dia quando ela entrou, e ele não viu sua nova aluna. Ele viu seu antigo amor. Ele viu a que foi embora. E ele não estava bravo por ver seu rosto novamente.

Não, o que Karissa o fez senti foi *terror.*

Porque ele sabia que era um rosto que eu estaria procurando.

E ele sabia, quando o encontrasse, exatamente o que eu tinha planejado.

Melody está em algum lugar no meio do semestre em sua história, sobre quando eu apareci. Posso dizer que Karissa está desconfortável, com o jeito como ela está se mexendo, o jeito que seus olhos não encontram os de ninguém. Fico grato quando Paul interrompe, intrometendo-se na conversa com o assunto sobre comida enquanto ele fecha a grelha, e eu vejo Karissa suspirar de alívio, também.

Não sei por que ela se faz passar por isso.

Não gasto tempo ao redor de pessoas a menos que seja necessário.

O dia se arrasta no final da tarde. Apesar da placa '*sem álcool nas instalações*' que passamos no caminho, eles têm um cooler cheio de cervejas e latas abertas. Eu bebo uma garrafa de água que Karissa trouxe enquanto ela prefere tomar as bebidas com os outros.

Está quente como o inferno.

A companhia é entediante.

Estou suando, miseravelmente, mas não digo nada, escolhendo um hambúrguer assado demais que não tenho interesse em comer. Estou sentado na ponta do banco ao lado de Karissa, tão perto que nossos braços se encostam quando um de nós se mexe. Ninguém nota ou dá muita atenção no que eu estou fazendo, exceto Karissa, quando seus olhos me examinam constantemente. Ela está tentando ser recatada sobre isso, seu olhar curioso. Depois de algumas vezes, eu pego seu olhar e ela congela, sabendo que foi pega.

Eu dou uma mordida pequena, esforçando-me ao mastigar, lutando contra a ânsia de vômito da carne seca quando ela me olha.

Depois de um momento, ela se aproxima, perto o suficiente que só eu posso ouvir, e sussurra, "e se estiver envenenado?"

Eu pego um guardanapo da mesa, cuspindo tudo o que está em minha boca. *Nojento.* Jogo o guardanapo em meu prato e o empurro de lado.

Estou cheio dessa merda.

Seus olhos arregalam. "Eu não quis dizer para você fazer isso."

"Não foi você," digo, pegando minha garrafa de água e tomando um gole. "Não poderia empurrá-lo para baixo mesmo se precisasse."

Ela olha de mim para o prato, para seu hambúrguer intocado, então para mim de novo. Ela não diz nada, levantando-se e pegando seu prato, hesitando antes de pegar o meu também. Depois de jogá-los fora, ela engole o resto de sua cerveja e joga a garrafa no lixo antes de pegar outra no cooler.

O final de tarde se transforma em início de noite. Tudo está limpo, a maior parte descartada, abandonada ao lado dos coolers, quando eles decidem ir até a fonte de água para nadar.

Sento-me ao longo da lateral da piscina montada, em uma mesinha com um guarda-sol azul gigante sobre minha cabeça. Pessoas enchem a pequena área, ao menos cem pares de olhos que poderiam facilmente atravessar o caminho de Karissa, mas ela parece não se importar quando tira as roupas, descartando-as na mesa ao meu lado, ficando com um biquíni rosa furtivo que faz sua pele bronzeada brilhar.

O material metálico cobre suas partes mais íntimas – partes que eu mataria um homem se ele se atrevesse a olhar – mas caso contrário, deixa pouco para imaginação. Suas curvas são orgulhosamente exibidas, cada covinha e ondulação, cada divisão, cada pedaço de sua pele que acena para mim à noite quando ela deita ao meu lado.

É pecaminoso.

É insuportável.

Isso toma cada força que tenho para deixá-la se afastar de mim desse jeito.

Ela caminha até a borda da piscina enquanto puxa o cabelo para cima, prendendo-o no topo da cabeça em uma espécie de coque mal feito. Afasto meus olhos dela, suspirando exasperadamente enquanto corro minhas mãos pelo rosto suado e fecho os olhos. Quando os reabro, a primeira coisa que vejo é Paul parado do lado oposto da piscina, em frente à Karissa, seus olhos percorrendo o corpo dela, indo perigosamente para aqueles lugares que não deveriam ir.

Strike dois.

Minha pele arrepia, um espiral dentro de mim que eu tento rapidamente desenrolar, afastá-lo antes que me preencha demasiadamente para combatê-la. Karissa entra na água, desaparecendo imediatamente da superfície.

Só então é que o garoto olha para longe dela.

Ele pula, nadando até sua namorada, imediatamente pegando Melody e molhando-a enquanto ela grita com riso.

Eles brincam ao redor, jogando água, nadando e pulando. É estranho, ver Karissa desse jeito, tão à vontade em torno das pessoas, tão relaxada e feliz, como se a realidade que a atingiu dois meses atrás tivesse desaparecido, observando distante a vida que ela criou aqui. Não a tenho visto sorrir tanto assim desde... Bem, desde antes de se machucar.

A noite começa a se afastar, desenvolvendo mais conforme o sol começa a mudar de posição no céu, aproximando-se do oeste. Karissa sai da água eventualmente, pingando água quando caminha em minha direção, seus braços cruzados sobre o peito ao se aproximar.

Ela puxa uma toalha de sua bolsa para secar seu cabelo. Quando percebe que a estou observando, ela enrola a toalha no corpo, cobrindo-o enquanto sorri timidamente.

"Por que você fez isso?" Pergunto.

Ela levanta uma sobrancelha. "Fiz o que?"

"Escondeu-se de mim," digo. "Todas aquelas pessoas na piscina não a incomodaram, já que você não estava nem um pouco desconfortável com *elas* olhando."

"Elas não estavam olhando."

"Elas poderiam."

"Elas não estavam," ela insiste. "Quero dizer, talvez elas olharam, mas não me deram muita atenção. Mas você..."

"Mas eu?" Pergunto quando ela não termina.

"Você *olha* para mim."

"E isso é um problema?"

Ela suspira, prendendo a toalha mais apertada em seu corpo quando vira, como se fosse se afastar. Eu soo defensivo, eu sei, e inferno, talvez eu seja, mas não estou tentando frustrá-la.

Posso ver aquelas paredes crescendo ao nosso redor, no entanto.

Antes que ela possa se afastar, eu a alcanço e agarro seu braço, parando-a. Seus músculos tencionam quando a puxo para perto da mesa.

"Não estou tentando ser um pé no saco," digo, puxando-a para a cadeira ao meu lado. "Estou apenas tentando entender."

"Você sabe," ela diz, aproximando o corpo de mim, mas ainda mantendo a pele coberta. "Para alguém que sabe tudo sobre mim, você parece realmente não entender nada."

Sua voz é firme, quase hostil.

Eu entrei em sua pele.

"Aquelas pessoas?" Ela continua, acenando para a piscina. "Elas podem olhar o quanto quiserem. Eu não percebo quando o fazem, porque não me importo com o que pensam. Não mais. Eu costumava me importar... costumava querer me encaixar, ser normal e algumas vezes ainda me sinto desse jeito, como se eu pudesse ser daquele jeito se eu tentasse, mas não sou. Eu sei que não sou. Meus pais são assassinos e mentirosos e você..." Ela ri secamente. "Você é o que é. Então sim, aquelas

pessoas podem se quiserem, mas eles não me veem e não me importo com o que eles pensam que veem. Mas você me olha. Você me olha duramente. E eu sei que você me vê. E talvez, Naz… Talvez eu me importe com o que você pensa."

Os outros estão fora da piscina, fazendo seu caminho até nós antes que eu possa responder. Deixo Karissa ir e ela se levanta, derrubando sua toalha apenas o suficiente para colocar seus shorts de volta e sua regata.

"Preciso de uma bebida," ela murmura apenas alto o suficiente para Melody ouvir.

"Inferno sim!" Ela diz, jogando seu braço sobre o ombro de Karissa. "Esse é o espírito. Vamos encher meu copo e que se foda!"

Capítulo 12

Fazemos nosso caminho em direção à frente do parque, a área verde em torno do primeiro píer. A área está cheia, mas eles acham um lugar vago no meio da multidão reunida. Eles espalham cobertores, ficando à vontade, quando eu tomo um lugar na ponta de um sozinho.

Eles bebem mais um pouco.

Medito sobre as palavras de Karissa em silêncio.

Eles brincam e riem, agindo como os adolescentes que são.

Eu me perco em minha própria cabeça.

No momento em que o sol finalmente se põe, escuridão cobre a área, Karissa está acabada. Entre o calor e seu estômago vazio, ela nunca teve uma chance. Estou olhando através do rio para o horizonte de Manhattan, admirando as luzes na cidade que nunca dorme, mantendo um olho em Karissa o máximo que posso. Ela eventualmente se afasta de seus amigos e anda até onde estou sentado, parando bem na minha frente. "O que você está fazendo aqui?"

Meus olhos mudam para ela, examinando-a na escuridão. "Estou admirando a vista."

"Oh." Ela olha atrás dela. "Estou a bloqueando?"

"Não," digo. "Você *é* a vista."

Ela revira os olhos e começa a se afastar quando a agarro, pegando-a de surpresa. Seu reflexo está fraco, sua força limitada pelo álcool nadando em suas veias. Eu a puxo para baixo no cobertor comigo, e ela solta um grito assustado antes de rir quando perde seu equilíbrio, caindo bem em cima de mim. Eu solto um grunhido quando seu joelho acerta minha virilha, por pouco não atingindo meu pau. Minha lateral lateja, mas ela está rindo... *Rindo*, porra. Não posso ficar bravo. "Você está bêbada, passarinha engaiolada."

"Só um pouco," ela diz, levantando um pouco os dedos, quase me acertando na porra do nariz com eles.

"Você deveria ter comido alguma coisa antes."

"Sim, certo," ela repreende. "Eu não comeria *nada* que aquele cara tocou."

"Quem?"

"Paul."

Huh.

Strike três.

"Eu poderia ter comprado algo para você. Não é bom beber com o estômago vazio."

Ela solta um suspiro desdenhoso. "Por favor. O que é bom ainda?"

"Você," digo, tirando o cabelo selvagem de seu rosto. Ele caiu em algum momento depois de nadar, agora um emaranhado de ondas caindo por todo lado. "Você ainda é boa."

Ela ri de novo, ri como se isso fosse a coisa mais engraçada que já escutou. Espero que ela tente ficar de pé, para se afastar, mas ao invés

disso, ela muda de posição em minha frente, ajeitando-se entre minhas pernas. Ela se inclina contra mim, suas costas encostadas em meu peito, sua cabeça descansando logo abaixo do meu queixo. Ela cheira a cloro e suor, sua pele lisa e brilhando, mais sardas pontilhando seus ombros e bochechas.

O sol fez um estrago nela hoje.

Até seu nariz está rosa.

"Diga-me uma coisa," ela diz. "Será que alguém bom amaria alguém como você?"

É uma pergunta válida, talvez um pouco maldosa, mas é o mais próximo que ela está vindo para admitir que me *ama* há um tempo. Descanso minha bochecha no topo de sua cabeça enquanto penso nisso. "Provavelmente não."

Ela fica quieta por um tempo, apenas descansando lá. Coloco meus braços em torno dela, sentindo seu calor quando a abraço. Não é até que os fogos de artifício comecem, explodindo fora da ponte e preenchendo o céu noturno, que Karissa finalmente fala de novo.

"Lindo," ela sussurra enquanto seus amigos comemoram alto, fazendo um tumulto ao redor. Eu sorrio com a diversão em sua voz, ouvindo as explosões enquanto elas detonam, vendo como as explosões banham sua pele com diferentes cores.

"Eu sempre gostei de fogos de artifícios," digo. "A pólvora, os produtos químicos e combustível cuidadosamente calibrados, fazendo algo tão poderoso, algo tão mortal, parece tão inofensivo. Sabendo quanto controle, quanto calor, quanta energia leva para iniciar as explosões no tempo perfeito... Fascinante."

Ela inclina a cabeça, mexendo-se ligeiramente e se esticando mais para me olhar de volta. Sentindo o olhar dela, eu a encaro de volta. Eles parecem pretos na noite.

"Você se ilumina quando fala desse jeito," ela diz.

Eu dou de ombros enquanto estudo seu rosto, luz iluminando parte dele, deixando o resto nas sombras. "Você faz algo bonito o suficiente e as pessoas esquecem o quanto pode machucar."

Ela me encara novamente.

Aquele olhar.

O que me faz sentir como se ela estivesse cavando minha pele, rasgando meu exterior para encontrar seu caminho nas profundezas. Eu acho que entendi agora, o que ela estava dizendo mais cedo.

Porque ninguém olha para mim do jeito que ela olha.

Eu a olho de volta, segurando no lugar, esperando-a se virar. Esperando-a recuar, a ser a primeira a olhar para longe, mas eu não a intimido, não do jeito que intimido todo mundo. Eu nunca a intimidei.

Não sei se ela nasceu como essa maldita coragem, se está codificado em seu DNA, presenteado a ela por sua linhagem falha, ou se é algo que a vida a ensinou, algo moldado nela por todos esses anos em fuga sem saber. Pergunto-me se ela puxou isso de seu pai, ou se foi *eu* que causei essa bravura.

Ela se inclina para frente tão levemente e hesita, contemplando, seus olhos piscando em minha boca tão fracamente que quase não percebo. Ela respira fundo, exalando com determinação, antes de fechar os olhos e terminar o resto do caminho.

Minha mulher valente e corajosa me beija.

É suave. Tímido. Doce. Sua respiração está instável e seus lábios quase fechados, mas é um beijo, ainda assim, e eu o saboreio. Não é a primeira vez que nos beijamos desde que tudo se tornou feio, nem a primeira vez que ela começou um, mas esse beijo é diferente. Esse beijo parece menos faminto e mais como sofrimento, como se ela estivesse saciando uma sede tentando se lembrar de como beber.

Pequenos goles.

Isso é tudo o que ela toma.

Pequenos beijos contra meus lábios antes de afastar.

Ela me olha novamente.

Cinco... Dez… Quinze segundos.

E então ela se vira.

Ela se ajeita de volta em meus braços, descansando sobre o cobertor entre minhas pernas enquanto olha o céu em silêncio, assistindo os fogos de artifício com o mesmo destemor que ela me olhou.

Não sou o único que sabe como brincar com fogo, eu acho... E não sou o único que gosta disso, também.

"Você quer saber sobre o que eu penso quando olho para você, Karissa?"

"O que?"

"Eu acho que não existe ninguém como você no mundo."

Os fogos de artifício parecem continuar para sempre.

Karissa não diz nada para mim.

Não diz nada no parque, nada na caminhada até o carro e nada até o caminho de casa.

O silêncio não é tenso como normalmente é quando ela não fala. Ela está bem ao meu lado, completamente à vontade. Não sei se é porque ela está muito bêbada para lembrar ou se ela finalmente esqueceu que me odeia.

Levo Karissa para a porta da frente da casa quando chegamos lá, minha mão pressionada contra suas costas. Ela dá um passo para a varanda, esperando enquanto procuro a chave. Leva um momento enquanto me atrapalho com as novas trancas, uma sensação estranha subindo pelas minhas costas, pinicando minha espinha.

O cabelo na minha nunca se arrepiando no final.

A chave na metade do caminho até a tranca, eu congelo quando a sensação me consome, meus músculos tensos quando aguço minhas orelhas. Há alguém lá. Cuidadosamente, eu viro minha cabeça, lentamente examinando o bairro escuro a nossa volta, olhando e ouvindo, mas não vejo nada.

Nada além de escuridão.

Não sou um idiota, embora. A escuridão não pode me enganar. Só porque não o vejo, não quer dizer que não está lá. Eu sinto isso, sinto-o rastejando através da minha pele.

Alguém está nos observando.

Alguém está me observando.

Alguém está a observando.

Examino a área novamente, esperando algo acontecer, alguém aparecer das sombras, e quase pulo quando alguém me toca. Meus olhos pulam para a mão em meu braço antes de eu olhar para Karissa, vendo-a me olhando curiosamente. "Tem algo errado, Naz?"

Sim, eu penso.

Algo está definitivamente errado.

Alguém está aqui.

Olho para trás de mim de novo, dando um último olhar na rua, antes de me virar para ela, oferecendo um pequeno sorriso para não alarmá-la. Ela está bêbada demais para perceber isso, eu acho. "Não é nada."

Eu viro a chave, terminando a última tranca e empurrando a porta da frente aberta. Aceno para ela seguir na minha frente para dentro, tentando empurrar essas sensações de ser observado e como eles me atormentam. Karissa não ouve, embora, oscilando na varanda, antes de ela se aproximar até estar grudada em mim. Eu a olho, observando quando ela lentamente lambe os lábios.

Ela fica na ponta dos pés, mas eu a paro, segurando suas bochechas, embalando seu rosto em minhas mãos. Eu a seguro lá, seus lábios a poucos centímetros do meu, enquanto olho em seus olhos escuros, procurando por algum sinal de incerteza.

"Você está bêbada," eu digo seriamente. "Você não sabe o que está fazendo."

"Eu sei exatamente o que estou fazendo," ela sussurra. "Estou só um pouco bêbada. Não sou idiota. Eu sei quem você é... O que você é… Eu sei o que você fez. E eu sei o que estou fazendo também. Eu sei o que eu quero."

"E o que é?" Pergunto. "O que você quer?"

Ela alcança e pega meus pulsos, puxando minhas mãos de seu rosto. Ela não é forte o suficiente para me forçar a movê-las, mas não

resisto. Ela fica na ponta dos pés de novo, pressionando seus lábios nos meus enquanto seus olhos fecham vibrando.

Eu a beijo de volta, mas mantenho meus olhos abertos.

Aquela sensação não vai parar, não vai embora, crescendo e crescendo dentro de mim. Estou paranoico e faminto, muito exausto para lidar com isso. Assim que tento me afastar dos lábios de Karissa, ela envolve os braços ao redor do meu pescoço e me empurra para a porta aberta, para o hall de entrada. Eu dou um passo para trás, finalmente quebrando o beijo, e olho desconfiado para a rua novamente.

Uma sombra se move na minha visão periférica.

Talvez seja minha imaginação.

Talvez eu só precise de alguma merda de sono.

Minha cabeça vira para aquela direção, mas não vejo nada na escuridão, nada além de árvores, grama, carros e caixas de correio. Os fogos explodem ao longe, preenchendo o ar com barulhos altos como tiros distantes, causando feridas que Karissa acalma quando me beija de novo.

Foda-se.

Bato a porta, mexendo nas fechaduras, tendo a certeza que cada uma delas esteja presa antes de dar a ela toda minha atenção. O que quer que esteja lá fora, seja amigo ou inimigo, as sombras ou o vento, não irá entrar e machucar o que eu tenho aqui.

Fazemos nosso caminho até o andar de cima, sem correr, mas sem hesitar, seus lábios grudados nos meus, seus braços enrolados em meu pescoço. Eu a beijo profundamente, cada segundo mais apaixonado,

enquanto minhas mãos se ajeitam em seus quadris, meus dedos esfregando sua pele nua de baixo de sua camiseta.

Eu quebro o beijo longo o suficiente para puxar sua regata. Ela levanta os braços no ar, rendendo-se a mim enquanto a deixo nua. Suas roupas são descartadas rapidamente, mas eu pretendo levar isso devagar, saborear cada momento.

Eu a empurro até a cama, subindo em cima dela completamente vestido, meus lábios movendo de sua boca até sua bochecha, seu queixo e pescoço, trabalhando meu caminho ao longo de sua mandíbula. Eu beijo e belisco sua pele, minha língua lambendo sua pele salgada enquanto suas mãos correm ao longo das minhas costas, por baixo da minha camisa.

Sentando-me, eu a tiro e jogo de lado antes de minha boca encontrar seu seio. Circulo um mamilo com a língua antes de enrolar meus lábios nele, sugando a pele sensível. Ela geme, arqueando as costas enquanto puxa meu cabelo.

"Por favor," ela implora quando movo para o outro mamilo, dando a mesma atenção enquanto tiro desajeitadamente meus sapatos, descartando-os no final da cama. "Por favor, Naz."

Eu beijo ao longo de sua clavícula antes de encontrar sua boca de novo, sufocando seu pedido com meus lábios. Tiro meus shorts, movendo-me para tirá-los sem quebrar o beijo, e me estabeleço entre suas pernas. O calor irradiando dela me faz tremer. Ainda posso sentir o cheiro do sol em sua pele, a essência me intoxicando quando inalo bruscamente ao empurrar dentro dela.

Porra, ela fica tão bem ao meu redor. Tão bom, que é difícil acreditar que algo como isso poderia ser ruim. Que eu poderia ser errado para ela. E eu sei que sou... Eu sou a última pessoa que ela deveria se

entregar... Mas momentos como esse, quando ela arfa, aquele primeiro exalar profundo, como se estivesse surpresa com o quão perfeito nos encaixamos, como se finalmente estivesse completa depois de perder uma parte de si, dão-me esperança.

Esperança de que, talvez, mesmo que seja errado, de alguma forma eu posso encontrar um jeito de fazer tudo isso certo.

"Diga-me," eu sussurro, correndo minha língua ao longo de sua orelha. "Diga-me como você quer que isso seja. Diga-me o que você precisa de mim."

Eu daria qualquer coisa para ela.

Eu vou rasgar a porra do meu peito com as minhas próprias mãos, arrancar meu coração e entregá-lo a ela, se isso for o que ela precisar.

Tudo o que ela tem que fazer é me dizer.

Tudo o que tem que fazer é pedir.

Ela poderia fazer um milhão de pedidos e eu iria trabalhar até a morte para fazer todos eles acontecerem, mas em vez disso ela simplesmente sussurra, "eu quero que você me ame."

Então eu faço.

Eu a amo.

Eu levo meu tempo dentro dela, meus lábios nunca deixando sua pele enquanto eu empurro profundamente, preenchendo-a com cada pedaço meu que consigo. Eu faço amor com ela até sua pele estar corada, coberta com outra camada de suor, até que ela começa a me implorar de novo, dessa vez para dar mais a ela.

Mais forte.

Mais fundo.

Mais.

Mais.

Mais.

Seus seios estão alinhados contra meu peito, seus mamilos duros quando ela os pressiona em mim como se estivesse desesperada por mais fricção. Suas mãos passam por minha espinha, sem cavar a pele, sem tirar sangue, mas eu posso sentir a marca que elas deixam para trás, um rastro de formigamento que não consigo parar. Meu rosto está aninhado em seu pescoço enquanto respiro pesadamente, ofegante, minha língua lambendo sua pele suada antes de eu pressionar meus lábios no local logo abaixo de sua orelha e chupar. Ela grita, puxando meu cabelo de novo.

Posso sentir seu corpo tencionando de baixo de mim quando entro e saio de dentro dela, segurando-a tão perto que esfrego seu clitóris com cada estocada. Eu aumento o ritmo, apenas o suficiente para ir mais fundo, para bater um pouco mais forte.

Ela solta um barulho estrangulado, jogando a cabeça para trás. Eu mordo seu ombro quando ela goza, ouvindo-a gritar de prazer enquanto as leves convulsões dominam seu corpo. Eu posso sentir o meu se aproximando, crescendo dentro de mim. Não tenho a energia para segurá-lo, para atrasar mais.

Eu tremo, grunhindo em seu pescoço quando gozo dentro dela, assim quando o orgasmo dela começa a desaparecer. Eu empurro algumas vezes, indo pelas ondas de prazer, antes de me acalmar em cima dela.

Eu não me afasto, não a deixo ir, ficando profundamente dentro dela enquanto a seguro contra mim, ouvindo sua respiração rouca, sentindo seu pulso conforme seu coração bate freneticamente.

Não se arrependa, eu penso, fechando os olhos. *Não me diga que você se arrepende de ter se entregado a mim.*

Ela continua parada, sem mover um pedaço, como se estivesse tentando colocar seus pensamentos em ordem, como se estivesse tentando se recompor.

Não se arrependa, porra.

Faça o que fizer.

"Naz, eu—"

Antes que ela possa soltar tudo o que queira dizer, um barulho repentino nos interrompe, um barulho estridente e desagradável até mesmo do quarto.

Leva apenas um segundo para me atingir.

Meu carro.

Eu rapidamente me afasto de Karissa e pulo em meus pés, agarrando meus shorts do chão e o colocando.

"Fique aqui," eu digo a ela, correndo para fora antes que ela possa questionar. Corro as escadas e sigo para a porta da frente, agarrando minhas chaves de onde as deixei quando cheguei em casa.

Sigo para a sala de descanso e vou até a estante de livros, meus dedos rapidamente deslizando pelas lombadas dos livros até que chego a minha cópia de Guerra & Paz, ainda no lugar certo.

Felizmente Karissa não tentou lê-lo.

Puxo-o da estante e o abro. As páginas estão cortadas, deixando um buraco bem no centro, um revólver prata enfiado no meio. Puxo a arma para fora, jogando o livro na mesa, e verifico se ela ainda está carregada quando sigo para a porta da frente.

O alarme está tocando tão alto que está praticamente vibrando o chão. Bato no botão da minha chave reserva, aliviado quando ele desliga através da parede. Eu aperto os olhos, ouvindo o silêncio, antes de destrancar a porta e abrir lentamente. Meu coração bate furiosamente contra o peito quando meus olhos examinam o jardim, a arma presa firmemente em minhas mãos, preparada para qualquer coisa.

Está quieto e parado. Não há ninguém ao redor, nada além do meu carro, a porta do motorista aberta, um conjunto familiar de chaves perdidas penduradas na fechadura. Eu olho por um momento antes de me aproximar da garagem e puxá-las, dando uma olhada rápida dentro do carro antes de bater a porta.

Estou encarando a escuridão quando ouço um barulho atrás de mim. Tudo dentro de mim congela momentaneamente antes de chutar em alta velocidade, alimentado por adrenalina. Girando ao redor, eu levanto a arma para o que quer que esteja se movendo, meus dedos escorregando para o gatilho assim que a vejo.

Karissa.

Estou mirando bem em seu rosto.

Ela congela no batente da porta de casa, choramingando. Movo a arma para longe rapidamente, levantando as mãos para mostrar a ela que não quero machucá-la.

"Porra, Karissa, não se esgueire sobre as pessoas. Você vai acabar se machucando. Eu lhe disse para ficar onde estava."

Seu olhar frenético me rodeia, tentando dar sentido as coisas quando bato na segurança e coloco a arma em minha cintura.

"O que está acontecendo?" Ela pergunta. "Quero dizer, o que estava…?"

"Foi apenas o alarme do carro."

A resposta a acalma um pouco, embora seu olhar continue indo para minha arma. "O que o disparou?"

"Não se preocupe com isso," digo. "Cuidei disso."

Ela quer me perguntar mais, mas o barulho da porta da garagem subindo a interrompe quando aperto botão para mover o carro para fora da garagem. Levo um momento para me recompor e passo as mãos em meu rosto, respirando fundo.

"Relaxe," digo quando está quieto de novo. "Poderia ter sido apenas um guaxinim."

"Um guaxinim?"

"Sim."

Ela balança a cabeça. "Eu pensei que você não mentisse para mim?"

Eu não minto.

Seus olhos estão céticos, raiva transbordando quando se aproxima, vindo para fora. Ela não acredita.

"Eu disse que *poderia* ter sido um guaxinim, o que é verdade. Poderia ter sido."

"Mas não foi."

"Não," admito, "Não foi."

"Quem foi?"

"Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que foi a mesma pessoa que me roubou."

Ela me encara. "Como você sabe? Você os viu?"

"Não, não vi ninguém," digo, segurando as chaves devolvidas, balançando-as no ar. "Apenas um palpite."

Ela olha as chaves antes de encontrar meus olhos. "Você sabe quem é?"

Eu aceno.

Ela para. "Eu os conheço?"

Outro aceno. Esse é hesitante.

Eu a encaro, esperando pela pergunta que me faz tremer.

Não me pergunte se é sua mãe.

Não me pergunte isso...

"É, uh..." Ela franze a testa, olhando para longe de mim enquanto reúne seus pensamentos. "É seguro?"

Estendendo a mão, eu passo meus dedos ao longo de sua mandíbula antes de segurar seu queixo. Inclino seu rosto, fazendo-a olhar para mim de novo. Ela parece preocupada, então ofereço um sorriso, apenas um pequeno, para tentar aliviar suas preocupações. É seguro? Absolutamente não. Nunca é em meu mundo e nunca será.

A morte espreita em cada esquina, observando e esperando, e algum dia, virá para mim de novo.

"Nada irá acontecer com você," digo a ela, correndo meu polegar ao longo de seu lábio inferior macio. "Vou me certificar disso."

Ela devolve meu sorriso. Não sei se ela acredita em mim, mas posso dizer que ela quer. Lentamente, pouco a pouco, ela está colocando sua confiança em mim novamente.

Capítulo 13

"Feliz aniversário."

Estou sentado no sofá na sala de descanso, minha camisa branca lisa levantada, enfiada de baixo do queixo enquanto eu examino meu lado esquerdo, quando essas duas palavras me atingem.

Feliz aniversário.

Meus olhos lançam até Karissa quando ela fica de pé na minha frente. "Desculpe?"

"Feliz aniversário," ela diz novamente, sorrindo timidamente, segurando um pequeno recipiente de pudim de chocolate e uma colher. "Para você."

Solto minha camisa, deixando-a cobrir meu peito novamente quando a olho cautelosamente. Hesitando por tanto tempo que seu sorriso cai, preocupação lançando sombras em seu rosto. Lentamente, eu alcanço o pudim e o pego quando ela senta ao meu lado com o seu próprio. Ela já está com o seu aberto e está pegando um pedaço antes que eu possa sequer pensar no que dizer.

"Como você sabe?" Pergunto, tirando a parte de cima do pudim. Não estou mesmo com fome, então não tenho certeza do porque de ela ter me dado isso.

"Estava escrito em seu passaporte."

"Ah."

"Eu teria feito para você um bolo," ela diz. "Ou, bem, teria um feito para você, mas não acho que você o comeria, você sabe, no caso de ter sido envenenado com cianeto." Ela me lança um olhar de lado quando dá outra mordida. "Acho que poderia ter comprado algo como pão de mel ou algo assim, mas tínhamos pudim na geladeira, então..."

"Então será pudim," eu murmuro, pegando uma pequena mordida antes de acenar para ela com a colher. "Não esperava nada."

"Imaginei," ela diz, "Considerando que você nunca mencionou."

Ela devora seu pudim, praticamente lambendo o chocolate do plástico, enquanto coloco o meu em cima da mesa, sem pegar outro pedaço. Puxo minha camisa de volta para cima com ela me observando.

"Parece melhor," ela diz, colocando seu recipiente vazio ao lado do meu. Aproximando-se, ela percorre os dedos ao longo da pele ao redor do ferimento, seu toque tão leve que envia um arrepio através de mim. A cicatriz formando é desagradável, mas está melhorando, quase sem estar mais dolorida.

Suspirando, relaxo contra o sofá, saboreando a sensação do seu toque. "Sinto-o melhor."

Suas mãos se movem, se afastando do meu ferimento e percorrendo meu estômago, acariciando a pele. Ela traça os cumes do meu abdômen, seguindo a trilha de cabelo até meu peito enquanto ela lentamente se apoia em mim.

Fecho meus olhos quando ela se inclina sobre mim, sentindo seus lábios quando são pressionados contra meu estômago, arrastando beijos até meu peito. Sua mão passa contra meu colo, esfregando meu pau

sob a calça. Ele mexe sobre sua mão, apenas o simples toque é o suficiente para deixá-lo duro.

Alcançando o tecido, ela o agarra, acariciando algumas vezes enquanto me libera das calças. Abro os olhos assim que ela muda de posição e abaixa a cabeça até meu colo.

"Karissa..."

Seus olhos se lançam aos meus, mas ela não para, não vacila, quando leva meu pau em sua boca. O calor úmido me acalma, e eu quero reclamar, eu deveria protestar, mas é bom demais.

Bom pra caralho.

Minhas mãos se encaixam no topo de sua cabeça, correndo levemente através de seu cabelo. Ela chupa... E chupa... E *chupa*, dentes arranhando e língua acariciando até minha cabeça começar a girar e eu sentir como se fosse explodir.

Eu deveria avisá-la.

Eu deveria pará-la.

Eu deveria terminar com isso, mas sou fraco.

Sou fodidamente fraco.

Eu estou recuperando minha força, mas a mulher ainda tem o poder de me destruir.

Eu gozo forte, meu corpo tencionando, dor correndo através de mim. Dói. Isso *dói.* Mas essa dor é melhor que qualquer outra que já senti em anos. Eu agarro seu cabelo enquanto ela engole, sem soltá-la até que ela me libera de sua boca. Fecho meu olhos, respirando profundamente. "Eu disse para você nunca fazer isso..."

"Não, você me disse que para eu não fazer isso em meus joelhos, e eu não estava neles," ela contraria, sentando-se, seu olhar em meu rosto. Há um brilho em seus olhos quando olho para ela. *Diversão.* "Você sabe que deve sempre dizer o que realmente quer."

Ela tenta se afastar, mas a agarro, puxando-a para o meu colo. Eu gemo quando ela me monta, dor atravessando minha lateral do ferimento quando seu joelho o atinge.

"Merda, desculpa," ela diz, em pânico quando me encolho, mas agarro apertado suas coxas para mantê-la lá, dispensando seu pedido de desculpas.

"Foi minha culpa," digo, apertando minha mandíbula. "Eu deveria saber melhor."

Eu a encaro, as mãos movendo de suas coxas, correndo para suas costas. Seguro a parte de trás de seu pescoço, puxando-a para mim, e a beijo quando um toque ecoa no quarto. Meu telefone. Eu tento aprofundar o beijo, mas Karissa se afasta. "Você precisa atender?"

Balanço a cabeça, beijando-a de novo e de novo, quando ela sussurra contra minha boca, "você não tem que... Ao menos... Ver quem é?"

"Eu sei quem é."

"Quem?"

"Minha mãe."

Ela se afasta completamente quando o toque para, seu olhar mudando brevemente para o telefone do outro lado da sala. "Como você sabe?"

"Porque é meu aniversário."

Eu tento beijá-la de novo, mas ela resiste, suas mãos espalmadas contra meu peito.

"Sua mãe," ela diz. "Ela é tão agradável quanto seu pai?"

"Poucas pessoas são tão agradáveis quanto Giuseppe Vitale." Balanço a cabeça. "Minha mãe é uma boa mulher. Você nunca irá encontrar uma pessoa melhor."

"Então porque você nunca a vê?" Ela pergunta. "Por que não atendeu sua ligação?"

"Porque ela é melhor sem mim," digo. "Quando você ama as pessoas, você quer o melhor para elas e algumas vezes o que é melhor para ela não é para você."

"Você disse isso para mim uma vez," ela diz. "Você disse que me amava e você queria o que era melhor para mim, mesmo que você pensasse que o que era melhor para mim não era você."

"Eu quis dizer isso," digo. "Mas eu também estou *apaixonado* por você, e eu sou um filho da puta egoísta. Era errado, mas eu queria você... Eu quero você. Então a estou mantendo."

Ela ri secamente. "Você está me mantendo."

"Sim."

"Você já considerou que talvez sua mãe queira manter você, também?" Ela pergunta. "Não quero dizer isso de um jeito assustador, você sabe... Quero dizer, só porque alguém é mau para nós não significa que não os queremos em nossas vidas, de qualquer maneira. Eu ainda estava disposta a desistir de tudo por você."

"Você estava."

"Sim."

"Passado."

Sua testa franze. "O que?"

"Você disse que *estava disposta*," digo, "não que você *está* disposta."

Ela considera isso quando sai de cima de mim, ficando de pé. "Sim, bem, acho que ainda estou decidindo."

"Decidindo o que?"

"Se eu quero ou não manter *você*."

Meu telefone começa a fazer barulho de novo quando Karissa pega nossos recipientes de pudins descartados para jogá-los fora.

"Você deveria atender," ela diz. "Fale com sua mãe."

Não a corrijo quando ela sai, mas não é minha mãe dessa vez. O toque é diferente. É vago, pouco perceptível, mas é um tom diferente. Ray.

Suspirando, fico de pé e ando na sala, pegando meu telefone da minha mesa. Encaro a tela por um momento antes de pressionar o botão de silenciar o toque.

Ao contrário de minha mãe, ele não está me ligando para desejar um feliz aniversário. Ele provavelmente nem sequer percebeu que é hoje.

"Vamos fazer alguma coisa," grito para Karissa quando eu a escuto se mover na cozinha. "Pegar um pouco de comida ou algo do tipo."

Ela aparece no batente. "Sim?"

"Sim."

Meu telefone começa a tocar de novo imediatamente, mais uma vez o toque estridente de Ray. Karissa olha curiosamente. "Você não tem algo mais que preferiria fazer?"

Eu envio a ligação para a caixa de mensagens e desligo o telefone quando balanço a cabeça. "Não. Nada."

"O que é Cobalt?"

Meus olhos viram para Karissa quando ela fala. Não estou nem fora da nossa rua e ela já está fazendo perguntas do nada. "Cobalt?"

"Sim, Cobalt."

"Onde você ouviu isso?"

"Aquele detetive," ela diz. "Eu o ouvi mencionar Cobalt, que é onde o tiroteio aconteceu. Eu sei que foi semanas atrás, mas eu estava só pensando, e bem... O que é?"

"É um elemento químico," digo, "e um tom de azul."

"Sim, e também é o nome do carro Chevy," ela conta, "mas isso não me diz onde você foi baleado."

Eu luto um sorriso com seu tom bruto. "Você não me perguntou aonde fui baleado."

"Ok," ela diz. "Aonde você foi baleado?"

"Em minha lateral."

"Naz..."

"Em Greenwich Village," digo, sabendo que ela não vai desistir. "Clube Social Cobalt."

Ela levanta uma sobrancelha para mim. "Um clube social?"

"Sim."

"Você é membro de um clube social?"

"Sim."

"Isso é um eufemismo? Como um clube de cavalheiros?"

"Não, sem strippers. Sem mulheres, em regra, embora algumas vezes eles quebrem as regras. É mais um ponto de encontro exclusivo que você precisa de uma adesão para entrar."

"E o que você faz lá?"

"Socializo," digo. "Bebo."

Conduzo negócios.

Planejo esquemas.

"Então é um tipo especial de clube," ela reitera. "Onde você bebe e sai com outros homens como você?"

"Essencialmente."

"Você sabe que isso soa muito como um bar gay, certo?"

Rindo, lanço meus olhos para ela. "Acho que sim, quando você coloca dessa forma, mas realmente não importa como isso soa. É o que é."

Ela dá de ombros, olhando para longe de mim na janela. "Posso ver?"

"Ver o que?"

"Cobalt."

"Uh, como eu disse, mulheres geralmente não são permitidas..."

"Não quero entrar," ela diz. "Eu só... Quero ver onde você estava... Onde aconteceu."

Não tenho uma resposta para isso.

Não tenho certeza do porque isso importa.

Nenhum de nós diz muito mais na viagem até a cidade. Ela puxa seu telefone eventualmente, arrastando o dedo na tela quebrada para mandar pássaros coloridos voar no ar em porquinhos verdes[10].

Ela precisa de um telefone novo. Não tenho certeza quanto tempo esse irá sobreviver. Com tanto que ela deixa cair, estou surpreso que a coisa ainda funciona.

Não sei por que estou fazendo isso, mas eu dirijo direto para o Cobalt para satisfazer sua curiosidade. Eu puxo pelo beco, até o lote de trás, e rodando o carro em volta, em marcha lenta. Não há sinal do lado de fora, nada para indicar o que o prédio é. "Cobalt."

A testa de Karissa franze, e eu posso ver que ela tem mais perguntas quando se vira do prédio para olhar a janela lateral. "Então aconteceu aqui?"

"O que?"

"Aqui é o lugar onde você foi baleado."

"Oh," olho ao redor. "Sim, debaixo da luz."

Ela acena, olhando para a luz por um momento antes de se virar para mim, oferecendo um pequeno sorriso. "Obrigada."

[10] Referencia ao jogo Angry Birds

Eu não demoro, ligando o carro para sair. Saio do lote e atinjo os freios quando chego ao final do beco. Estou prestes a entrar no tráfego quando uma limusine preta elegante desvia como se fosse para o meu lado, em vez disso, parando em um lugar perto da entrada, bloqueando minha saída.

Meu estômago afunda, minhas entranhas enrolam enquanto aperto o volante com força ao vê-lo.

Ray.

Ele sai da limusine preta, segurando a porta aberta atrás dele para Brandy, aparentemente a arrastando junto mais uma vez. Ray fecha a porta depois que ela sai, seu olhar mudando para minha direção, os olhos encontrando os meus. Ele parece que vai se afastar, deixar o fato de que o evitei, até ele lançar um olhar para o meu banco de passageiro e sua expressão mudar.

Merda.

Ray hesita, seu braço ao redor de Brandy, se foco indo de Karissa de volta para mim. Inclinando-se, ele sussurra algo para sua namorada, sua expressão se recuperando quando ela olha para o meu carro. Ela começa a acenar freneticamente, animadamente. Eu apenas fico sentado lá. De canto de olho, vejo Karissa oferecendo a eles um aceno leve.

Isso é o único convite que a loira precisa.

Brandy corre para o carro, fazendo sinal para Karissa abaixar a janela, mas ela não se move. A contragosto, eu abaixo para ela, meus olhos fixos em Ray quando o homem se aproxima lentamente para se juntar a sua namorada.

Brandy começa a falar, sem parar, conversa inútil. *Hey! O que você está fazendo? Como você está? Onde está indo?* Karissa gagueja com as respostas, oferecendo o pouco que consegue, o pouco que sabe, quando Ray acena rigidamente para mim. "Vitale."

Retorno seu aceno, sem dizer nada.

"Ray e eu estávamos indo pegar algo para comer," Brandy diz. "Vocês deveriam comer conosco. O que você diz?" Antes que nós pudéssemos responder, ela vira para Ray, agarrando seu braço, um olhar esperançoso em seu rosto. "O que você acha, Ray?"

"Não sei, Baby Doll." Ele solta um suspiro profundo, os olhos fixos em cheio no meu rosto. "Tenho certeza que Vitale tem coisas mais importantes para fazer hoje."

Eu ainda não digo nada.

É um teste; eu sei que é. Um teste para saber se vou ou não o priorizar, se eu vou colocar o homem que é como um pai para mim, a organização que fez de mim um homem rico, uma família que salvou minha pele muitas vezes, acima de tudo acontecendo em minha vida.

Eu quero.

Eu deveria.

Mesmo quando eu não tinha nada, quando tudo de bom tinha sido arrancado, deixando um vazio aberto de escuridão, uma coisa permaneceu: minha lealdade. Eu dediquei o que sobrou de mim, cada última fibra minha, para o homem na minha frente, para honrar sua linhagem, para fazer certo quando eles foram injustiçados.

Eu deveria estacionar o carro agora, sair e ir almoçar com o homem que me acolheu quando atingi o fundo, que me deu uma razão

para continuar vivendo. Não vou a igreja, não sei nem se eu acredito em um Deus justo, mas eu sempre acreditei em Raymond Angelo.

Ele foi meu salvador.

Mas agora estou começando a perder a fé nele, também.

Tentado pelo diabo ao meu lado, o pecado original... Meu fruto proibido. Peguei um pedaço dela por um capricho e percebi, apesar do que o mundo me levou a acreditar, ela não estava podre por dentro. Ele quer que eu a jogue de lado, a jogue fora, deixe-a apodrecendo no chão onde ele acha que ela deveria estar, mas não tenho certeza se outra coisa poderia me sustentar.

Eu bebi do Santo Graal.

Ele não vai me tirar isso.

Meu olhar muda de Ray para Karissa, que está sentada em silêncio ao meu lado, as mãos cruzadas no colo. Tão profunda quanto a minha lealdade pela família Angelo, algo cresce ainda profundo, algo tão forte que momentaneamente me assusta.

O amor que eu tenho por essa mulher.

Uma mulher que finalmente está me dando o tempo do seu dia novamente.

Olho de volta para Ray, e eu ainda não digo nada, mas não preciso. Ele vê em meus olhos. Eu sei que vê, porque eu vejo isso nos seus, também. Eu vejo o sentimento de traição que ele está começando a sentir, quebrando nossa fidelidade.

"Outra hora então," Ray diz, dando um passo para trás, puxando Brandy com ele antes que ela possa reclamar. "Faça o que você tem que fazer, Vitale."

Eu observe quando ele se afasta, olhos sérios fixos em mim por um momento, antes de finalmente se virar. Suspirando profundamente, fecho meu olhos e balanço a cabeça, antes afastá-lo. Posso sentir a tensão em meus músculos, tensão dele recuando não vai aliviar.

Eu deveria ter ido com ele.

Eu deveria ter escolhido lealdade.

Mas não podia, não dessa vez.

Eu falhei em seu teste.

"Para onde agora?" Pergunto a Karissa, reabrindo meus olhos. "Mais alguma sugestão?"

Ela suspira, subindo sua janela. "Que tal um lugar onde ninguém nos conhece?"

"Acho que seremos duramente pressionados para encontrar um lugar assim em Nova York."

As cotações da bolsa rolam na tela do laptop enquanto anoto algumas ideias em um pedaço de papel. Estou tentando prestar atenção, adivinhar um potencial novo esquema para tirar Ray da minha bunda, para tentar apaziguar o homem, mas o movimento em minha visão periférica continua me distraindo.

Karissa abandonou seu lugar habitual na sala de descanso, optando por vasculhar as estantes perto de mim em vez disso. Ela puxa

os livros, olhando as capas, passando pelas páginas antes de colocá-los de volta. Algumas vezes no mesmo lugar, outras onde eles couberem.

Eu os tinha organizados em ordem alfabética.

Estou tentando não ficar irritado com isso.

Meu olhar pisca para ela, dando um suspiro de alívio quando ela ignora *Guerra & Paz* sem nem hesitar. Ela finalmente se resolve por algo na parte inferior da estante, segurando-o em seu peito quando se afasta da estante. Pegando meu olhar, ela sorri antes de andar por mim, seu olhar voando para a tela do computador.

Ela tende a cuidar da própria vida, mas o pouco que ela vê claramente não é o que esperava.

Seus passos vacilam quando ela olha para mim. "Você tem uma carteira de empréstimos?"

"Carteira de empréstimos?"

"Sim, você sabe, uma carteira de investimento. É assim que é chamado, certo? Quando você compra ações e essas coisas?"

"Uh, sim, é. Você aprendeu isso com Melody?"

"Pfft, não, porque ela saberia sobre essas coisas?"

"Bem, o pai dela é um banqueiro de investimentos, não é?"

Ela me encara, piscando algumas vezes enquanto considera minha pergunta, mas não a responde.

Pergunta retórica.

"Você sabe, assusta-me o quanto você sabe sobre as pessoas," ela diz, recuando para o outro lado da sala de descanso. "E para constar,

eu aprendi sobre carteiras de empréstimos daquele talk show E-Trade baby."

Ela está mortalmente séria quando diz isso. Eu solto uma risada, balançando minha cabeça, voltando para a tela do computador e tentando me concentrar de novo.

É inútil, no entanto.

Até mesmo do outro lado da porra da sala ela ainda me distrai.

Suspirando, eu fecho o laptop e me levanto, indo até onde ela está sentada. Ela está com o livro que pegou da estante aberto em seu colo. Eu sento ao seu lado, curioso sobre o que ela escolheu.

Peter Pan de J.M. Barrie.

Huh. "Já leu isso antes?"

"Não," ela diz. "Eu imaginei que você tinha uma cópia por aqui em algum lugar, no entanto, já que você podia citá-lo."

"Sim, é um dos bons. Eu tenho a maioria dos clássicos."

"Eu notei." Ela olha para a página por um momento antes de olhar para mim. "Posso fazer uma pergunta?"

"Se você realmente quer."

Ela ri. "Sim, eu quero."

"Então estou ouvindo."

"Você tem todos esses livros e todos esses filmes, esse entretenimento massivo, mas você não tem nenhuma música."

Ela fica em silêncio, seus olhos sobre mim como se estivesse esperando por uma explicação pelo que acabou de dizer.

"Isso foi uma observação," eu aponto. "Não foi uma pergunta."

Ela revira os olhos. "Por que isso, Naz?"

"Por que eu não tenho nenhuma música?"

"Sim," ela diz. "Quero dizer, você não tem um rádio ou algo do tipo. Você não ouve música nem no carro quando dirige. Sem Mp3s ou CDs ou outras faixas musicais ou um gramofone que existia quando você era pequeno."

"Gramofone? Quão velho você acha que eu sou?"

Ela revira os olhos. "Praticamente um ancião. Já estou começando a ver alguns cabelos grisalhos."

Ela está brincando, mas não me surpreenderia com o estresse que estou passando. Estou envelhecendo cada fodido minuto lidando com ela. "Primeiro de tudo, se estou ficando grisalho, é por sua causa. Você me deixa louco. E segundo, eu não tenho nenhuma música por que eu acho que é inútil."

Ela me encara de boca aberta.

Encara-me como se eu tivesse acabado de confessar que sou um assassino.

Risque isso, ela não parecia tão angustiada quando, na verdade, percebeu que eu era um deles.

"Como diabos você pode achar música inútil?"

"Porque é apenas barulho," digo. "Não tem nenhum propósito exceto preencher o silêncio, mas acontece que eu gosto de silêncio, pessoalmente."

Quanto mais eu falo, mais horrorizada ela fica. "Você está fodendo comigo?"

"Não," digo. "Mas eu gostaria de estar—"

"Fodendo-me," ela interrompe, cortando-me. Ela está terminando meus pensamentos. Estou ficando previsível. "Eu sei que você gostaria. Mas eu só… Wow. Sério, Naz? Minha mente está abalada agora. Como pode alguém realmente não gostar de música?"

"Por que *você* escuta?" Pergunto, levantando uma sobrancelha quando aponto em direção aos fones emaranhados no braço do sofá. "Por que você anda por aqui com eles sempre ligado? Além do fato de que eles me impedem de falar com você, claro."

Suas bochechas ficam rosa e ela rola os olhos, como se fosse a acusação mais absurda que já ouviu, mas o rubor me diz que estou certo. "Que seja, eu escuto música porque há muita emoção nela. Parece que estou atingindo outra parte da minha alma, como se parte do universo realmente me entendesse. Faz eu me sentir viva. Como se eu pudesse literalmente sentir a música quando a ouço. Não faz isso para você?"

Balanço a cabeça. "Não sinto nada."

Exceto por me aborrecer porque não posso pensar direito.

E algumas vezes uma dor de cabeça alucinante a acompanha.

Ela me olha estranhamente com o que parece ser pena.

Karissa Reed... Karissa *Rita*... Sente pena de mim.

Inacreditável.

"Mas, espere... Você entendeu a minha referência de Tupac quando conversamos sobre Maquiavel, não? Posso jurar que sim."

"Só porque eu não curto, não quer dizer que não sei nada sobre isso. Tupac é da época dos meus dias de gramofone, você sabe." Eu lanço a ela um olhar irônico, o que a faz rir e dar de ombros, como se dissesse '*ei, não é minha culpa que você é um homem velho chato*.' "Estou surpreso que você saiba algo sobre ele, na verdade. Ele morreu perto da época em que você nasceu."

"Sim, bem, música nunca sai de moda, especialmente Tupac," ela diz com um sorriso. "Agora, *isso* eu aprendi com Melody. Ela sabe as letras de cada música de rap dos anos 90, mas não acho que a garota saberia o que diabos é uma carteira de investimentos, independentemente do que seu pai faz para viver."

Karissa volta à leitura, focando no livro velho. Eu a observo enquanto muda algumas páginas antes de curiosidade levar o melhor de mim. "Por que você gosta tanto disso?"

"Música?"

"Não, Peter Pan."

"Oh, uh... Só acabou sendo o meu favorito de sempre. Desde que nos mudávamos o tempo todo, nunca tive muitos amigos, nunca tive alguém para conversar. Sempre que me aproximava de alguém, minha mãe enlouquecia... Acho que ela pensava que eu iria contar quem nós realmente éramos, mesmo que *eu* nem soubesse... Mas ela estava com tanto medo de você nos pegar, eu acho."

Ela não diz isso com raiva. Não diz isso com tristeza. Ela fala como um fato, como se fosse uma verdade que ela aceitou.

"E há algo mágico sobre a ideia de escapar, de nunca crescer ou ter quaisquer responsabilidades," ela continua. "Quando eu era mais nova, eu pensava que era tudo real, que havia um mundo inteiro lá fora

que minha mãe me manteve longe. Eu costumava abrir minha janela do quarto à noite, deixando-a bem aberta, apenas no caso." Ela sorri melancolicamente, seu olhar ainda fixo no livro, embora ela não o esteja lendo mais. "Minha mãe me pegou, embora, e me disse para parar, mas claro que não escutei."

"Claro."

"Então sim, foi quando ela começou a trancar todas as janelas," ela diz. "Eu sempre arrancava os pregos, no entanto, mas lembro de ficar muito brava e gritar sobre o quanto eu a odiava por trancar a saída do Peter Pan, e ela apenas me disse que eu estava sendo ridícula. Ela disse que se algo fosse vir em minha janela, não seria algo de um conto de fadas."

Ela vira a cabeça para olhar para mim. "Agora que já fomos todo Freud[11] em minha vida, por que *Doze homens e uma sentença* é o seu filme favorito?"

"Ah, bem, tenho medo de não ser tão fascinante para uma explicação. Ele só me intriga como se você planta uma semente, as pessoas irão cultivá-la. Não é difícil fazê-los acreditar no que você quer que acreditem."

"Você quer dizer com você me convencendo de que era um Príncipe Encantado?"

"Não fiz algo do tipo. Eu lhe disse sem rodeios que não era um homem bom. E eu já disse a mesma coisa muitas vezes desde então."

"Psicologia inversa," ela diz. "O que você esperava que eu pensasse?"

[11] Faz referência a Sigmund Freud, pai da psicanalise.

"Eu esperava que você acreditasse no que eu disse."

"Sim, bem, ações falam mais alto que palavras," ela responde. "Você diz uma coisa e então faz outra, e eu acho que acreditei no que você fez em vez do que você disse. Eu me apaixonei pelo homem que me tirou do chão, que agiu como se eu fosse especial para ele."

"Você era," digo. "Você *é* especial para mim."

"Eu sei." Sua voz é plana. "Sou uma Rita."

Eu a encaro, surpreso que ela disse isso. Ela é uma Rita, não tem como negar esse fato, mas ela é muito mais do que isso para mim. Você acha que depois de todo esse tempo ela entenderia esse fato, considerando que eu digo a ela toda vez que isso surge, mas entendo agora, eu acho. Nada que eu diga irá significar mais do que eu faço. Ela observa, como eu. Ela toca, como eu. Ela aprende de ver e não de escutar.

Aproximando-me, eu seguro seu queixo, inclinando sua cabeça até que seus olhos encontram os meus. "Vamos para algum lugar, sair dessa casa... Dessa cidade."

Ela parece cética. "Para onde?"

Dou de ombros. "Para onde você quiser."

Ela não parece tão confiante quanto eu com essa ideia. "Vamos passar um tempo juntos, sem distrações, sem preocupações... Apenas eu e você. Irei lhe mostrar o quanto você é especial."

"Vou pensar sobre isso."

Com isso, ela olha para longe de mim novamente, saindo do meu toque para se focar no livro em seu colo, a conversa acabada.

Terminado.

Acabado.

Karissa cede.

Não é preciso de muita persuasão.

Tudo que eu tive que dizer foi a palavra mágica: *Itália.*

Dois dias depois, estamos na parte de trás de um carro de luxo, bagagens no porta-malas, no caminho para o aeroporto. É início da manhã, o céu lá fora ainda escuro. Karissa olha pela janela, rindo secamente para si mesma quando passamos uma placa dando boas vindas a New Jersey. "Você sabia?"

Eu olho para ela, levantando uma sobrancelha em dúvida. "Eu sabia o que?"

"A última vez que viemos nesse aeroporto, quando eu perguntei o que havia em New Jersey e você deu todas aquelas respostas de merda," ela explica. "Você sabia que era onde meus pais estavam? Você sabia o que tinha *realmente* em New Jersey?"

"Ah, não," digo. "Não tinha ideia."

"Sério?" Ela pergunta. "Porque quando eu lhe disse onde eu tinha estado naquele dia, você pareceu saber exatamente onde a casa era... Exatamente onde encontrá-los."

"Eu reconheci o endereço."

"Como?"

"Porque já estive lá antes," digo, hesitando, sem saber se deveria continuar, mas posso dizer pela expressão dela que ela vai fazer mais perguntas se eu não falar logo. "Eu rastreei seu pai lá anos atrás."

"O que aconteceu? Quando você o encontrou, quero dizer…"

"Nada demais," digo. "Sua mãe já tinha o deixado, e eu ainda não estava pronto para matá-lo. Eu queria que ele sofresse como eu tinha sofrido. Ele acabou se acomodando em sua pequena vida suburbana enquanto sua mãe pulou de cidade em cidade."

"Alguma vez você a encontrou de novo? Você *nos* encontrou?"

"Sim," digo, "mas eu estava sempre atrasado demais. Eu aparecia depois que vocês já tinham ido, encontrava algumas coisas que sua mãe tinha deixado para trás, rastros que se esquecia de esconder, mas ela melhorou com o tempo. *Inteligente.* Eu perdi seu rastro há uns três anos, depois de Syracuse, e não encontrei de novo até você aparecer na cidade."

Karissa me encara o tempo todo que estou falando, olhando-me bem nos olhos sem vacilar.

Está silencioso por uns minutos enquanto ela me olha em contemplação, antes de perguntar, "quando você mudou de ideia?"

Ela está procurando por uma explicação, algum tipo de revelação que irá justificar essa confiança que está me dando. Ela quer acreditar que sou um homem mudado, que a pessoa que ama não é o mesmo monstro que teme, mas não tenho tais admissões para ela. Eu sou quem eu sou, e eu faço o que faço, não posso me desculpar por isso.

Mas maldito seja esse olhar se não me faz desejar que eu fosse.

Eu gostaria de ser um homem melhor.

Gostaria de conseguir fazer isso por ela.

Mas não sou, e não posso, porque é teimosa e eu sou fodido demais para fazer alguma diferença.

Desejar é para os tolos.

Isso não muda nada.

"Quando eu mudei minha mente sobre o que, Karissa?"

"Sobre matar minha mãe," ela sussurra. "Sobre me matar."

Embora sua voz esteja baixa, ela não treme. Meu instinto é de perguntar, 'o que faz você pensar que mudei de ideia?' Mas ela fala como se fosse destemida e eu não quero fazê-la ter medo de mim.

Eu não vou matá-la.

Eu não consigo.

Sua mãe, por outro lado, é uma história inteiramente diferente.

"Não tenho certeza," respondo. "Não sei quando aconteceu."

"Besteira."

Eu admiro sua franqueza e luto contra um sorriso, sabendo que rir no momento irá apenas causar dor a ela. Não há nada engraçado nessa situação. "Não foi o que eu chamaria de uma decisão consciente. Eu vi você, falei com você, levei você para casa comigo... Levei você para cama... E em algum momento ao longo do caminho, eu me apaixonei por você. E quando chegou a hora de realmente ver meu plano, eu percebi que não podia fazer isso. Eu percebi que eu não *queria* fazer. Talvez tenha acontecido depois; Talvez tenha acontecido na primeira vez que coloquei os olhos em você. Eu não sei, Karissa. Tudo o que sei é que aconteceu, e essa é a verdade."

Ela segura meu olhar por alguns segundos antes de quebrar o contato, abaixando a cabeça quando vira para olhar pela janela de novo. Dirigimos em silêncio depois disso, nenhum de nós dizendo uma palavra pelo resto da viagem até o aeroporto. Ela não fala comigo quando saímos do carro, não fala comigo quando nossas malas são despachadas e nem quando embarcamos no avião. É menor que o que Ray fretou em nossa viagem para Vegas, mas é somente nós dois agora, então não precisamos de nada extravagante.

Karissa se afasta assim que estamos dentro, caindo sozinha em um assento único ao lado. Eu paro, perguntando-me se a chateei, antes de me sentar em sua frente, colocando um pouco de espaço entre nós.

Ela não olha para mim. Seus olhos estão fixos na janela, seu cotovelo apoiado no braço da cadeira, seu queixo descansando em sua mão. Eu odeio quando ela se afasta. Ela parece perdida, e eu gostaria de poder encontrá-la, trazê-la de volta para onde pertence.

Troco palavras com o piloto, e em poucos minutos estamos no ar. Eu relaxo em meu banco, esticando minhas pernas. Será um voo longo... Um voo *muito* longo.

Mais de oito horas de um aeroporto a outro.

Eu observo Karissa enquanto ela observa o céu da manhã. Está começando a clarear lá fora, mas as luzes na cabine estão escuras, lançando-a em sombras suaves.

Dez minutos.

Vinte.

Meia hora.

O tempo passa lentamente.

É uma hora ou mais de voo antes de eu ouvir sua voz de novo.

"Você se arrepende?" Ela pergunta calmamente. "Você se arrepende de me amar?"

Eu não respondo. Não imediatamente. Eu a encaro até que finalmente ela vira a cabeça para olhar para mim, até que ela quebra e não pode manter seu olhar longe um segundo a mais. Em seus olhos eu vejo apreensão, o tipo que me diz que minha resposta pode quebrá-la do jeito que ela me quebrou uma vez com a palavra *vermelho.*

"Não tenho arrependimento," digo finalmente.

Sua testa franze. "Nenhum?"

"Nenhum."

"Depois de tudo o que fez, você não se arrepende de nada?" Ela pergunta. "Como pode ser isso?"

"Porque você não pode voltar e mudar as coisas uma vez que estão feitas. Você não reescrever a história. Ficar pensando nisso, perguntando-se o que poderia ter sido diferente, perguntando-se como as coisas seriam em um mundo perfeito é uma perda de tempo. Porque esse mundo não é perfeito, a vida não é perfeita e nunca vai ser. Sou apenas um homem, tenho apenas uma vida e não vou gastá-la me arrependendo de minhas decisões e desejando que pudesse mudar as coisas que nunca podem ser mudadas. Desejar leva você a lugar algum, querida. Acredite em mim – eu sei. Eu desejo e desejo e desejo e não faz nenhuma maldita diferença. Eu perdi minha vida em um único momento que cem anos de arrependimento não me traria de volta. Então não, Karissa, não me arrependo de nada."

Há algo em seus olhos, algo que não esperava ver: tristeza. Não sei se ela acredita em uma palavra do que saiu dos meus lábios, mas está claro que o que eu disse a tocou. Sua boca abre, e ela hesita, antes de sussurrar, "Você ao menos sofreu alguma vez?"

"Claro que sofri. Passei duas décadas sofrendo."

"Não," ela diz, balançando a cabeça. "Você passou duas décadas planejando vingança. Isso não é a mesma coisa. Raiva é apenas uma pequena parte do sofrimento. Você não pode simplesmente ficar com raiva e terminar com isso. Você tem que realmente senti-la, Naz, ou nunca irá aceitar."

Posso sentir os pelos do meu braço eriçando. Ela está me arranhando, ficando sob minha pele.

"Você diz que não sente arrependimento sobre nada, e talvez seja verdade. Mas se for? Eu sinto pena de você."

Essas palavras são um soco no meu estômago. Minha expressão endurece e meus músculos tencionam. "Não preciso de sua pena."

"Não é pena," ela diz. "É compreensão. Você não gosta de se machucar, então ao invés disso você inflige dor em outras pessoas. Entendo isso agora. Mas sofrimento não é algo que você pode acabar; não é algo com um começo e um fim. Sofrimento é algo que você absorve, algo que você aceita. Mas para aprender a viver com isso, você ainda tem que viver."

"Estou vivendo."

"Você está evitando," ela diz. "Você está se esquivando."

Quanto mais ela fala, mais bravo eu fico. Se eu quisesse ser psicanalisado, eu teria pagado a porra de um psiquiatra.

Ela larga o assunto, mais uma vez virando para olhar pela janela.

Uma hora já foi, mais sete para aguentar.

Levo o resto da viagem inteira para empurrar a raiva de volta, para me acalmar o suficiente para afrouxar os punhos. Ela dormiu. Eu só fico a olhando, ponderando sobre suas palavras.

Assim que as rodas estão no chão e paramos, estou fora do meu assento. Karissa não hesita. Ela me segue para fora do avião, segurando seu novo passaporte.

Eu tive que solicitar um monte de favores para consegui-lo para ela.

Dirigimo-nos para a alfândega, dando nossos passaportes e passando direto.

Mas Karissa hesita.

Seus pés enraizados no chão, bloqueando a fila. Ela encara o trabalhador em silêncio, a sobrancelha levantada, seu passaporte ainda estendido.

O homem parece que quer estrangulá-la.

Ela é uma mulher irritantemente teimosa, eu sei disso, mas ela é *minha* mulher teimosa e minhas mãos são as únicas que irão envolver ao redor de seu pescoço.

"*Timbrare Il passaporto,*" eu digo ferozmente, capturando a atenção do trabalhador. *Carimbe seu passaporte.* Ele faz uma careta, cavando em sua gaveta e puxando um pequeno tinteiro. Ele o pressiona contra a primeira página do passaporte dela antes de deslizá-lo de volta.

"Obrigada," Karissa sussurra, sorrindo com satisfação quando começa a se afastar. Aceno minha apreciação, e ele retorna o gesto antes de acenar para os outros atrás de nós.

Ele apenas passa os outros direto.

Há um carro nos esperando na frente do aeroporto, um motorista segurando uma placa com Vitale impresso nele. Estamos hospedados em um hotel bem no meio de Roma, apenas alguns andares com um punhado de quartos, pequeno, mas luxuoso, o tipo de lugar onde você tem privacidade, mas todas as cortesias que sempre quis.

Casa longe de casa.

Assim que entramos no hotel, sou recebido com sorrisos calorosos e palavras italianas gentis. Entendo a maior parte do que dizem, mesmo que esteja distraído, minha atenção voltando continuamente para Karissa.

Ela parece boquiaberta.

Os olhos arregalados, curiosos e cautelosos, enquanto absorvem os arredores. Somos levados para nossa suíte no ultimo andar, e estou tentando controlar minha hostilidade para não acabar com a hospitalidade deles, mas estou irritado e cansado, preferindo ficar sozinho agora.

O mais educado que consigo, digo aos funcionários para irem embora, batendo e trancando a porta atrás deles.

A suíte é bastante grande, dada a modéstia do lugar: uma sala de estar aberta com sofás e cadeiras, uma lareira e uma televisão em frente a uma pequena cozinha, um banheiro grande de mármore e um quarto com uma cama king size e acesso ao terraço privativo ao ar livre.

Karissa explora enquanto sigo direto para o quarto e desempacoto minhas coisas no pequeno closet, sentindo-me um pouco melhor uma vez que encontrei um pouco de ordem, alguma sensação de controle ao meu redor. Estou guardando meu último terno em um cabide quando Karissa entra.

Ela para perto do batente da porta, encostando contra a parede enquanto encara o closet, olhando-me. Dirijo meus olhos para ela, encontrando seu olhar.

"Não tive a intenção de chateá-lo," ela diz.

Eu zombo, alisando o material escuro antes de pendurar o terno. "Sim, você teve."

"Mas—"

"Você quis dizer cada palavra," digo, saindo do closet em direção a ela. "Nunca pegue de volta algo que você quis dizer. Prefiro que você me ofenda intencionalmente se é algo que você acredita do que mentir em minha cara apenas para me acalmar. Eu posso não gostar do que você diz, mas você é um dos poucos que eu respeito para poder dizer. Não arruíne isso tomando de volta suas palavras. Possua-a. Respeite-me o suficiente."

"Ok."

É isso.

É tudo o que ela diz sobre isso.

Ok.

Ela ainda está me olhando.

Minha raiva ainda não diminuiu.

Eu me viro, preparado para me afastar, quando ela solta um suspiro exasperado. "Por quanto tempo você vai ficar bravo?"

"Quem disse que estou bravo?"

"Eu," ela diz. "Eu digo que você está bravo."

Viro-me de volta para ela, surpreso que ela está empurrando o assunto, que ela está pressionando esses botões que conhece bem para não apertar. "Você tem certeza que quer fazer isso agora? Certeza de que quer ter essa conversa?"

"Sim."

Sem hesitação.

Sem pensar duas vezes.

Ela me olha, esperando uma explicação.

Justo. Vou dar a ela o que ela quer.

"Eu vou ficar bravo por tanto tempo que estiver bravo," digo a ela. "E eu vou continuar ficando bravo enquanto a vida continuar me irritando."

"Talvez quando você terminar de ficar bravo sobre tudo, você finalmente irá se deixar começar a ficar de luto pelo que perdeu."

"Eu *fiquei* de luto."

"Você não deve mentir para mim."

Seu tom acusatório me atinge. Ela acha que eu sou um mentiroso? Que eu minto para ela? É isso que ela pensa de mim? Eu tenho balançado no fio da navalha durante todo o maldito dia e ela apenas me empurrou demais, longe demais, rápido demais.

Antes que ela possa reagir, eu a agarro, prendendo-a contra a parede, meu corpo nivelado com o seu, minha mão ao redor de sua garganta. Ela engasga alto, assustada, a respiração afiada enviando um arrepio através de mim, indo direto para o meu pau.

Estou duro. *Instantaneamente.*

Eu não aperto, meus dedos descansando em sua jugular, forçando-a a olhar para mim. Posso sentir sua pulsação. Seu coração bate descontroladamente. Eu a mantenho ali, olhando para ela, a ponta do seu nariz com a ponta do meu nariz. Sua respiração é instável, suas mãos tremendo enquanto agarram meus braços.

Pergunto-me se ela está apavorada ou excitada...

Ela poderia se afastar se quisesse, sair do meu aperto sem muito esforço, mas ela não se move. Seus olhos brilham, amplos e alertas, olhando-me com antecipação.

Olhando-me com expectativa.

Não é uma rejeição, quando ela se move contra mim, seu peito batendo no meu. Não, é um convite.

De jeito nenhum eu vou recusar.

Eu a empurro bruscamente contra a parede de novo, puxando sua cabeça para cima, forçando-a nas pontas dos pés. Eu bato meus lábios contra os dela, beijando-a forte. Suas mãos agarram meu antebraço, suas unhas arranhando minha pele, mas é apenas para mostrar. Ela luta contra minha presença, mas me mantém lá, segurando firmemente para não me afastar, enquanto me beija de volta.

Os arrepios rolam em mim como ondas, formigando o topo da minha cabeça até os meus pés, fazendo meu pau latejar no meio. Estou pulsando no ritmo do coração dela enquanto ele bate contra meus dedos.

Tump.

Tump.

Tump.

Foda-se.

Eu rasgo suas roupas com minhas mão livre, dentes beliscando sua pele, mordendo e lambendo ao longo de sua mandíbula. Frustração cresce dentro de mim. É provavelmente vinte segundos. Parece mais vinte minutes. É uma eternidade maldita não estar dentro dela.

Eu solto seu pescoço, saindo do seu aperto. Ela agarra minha camiseta para me impedir de afastar, mas não tenho nenhuma intenção de partir. Minhas mãos agarram seu short, retirando-os junto com sua calcinha. Ela os chuta enquanto desato minha calça, sem me importar em fazer mais.

Levará muitos segundos.

Agarrando seus quadris, eu a levanto. Ela enrola suas pernas ao redor da minha cintura e me beija de novo. Um suspiro ecoa de seus lábios quando empurro dentro dela, preenchendo-a profundamente, batendo suas costas contra a parede.

"Foda-se," eu rosno quando ela enrola os braços em meu pescoço, puxando um punhado de cabelo e gritando quando eu faço exatamente isso.

Fodo.

Eu a fodo.

Eu a fodo forte, eu a fodo com tudo dentro de mim, eu a fodo até minha pele estar suada e meus joelhos fracos, até meu crânio pulsar e meu corpo parecer que vai explodir. Eu a fodo até minha lado parecer que foi baleado novamente. Ela pressiona contra a parede enquanto bato nela, de novo e de novo, o interruptor de luz cavando em suas costas. A força o move, as luzes piscando, mas ela não parece notar e eu não dou à mínima.

Seus olhos estão fechados com força, seu lábio inferior preso entre os dentes enquanto tenta conter os gritos.

Mudando de posição, eu tento deslizar uma mão entre nós, mas estamos próximos de mais e ela está confiando em mim para segurá-la. Grunhindo, ela quase desliza do meu aperto quando eu agarro seus quadris com força e a puxo para longe da parede. Eu cambaleio pelo quarto, seu corpo colidindo com os lençóis da cama ainda feitos na luz fraca. Seus olhos abrem quando subo entre suas pernas, pairando sobre ela. Uma lasca de sangue corta seu lábio inferior de onde seus dentes morderam a pele frágil. Sua língua se lança para fora, lambendo lentamente enquanto me encara.

Observá-la acende fogo em minhas veias.

Um fogo que não pode ser domado.

Empurro para dentro dela de novo, impulsionando suas coxas separadas com a força do impulso. Meus dedos encontram seu clitóris, esfregando círculos firmes, enquanto a fodo tão fundo que posso praticamente perfurar sua alma. Ela não consegue impedir seus gritos dessa vez, não consegue engoli-los como fez antes, os ruídos estrangulados saltando fora das paredes tão alto que estou surpreso que não fazem o chão tremer.

Não leva muito tempo antes de seu corpo tencionar, os músculos ficando tensos de seu orgasmo iminente.

Assim que o sinto crescer, arranhando-a por dentro, afasto-me de seus lábios. Ela inala bruscamente, preenchendo seus pulmões com uma respiração profunda, antes de minha mão enrolar ao redor do seu pescoço mais uma vez.

Ela exala com surpresa.

Dessa vez, eu aperto.

O bronzeado drena de seu rosto, seus olhos arregalando quanto pressiono contra sua jugular, constringindo sangue e obstruindo seu ar. Puro terror surge em suas veias. Eu sei, porque eu vejo isso em seus olhos, ainda mais intenso agora do que na primeira vez que eu fiz isso. Da última vez ela estava confusa, merecidamente, mas dessa vez ela sabe o que eu quase fiz com ela.

O que eu *queria* fazer com ela.

Ela sabe e ela sente isso. Suas mãos tentam afastar as minhas, suas unhas arranhando meu pulso enquanto ela luta, lutando contra meu aperto e meu peso, sacudindo seus quadris. Cor infiltra suas bochechas novamente, dessa vez vermelho cobre sua pele, quando ela desiste de tentar me parar e luta de volta em vez disso. Suas mãos rasgam minhas roupas antes de agarrar minha gravata e puxá-la, tentando me sufocar. É inútil, sua luta. Eu nem sequer me movo.

São apenas alguns segundos. Alguns segundos antes dos olhos dela começarem a revirar, sua boca se mexendo, mas nenhum som saindo. Suas pernas tremem em volta de mim, cada pedaço dela rígido quando arqueia suas costas, novamente apertando os olhos fechados. Seu

corpo explode em prazer no segundo em que solto meu aperto. Ela engasga alto, seus pulmões devorando avidamente uma respiração.

Uma respiração que concedi a ela.

Uma respiração que quase não conseguiu.

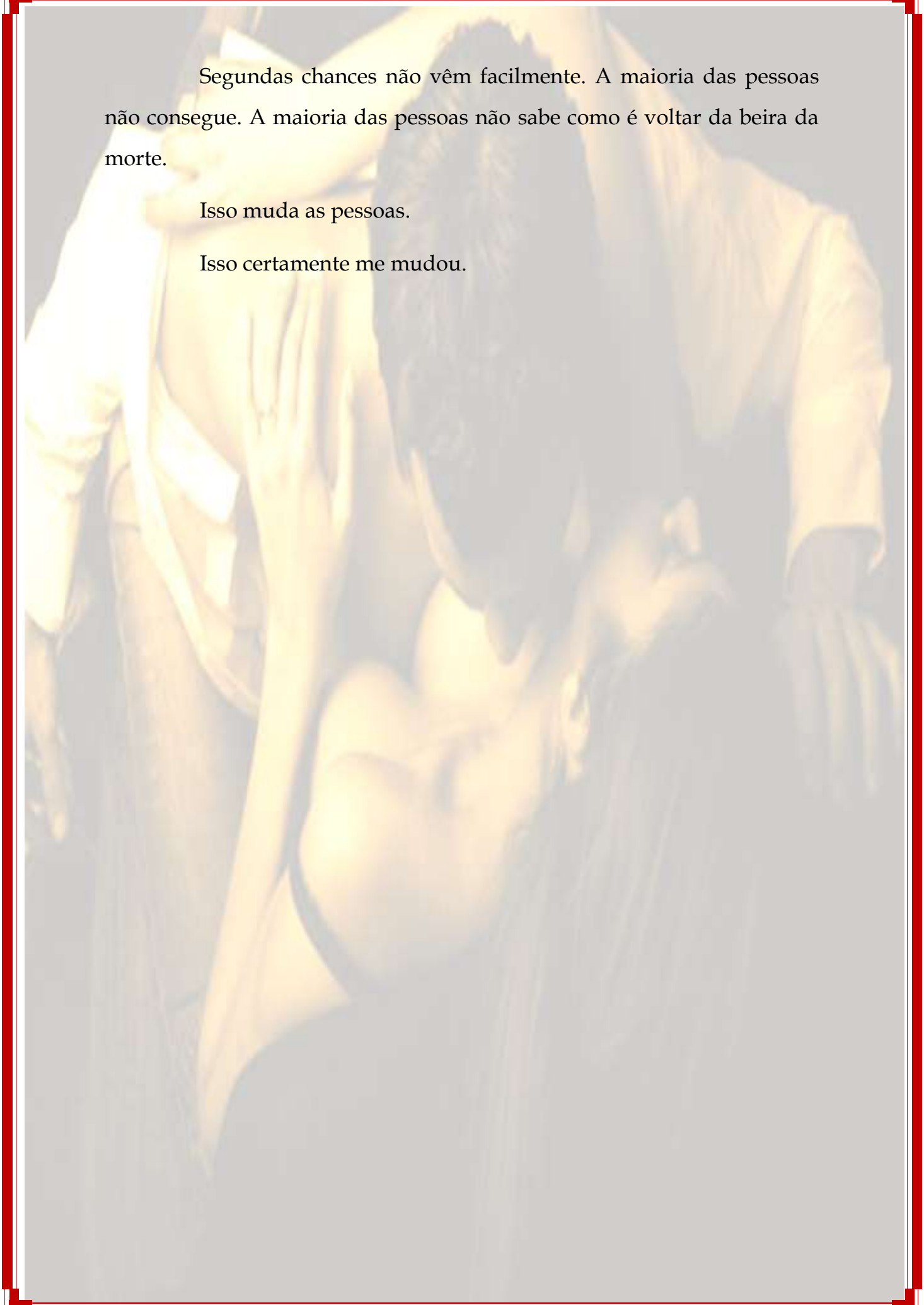
Ela grita, um grito ensurdecedor que balança meu ossos quando me atinge. Seu corpo convulsiona, meu nome sendo a única coisa coerente saindo de seus lábios. "Naz!"

O som disso é um soco no peito. Eu perdi isso. Meu corpo treme quando eu gozo duro, a força momentaneamente me paralisando. Não posso me mover, porra. Agarro os lençóis em ambos os lados de seu quadril cheio de curvas, rangendo os dentes quando xingo novamente. "Foda-se."

Afasto-me no momento que consigo me controlar e olho para Karissa. Ela está com os olhos fechados, e está ofegante, seu corpo desesperado, ávido por todo ar que conseguir. Ela não se move, deitada como se seus membros tivessem parado de funcionar, o único sinal de vida é seu peito subindo e descendo.

Após sua respiração ficar mais lenta, ela abre os olhos, instantaneamente encontrando os meus. O terror se foi, substituído por alívio. O sinal disso envia um arrepio em minha espinha. É como um renascimento, acordar em um mundo novo, uma reverência à vida e apreciação por cada respiração que não existia antes. Ninguém é mais grato por estar vivo do que alguém que pensou que fosse morrer.

Segundo fôlego.



Segundas chances não vêm facilmente. A maioria das pessoas não consegue. A maioria das pessoas não sabe como é voltar da beira da morte.

Isso muda as pessoas.

Isso certamente me mudou.

Capítulo 14

Roma é silenciosa à noite.

A cidade é banhada por uma luz ardente dos edifícios, a única coisa visível na escuridão absoluta. Da minha cadeira na sacada, posso ver a quilômetros, mas não há nada para ver assim tão tarde.

Três, eu acho, talvez quatro da manhã. Eu estive aqui por horas, desde que Karissa caiu no sono. Insônia é uma vadia que me persegue na escuridão, fazendo meu ambiente mais assombroso do que calmo.

Eu me sinto morto na maioria das noites. The walking dead[12], exceto que eu ainda tenho pulsação, um coração batendo. É difícil se sentir vivo quando você foi destruído por dentro, difícil se sentir real quando você não lembra mais como sonhar.

É provavelmente apropriado.

As únicas pessoas que parecem estar na rua esse horário é a polícia italiana, a força militar chamada *Carabinieri*, empunhando suas metralhadoras, monitorando as ruas. Você pensaria que isso me enervaria, mas me sinto mais calmo aqui do que de volta a Nova York.

Ninguém aqui está atrás de mim.

[12] Referência a série norte americana The walking dead, conta a história das semanas e meses que se seguem a um apocalipse zumbi pandémico e acompanha um grupo de sobreviventes, dirigidos pelo agente da polícia Rick Grimes, que viaja em busca de um local seguro e a salvo.

As portas do quarto estão abertas atrás de mim, uma brisa soprando atravessa, batendo contra minha pele suada. Ainda estou vestido, as mangas puxadas em meus cotovelos, camisa abotoada pela metade e a gravata descartada. Estico minhas pernas, cruzando-as nos tornozelos, quando ouço um movimento no quarto.

Os passos dela são reprimidos, como se estivesse nas pontas do pé de propósito, quando faz seu caminho para fora na sacada. Sua presença paira logo atrás de mim, sombras me cobrindo. Ela anda a minha volta, aproximando-se da ponta da sacada para olhar. Ela está usando apenas uma camiseta e uma calcinha, o tecido branco iluminado na escuridão.

Ela olha a cidade, absorvendo a vista. "É tão... Laranja."

A descrição peculiar me faz sorrir.

"É," eu digo. "O brilho me faz lembrar de chamas, como se a cidade estivesse em chamas."

Ela vira para olhar para mim, inclinando as costas contra a parede que reveste a sacada enquanto cruza os braços contra o peito. "Roma queimou uma vez."

"Queimou."

"Ouvi que o Imperador fez isso… Que ele queimou para que pudesse reconstruí-la do que jeito que queria. Eles dizem que o idiota tocava violino enquanto a cidade queimava."

"É isso o que dizem?"

"Sim."

"Huh."

Seus olhos apertam. "Está errado?"

"Sim."

"Como você sabe?" Ela pergunta. "Você não estava lá."

"Nem o violino," eu aponto. "Não tinha sido nem inventado na época. E enquanto eu tenho certeza que ele poderia ter sua própria cidade destruída, não é realmente lógico, desde que ele perdeu seu palácio no incêndio, também."

"Ele construiu outro."

"Mas ele salvou o que conseguiu do antigo," digo. "Um homem desesperado o suficiente para queimar sua casa até o chão quer uma planejamento limpo... Ele não levaria nada mais."

"Talvez tenha apenas saído do controle," ela diz. "Talvez ele tenha perdido o controle dele."

"Improvável."

"Você soa como se soubesse muito sobre isso."

Eu penso em como responder a isso, ou se deveria ser até engraçado, desde que não era uma pergunta.

"Eu sei o suficiente," digo. "Eu já fui desesperado assim."

Ela me encara por um momento antes de descruzar os braços e se afastar da parede. Ela anda até mim sem dizer uma palavra, surpreendendo-me quando desliza na cadeira, caindo em meu colo e fixando-se em meus braços. Eu a puxo para mim, ajeitando-me para dar a ela mais espaço, e pressiono um beijo no topo de sua cabeça.

Ela cheira como eu.

O cheiro de suor e colônia está todo sobre ela.

Ela está olhando para as luzes da cidade de novo, completamente à vontade. Escovo seu cabelo para trás em seu ombro enquanto olho para ela, vendo as marcas leves de dedos em seu pescoço. Elas são pouco visíveis e irão provavelmente desaparecer pela manhã, mas elas me chamam como placas de neon piscando. Esfrego meu polegar ao longo delas, deixando-a tensa.

"Isso dói?" Pergunto.

"Não mais," ela sussurra.

"Mas doeu quando eu fiz?"

Ela hesita. "Não tenho certeza."

Minha testa franze. Como ela pode não ter certeza?

Quase como se pudesse ler minha mente, ela suspira e dá de ombros. "Quero dizer, sim, doeu, mas é difícil lembrar se foi mais de dor ou medo, então não sei se você realmente me machucou ou se eu estava aterrorizada que você podia."

"Eu não faço isso para machucá-la."

Ela inclina a cabeça, olhando de volta para mim. "Por que você faz isso?"

Pergunta pesada.

Não tenho completamente certeza de como responder.

"Você gosta disso, não?" Pergunto. "A alucinação é como nada mais."

Eu já vi como o corpo dela convulsiona, o prazer tão avassalador que algumas vezes ela começa a chorar. Eu posso apenas imaginar a intensidade.

"Para mim, talvez, mas e para você?" Ela pergunta. "O que você consegue com isso?"

Uma pergunta ainda mais pesada.

Não quero responder a essa.

Mas ela está olhando para mim, tão vulnerável e aberta, tudo estendido para me ver. Ela pode me odiar algumas vezes, mas não a impediu de me deixar voltar. Eu devo tudo isso a ela em retorno, mesmo se a realidade que ela verá não for bonita.

É feia.

Fodidamente miserável.

Assim como eu.

"Minha mulher morreu."

"Eu sei que sim."

"Então você sabe," continuo, "que eu a vi morrer. Que eu a segurei, e olhei para ela, vendo quando ela deu seu último suspiro."

"Sim."

"Não havia nada que eu pudesse fazer por ela... Nenhuma maneira de salvá-la... Nenhuma maneira de fazê-la respirar de novo. Eu estava me matando, mas não me importava se eu sangrasse ali apenas para mantê-la respirando. Nada funcionou, embora."

Ela não diz nada quando olhei para ela, o polegar ainda acariciando carinhosamente o ponto descolorido em seu pescoço.

"Então o que eu consigo com isso, Karissa? Eu consigo ver você respirar. Eu faço você respirar. É como se você estivesse voltando da morte, e é uma coisa malditamente linda de se ver. E talvez isso seja

doentio. Inferno, eu sei que sou doente. Mas me deixa alucinado também."

"Não é doente," ela diz, procurando um jeito de se acomodar em meus braços de novo. "Faz mais sentido do que a maioria das coisas que você faz."

Eu rio. "Tudo o que eu faço faz sentido."

"Sim? Então porque você está comigo?"

"Porque—?"

"Não," ela me corta antes que eu possa terminar. "Por que não? Essa é sempre sua resposta, você sabe. Toda vez. Mas não é uma resposta, e não faz nenhum maldito sentido."

Não tenho outra resposta.

Ela não me pressiona por outra.

Em vez disso, ela suspira fechando os olhos, e pega no sono em meus braços. Descanso minha bochecha contra sua cabeça, olhando para a cidade brilhando enquanto ela começa a ressonar.

Eu não durmo.

Por que eu estou com ela? Eu não sei. Realmente não sei.

Estou com ela simplesmente porque eu quero estar. Porque eu preciso estar. Porque ela precisa de mim, eu acho, e se estou sendo honesto, eu preciso muito dela.

"Itália." Sua voz é um exalar atordoado, a palavra acompanhada com um riso. "*Itália*, porra."

No início, eu acho que ela está no telefone, que ela ligou para alguém em casa, mas eu vejo seu iphone rachado com a capinha rosa no centro da cama, enquanto ela está de pé na sacada. Água pinga em meu peito, meu cabelo ainda molhado do banho, enquanto estou de pé no quarto e visto um par de cuecas.

Silenciosamente, eu me aproximo das portas que levam lá fora, tendo um vislumbre dela encostada contra a parede e olhando para a cidade. É logo após o amanhecer. Roma tomando vida de novo quando os turistas começam a preencher a área, carros parados nas ruas. Ela está de pijama, o cabelo um emaranhado. Ela acabou de sair da cama.

"Não posso acreditar," ela diz calmamente, e eu percebo que está falando com ela mesma. "Estou realmente na fodida Itália."

"Você está."

Ela pula, assustada com minha voz, e aperta o peito quando se vira. Seu rosto está corado, um sorriso surgindo no canto dos lábios enquanto olha para mim. Não escapa do meu conhecimento que seus olhos traçam meu comprimento, demorando em meu estômago e seguindo para minha cueca.

"Eu não ouvi você."

Ela parece nunca ouvir.

Eu dou um passo até a sacada com ela, correndo minha mão pelo meu cabelo molhado. "Sim, você estava no meio do que parecia ser uma conversa interessante."

Seu rubor aumenta à medida que desvia os olhos, mordendo o lábio inferior antes de virar para longe de mim e olhar a cidade mais uma vez. "É só... Inacreditável. Nunca pensei que eu realmente estaria de pé na Itália. Eu sempre quis vir para cá." Ela lança os olhos para mim quando paro ao seu lado. "O que, de algum modo, você já sabia."

Eu a ofereço um sorriso no lugar de uma resposta. Antes daquela tarde em Vegas, eu não estava ciente de que ela queria vir aqui. Eu não tinha como saber. Por mais que eu conheça essa mulher – seus maneirismos, seu passado – seus desejos mais profundos ainda são um segredo para mim.

Estava perdido em minha cabeça, sentado naquela mesa no jardim, a caixa do anel pesada no bolso do casaco, ponderando sobre eu estar fazendo a escolha certa de propor a ela. Anos atrás, eu tinha tudo arranjado, meu futuro inteiro desenhado antes de mim, a imagem de uma vida perfeita que queimou, a história terminada no meio de um livro, o resto das páginas deixadas em branco, limpas pela dura realidade de que eu estava sozinho e que eu sempre estaria.

Ou eu *pensava* que estaria.

Eu ficava passando por isso uma e outra vez. Eu a amava, eu queria mantê-la, mas eu sabia que isso seria uma injustiça. Algo que queria fazer certo era tão fodidamente errado; algo que me fez sentir que iria quebrá-la. Não sou um idiota. Não sou tolo. Eu sabia o que a verdade faria com Karissa, e propor a ela iria apenas tornar aquilo pior.

Eu quase não fiz isso. Quase desisti. *Não a amarre a você,* eu pensei. *Não a prenda em uma gaiola.* Pensamentos de Maria continuaram infiltrando o momento, memórias do que aconteceu com ela, pensamento da mulher que ela nunca chegou a ser, a vida que nunca conseguiu viver

comigo. Não podia fazer isso com Karissa, poderia prendê-la a alguém que nem conhecia, arrastá-la mais fundo em um mundo que ela não percebia que queria engoli-la inteira. Maria nunca conseguiu ser mãe. Ela quase não conseguiu ser minha mulher. Nunca a levei em uma lua de mel.

'Sempre sonhei em ir para a Itália.'

'Eu sei.'

Eu respondi calmamente, distraidamente, sem nem perceber o que eu estava fazendo até que virei a cabeça e olhei para Karissa, trazendo-me de volta para o momento, fora do passado que terminou prematuramente.

No final, eu finalmente puxei o anel, ignorando tudo que ficou contra mim por causa de algo que Karissa disse: *eu não quero me afastar de você. Eu nunca irei.*

Ela jurou que quis dizer isso.

Eu ainda estou tentando levá-la ao pé da letra.

Olhando para longe de Karissa, eu olho para sua mão, meus olhos demorando em seu dedo anelar sem nada por um momento antes de voltar meu rosto para o céu de Roma.

"Por que não nos vestimos e vamos explorar?" Sugiro.

"Sim?"

"Sim."

"Gostaria de ter uma câmera," ela diz, olhando ao redor. "É tão lindo. Nunca quero esquecer isso."

"Vá tomar banho," digo, apontando para o quarto. "Protejo você."

A água está começando a cair no banheiro quando coloco algumas roupas – jeans e uma camiseta branca – e sigo para a porta. Eu saio sem dizer nada a Karissa e estou de volta dentro de vinte minutos, segurando uma sacola de compra da loja na rua. Quando entro no quarto, Karissa está de pé sem nada além de uma toalha, roupas jogadas fora de suas malas e cobrindo a cama.

"Para você," digo, hesitando antes de colocar a sacola bem em cima de suas coisas. A testa franzida, ela olha dentro da sacola e suspira. Não sei muito sobre câmeras... É preta e da marca Canon. O homem na loja me disse que era a top de linha, e o preço certamente refletiu essa noção.

"Jesus, Naz, você não tinha que fazer isso!" Ela diz, puxando a câmera e segurando-a para cima. "Poderíamos ter pegado uma daquelas descartáveis, você sabe... Elas são tipo, cinco dólares... Isso é..."

"Digno de Roma," digo quando meu telefone no bolso começa a vibrar, o som familiar tocando. "Carregue a bateria e vamos sair."

Puxo o telefone do bolso quando saio para a sacada de novo por um pouco de privacidade. *Ray.* Meu sinal é decente aqui em Roma, bom o suficiente que eu sei que posso manter uma conversa com o homem, mas estou hesitante em responder.

O toque para em poucos segundos e eu olho a tela em branco, nem tão surpreso quando começa a tocar de novo quase que imediatamente. Eu aperto o botão para atender e sento na ponta da cadeira. "Sim."

"Você está vivo."

Não há humor em sua voz.

Sem sarcasmo.

Isso faz meu interior rolar.

Uma pergunta sincera.

"Por que eu não estaria?" Pergunto.

"Bem, não tenho visto você ao redor. Imaginei que algo tivesse acontecido com você. Não se parece com você ficar longe tanto tempo."

"Só tenho estado ocupado"

"É isso mesmo?"

"Sim."

"Se eu não conhecesse você melhor, diria que estava me evitando," Ray diz. "Você não está me evitando, está?"

"Claro que não."

"Bom saber," ele diz. "Estou no Cobalt. Venha tomar uma bebida comigo. Vamos conversar."

"Eu iria se pudesse," respondo. "Estou fora da cidade."

"Sim? Onde você está?"

"Roma."

"Roma," ele solta. "Isso é um pouco mais que estar fora da cidade, Vitale. É todo um país diferente. Algo surgiu?"

"Não, não são negócios," digo. "É pessoal."

Ele está quieto, tão quieto que acharia que tivesse desligado se eu não conseguisse ouvir o barulho do clube no fundo. Eu o espero falar,

sentado em silêncio. Leva quase um minuto inteiro antes de ele falar novamente. "Você levou a garota Rita para a Itália?"

"Sim."

Ele está quieto de novo, mas não por tanto tempo dessa vez. "As senhoritas terão um jantar na próxima semana. Sábado. Eu sei que você tem estado *ocupado*, mas gostaria que encontrasse tempo para vir."

"Estarei lá."

"Bom," ele diz. "E traga a garota com você."

A linha fica muda antes que eu possa criar uma respostar a isso. Suspirando, eu só fico sentado lá, aproveitando o silêncio por um momento, tendo um momento de paz. Aperto o telefone com as duas mãos, meus cotovelos descansando em minhas pernas enquanto encaro o nada, tentando clarear minha cabeça.

A porta de vidro do quarto desliza aberta depois de um tempo. Eu olho para essa direção quando Karissa para na porta, usando um vestido florido sem mangas que vai até um pouco acima dos joelhos.

"Nós só temos que esperar a coisa ficar verde," ela diz, segurando o manual do usuário na mão, seus olhos o analisando. É maior que o da máquina de café que comprei para ela, mas ela não hesita em utilizar esse.

"Esperar a coisa," repito, "ficar verde."

"Sim." Ela olha para mim. "Não deve demorar muito, certo?"

"Seu palpite é tão bom quanto o meu."

Duas horas depois, a luz no carregador continua amarela. Karissa corre ao redor, arrumando o cabelo, colocando maquiagem, mudando de sapatos uma dúzia de vezes, o tempo todo me dizendo o

quanto sente muito por nos prender. Só consigo aguentar isso por um tempo até entrar no quarto e agarrar seus quadris quando ela tenta passar por mim, prendendo-a no lugar. "Pare de se desculpar."

"Mas—"

Assim que ela tenta falar, a luz no carregador muda, ficando verde. Aponto para ele. "Viu? Está pronto."

Dez minutos mais tarde, estamos finalmente fora da porta, a câmera na mão dela, o primeiro sapato que ela colocou de volta em seus pés. Ainda é cedo, quase dez horas da manhã quando partimos para as ruas.

"Para onde estamos indo?" Ela pergunta.

"Para onde você quer ir?"

"Qualquer lugar," ela diz, dando de ombros.

"Huh."

"O que?"

"Para alguém que sonhava em vir à Itália, você está muito indecisa."

Ela revira os olhos. "Ok, tudo bem. A resposta certa seria todos os lugares. Eu quero ver tudo, então vou para qualquer lugar, realmente, onde você me levar, porque eu quero fazer tudo. Melhor?"

"Melhor."

Visitamos os pontos turísticos de costume, museus e igrejas, indo até o Panteão[13], a *Piazza Navona*[14] e as Escadarias da Praça da

[13] *Pantheon* – edifícios encomendado durante o reinado do imperador Augusto e reconstruído por Adriano. É uma das mais bem preservadas estruturas romanas antigas.
[14] Uma das mais célebres praças de Roma localizada no rione Parione.

Espanha[15]. Ela tira uma foto atrás da outra animadamente, e eu apenas a observo, admirando seu entusiasmo. Pegamos um almoço leve em um pequeno café antes de fazermos nosso caminho para o Coliseu[16]. As filas estão ridiculamente longas, mas vejo a expressão de Karissa se iluminar quando o vê, então não há nenhuma maneira de que vamos pulá-lo.

Nós vamos para o final da fila para esperar. Karissa bate algumas fotos do lado de fora, pegando o cenário, a imagem perfeita de uma turista com a câmera grudada no rosto. É quase como se eu não estivesse aqui, e tudo bem no momento, eu acho. Sua guarda está baixa, as defesas reduzidas.

É todo o motivo de vir até aqui. Se significar eu ser ignorado, então que seja.

Contanto que ela esteja feliz...

Depois de quase trinta minutos, nós finalmente estamos na frente. Eu compro dois ingressos e fazemos nosso caminho em torno do trajeto para o Coliseu. Seus olhos se iluminam quando olha o interior, as peças do antigo anfiteatro desmoronando e acabadas, mas até eu tenho que admitir que é um monstro magnífico de concreto e pedra.

Karissa bate mais fotos enquanto andamos ao redor antes de abaixar a câmera e se aproximar de uma grade livre, dando a ela uma vista melhor do lugar.

"É lindo," ela diz calmamente, olhando os túneis subterrâneos expostos. "Eu gostaria de ter estado aqui na época e ter visto tudo isso intacto."

---

[15] *Spanish Steps* ou em italiano *Scalinata di Trinità dei Monti.*

[16] O Coliseu, também conhecido como Anfiteatro Flaviano ou Flávio (em latim: Amphitheatrum Flavium), é um anfiteatro construído no período da Roma Antiga.

Não posso evitar eu rio com a reverência em sua voz. Não estou zombando, embora o olhar que ela me lança me faz pensar que soa dessa forma. "Sim, isso seria legal, eu acho, se você gosta desse tipo de coisa."

"Que tipo de coisa?"

"Matança em massa."

Seus olhos se arregalam.

Eu rio de novo.

Tão inocente.

"Para que você acha que os romanos usavam esse lugar, Karissa?"

"Eu não sei," ela diz. "Jogos, shows, esportes, ou tipo, festivais."

"Oh, eram festivais, certo," digo. "Apenas o tipo que envolveu muito sangue."

"Quero dizer, eu sei que havia gladiadores," ela diz quando me aproximo, parando ao seu lado na grade. "Eu sabia que as pessoas os assistiam lutarem até a morte algumas vezes. Mas eles eram guerreiros."

Tão ingênua.

"Naquela época, eles executavam milhares de pessoas em um dia," falo. "E eles certamente não eram humanitários sobre isso. Havia tanto sangue que eles tinham que colocar uma camada de areia no chão para secar. Eles soltavam leões em homens desarmados, e cinquenta mil pessoas iriam sentar nesse lugar e assisti-los serem rasgados ao meio, pedaço por pedaço. Você não teria durado um minuto em um desses assentos, Karissa. Você não conseguiu nem assistir a luta em Vegas sem esconder os olhos quando alguém era atingido."

Ela parece dividia entre fascinação e repulsa. "Nós esperamos na fila por meia hora para entrar no que é praticamente uma câmara de execução? Por quê?"

"Porque, como você disse, é lindo."

"Morte?"

"Eu quis dizer o Coliseu, mas claro." Eu me inclino casualmente contra a grade, olhando-a peculiarmente. "Morte pode ser. É parte da vida. Alguns de nós temos sorte de viver mais que outros, mas tudo que nasce eventualmente morre. Nenhum de nós é imortal."

"Isso é depressivo," ela diz, olhando ao redor de novo. "Podemos ir para outro lugar agora... Outro lugar preferivelmente onde as pessoas não eram assassinadas por esporte?"

"Que tal a Fontana de Trevi[17]?" Sugiro. "Você pode jogar uma moeda e fazer um pedido."

"Posso desejar por imortalidade?"

"Claro," digo, "mas acho que você teria mais sorte indo até o Vaticano para isso. É lá onde os milagres acontecem."

"Oh, podemos ir até lá?" Ela pergunta animadamente. "Você pode, tipo, ir até o Vaticano?"

"Sim," eu digo com uma risada, incerto se ela quis dizer *eu* especificamente. "Tenho certeza que não vou explodir em chamas. É uma caminhada longa, embora, então temos que deixar isso para outro dia."

"Ok," ela diz, sorrindo. "Fontana de Trevi será, então. Ninguém morreu lá, certo?"

[17] A Fontana di Trevi (Fonte de Trevos, em português) é a maior (cerca de 26 metros de altura e 20 metros de largura) e mais ambiciosa construção de fontes barrocas da Itália e está localizada no rione Trevi, em Roma.

"Alguns homens provavelmente morreram enquanto a construía, mas em outro caso, eu acho que não."

Ela ri, como se eu estivesse brincando, mas eu não estou.

As pessoas morrem em todos os lugares.

Cada passo que você dá – em todos os lugares que você fica – o chão em baixo dos seus pés está contaminado por algum tipo de acidente. É um fato incontornável. Nada é intocável pela morte. Nada.

A área ao redor da fonte está lotada. É fim de tarde, fundindo com o início da noite, os turistas na rua em massa. Eu pesco uma moeda em meu bolso e entrego para Karissa enquanto me afasto, assistindo quando ela se aperta na multidão. Ela força seu caminho até a frente com facilidade, ficando lá por um momento antes de fechar os olhos e jogar a moeda dentro. Ela reabre os olhos, olhando para baixo na água por alguns segundos, antes de deslizar de volta para se juntar a mim.

"Você pediu sua imortalidade?"

Ela ri. "Não."

"O que você pediu?"

Ela balança a cabeça, seu cabelo balançando para frente e para trás. "Não vou dizer."

"Por quê?"

"Porque então não irá se realizar."

"Quem disse?"

"Todo mundo. Essas são as regras."

"Ah, qual é," digo, alcançando-a, puxando-a para mim. "Você pode me dizer. Sou uma exceção."

"O que o torna tão especial?"

"Porque eu apenas sou," digo, sorrindo quando ela revira os olhos. Eu me estico, segurando seu queixo, esfregando meu polegar sobre seus lábios. "E porque eu vou fazer todos seus desejos se tornarem realidade. Então você pode me dizer, porque irei fazer para você. O que quer que seja. É seu."

Ela me olha em contemplação. "Irei pensar sobre isso."

Abaixando-me, eu a beijo suavemente. "Isso é um começo."

Ela tira mais algumas fotos antes de nos afastarmos, apenas caminhando entre as ruas sem nenhum destino em mente. Paramos dentro de algumas lojas e comprei um gelato[18] para ela, assistindo com diversão quando dá sua primeira mordida. Seus olhos rolam na parte de trás da cabeça quando fura a colher na tigela pequena, pegando uma colherada do sorvete bagunçado de cor castanha.

"Aqui," ela diz, segurando a colher para mim. "Experimente um pouco."

Hesitando, eu balanço a cabeça. *Chocolate de avelã.* "Não, obrigado."

Dando de ombros, ela dá outra mordida.

E outra

E outra.

[18] Sorvete tipicamente italiano, não contém aromatizantes, conservantes ou corantes artificiais, contendo 50% a 60% menos de gordura que o sorvete comum.

Andamos por mais um tempo enquanto o dia passa e terminamos na Villa Borghese[19], um parque grande no centro da cidade. Seguimos o caminho, perto do lago. Os passos de Karissa diminuem então, seus olhos analisando ao redor, antes de me cutucar. "Podemos sentar um pouco?"

Eu aceno para ela. "O que você quiser. Estou seguindo você."

Ela sai do caminho imediatamente, andando pela grama exuberante. Ela se ajeita bem abaixo da sombra de uma árvore velha, longe de todo mundo, e eu me junto a ela, sentando com cuidado. Seus sapatos são chutados rapidamente enquanto se espreguiça na grama fresca. "Uh, isso é muito melhor."

"Eu aposto."

"Então como se sente?" Ela pergunta, apoiada nos cotovelos para olhar para mim.

"Como se sente o que?"

"Ser como um de nós pessoas comuns," ela diz. "Você ficou o dia todo sem nenhum tratamento especial... Teve que esperar uma mesa vagar, teve que pegar fila, não foi atendido nem levado para onde quisesse ir. Deve ter sido uma tortura para você, você sabe, ser tratado normalmente."

Estico minhas pernas enquanto balanço minha cabeça. "Eu gosto do anonimato. É legal não ter que me preocupar com quais olhos estão me observando ou quais mãos estão em minha comida, se uma arma está apontada para mim ou se há uma emboscada me esperando na próxima esquina. De volta a Nova York, eu vivo com um alvo em minhas

[19] A Villa Borghese Pinciana é um palácio no monte Pinciano de Roma, situado no interior do segundo maior parque da capital italiana, os Jardins da Villa Borghese,. Actualmente, a villa alberga um museu, a Galleria Borghese.

costas. Claro, eles me tratam bem quando estou na frente deles, mas quando viro, bem, não tem como dizer o que estão planejando. Aqui é diferente, embora. Ninguém está aqui para me pegar."

"E quanto a mim?" Ela pergunta. "Você não está preocupado sobre o que posso fazer com você?"

"De modo nenhum."

Ela parece genuinamente surpresa, como se esperasse que a enxergasse como uma ameaça. Se não fosse tão ridículo, eu iria rir de novo.

"Você tem tudo distorcido, passarinho engaiolado," digo. "Você parece pensar que eu estava bravo porque você me drogou, mas não é o caso... Eu estava bravo porque você se colocou em perigo. Eu *ainda* estou bravo sobre isso. Você me colocou fora de combate e então correu no meio da noite para onde eu não podia lhe proteger."

"Eu estava bem."

"E graças a Deus você estava, mas você pode nem sempre estar. Não sou a única coisa perigosa lá fora, você sabe. Não sou nem o *mais* perigoso."

Karissa fica quieta por um momento, seus olhos em todos os lugares menos em mim, enquanto arranca distraidamente a grama ao seu redor. Eventualmente, ela solta um suspiro, sua voz baixa quando finalmente fala. "É estranho, não é?"

"O que?"

"Minha mãe tinha tanto medo de você, mas nenhuma vez o mencionou. Ela nunca me mostrou uma foto, nunca sequer pronunciou seu nome."

"Não chamaria isso de estranho. É fácil de justificar seus medos quando estão em campo aberto. Até Ray é visível – todo mundo sabe seu nome. Mas é diferente comigo. Eu acho que sua mãe pensava que era mais perigoso me conhecer, colocar meu nome em sua cabeça. Além disso, nós costumávamos ser amigos, sua mãe e eu, e tanto quanto ela se preocupou comigo indo atrás de vingança, não acho que ela acreditou alguma vez que *você* estava em perigo. Ela não pensava que eu fosse matar uma inocente." Suspirando, eu alcanço suas pernas, agarrando e puxando-as. Ela grita, rindo, enquanto coloco seus pés em meu colo. "Ela me achava um homem melhor do que isso."

Eu começo a esfregar seus pés quando ela solta um barulho baixo, curvando os pés. "Oh Deus, você é," ela diz, relaxando as costas na grama com um sorriso. "Você é um *bom* homem."

Eu paro com o que estou fazendo e a olho incrédulo.

"Oh, não, não, não pare," ela diz, abrindo um olho para mim. Balançando a cabeça, eu me concentro de volta em seus pés quando ela solta uma risada. "E realmente, não me olhe desse jeito. Eu vi um lado seu hoje que nunca tinha visto antes. Você é paciente, e genuinamente legal."

"E o que, eu não era legal antes? Não era paciente?" Pergunto. "Lembro-me de comer miojo barato no quarto pequeno e mais bagunçado que já tinha estado antes. Eu acho que mereço, pelo menos, um pouco de crédito por isso."

"Você merece," ela concorda. "Mas é que... Eu não sei. É estranho. Eu nunca sei o que fazer com você, o que pensar, especialmente quando você olha para mim. Você tem essa expressão em seu rosto algumas vezes, e não tenho certeza quando você quer me beijar ou me matar."

"Isso é provavelmente porque eu não tenho certeza também."

Mais uma vez, ela abre os olhos para me espiar. Eu lhe ofereço um sorriso e ela o devolve timidamente, segurando meu olhar por um momento. "Você é um esquisito, Ignazio Michele Vitale."

Ela faz isso de novo, pronuncia meu nome do meio como a versão feminina do nome da minha mãe. Eu passo um único dedo levemente em sua sola do pé e ela ri, contorcendo-se, tentando se afastar de mim, mas eu seguro seu pé lá, fazendo cócegas.

"Naz!" Ela senta, tentando puxar a perna para longe enquanto me empurra, rindo descontroladamente. "Para!"

"Para," eu a imito, parando a mão, mas não solto sua perna. "O que aconteceu com o 'não pare'?"

"Mudei de ideia."

"Soa como você."

Ela me empurra de novo, tirando os pés do meu alcance quando eu finalmente desfaço meu aperto. Em vez de se afastar, ela se vira, então sua cabeça está no meu colo. Eu olho para ela, correndo meus dedos pelo seu cabelo enquanto ele balança. Seus olhos se fecham quando faço isso, um sorriso brincando em seus lábios.

Não conversamos muito.

O que há mais para dizer?

Eu coloquei tudo para fora para ela, e ela aguentou tudo.

Talvez exista uma chance para nós, depois de tudo.

"Vamos lá," eu falo depois de um tempo. "Vai escurecer em breve."

Suspirando, ela fica de pé. "Quão longe está o hotel?"

"Cerca de um quilômetro."

"Ugh." Ela faz uma careta, pegando seus sapatos da grama. "Isso é muito longe."

Virando-me, inclino para frente. "Suba. Eu vou levar você."

Seus olhos arregalam. "Uma carona nas costas?"

"Sim, por quê?"

"Sou muito grande para isso."

"Você pesa, o que, quarenta quilos? Quarenta e cinco?"

Ela ri em descrença quando coloca os sapatos. Em vez de subir em minhas costas, ela desliza a mão na minha, ligando nossos dedos antes de puxar meu braço. "Você acabou de provar de novo, Naz."

"Provar o que?"

"Há bondade em você, apesar de tudo."

Capítulo 15

"Você quer jogar um pouco?"

Eu falo calmamente, as palavras baixas e roucas quando as forço dos meus lábios. Minha consciência me diz para não perguntar, para não empurrá-la hoje, mas meu pau está duro e meu coração está aberto, e eu quero cada pedaço que eu conseguir dessa mulher.

Karissa está olhando para fora da varanda, as mãos pressionadas contra o vidro. Ela vira a cabeça com o som da minha pergunta, olhando-me com cautela.

Eu acho que ela pode dizer não.

Foda-se, por favor não diga não...

Após um momento, ela vira para me encarar, relaxando as costas contra o vidro frio. Seus lábios separados, e eu espero pela rejeição, espero ela me derrubar, mas ao invés disso ela sussurra, "sim."

"Sim?"

Ela confirma, dizendo de novo um pouco mais alto. "Sim."

Eu a olho por um momento antes de andar casualmente até ela, minhas mãos nos bolsos. Leva tudo de mim para não agarrá-la, arrancar suas roupas, incliná-la contra a superfície mais próxima e foder a luz do dia para fora dela.

Toda a noite.

Até de manhã.

Fodê-la até ela não aguentar mais.

Mas eu tomei o bastante dela, e eu vou continuar a ter até a morte nos separar. Hoje à noite é sobre ela, contudo, sobre fazê-la lembrar o quanto ela me amou uma vez. Ela está sob minha pele e eu quero me fazer em casa dentro do corpo dela.

Porque eu preciso que ela tire algo disso também, algo que a faça se sentir bem. Eu preciso que ela saiba que é especial para mim, que é mais do que apenas seu sangue.

Meus olhos percorrem seu corpo.

Ela está linda nesse vestido.

Ela vai ficar ainda mais bonita fora dele.

"Diga-me," eu falo, parando bem na frente dela. "Qual é a sua maior fantasia?"

Seus olhos arregalam. "O que?"

"Sua fantasia," eu digo, novamente, a palma da minha mão roçando levemente seu braço, mal a tocando, mas o contato a fazendo tremer. "Não importa o que seja. Não importa o quão pequena ou estranha possa parecer."

"Eu, uh... Eu não sei."

"Vamos lá, todos nós temos nossas manias," digo, ficando de igual para igual com ela, deixando nenhum espaço entre nossos corpos. Eu a tenho pressionada de costas contra o vidro, minha bochecha descanso contra a dela quando sussurro em seu ouvido. "Eu quero saber o que excita você, o que você pensa quando está sozinha, tocando a si mesma."

Ela inala bruscamente quando corro uma mão em seu corpo entre nós, acariciando seu estômago e acariciando seus seios nesse vestido. Minha língua corre ao longo de sua orelha enquanto dou a ela um momento para pensar na resposta.

"Eu, uh..." Sua voz treme. "Não tenho certeza."

Ela está nervosa.

Eu quero deixá-la à vontade, mas outra parte de mim prefere empurrá-la sobre a borda, tirar dela tudo o que está enterrado profundamente. Mas eu preciso que ela se abra de boa vontade e ela não está ajudando com essa parte.

Mulher teimosa.

Mulher fodidamente bonita e teimosa.

Ela será o meu fim.

"Você quer que eu conte um segredo?" Pergunto quando ela não diz nada. "Quer saber o que me excita?"

Ela balança a cabeça.

"Não tem nada mais sexy do que ouvir você suspirar," confesso. "Especialmente aquele primeiro impulso... Sua respiração engata e você suspira, como se você não conseguisse acredita como é bom ter meu pau dentro de você."

"Eu não posso," ela admite quando abaixa a cabeça timidamente, olhando para mim através dos seus cílios grossos. "É o meu prazer culpado."

Prazer culpado.

"Você está com vergonha que o ama?"

"Sempre."

"Você tem vergonha de me amar?"

Ela hesita por um segundo antes de sussurrar, "algumas vezes."

Ela diz isso como se estivesse com medo de eu escutar, como se estivesse com medo da minha reação.

Mas a coisa é, eu sei como ela se sente.

Eu conheço a vergonha e a perturbação.

Eu sei como é amar alguém que não deveria.

Eu me apaixonei por ela.

Foi o meu pior pesadelo.

Mas algumas vezes, pesadelos são simplesmente alimentados por medo... Medo de algo que não compreendemos. Um palhaço não é assustador quando ele tira sua máscara. Um monstro não é tão terrível quando você acende a luz. Meu inimigo era meu inimigo até que eu olhei dentro dela e percebi que não éramos tão diferentes, afinal.

Ela fala comigo sobre arrependimento, mas o que ela não percebeu é que mesmo se ela me destruir no final, eu nunca vou querer apagar o que temos. Não vou querer devolver nenhum momento desses.

Eu não sou insensível – meu coração é apenas endurecido, enquanto o resto de mim é oco. Mas ela respira vida dentro que há muito tempo parei de tentar viver.

Ela é oxigênio e sem ela, estou morto.

Seus olhos prendem no chão enquanto sua cabeça abaixa ainda mais. Minha mão trilha mais para cima, segurando seu queixo para ela encontrar meu olhar. "Eu sei como você se sente."

"Você sabe?"

"Eu disse a você antes – eu gosto de você e isso é um problema para mim."

"Você já encontrou uma solução para esse problema?"

Eu sorrio, meu polegar acariciando gentilmente seu rosto. "Sim."

Ela fica em silêncio por alguns instantes antes de sussurrar, "O que seria?"

"Casar com você."

Sua expressão muda de uma vez enquanto rola os olhos. "Como isso é uma solução?"

"Bem, você não seria mais uma Rita."

Assim que digo isso, ela empurra contra meu peito, pegando-me de surpresa quando desliza em torno de mim. Eu viro e seguro seu pulso, segurando-a lá antes que possa se afastar.

Ela gira de volta em minha direção, suspirando exasperadamente.

Não posso evitar.

Meu pau contorce com o som saindo de seus lábios.

"Eu sempre vou ser quem eu sou, Ignazio," ela diz seriamente. Eu odeio quando ela me chama com esse nome, mas mais uma vez meu pau contorce. Ela está furiosa. E *isso?* Eu fodidamente amo. "Você poderia drenar cada gota de sangue do meu corpo e não mudaria nada. Está nas minhas células. Meu corpo. Está em mim, cada parte de mim."

Ela puxa seu braço do meu aperto, mas fica lá, sem se afastar.

"Não vou casar com você porque sou uma Rita. Essa não é a solução. Prefiro que você me mate agora se isso for tudo para você... Se é apenas uma alternativa estúpida para acabar com a minha vida. Quando eu me casar com você, vai ser ao contrário desse fato, assim como estou aqui com você agora apesar de tudo."

Ela está chateada, falando sem parar, mas sou pego por algo que ela disse segundos atrás.

Quando eu me casar com você...

Não um *se.*

Um *quando.*

Eu me pego sorrindo, e ela pega também. Seus olhos apertam, franzindo o cenho, ela cospe veneno para mim na forma de palavras. "O que diabos você acha tão divertido?"

"Você," admito, rindo e parando quando ela tenta se afastar de mim de novo. "Ah, não fique assim. É culpa sua, realmente, por ficar tão linda quando está brava."

"Você é louco."

"Eu sou," digo. "Você me deixa desse jeito."

Não há argumentos contra esse fato.

Ela simplesmente me olha.

"Vamos lá," eu digo a puxando para perto. "Eu quero saber o que excita você. É trocar de personagem?"

Ela balança a cabeça lentamente.

"Ménage à Trois?"

Ela torce o nariz. *Graças a Deus.* Não tenho certeza se poderia compartilhar essa mulher com outra pessoa.

"Conversa suja?"

Ela levanta um ombro, encolhendo-o e suas bochechas coram. Tomo isso com um 'sim.'

"Ser observada?"

Essa é a reação que eu estava esperando, o rubor crescendo em seu pescoço, seus lábios se contorcendo quando desvia os olhos.

Ding.

Ding.

Ding.

Eu a puxo, e ela não resiste, deixando-me deslizar a mão nela e a guiar para o lado de fora, até a sacada. É perto do crepúsculo, o céu em um redemoinho vibrante de rosa e laranja que desaparece lentamente na escuridão. Eu paro na sacada e a olho de cima a baixo.

Isso vai ser divertido.

Soltando-a, eu dou um passo para trás, segurando minhas mãos no alto para pará-la antes que ela me siga. Sua testa franze, mas ela ouve, olhando-me com cautela enquanto dou outro passo e sento na cadeira grande, longa e larga o suficiente que eu posso esticar minhas pernas e ainda ter bastante espaço.

Eu me ajeito, relaxando para trás, e chuto meus sapatos antes de olhar para ela de novo.

Ela está se remexendo nervosamente. *Bom.*

"Dispa-se."

A palavra deixa seu rosto pegando fogo, as bochechas vermelhas brilhantes, os olhos arregalados em choque. "O que?"

"Dispa-se," digo novamente. "Tire a roupa."

Ela não move uma polegada. "Eu pensei que você queria jogar, que iríamos..." Seus olhos vão para as portas de vidro que levam até o quarto. "Que você iria, você sabe..."

"Jogar não é sempre sobre mim. Eu fui áspero com você ontem à noite. Hoje vamos tentar algo diferente."

"Oh."

Isso é tudo o que ela diz, como se nunca tivesse considerado que poderíamos jogar de um jeito diferente que não envolve violência.

Eu aceno para ela quando digo a palavra pela terceira vez. "Dispa-se."

Dessa vez, ela não questiona.

Abaixando-se, ela agarra a parte inferior do vestido e puxa rapidamente sobre a cabeça antes de jogá-lo no chão, ficando em um sutiã preto sem alças e uma calcinha combinando. Ela chuta seus sapatos antes de hesitar, olhando-me interrogativamente.

Eu balanço a cabeça, encorajando-a a continuar.

O sutiã atinge o chão da sacada em segundos antes de ela enganchar os dedos nas laterais da calcinha, tomando uma respiração profunda e fechando os olhos enquanto a puxa para baixo. Ela permanece lá depois, completamente nua, mas posiciona seus braços na frente em uma tentativa de esconder o corpo.

Eu apenas a olho, tomando cada curva que ela me deixa ver.

Ela se inquieta mais com a atenção ousada.

"Bom?" Ela diz, uma picada em suas palavras. "Está feliz agora?"

Huh. Defensiva.

Eu gosto disso.

"Muito," confesso. "Embora, suas habilidades de strip-tease poderia ser trabalhadas."

"Sim, bem, desculpe a merda fora de mim. Você apenas disse para tirá-las... Não estava ciente que deveria colocar Dep Leppard[20] e fazer um show com isso."

"Agora você sabe para a próxima vez."

Ela revira os olhos e não posso deixar de rir.

"Então é assim que vamos brincar hoje? Humilhando-me?"

"Não, mas estou intrigado com o fato de que está humilhada. Eu tinha a impressão de que ser observada a excitava."

"Isso é diferente."

"Como?"

Ela geme com frustração. "Apenas é. Você está olhando para mim e não está dizendo nada."

"O que você quer que eu diga?"

"Eu não sei." Ela joga as mãos para o alto em exasperação, esquecendo que estava tentando se cobrir. "Qualquer coisa!"

[20] Banda de rock formada na Inglaterra.

Eu aceno para ela se aproximar e ela obedece, dando um passo em minha direção. Assim que ela está perto o suficiente, eu agarro seus quadris, puxando-a para baixo na cadeira comigo. Ela monta meu colo, suas mãos descansando entre suas pernas.

"Eu amo cada pedaço de você," eu digo a ela. "Cada parte do seu corpo que a deixa nervosa me dá prazer. Não vejo nenhuma falha, nada para você ter vergonha ou se sentir humilhada... Nada que você deva esconder de mim. Eu já vi tudo, e eu amo isso. Você é linda, baby."

Sua expressão se suaviza, os ombros relaxando. "Essa é a primeira vez que você me chama assim."

"Assim como?"

"Baby," ela diz calmamente. "Você me chamou assim."

"Isso a incomoda?"

"O que? Não, claro que não." Ela olha para mim como se estivesse legitimamente confusa. "Por que iria?"

"Algumas mulheres acham degradante."

"Eu não. Isso me faz sentir..." Ela sorri suavemente quando se distrai. "Bem, você sabe."

"Faz você se sentir como?" Pergunto curiosamente.

"Como se eu fosse especial," ela diz. "Como você me estima. Como você me ama."

"Eu amo," digo, minhas mãos mudando de seus quadris até seus peitos, meus dedos roçando seus seios, os polegares roçando os mamilos eretos. "Eu sou apaixonado por você, baby."

Ela sorri quando digo isso de novo, mordendo seu lábio inferior para lutar contra um sorriso completo. Se eu soubesse que essa palavra teria um impacto assim nela, eu teria dito há muito tempo.

E eu teria dito de novo... E de novo... E de novo.

Eu a beijo suavemente, apertando seus mamilos enquanto ela se contorce contra mim. Meus lábios movem de seus lábios, traçando sua mandíbula, antes de sussurrar em seu ouvido. "Toque-se."

Seus olhos se arregalam quando ela se afasta, relaxando na cadeira. "Sério?"

Eu aceno, minhas mãos voltando para seus quadris. "Eu quero assistir."

"Eu, uh…" Ela está nervosa de novo. "Eu não sei."

"Apenas se recoste e feche os olhos," digo. "Mostre-me como você se dá prazer."

Não é preciso muito mais persuasão antes de ela se sentar na cadeira entre minhas pernas, sua cabeça no final dos meus pés. Ela se desloca, aproximando-se. Suas mãos cobrem sua buceta, apenas por um momento, antes de lentamente começar a se tocar. É duro no início, seus movimentos rígidos quando ansiedade toma conta dela, mas quanto mais ela esfrega, mais seu corpo se solta. Ela traça círculos em volta do clitóris, meus olhos cravados em suas unhas vermelhas contra o rosa brilhante quando ela abre mais suas pernas, dando-me uma visão melhor.

Meu pau está tão duro que dói, esticando minhas pernas enquanto ele pulsa. Estou desesperado para puxá-lo, para acariciá-lo rápido para algum tipo de alívio, mas estou congelado, boquiaberto,

assistindo-a. Eu acaricio sua pele, minhas mãos gentilmente correndo de seus joelhos até suas coxas e voltando.

Ela se contorce, esfregando mais rápido, mais forte, quando começa a choramingar. Ela já está chegando perto. O som, estou convencido, irá fodidamente me matar.

Morto por orgasmo… E não é nem o meu.

Eu estava errado. Eu a achava a mais bonita sem fazer nada, mas nenhum outro momento se compara a esse. Ela confia em mim, eu percebo. Confia em mim o suficiente para deixar ir, para me mostrar o lado dela que ninguém vê, o lado dela quando está completamente sozinha.

O *ela* que apenas Karissa realmente conhece.

Seus gemidos viram gritos. Suas costas arqueiam. Sinto os músculos em suas pernas tencionarem, seus joelhos fechando e os pés curvando quando um orgasmo a atinge.

"Oh Deus," ela geme. "Uhhh, Naz!"

Olhos fechados, dando isso a ela, e ela grita por mim. Por *mim.* Eu quase gozo na porra da minha calça. Um grunhido vibra em meu peito e minhas mãos se ajeitam em suas coxas, a agarrando enquanto ela treme de prazer. Dura apenas alguns segundos até que ela para de se esfregar, até ela cair de volta na cadeira.

Ela não olha para mim. Ela apenas fica lá, sua respiração tensa quando ela cobre sua buceta de novo. Eu solto meu aperto em suas coxas, minhas mãos indo descansar em seus joelhos. Meus polegares acariciando levemente e leva apenas alguns segundos antes de ela rir.

Ela tem cócegas.

Seus olhos espreitam abertos e encontram os meus. Posso dizer que ela ainda está nervosa, mas está sorrindo como se estivesse aliviada.

"Estou feliz que isso tenha acabado," ela diz.

"Oh, mas você está errada," respondo. "Isso foi apenas o começo."

Deslizo para fora da cadeira e agarro sua mão, puxando-a em seus pés. Suas pernas estão bambas quando a puxo pela sacada.

"Espere, onde estamos indo? O que estamos fazendo? Espere!"

Eu não respondo. Responder não tem sentido. Ela sabe exatamente o que estou fazendo quando a puxo até a parede em torno da varanda. É apenas alguns centímetros alta, parando no meio do seu tronco quando a coloco de frente para mim, suas costas em meu peito, e a pressiono contra ela.

Suas mãos imediatamente descansam em seus seios. Estamos muito no alto para alguém dar uma boa olhada nela. Ela não é nada além de uma vaga sombra na escuridão iminente nessa distância. Mas prédios altos nos rodeiam, grandes janelas abertas nos encarando.

Muitas oportunidades para os muito curiosos apreciarem a maravilhosa vista que ela está dando para a cidade de Roma.

"Naz," ela sussurra enquanto desato meu cinto, o suficiente para agarrar meu pau e puxá-lo para fora. "O que você pensa que está fazendo?"

Acariciando-o algumas vezes, eu pressiono contra ela, tendo que dobrar meus joelhos. Empurro suas pernas mais abertas com as minhas, esfregando a cabeça do meu pau em sua entrada. Ela diz meu nome repetidamente, tentando me fazer responder, resistindo com

palavras, mas seu corpo curvando para todos meus caprichos. Ela parece instintivamente arquear as costas, empinando mais a bunda, enquanto fica na ponta dos pés para mim.

"Naz, droga," ela diz. "Você é louco."

"Você já disse isso," eu gemo quando empurro lentamente dentro dela. "Agora você está apenas se repetindo."

Ela sempre foi apertada, mas está ainda mais apertada nesse ângulo. Seu corpo abraça o meu enquanto deslizo direto para casa. Ela diz meu nome de novo – Naz – mas dessa vez não é um sinal de protesto. É um sussurro de rendição, um gemido de prazer, enquanto bate contra o concreto frio e me recebe dentro dela.

Um braço rodeia sua cintura, segurando-a lá, puxando-a para mim, enquanto minha outra mão desliza em seu peito, entre seus seios, descansando na base da sua garganta quando a forço para cima para não tentar se esconder mais. Ela agarra meus braços com força, mas não luta comigo, segurando como se eu a estivesse estabilizando.

Eu me mexo lentamente. Eu tenho que mexer. O ângulo é uma merda, nossas alturas incompatíveis, o universo está trabalhando contra nós, mas é o suficiente para fazer o truque. Não é sobre foder – é sobre sentir. Sobre dar a ela o que eu sei que irá tirá-la. E eu posso dizer, pelo jeito que está deixando seu peso descansar contra o meu, sucumbindo ao meu agarre, que eu a tenho bem onde eu queria.

Ela está praticamente acenando uma bandeira branca.

Ela é minha.

"Baby," eu sussurro em seu cabelo, "Baby, baby, baby..."

Ela treme. Eu posso sentir seu corpo tremer em meus braços, como seu interior está derretendo com a palavra enquanto ela derrete por mim. Minha mão ao redor de sua cintura muda para baixo, apenas baixo o suficiente para eu acariciar seu clitóris no ritmo dos meus impulsos. Ela se contorce, sua respiração ofegante, quando ela relaxa ainda mais, ficando confortável. Arrepios cobrem sua pele. Posso vê-los crescendo em seus braços, fazendo seu caminho até seu pescoço enquanto me inclino e beijo ao longo do seu ombro. Seu agarre em mim aperta, as unhas cavando levemente minha pele, o corpo quase caindo quando o orgasmo a preenche. Eu a mantenho na vertical, segurando seu peso enquanto a levo através dele, amando os sons de seus gritos enquanto tenta engolir meu nome.

É o céu e o inferno, ouvir isso. Uma tortura linda, alimentando uma necessidade feia.

Assim que tenho certeza que ela pode se segurar, eu a solto, puxando para fora. Ela fica tensa, surpresa, as palavras a meio caminho dos seus lábios quando a giro ao redor, agarrando seus quadris e a levantando, colocando sua bunda bem na beira do muro. Ela engasga, agarrando-se a mim e soltando um grito assustado.

"Relaxe," digo, rindo. "Você não tem medo de altura, tem?"

"Não, mas—"

"Eu tenho você," falo, encontrando seus olhos, levantando uma sobrancelha com sua expressão assustada. "Confie em mim, Karissa. Não vou deixar nada acontecer com você."

O terror vira conflito, como se estivesse dividida entre acreditar em minhas palavras e lutar para se afastar, deixando-a parada no meio

com lágrimas crescendo no canto dos olhos. Não tenho certeza do porque ela está prestes a chorar, mas parece como o inferno como se fosse.

"Eu juro por Deus, Ignazio," ela solta entre seus dentes apertados enquanto alarga seu aperto só um pouco, dando-me espaço para respirar. "Se você me deixar morrer, eu vou assombrar cada momento seu acordado e encontrar um jeito de matá-lo pessoalmente."

A pura ferocidade em suas palavras me faz sorrir. Eu mantenho um braço seguramente em volta dela, mas movo a outra, correndo as costas da mão ao longo de sua bochecha corada. "Eu sei que você vai."

"Eu falo sério."

"Eu sei que sim."

"Eu morro, você morre."

"Não duvido disso por um momento."

"Bom," ela diz com um suspiro, seus braços descansando em meus ombros enquanto seus dedos correm pelo meu cabelo da nuca. "Agora foda-me, antes que eu mude de ideia sobre isso."

Solto uma risada leve quando empurro para dentro dela de novo, preenchendo-a profundamente com esse ângulo. Eu tenho que levantar um pouco, mas é mais fácil do que abaixar. Eu a puxo mais perto da borda, perto de mim, dando-me um acesso melhor enquanto empurro mais forte que antes, aumentando meu ritmo.

Ela fica tensa no começo, mas cede plenamente depois de um tempo, seus gemidos contidos virando gritos conforme a escuridão cai sofre nós, a única luz perto vindo de trás de nós do quarto. Não somos nada mais que sombras dançando ao longo da parede, a escuridão a deixando valente.

Oh tão valente.

Fechando seus olhos, ela inclina a cabeça para trás, confiando em mim para segurá-la lá, para evitar que ela caia enquanto a fodo agora, mais e mais forte, mais e mais rápido. O barulho melódico de pele se batendo ecoa pelo silêncio, misturando com seus gemidos e gritos.

"Você gosta disso, não gosta?" Pergunto, minha mão livre correndo pelo seu cabelo antes de agarrar um punhado dele, fazendo-a gritar quando o puxo, expondo seu pescoço para mim. Eu beijo sua garganta, percorrendo minha língua, sentindo o suor, antes de cavar meus dentes perto de seu queixo. "Você gosta quando sou áspero com você."

"Eu amo," ela diz sem ar.

"Porque você ainda confia em mim para cuidar de você," digo. "Você confia em mim para ser cuidadoso com você."

"Eu confio em você."

"Porque você ainda se importa comigo," digo, meus lábios perto de seu ouvido. "Você me ama."

"Sim," ela sussurra. "Deus me ajude, eu te amo."

Antes que saia completamente de seus lábios, eu forço sua cabeça para baixo. Seus olhos abrem, assustados, antes de eu esmagar meus lábios nos dela, beijando-a duro. Leva apenas um segundo para ela me beijar de volta quando solto seu cabelo e agarro seus quadris, puxando-a para perto de mim na sacada. Ela desliza para fora da borda do muro, bem contra mim, meu corpo prendendo-a no concreto. Eu empurro forte, fodendo-a com tudo em mim, grunhindo quando meus músculos ficam apertados, tenso crescendo dentro de mim.

Porra, eu vou gozar.

Eu puxo de seus lábios para tomar uma respiração profunda, meus olhos correndo por cima do seu ombro, indo para o edifício do outro lado da rua. Uma figura está em uma sacada de frente para nós, perto o suficiente para ver exatamente o que estamos fazendo. Meus lábios se curvam involuntariamente, uma risada escapando dos meus lábios. "Nós temos audiência, querida."

Ela fica tensa. "Você está brincando."

"Não," digo. "Um homem veio assistir o show."

"Oh Deus." Assim que diz isso, eu a prendo na parede para liberar minha mão de novo, deslizando-a entre nós para esfregar seu clitóris. Ela mal tem tempo de inalar antes das palavras saírem de sua boca de novo na forma de gemido. "Oh Deus."

Não leva muito para ela gozar novamente, suas pernas tremendo, o corpo tremendo em mim, enquanto um grito vibra em seu peito que ela não pode evitar. É um grito agonizante de prazer que abala meu núcleo, explodindo em algum lugar dentro de mim que não consigo segurar mais o meu. Eu resmungo, batendo-a contra o concreto enquanto empurro com força, gozando dentro dela.

Após algumas estocadas, não consigo segurar mais e tenho que puxar, deslizando para fora dela. Eu rapidamente afasto meu pau e agarro seus quadris para ter certeza que ela está estável quando fica em seus pés, cambaleando. Ao invés de passar por mim, correndo para dentro ou para ir atrás de suas roupas a alguns passos de distância, ela cai em mim, enrolando os braços ao meu redor enquanto sua cabeça vem descansar contra meu peito. Eu a abraço de volta, engolindo-a em meus braços, e pressiono um beijo no topo de sua cabeça.

Um assobio corta o ar da noite, ecoando muito alto através da rua. Meus olhos vão direto para a mesma direção quando o homem aplaude. "*Bravo!*"

"Ai meu Deus," Karissa geme. "Não consigo nem..."

Ela desliza dos meus braços, indo para longe, deixando suas roupas descartadas bem onde as tirou quando a chamo. "Não consegue nem o que?" Mas ela se foi antes que eu possa soltar a primeira palavra. O homem do outro lado da rua grita mais alguma coisa, o italiano rápido e fluente perdido por mim enquanto assisto a sombra de Karissa se mover ao redor.

Rindo, aceno para o homem e sigo para dentro. "*Ciao.*"

Capítulo 16

"Você quer—?"

"Não."

Eu paro, de pé no meio do quarto do hotel, uma sensação de pavor frio correndo por mim quando Karissa me corta no meio da pergunta, não me deixando terminar o que eu ia perguntar.

Déjà vu.

Pensei que tivéssemos passado esse absurdo. Ontem foi melhor do que nunca. Nunca me senti tão próximo dela quando deitei na cama ontem à noite, segurando-a, sem roupas entre nós, sem segredos nos separando mais.

Eu esperava acordar em um novo dia, um novo começo, mas em vez disso ela faz *isso*?

Karissa está esticada na cama, usando apenas um roupão branco dado pelo hotel, seu cabelo ainda molhado do banho. Ela está passando os canais. Há apenas alguns, a maioria em italiano. Ela não sabe uma maldita coisa que está acontecendo em nenhum deles, mas está roubando sua atenção.

Não gosto disso.

A vontade de socar a televisão quase me engole.

Minhas mãos cerram em punhos involuntariamente. Quase como se ela pudesse sentir, Karissa para em um dos canais e solta o controle, sua atenção voltando para mim. Sua testa franze quando percebe minha posição antes de sorrir. "Se isso exige andar, absolutamente não. Depois de ontem, estou derrotada. A única maneira que vou para algum lugar é se você me carregar."

"Eu ofereci para carregá-la ontem e você recusou."

"Sim, bem, não hoje," ela diz, relaxando contra os travesseiros enquanto olha para a televisão de novo. "A única maneira que você irá conseguir me tirar dessa cama é se me carregar e me mover fisicamente."

"Ah, bem, para sua sorte, eu posso pensar em muitos jeitos que nós podemos passar o dia sem deixar a cama," digo, sentando-me ao seu lado. "E eu ia perguntar se você queria café da manhã. Eu ia pedir serviço de quarto."

"Ah, sim, retiro o que disse... Isso seria *incrível*. Eles têm bacon e ovos? Oh, e pão francês, ou a França tem um monopólio sobre isso na Europa?"

"Na verdade, os franceses não inventaram o pão francês," respondo. "Foi provavelmente os romanos antigos."

"Então posso ter isso aqui?"

"Não."

Ela faz beicinho dramaticamente quando pego o telefone da cama e aperto o botão para o balcão principal. Peço alguns expressos e cornettos[21]. Leva apenas alguns minutos antes de baterem na porta. Eu atendo, deixando o homem entrar com a bandeja, e espero até ele ir

[21] É uma espécie de croiassant, variação do Kipferl austríaco, e chamado de brioche no note da Itália.

embora de novo para levar até Karissa. Eu a entrego um expresso e coloco a bandeja perto de seus pés.

"Sério? Um croiassant?" Ela diz, pegando um e me olhando quando sento ao seu lado. "Agora isso eu sei que é dá França."

"Acho que eles são originários da Áustria, na verdade."

"Jesus, Naz, na próxima você vai me dizer que pizza não é italiana."

"Oh, não, pizza é certamente italiana, apenas não a pizza de pepperoni. Você pede isso em sua pizza aqui, e recebe *peperoni*, com um 'p', somente."

"Qual a diferença?"

"Elas são pimentas doces."

Ela torce o nariz. "Que jeito de destruir a fantasia."

"É no que eu sou bom. Uma das muitas coisas, de qualquer maneira."

Antes que ela possa responder, eu me aproximo e corro minha mão em sua coxa. Ela se contorce, tomando um gole do expresso, e geme assim que minha mão alcança sua buceta nua. Eu roço seu clitóris, levemente o esfregando, enquanto ela continua a bebericar de sua xícara, flexionando os músculos enquanto engole. Seus gemidos aumentam, gemidos guturais de prazer, quando eu esfrego círculos um pouco mais forte, acariciando-a sob o roupão. Não posso ver o que estou fazendo, mas eu conheço seu corpo mais do que o meu.

Até cego, eu poderia abalar seu mundo.

Coloco minha bebida de lado, movendo a bandeja de comida fora do caminho, e me ajeito entre suas pernas. Ela não move um

centímetro quando afasto o roupão, começando uma trilha de beijos dos seus joelhos até suas coxas, minhas mãos parando em seus quadris.

Levando minha boca até sua boceta, deslizo minha língua ao longo do seu centro antes de lamber seu clitóris, o sugando levemente. Ela grita, o som abafado já que continua a saboreando aquela maldita bebida. Ela engole o que restou, virando como se fosse nada, antes de arremessá-la com sua mão. O pequeno copo voa pelo quarto, batendo em algo antes de atingir o chão.

"Oh Deus," ela geme, suas mãos descansando no topo da minha cabeça. "Isso."

Eu lambo e sugo, mordiscando suas coxas, bombeando dois dedos dentro dela, dobrando-os para bater em seu ponto g. Ela se quebra, facilmente, rapidamente, suas pernas tremendo enquanto seu aperto em meu cabelo fica mais forte. Suas costas arqueiam quando um orgasmo a atinge. Posso sentir sua buceta contrair com o prazer, apertando meus dedos, seu corpo praticamente implorando por mais de mim.

Antes mesmo de terminar, estou em cima dela, meus joelhos separando suas pernas quando puxo meu pau da cueca, abaixando minha calça apenas o suficiente para empurrar nela. Ela enrola os braços em volta de mim, suas bochechas coradas, seus lábios curvados em um sorriso malicioso. Eu a beijo, minha língua encontrando a dela, e sorrio contra sua boca.

Eu sei que ela pode sentir seu gosto em meus lábios, mas ela tem gosto de expresso.

"Isso foi bom?" Sussurro.

"Melhor café fodido de todos," ela murmura.

Karissa está correndo ao redor de novo.

Indo de quarto em quarto, puxando seu cabelo enrolado, passando hidratante, colocando suas bijuterias e mudando de sapatos uma dúzia de vezes.

Eu fico na sacada, segurando meu telefone e a observo com curiosidade. Pergunto-me se é assim que ela agia no passado toda vez que a convidava para jantar ou dizia que estava indo visitá-la.

Isso me diverte.

Ela parece tão nervosa.

Como se eu a deixasse nervosa.

Não do jeito que estou acostumado com as pessoas. É o tipo de energia nervosa que irradia dela e impregna direto em mim, o tipo que faz meu peito apertar com a visão dela. Ela não tem que tentar ser bonita. Vem naturalmente.

Mas ela tenta, de qualquer maneira.

Ela tenta por minha causa.

A porta de vidro da sacada desliza aberta. Ela aparece lá, torcendo as mãos.

"Está ridículo, não está?" Ela pergunta. "O vestido é demais. Não deveria ter escolhido ele."

Eu a mandei sair sozinha mais cedo – com uma escolta, é claro, um tradutor providenciado como cortesia do hotel. Eu disse a ela para escolher um vestido para hoje à noite, que eu tinha feito planos para nós e

agi como se não poderia me importar menos com o que fizesse. Eu me importava, embora, e eu teria preferido ir com ela, mas tinha negócios para cuidar.

Negócios forçados em cima de mim por Ray.

Um de seus contatos sicilianos estava em Roma para a tarde e Ray queria que eu o encontrasse para pegar alguns arquivos. Não sei para o que são, e nem me importo.

Não é meu negócio.

Nunca é.

Assim como não queria deixar Karissa sozinha, eu preferia não trazê-la ao redor desses homens. Podemos ser brutais na América, mas os daqui são selvagens.

Tentei ligar para Ray, para dizer que tinha sido resolvido, mas ele não atendeu.

"Você está linda," eu digo a Karissa. "Não é demais."

"Sério? Você gosta dele?"

"Eu gosto de você."

Ela sorri, olhando para si mesma. "Mas e sobre o vestido?"

Suspirando, deslizo meu telefone no bolso. "Deixe-me contar um segredo, querida."

Ela olha para mim, seu interesse despertado. "O que?"

"A maioria dos homens, incluindo eu mesmo, não notam as roupas. Nós apenas notamos como vocês ficam nelas. O tecido não é nada comparado com o brinquedo dentro dele. Então o vestido não importa para mim. É rosa..."

"Roxo."

"E é algum tipo de cetim."

"Seda."

"Prova meu ponto," digo. "É apenas um vestido. Mas você? Você é linda. Vestida, não vestida, completamente nua. Você é linda de todos jeitos… Especialmente quando você goza."

Suas bochechas coram. "Obrigada."

"Não precisa me agradecer. Estou apenas falando a verdade."

Ela gira um pouco, os olhos para baixo em seu vestido, antes de olhar para mim. Pela primeira vez desde que chegamos a Roma quase há uma semana, estou usando um terno preto. Quase me sinto fora de prática, como se fosse uma pessoa diferente nessa tarde.

Não sei como me sinto sendo esse homem de novo.

"Você está lindo," ela diz.

"Estou como sempre."

"Eu sei. Lindo."

Eu sorrio, aproximando-me dela, agarrando seu quadril quando aceno para ir na frente.

Há um carro esperando no térreo, uma limusine preta elegante da Mercedes. Karissa olha atentamente antes de subir atrás quando o motorista abre a porta para nós. Ele nos recebe em italiano e ela sorri docemente, evitando responder. Eu retorno suas boas vindas, subindo atrás dela, ajeitando-me no banco de couro enquanto pegamos a estrada.

"Você vai me dizer para onde estamos indo?" Pergunto.

"*La Bohème,*" respondo. "*Teatro dell'Opera di Roma.*"

"Ver o que?"

"Para ver *La Bohème Ópera de Roma.*"

"Uma ópera italiana?"

"Sim."

Seus olhos acendem animadamente. "Sobre o que é?"

"É uma trágica história de amor, como a maioria é."

"É boa?"

"Deve ser. Não a vi, no entanto, então acho que vamos descobrir."

O carro nos leva até Baths of Caracalla, para o teatro ao ar livre onde eles colocam os shows na época do verão. É uma noite tranquila, nenhuma nuvem no céu escuro, as estrelas brilhando em cima de nós. As antigas ruínas altas em volta do teatro. Karissa permanece bem ao meu lado, deslizando a mão na minha assim que saímos do carro. Eu olho para ela, vendo seu sorriso tímido enquanto fica ao meu lado.

Nossos assentos são na frente e no meio, o melhor lugar possível ao ar livre. Deslizamos entre eles e Karissa resiste quando tento soltar sua mão. Coloco meu braço ao redor do seu ombro, puxando-a para mim enquanto relaxo o máximo que consigo.

A ópera é cantada inteiramente em italiano, mas não parece incomodar Karissa de jeito nenhum. Ela está extasiada, olhando para o palco com reverência desde a primeira nota. Arrepios dançam em sua pele – eu os vejo crepitando em seus braços enquanto distraidamente mexe com o material do vestido.

No meio do ato, eu sinto meu telefone vibrar no bolso.

Ele para periodicamente antes de começar a tocar de novo, uma e outra vez. Não posso ouvi-lo, o toque está desligado, mas senti-lo está me deixando maluco. Estou à beira de perder o controle quando finalmente para.

Suspiro de alívio.

Estou apenas vagamente prestando atenção ao show, meus pensamentos à deriva, quando Karissa encosta-se em mim, fungando. Eu olho para ela, confuso quando vejo lágrimas em seus olhos.

"Você está bem?" Sussurro, preocupado.

"Não."

Mudo-me em meu assento, pegando seu queixo. "O que há de errado?"

Sua testa franze antes de algo atingi-la. Ela ri, apesar das lágrimas escorrendo em suas bochechas. "É triste, Naz. Ela está morrendo."

Eu olho dela para o palco, para a mulher em seu leito de morte, a música assombrando. *Huh.*

Karissa revira os olhos, olhando de volta para longe.

A ópera acaba um pouco depois. O público explode em aplausos. Karissa está de pé, aplaudindo com entusiasmo, mais alto que o resto. Seu entusiasmo me faz sorrir. Eu me levanto, aplaudindo algumas vezes, antes de pegar em seu cotovelo e fazer sinal para sairmos. Ela parece não querer ir embora, muito presa no momento, mas obedece, pegando minha mão mais uma vez enquanto seguimos para fora no corredor.

Puxo meu telefone, ligando para o serviço de carro em nosso caminho. O homem me diz que irá demorar trinta minutos. Desligando, deslizo entre minhas mensagens perdidas, vendo que Ray me ligou doze vezes.

"Irá demorar meia hora," digo, deslizando meu telefone para longe antes de olhar para Karissa.

Lidarei com Ray mais tarde.

"Podemos andar, não podemos?" Ela pergunta, olhando ao redor.

"Pensei que estava cansada de andar."

"Isso foi dias atrás," diz. "Estou boa como nova."

"São três quilômetros."

"Tudo bem. Está uma noite bonita."

Dando de ombros, eu seguro sua mão e seguimos para longe do teatro. As ruas estão bastante calmas essa hora, a maioria dos turistas foram para dentro para a noite.

"Você não achou que aquela história foi triste?" Ela pergunta.

"Eu não estava realmente prestando atenção," admito.

Ela fica em silêncio por um momento antes de perguntar. "Você está bem?" Seus olhos estão em mim. Posso senti-los, não olho de volta. "Você parece… Desligado."

"De que jeito?"

"Eu não sei," ela diz. "É difícil indicar com precisão isso. Eu diria que você está depressivo, mas não é exatamente isso. Você não está triste. Você só... não está realmente aqui."

"Estou pensando."

"Pensando?" Ela pergunta, agarrando meu peito com horror falso. "Você? Sr. Pense menos, sinta mais?"

Eu sorrio com seu humor. É legal tê-la tão à vontade, mas me enerva que ela pegou a mudança em mim. Eu estive sentindo isso o dia todo. Deixei-me ser eu mesmo, deixei-me escorregar de volta em velhos hábitos, sucumbindo a desejos antigos, perdendo a noção entre o aqui e o agora, e a realidade é que a nossa pequena bolha não pode durar para sempre, não pode ficar intacta uma vez que colocarmos o pé em território Americano. Não posso ser esse homem lá, não posso ser esse homem e ainda sobreviver a vida que escolhi viver. Fiz promessas a Karissa, sussurros quando nós estávamos sozinhos na escuridão que será difícil manter na luz do dia.

Andamos em silêncio por um tempo, apenas passeando.

Espero que ela me pergunte o que estou pensando, mas ela esquece o assunto.

Ainda estamos a um quilômetro do hotel quando seus passos diminuem. Posso dizer que ela está cansada, seus pés doendo por causa dos sapatos que está usando. Eu paro, oferecendo outra carona em minhas costas.

Dessa vez, ela aceita.

Ela grita quando pula, seus braços apertados em volta do meu pescoço, as mãos juntas em meu pescoço e suas pernas em volta da minha cintura. Seu quadril está bem no meu ferimento, mas é quase imperceptível, nada mais do que uma dorzinha. Ela descansa a cabeça contra o lado da minha enquanto a carrego. Ela é leve e parece tão certo agarrada em mim.

Acho que poderia carregar essa mulher para sempre.

Sua respiração é quente contra minha orelha quando ri, sussurrando depois de um momento, "você acha que poderíamos casar aqui?"

Eu quase a deixo cair.

Meu aperto desliza, suas pernas escorregando, mas seu aperto é tão forte que ela se segura para não cair. Eu a seguro de novo, puxando-a para cima, estabilizando-a. Antes que eu possa ao menos pensar em que dizer, ela continua.

"Não quero dizer, tipo, agora, mas algum dia."

Minhas palavras são hesitantes. "Se é isso o que você quer."

Eu a carrego pelo resto do caminho até o hotel, não a colocando para baixo até estarmos na porta da frente. Ela fica de pé, rindo.

Não ouvi sua risada tanto assim como essa última semana. Ela está feliz, mais feliz do que já vi. Apesar de tudo, apesar de saber o homem que eu sou, o homem que tenho potencial de ser, ela encontra em seu coração para ser feliz comigo.

Isso é algo que eu nunca quero perder.

Algo que eu nunca quero destruir.

Mas eu tenho um pressentimento, quando voltarmos para casa, sua felicidade pode não durar tanto quanto eu espero.

E mais tarde, depois que ela dormiu, quando ando para fora na sacada e disco o número de Ray, ouvindo sua voz quando ele atende no primeiro toque, eu tenho certeza disso.

"Não gosto de como essa garota está transformando você, Vitale."

Sem olá.

Sem uma saudação calorosa.

Ele está infeliz.

Talvez com razão.

Mas eu sei agora, não importa o que eu faça, eu vou perder um dos dois. Eu vou desapontar a mulher que me ama, que soprou vida em mim ou o único homem que realmente me deu uma chance.

De qualquer jeito, eu temo, será o meu fim.

Capítulo 17

Customizado e feito sob medida para minha imagem, meus ternos servem em mim como uma luva.

Eu tenho cinquenta deles, cada um deles em um único tom semelhante de preto. A maioria das pessoas, olhando em meu closet, pensaria que eles são iguais, mas eu posso dizer as diferenças. Diferença de peso e tecido diferente, alguns para o inverno e outros para o verão, alguns com coletes, a maioria com três botões e o resto com dois. Eu os revezo, raramente usando o mesmo terno mais de uma vez no mês.

Eles sobreviveram por anos.

Alguns duraram décadas.

Eu comprei meu primeiro terno aproximadamente vinte anos atrás. Até então, eu me vestia como um garoto comum de Hell's Kitchen – jeans, camisetas, tênis. Você não poderia ter me pago naquela época para usar uma gravata.

Mas eu tinha um funeral para ir.

Eu precisava de uma gravata.

O tecido era pesado, ou talvez fosse apenas meu coração. Eu me sentia apertado, pesado como se meu corpo fosse feito de concreto, meu interior um bloco de pedra que o mundo estava destruindo aos poucos. Eu estava sufocando, mas havia algo estranhamente reconfortante sobre a

sensação, algo calmante sobre usar o terno pesado e escuro, como uma camada de armadura, impedindo o mundo de roubar mais algum pedaço da minha alma.

Eu o coloquei naquele dia e nunca realmente o tirei.

Não por um longo tempo, de qualquer maneira.

Estou usando ele de novo, o primeiro terno que comprei. O peito está um pouco apertado, mas ainda cabe em mim como cabia naquela época. É estranho, pensar que não mudei muito fisicamente, mas eu me sinto como homem muito diferente. Ao invés de usá-lo como armadura, parece que está esfregando cruelmente, expondo partes de mim que mantive trancado.

Kelvin está trabalhando na porta do Cobalt. Ele acena para mim quando entro, desviando os olhos logo em seguida. Eu passo por ele, para o bar da área principal.

Ray está sentado sozinho em sua cadeira usual, girando seu uísque no copo.

Sem dizer nada, eu me aproximo do homem, sentando cuidadosamente no assento ao seu lado. A garçonete olha, nem se incomodar em perguntar antes de trazer uma garrafa de cerveja, ainda lacrada.

"Sozinho hoje?" Pergunto. É uma ocorrência rara, Ray sem alguém para lhe fazer companhia.

"Não mais," ele diz, olhando para mim. "Os homens estão, bem... E Baby Doll tinha algo que queria fazer."

Alcançando meu bolso, puxo minhas chaves para abrir a tampa da garrafa, jogando-a de lado.

Ray me observa, levantando uma sobrancelha. "Vejo que encontrou suas chaves."

"Sim, elas apareceram."

"Engraçado como as coisas acontecem," ele murmura, saboreando a bebida. "Apenas quando você acha que algo se foi..."

Eu dou de ombros casualmente, tomando um gole da cerveja quando ele divaga. "São apenas chaves."

Ele não está mais falando sobre as chaves e sabemos disso. Sentamos em silêncio, bebendo, o ar a nossa volta mais tenso do que me lembro que alguma vez foi entre nós. Não tenho certeza de como desarmá-lo. Não sei o que ele quer. Uma desculpa? Uma explicação? Ele não vai conseguir nenhum dos dois, mas não acho que ele espere alguma.

Não é da minha natureza.

Ele iria aceitar, de qualquer jeito.

"Então agora que você está de volta," ele diz, "onde você está com o nosso pequeno problema?"

"Qual problema?"

"O fato de que Carmela ainda está respirando."

Sem besteira.

Direto ao ponto.

"Estou trabalhando nisso."

"Você tem trabalhado nisso por um longo tempo, Vitale. Tempo longo demais e talvez eu tenha que procurar em outro lugar por uma solução."

Meu estômago revira.

É uma ameaça disfarçada.

Ele está dizendo que não precisa de mim.

Esse trabalho se tornou meu porque eu tinha uma vingança pessoal, um motivo para isso. No final do dia, qualquer um de nós poderia fazê-lo.

Seria provavelmente melhor, logicamente. Ela espera por mim, e hoje em dia eu ficaria grato de ter essa carga tirada dos meus ombros. Mas sair agora é equivalente a me *curvar*, e você não se curva quando se trata de Ray.

Ele leva você para fora em vez disso.

Já estou andando em uma linha fina com Karissa.

Talvez ele deixe esse deslize.

Talvez, se eu conseguir convencê-lo de que ela é inocente.

Mas Carmela não é negociável.

"Bobagem," digo. "Eu tenho isso resolvido."

"Você tem certeza sobre isso?"

"Positivo."

"E a garota?"

Eu hesito. "O que sobre ela?"

"Como ela vai aceitar o que você tem planejado?"

Essa é uma pergunta diferente do que ele normalmente pergunta.

Talvez ele esteja mudando de opinião.

Talvez.

"Não vejo porque ela tem que saber."

"Você mantém segredos dela?"

Dou de ombros. "Algumas coisas é melhor não dizer."

Ray vira o resto de seu uísque antes de se levantar. Ele descarta o copo e caminha até mim, parando ao lado da minha cadeira. Sua mão grossa segura meu ombro, apertando-o.

"Você é como um filho para mim," ele diz. "eu o aceitei negligente, porque minha filha amava você, porque ela viu algo em você, algo que eu vi no dia que nos conhecemos. Você não se acovardou, Vitale. Você nunca fez isso. Não o faça agora. Não se acovarde."

Ele não soa com raiva.

Ele soa exasperado.

Estendendo a mão, eu a fecho em cima da sua por um momento, silenciosamente o deixando saber que eu o entendo. Eu volto para minha cerveja quando ele se afasta, deixando-me sozinho.

Termino minha bebida antes de me levantar e seguir para a saída. Kelvin não está na porta, um homem que não sei o nome em seu lugar. Seu olhar salta para mim apenas um breve momento antes de curvar sua cabeça.

Eu saio, para a tarde de sol e faço meu caminho ao redor do prédio quando ouço um carro parar no beco atrás de mim. Eles dirigem devagar, o som de cascalho triturando um gemido de agonia. Diminuo meus passos, um formigamento sinistro rastejando pela minha espinha, meus dedos se contorcendo.

Meu coração bate aceleradamente, mas acalma logo depois quando vejo luzes coloridas piscarem nos edifícios, um guincho agudo ecoando atrás de mim.

Polícia.

Quem diria que eu ficaria aliviado em encontra-los? Mas na hierarquia de pessoas que poderia potencialmente se aproximar de mim, a polícia é atualmente o menor dos meus problemas.

Eu paro onde estou, levantando minhas mãos lentamente sem me virar. Ouço as portas abrirem, passos se aproximando rapidamente antes de mãos estarem sobre mim, dando-me um tapinha nas costas. Eles estão procurando por armas que todos sabemos que não irão encontrar enquanto outros andam na minha frente. O rosto familiar do detetive Jameson me recebe com um sorriso que tem todo o calor de um gelo seco. "Sr. Vitale."

"Detetive," digo, acenando para ele enquanto seu parceiro se junta ao seu lado. "A que devo a honra?"

Assim que digo isso, o policial me revistando aperta minha virilha. Fecho meus olhos, grunhindo, segurando-me para não reagir. *Imbecil.*

"Apenas na vizinhança," Jameson diz casualmente enquanto o oficial agarra a parte de trás do meu casaco e o puxa. Eu tropeço, cerrando os punhos enquanto o sorriso de Jameson congela, seus olhos encarando por cima do meu ombro. "Acho que é o suficiente, ele está limpo."

"Como sempre," digo, abaixando os braços.

"Não podemos ter sempre certeza," Jameson diz, "A propósito, eu ouvi que você estava fora do país semana passada... Itália, certo? Férias caem bem a você. Você parece… *Revigorado*. Melhor do que parecia alguns meses atrás após sua pequena viagem a Vegas. Poderia ter sido pior, embora, certo? Ouvi que perdeu um amigo naquelas férias."

Levanto uma sobrancelha para ele. "Que tal você cortar o papo furado e me dizer o que você quer? Gostaria de seguir meu caminho."

"Ah, pensei que talvez pudéssemos conversar."

"Conversar."

"Sim."

"De homem para homem? Ou de detective para testemunha?"

Um oficial atrás de mim ri. "Mais para suspeito."

Detetive Jameson lança um olhar para ele que o silencia. A tensão aumenta. *Suspeito.*

"Se você tem alguma pergunta para mim, encaminhe-as para o meu advogado," eu digo a eles. "Caso contrário, não tenho nada a falar."

Eu tento me afastar quando Jameson entra diretamente no meu caminho, bloqueando-me de sair. Palavras mordazes estão na ponta da minha língua de impaciência, mas elas fogem dos meus lábios quando ele acena para os oficiais uniformizados. De uma vez, alguém me agarra, forçando minhas mãos atrás das costas. Eu luto quando eles me puxam para trás, jogando-me contra o capô do carro da policia quando colocam algemas em meus pulsos.

Dor atravessa minha lateral e faço uma careta.

"Uh-uh," Andrews diz, andando até mim e se inclinando para ficar no mesmo nível dos meus olhos. "Você sabe que não deve resistir."

Sou puxado para trás uma vez que estou algemado.

"Você tem o direito de permanecer em silêncio," Jameson diz, sua voz monótona enquanto murmura as palavras. "Qualquer coisa que disser pode e será usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado. Se não puder pagar por um, um será providenciado para você. Você entende seus direitos?"

Ele não espera por minha resposta.

Sou colocado atrás da viatura e levado para a delegacia, direto para a sala de interrogatório e deixado lá.

Uma hora passa, talvez duas.

Parece uma eternidade até a porta abrir de novo e os detetives entrarem com meu advogado em seu encalço. O homem não me cumprimenta. É inútil. Ele está aqui para negócios e vai direto sobre isso.

"Do que meu cliente está sendo acusado?"

"Ele não está sendo acusado de nada ainda," Jameson diz casualmente, pegando um assento na minha frente. "Ele está sendo detido sob suspeita de assassinato."

"Qual assassinato?"

Eu quase dou risada com o jeito que meu advogado diz isso, incapaz de impedir o pequeno sorriso de cobrir meus lábios, enquanto Jameson o olha incrédulo. Não foi um 'que' assassinato; foi um 'qual' assassinato, como se pudesse ter mais de um.

Poderia ter.

"O assassinato de Daniel Santino, claro," Jameson diz, olhando entre nós. "Existe outro que deveríamos estar procurando?"

"Claro que não," o advogado diz. "E, quanto a Daniel Santino, já respondemos suas perguntas diversas vezes, e as respostas se mantiveram as mesmas. Sr. Vitale não tinha nenhum motivo para prejudicar o homem. Não havia problemas entre os dois. Com nenhum motivo e nenhuma evidência, está claro que estão apenas segurando canudinhos, e vocês tem feito isso por algum tempo já."

"Oh, mas nós temos um motivo," Andrews entra na conversa, sentando em sua cadeira com atenção. "Agora, corrija-me se eu estiver errado, Vitale, mas sua noiva era uma das alunas de Santino no momento da sua morte."

"E?"

"E que nossas fontes nos disseram que ela tinha um pouco de problema em sua aula, assim como você disse algo sobre isso."

"Fontes?" Pergunto com curiosidade. Eu odeio essa palavra. *Fontes.* Eles são ratos. "E quem, exatamente, seria suas fontes?"

"Agora isso não podemos dizer," diz Jameson. "Mas o informante é confiável."

Informante. Outro sinônimo para rato.

"Deixe-me ver se eu entendi," o advogado disse. "Uma fonte desconhecida disse a vocês que o Sr. Vitale assassinou um conhecido antigo por causa de um conflito em uma sala de faculdade? Seu motivo sendo uma nota ruim?"

"Isso vai um pouco mais fundo do que uma nota ruim," Jameson diz. "Santino a estava dando um tempo difícil."

"Há algum registro sobre isso?" O advogado pergunta. "Reclamações à administração? Reclamações arquivadas? Pedidos de

transferência de sua turma? Alguma prova que ela tenha lutado? Não, claro que não. Em vez disso, vocês estão confiando em histórias de fontes anônimas. Eu tenho que dizer, detetive, é melhor você provavelmente confiar no testemunho do Pinóquio se estiver procurando por um grão de verdade."

Nenhum dos detetives se divertiu com sua declaração, mas eu a acho até divertida. Eu iria rir se eu não estivesse tão inquieto com o que ele acabou de dizer. Eu tenho suspeitado por um tempo, mas todos eles só confirmaram isso para mim essa tarde.

Alguém tem os lábios soltos, os quais eu vou ter que fechar de novo.

"Falando sobre conhecidos antigos," o detetive diz. "Eu quero falar sobre John Rita."

"Então fale sobre ele," digo, "mas não prometo que irei escutar."

Meu advogado me lança outro olhar que diz para eu ficar quieto. Dessa vez eu obedeço.

Jameson me encara. "É curioso que a tragédia cai sobre todos a sua volta. Você ainda tem amigos de infância, Sr. Vitale?"

Dou de ombros quando o advogado interrompe, ameaçando terminar com essa conversa se ele não chegar ao ponto.

"O ponto é que ele parece ser o único de pé ainda. Maria Ângelo... Daniel Santino... John Rita…" Ele para, olhando-me. "Você não tem visto Carmela Rita recentemente, tem?"

Não digo nada.

Isso continua e continua, as mesmas perguntas jogadas em mim, as quais nenhuma eu respondo. É após o anoitecer quando saio da

delegacia, um homem livre como de costume. Por quantas vezes eles me arrastaram para esse lugar algemado, eles nunca me ficharam no sistema ou me levaram para um juiz. Só suspeita não pode fazer uma acusação, mas dessa vez eles têm algo que nunca tiveram antes, algo que os deixa perto de criar um caso.

Informação.

Leva-me cerca de uma hora para pegar meu carro e voltar para casa. A casa está acesa quando chego ao Brooklyn, vozes altas vindo para fora, risada feminina que não faz nada para acalmar meus nervos.

Karissa está com amigos de novo.

Destrancando a porta, eu entro, imediatamente vendo as três. Karissa está sentada no sofá da sala de estar com Melody ao seu lado, um rosto surpreendente no outro. Eu encaro a visita loira por um momento, atordoado com sua presença. *Brandy.*

A namorada de Ray.

Acho que ser amigável com Karissa tomou precedência com Ray hoje.

"Oi," Karissa me recebe, sua voz tímida. "Olhe quem encontramos hoje."

Não tenho certeza se ela está nervosa com minha reação, ou se ela não está à vontade com a companhia dela, mas sua apreensão é clara. Em vez de questionar, eu ofereço um sorriso tenso. "Olá."

"Vitale," Brandy diz enquanto olha ao redor. "Casa legal."

Antes que eu possa responder, Melody cantarola, ficando de pé. "Bem, está ficando tarde, então eu devo ir, você sabe." Ela anda em minha

direção, parando na minha frente. "Está bonito, Ignazio. Mal posso esperar para ver como você fica em um terno de pinguim."

Eu a olho cautelosamente quando dá um tapinha em meu peito, correndo sua mão ao longo das dobras do meu terno. Karissa resmunga, dizendo para sua amiga parar com isso, mas Melody ri.

"Eu deveria ir, também," Brandy diz, se levantando. Ela evita olhar para mim enquanto passa, seguindo para a porta atrás de Melody. "Deveríamos compartilhar um táxi até Manhattan, Mel."

"Absolutamente," diz Melody, sorrindo para nós. "Comportem-se crianças. Drogas são ruins, ok[22]?"

Eu olho para ela, observando-as enquanto saem da casa. Karissa se levanta uma vez que elas foram embora e se aproxima, trancando a porta da frente atrás delas.

"Algumas vezes não tenho certeza se eu ao menos falo a mesma língua que essa garota," digo, tirando meu terno. "Parece que ela está falando em códigos."

Karissa sorri timidamente. "Acho que nem Melody sabe o que está falando na maioria das vezes."

Eu desabotoo o punho da camisa. "Terno de pinguim? Isso é o que estou pensando?"

"Sim, estávamos, uh..." Suas bochechas coram. "Elas perguntaram sobre o casamento."

"Você já decidiu uma data?"

"Não."

[22] Do original “drugs are bad, m’kay?” Faz referência ao personagem Mr. Macky, do seriado South Park, onde os criadores juntaram a palavra ‘okay’ com a letra ‘k’ de ‘ketamine’, uma substância usada normalmente para anestesia de animais e crianças, formando assim, ‘m’kay.’

Acenando, eu passo por ela, até a sala de descanso, e chuto meus sapatos no batente da porta. Solto meu terno no braço do sofá antes de cair na almofada, esticando minhas pernas e inclinando a cabeça para trás. Uma leve dor bate em minhas têmporas, o início de uma dor de cabeça do interrogatório estressante.

"Você está bem?" Karissa pergunta, seguindo-me.

"Só um pouco de dor de cabeça," respondo, observando-a enquanto senta ao meu lado. "Dia longo."

"Aposto que sim," ela diz, enfiando os pés no sofá debaixo dela enquanto muda de posição para me olhar. "Pensei que estaria em casa mais cedo, mas imaginei... Bem, apenas assumi que estava... Trabalhando."

Trabalhando. Ela diz a palavra timidamente, quase um sussurro de seus lábios. Seus olhos estão focados em meu rosto, estreitados contemplativamente, como se houvesse perguntas que quisesse fazer, mas talvez não queira ouvir as respostas.

"Tive uma bebida com Ray essa tarde," ofereço, esperando que ela não vá querer fazer as perguntas exatas sobre como exatamente preenchi minhas horas. "Teria vindo para casa horas atrás, mas tive uma situação difícil."

"Que tipo de situação difícil?"

"O tipo de imposição de lei."

Seus olhos arregalam levemente, mas não força mais por uma explicação. Em vez disso, ela se ajeita no sofá, para se recostar em mim, ficando debaixo do meu braço com sua cabeça contra meu peito.

Suspirando, eu a puxo mais perto, beijando o topo de sua cabeça antes de fechar os olhos.

"Espero que não se importe que tive companhia," ela diz calmamente. "Eu tive a certeza que elas não vieram para a sala de descanso... Ou qualquer outro lugar, realmente, exceto onde estavam."

"Tudo bem," digo. "Só fiquei surpreso por ver Brandy aqui. Não estava ciente de que era sua amiga."

"Ela não é... Não realmente. Melody e eu a encontramos no café. Acabou que ela e Melody conhecem um monte de gente em comum. Ela, na verdade, conhece o pai de Melody, curiosamente, o conheceu através do trabalho anos atrás. Acho que ela trabalhava na Wall Street ou algo assim. Eu nem sei o que ela faz para viver."

"Ray."

Sinto-a levantar a cabeça. Com um olho aberto, eu a vejo me olhando incrédula.

Ray?

"Ela faz Ray para viver."

Um momento de silêncio passa antes de ela entender o que estou dizendo. Ela engasga, empurrando contra mim. "Sério?"

Rindo, dou de ombros. "Ele paga suas contas e dá a ela uma mesada em troca para ela estar ao seu dispor. Ela não tem que trabalhar desde que Ray cuida dela. E antes de Ray, havia outro homem... Um, eu presumo, ser Sr. Carmichael."

"Você quer dizer que ela, uh... Que ela é..."

Ela não consegue nem dizer a palavra.

"Ela é uma *namorada profissional*," digo, escolhendo termos melhores. Eu a chamaria de puta, mas não estou nos negócios de ofender amigas em potencial de Karissa. Não tenho nada contra Brandy. Mal a conheço, não tenho nenhum interesse em conhecer, mas Ray confia na garota por alguma razão inexplicável, então ela não pode ser tão terrível. Afinal, talvez ajude Karissa ser amiga de alguém ligado a essa vida, e talvez ajude Ray a se juntar ao meu lado das coisas. Ray é um babão com sua Baby Doll. Se ela gostar de Karissa, Ray será mais amigável com ela.

"Ela parece tão... Doce," Karissa diz incrédula. "Quero dizer, eu sabia que ela estava com Ray e tudo o mais, e que ele, bem... E ela é sua, você sabe... Mas pensei que o que eles tinham fosse genuíno."

"E é," respondo. "Fazemos o que temos que fazer para sobreviver, Karissa. Ray não vai casar com ela, mas não quer dizer que não dará uma boa vida para ela. E eles não estão sozinhos. Homens como Ray, veem as esposas como obrigações. Elas são posses. Eles as tratam como trabalho, como se fosse o trabalho deles cuidar delas. Ray provavelmente fode sua esposa uma vez por mês, se isso, mas ele está com Brandy quase toda noite. Porque Brandy é onde ele quer estar. Ela não é uma obrigação. Ela é sua felicidade."

"Ele não pode encontrar felicidade com sua esposa?"

"Ray? Não. Tenho certeza que era possível no começo, mas não mais. Eles nem *gostam* um do outro."

"Mas você não é desse jeito, certo? Você não faria isso…"

"Não, não faria. Já lhe disse antes – não estou interessado em mais ninguém."

"Mas você pode ficar algum dia," ela diz. "E se você acordar um dia e não *gostar* mais de mim?"

"Eu não sei, Karissa. Diga-me você." Levanto uma sobrancelha para ela. "Como é a sensação de estar presa com alguém que você não gosta?"

Ela me encara. "Eu não saberia."

"Não saberia?"

"Eu gosto de você," ela diz, hesitando antes de completar, "na maioria dos dias, de qualquer maneira."

"Bom saber." Eu a puxo para mim. "E eu não gostando de você é improvável, Karissa. Claro, algumas vezes você pode ser frustrante, mas você mantém a vida interessante, pode ter certeza."

Ela relaxa contra mim, suspirando. "É tão estranho para mim. Como, até o pai de Melody é desse jeito? Ele é um maldito homem de negócios. Ela disse que seus pais são *perfeitos* juntos."

"Perfeição não existe," respondo. "É uma máscara que as pessoas usam para conciliar suas verdades feias. Nunca confie em alguém que sempre só sorri para você."

Ela fica quieta por um momento. "Ray sempre sorri para você."

Beijo o topo de sua cabeça. "Exatamente."

"Próximo cliente aqui!"

A voz é alta e impaciente, não o tipo de serviço amigável que alguém iria querer em um lugar assim. Aproximo-me do balcão, vendo a expressão irritada do garoto quando ele olha para a registradora, usando

um avental verde cor de vômito. Ele sente minha presença e resmunga, "o que você quer?"

"Depende do que você pode me pegar."

Ele olha para cima, sua expressão irritada crescendo, mas ele congela quando pega meu olhar. Pergunto-me se ele me reconhece, considerando que nos encontramos somente uma vez, mas seus olhos arregalados me dizem que sim. "Uh, hey... Ignazio, certo?"

"Certo."

Paul me encara, contemplando, antes de limpar a garganta e olhar de volta para a registradora. "Então, o que posso pegar para você?"

"Eu quero o que você deu para minha noiva."

Ele hesita, os olhos piscando para mim novamente. Posso ver sua preocupação, a expressão que preciso para todas minhas perguntas. Estou aqui com um palpite, pequenas dicas de suspeita que tem sido derrubadas a minha volta nos últimos meses, mas o que me faltava era informação... Informação que seus olhos acabaram de me dar.

Karissa me drogou uma vez, não muito tempo atrás, usando um pequeno frasco de pó que conseguiu em algum lugar. Eu a observei meticulosamente desde que entrou em minha vida. Conheço seus hábitos. Conheço todas as pessoas que ela conversa, todos com quem ela lida. Há apenas tantas maneiras que ela poderia ter aparecido com uma droga tão forte, apenas algumas pessoas capazes de conseguir isso para ela.

A lista reduziu apenas para um... Apenas um, que facilmente se entregou com apenas um olhar. *Strike três.* Ele está fora.

"Eu não, uh… Não tenho certeza do que você quer dizer. Não sei o que ela disse a você, mas não dei nada a ela."

Eu posso praticamente vê-lo suar, sua voz baixa e tremida com sua negação. As pessoas são fáceis de ler, especialmente mentirosos não treinados.

"Você nunca a atendeu antes?" Pergunto, levantando uma sobrancelha. "Ela vem aqui o tempo todo com sua namorada."

"Oh, uh, sim, claro." Ele limpa a testa distraidamente antes de me oferecer um sorriso cheio de alívio. "Chá de chocolate com menta."

"Sim," digo. "Vou querer um desse."

Paul anota o pedido e eu pago com uma nota de vinte dólares, dizendo para ele ficar com o troco. Vou aguardar do lado enquanto eles fazem minha bebida, mantendo meus olhos em Paul enquanto espero.

Ele está indiferente agora, sua voz baixa e suas palavras educadas.

Eu o provoquei.

Quando minha bebida está pronta, aceno para Paul em saudação antes de andar para fora. Caminho até a esquina, até onde meu carro está estacionado no beco, e tomo um gole da bebida. *Nojento.*

Eu a jogo direto na lixeira.

Paul sai uns minutos depois. Estou de pé no beco atrás do café, encostado contra um prédio de tijolos ao lado do carro de Paul. Ele é barato demais para um estacionamento então o deixa parado não muito longe da lixeira. Ele sai, sem prestar muita atenção, o telefone grudado em sua orelha enquanto fala com alguém. Ele vira para ir até seu carro, as chaves na mão, e engasga alto, assustado com minha presença. Seu telefone escorrega, batendo no chão.

Antes que possa alcançá-lo, afasto-me da parede, indo até o telefone, esmagando-o com meu sapato. Seus olhos arregalam, horror o preenchendo.

Ele não tem tempo para reagir antes de eu o agarrar. Os braços ao redor dele, minhas mãos enluvadas agarram sua garganta, os dedos indo direto para sua jugular.

Dez segundo.

É isso.

Dez miseráveis segundos e seu corpo fica mole, caindo inconsciente em meus braços. Karissa luta mais contra mim na cama do que ele agora. Eu o arrasto para o lado da lixeira, onde meu carro espera, o porta-malas já aberto. Levantando-o, eu o jogo para dentro, pegando um rolo de fita adesiva. Eu a solto, prendendo seus pulsos e tornozelos juntos antes de envolver em sua cabeça, cobrindo sua boca e nariz.

Ele estará morto dentro de segundos devido à falta de oxigênio.

Batendo a porta, eu jogo o resto da fita adesiva na lixeira e subo de volta no carro, dirigindo para longe do beco.

Fácil e limpo, relativamente indolor, mas isso importa pouco para mim. Não vou vê-lo morrer, não vou aproveitar o brilho, mas eu aproveitaria se pudesse. Se eu tivesse tempo, faria lento e excruciante, mas estou com o tempo curto.

Tenho outro lugar para estar.

Olhando para meu relógio, eu suspiro.

Já estou ficando atrasado.

Leva cerca de uma hora para eu voltar para o Brooklyn com o tráfego. Estaciono o carro na vaga e sigo para dentro, abrindo a porta da

frente e parando. Karissa está de pé na sala de estar, usando um vestido vermelho e um par de saltos, seu cabelo para baixo e levemente ondulado. Ela está usando maquiagem... *Muita* maquiagem, seus lábios do mesmo vermelho sangue que seu vestido. Ela está segurando seu telefone no ouvido e vira para mim assim que o meu começa a tocar no bolso.

Não me incomodo em olhar. No momento que ela abaixa o telefone e aperta a tela, o meu para de tocar.

Ela estava me ligando.

"Eu me perguntava onde você estava," ela diz.

"Eu tinha algo para cuidar," digo, fechando a porta atrás de mim enquanto meus olhos a examinam. "Você está linda."

Ela agita suas roupas um pouco. "É seu vestido favorito."

Eu levanto minha sobrancelha em surpresa. "É?"

"Sim." Ela olha para mim incrédula. "Você disse que era, de qualquer maneira. É o que eu usei em Vegas."

"Ah, então definitivamente é o meu favorito." Não presto atenção no que ela usa, mas aquele dia foi certamente um dos meus favoritos. "Então, você está pronta?"

"Não," sua voz é firme, a palavra acompanhada pela movimentação de sua cabeça.

"Não?"

"Não," ela diz de novo. "Eu não vou."

"Você não vai?"

"Não, não vou," ela diz. "Isso não é *minha* coisa, de qualquer maneira. Não vejo porque tenho que ir."

"Você não vê porque tem que ir?"

"Sim, então eu me recuso. Diga a ele que recuso seu convite."

Eu a olho por um momento. Posso dizer que ela está desconfortável. Estou ansioso o suficiente no momento sem ter que absorver seu nervosismo também. "Você quer que eu diga a Raymond Ângelo que você está recusando seu convite para comparecer?"

"Sim," ela diz, oscilando por um segundo antes de continuar, "bem, não... Você não pode colocar de outra forma?"

"Que outra forma?"

"Eu não sei." Ela joga as mãos para o alto em exasperação. "Diga a ele que estou doente. Estou gripada ou algo assim. Que estou vomitando pela casa inteira."

Gostaria que eu pudesse, e eu *faria* se pudesse, mas Ray não é idiota. Ela não aparecendo seria visto como uma afronta pessoal, e só agora estou conseguindo que ele vá considerar sua existência como mais do que temporária.

Olho para o meu relógio de novo. A festa começa em quinze minutos.

"Não vamos ficar muito tempo," eu garanto a ela. "Vamos apenas aparecer para agradar o homem."

Ela enruga o nariz, mas não argumenta, passando direto por mim até a porta. Eu a sigo, trancando a casa e dando um olhar para o porta-malas quando sigo para o carro. Ela já está no banco de passageiro quando deslizo para dentro, e não hesito, ligando o carro e saindo.

Estou distraído durante a viagem, olhando frequentemente no espelho retrovisor, ouvindo atentamente para quaisquer barulhos do porta-malas. Tudo está silencioso e calmo ao meu redor, exceto por Karissa falando sem parar.

Ela está faladora hoje.

Nervosismo, suponho, mas não faz nada para acalmar o meu próprio. Bato meus dedos enluvados contra o volante enquanto espero no farol vermelho, continuando a observar tudo ao meu redor, quando sua voz aumenta, praticamente gritando. "Ignazio!"

Eu viro para ela, alarmado. "O que há de errado?"

"É isso o que *eu* estou perguntando," ela diz. "Estive falando com você durante os últimos vinte minutos e não acho que você ouviu uma palavra que eu disse."

"Isso porque eu não ouvi."

Sua testa franze, a frustração derretendo para uma preocupação genuína. "O que há de errado?"

"Nada," digo, dando outra olhada para o espelho retrovisor assim que o farol fica verde. "Estou ouvindo agora. O que estava dizendo?"

"Eu perguntei se suas mãos estavam geladas."

"Não. Por quê?"

A resposta sai da minha boca antes que eu possa pensar. Meus olhos mudam para minhas mãos apertando o volante, para as luvas de couro que ainda estou usando.

Ela não responde, sabendo que não precisa.

Ela me vê olhando para elas.

Não tenho nenhuma explicação para ela.

Espero até alcançar o próximo farol vermelho para tirá-las, jogando-as no console central.

Karissa me observa, balançando a cabeça. "Preocupa-me quando você está desse jeito. Da última vez que você me buscou distraído assim, pensei que estivesse bravo comigo. Você não me olhou o caminho inteiro, cancelou nossos planos e foi direto para sua casa."

Eu sei exatamente qual dia ela está falando.

Eu tinha um corpo no porta-malas, também.

"Não estou bravo com você," digo, no lugar de uma resposta real.

"Bom saber, mas *algo* tem você no limite hoje."

Ela não diz outra palavra durante o resto do caminho. Quando chegamos ao Ray, já estamos quinze minutos atrasados. Carros lotam sua garagem e a área ao redor de sua casa. Encontro um lugar para estacionar do outro lado da rua e desligo o carro, ficando em meu assento por um momento para tentar clarear minha cabeça. Karissa está olhando direto para fora do para-brisa, mordendo ansiosamente o interior de sua bochecha.

"Aqui," digo, alcançando em meu bolso e puxando uma bala de hortelã, entregando para ela. "Pegue."

Ela hesita antes de pegá-la. "Você está sugerindo que estou com bafo?"

"Nem um pouco." Puxo uma para mim e coloco na boca. Coloco-a ao longo da minha bochecha para chupá-la. "É um pequeno

truque que aprendi. Sempre que uma situação deixá-la nervosa, chupe um doce duro. É psicológico. Seu cérebro pensa que se estivesse em perigo de verdade, você não estaria comendo algo, então pensa que está perfeitamente bem."

Além disso, irá impedir que ela fale malditamente demais.

Ela joga a bala na boca. "Nunca o vi comer uma dessas antes."

"Pouca coisa me deixa nervoso."

"Mas você está nervoso agora."

Não é uma pergunta.

Espero que isso não signifique que minha ansiedade seja óbvia.

"Sim, bem, eu não quero estar aqui mais do que você, querida."

Eu tranco o carro uma vez que saímos, meus olhos indo para o porta-malas involuntariamente antes de me virar. Dou um sorriso para Karissa quando vejo que ela está remexendo, aproximando-me para pegar sua mão.

Ligando nossos dedos, eu aperto levemente, correndo minha língua ao longo da bala em minha boca.

Ela fica próxima a mim, as unhas cavando as costas da minha mão quando chegamos à porta. Toco a campainha, a porta da frente se abre instantaneamente, vozes animadas saindo do lado de dentro. Kelvin está de pé na nossa frente. Pergunto-me quanto Ray pagou a ele para sair do trabalho no Cobalt para cuidar da porta de sua casa.

"Vitale," ele me cumprimenta, seu olhar desviando assim que ele fica de lado. "Eles estão esperando por você."

Não digo nada, puxando Karissa para dentro quando Kelvin fecha a porta. Ela olha para ele brevemente, olhos arregalados, antes de se empurrar para mais perto de mim.

"Eu *o conheço*," ela sussurra baixinho.

"Ele é o segurança do clube que você frequentava," digo, preenchendo todos os espaços em branco para ela. "Ele também trabalha no Cobalt."

Ela olha entre nós em choque antes de seus olhos caírem sobre mim. "Você tem ele me observando?"

"Não, ele acabou por apenas a reconhecer naquela primeira noite."

Ela não parece que acreditou em mim, mas não tenho tempo para convencê-la do contrário. Antes que um nós possa falar de novo, a voz de Ray chama de sua sala de descanso onde todos estão reunidos. "Vitale!"

Respirando fundo, aperto a mão de Karissa tranquilizando-a antes de puxá-la para aquela direção. Há pelo menos uma dúzia de pessoas ao redor, conversando e bebendo, esperando o jantar começar. Vou direto até Ray, Karissa no encalço, e aceno educadamente. "Ray."

"Fico feliz que conseguiu chegar," ele diz. "Comecei a me preocupar quando deu oito horas e não havia sinal de você."

"Fiquei preso com negócios," explico. "Não perderia hoje por nada."

"Bom, bom." Ray bate em meu ombro, dando tapinhas nas costas, antes de focar em Karissa. Antes que ela possa reagir, ele pega sua mão livre. "Fico feliz que conseguiu se juntar a nós, Srta. Rita."

Fico tenso com o uso intencional desse nome – *Rita*. Karissa não percebe. Ele sorri com seu silêncio, levando suas mãos até os lábios e a beijando.

"Obrigada," ela diz calmamente, "por me convidar."

"Claro." Ele a solta e a encara por um momento antes de virar para mim. "Vitale, venha... Dizer oi para os homens enquanto as mulheres conversam."

Karissa me lança um olhar de pânico, mas Ray se afasta antes que eu possa recusar. Inclino-me para Karissa, beijando o canto de sua boca, antes de sussurrar, "você vai ficar bem. Vai ser apenas alguns minutos."

Tenho que retirar minha mão, vendo que Ray está me observando da porta do seu escritório, esperando para eu me juntar a ele. Eu passo por ele, para dentro, e ele desliza depois de mim, fechando a porta. Alguns homens se escondem aqui, alguns dos melhores homens na organização, sentados ao redor, saboreando uísque e discutindo negócios.

Ray não se incomoda em me oferecer uma bebida. Ele sabe que não vou aceitar. Ele desliza em sua cadeira atrás de sua mesa enquanto eu ando ao longo da sala, observando. Eles conversam sobre isso e aquilo... Esquemas e planos... Enquanto permaneço quieto, Ray observando minha reação para tudo isso.

Ele está me colocando sob um fodido microscópio.

Dez minutos passam... Vinte... Trinta… Eu olho frequentemente no meu relógio, querendo que isso acabe. Quarenta minutos depois, e eu já tive o suficiente que posso aguentar. Levanto-me, tentando deslizar para fora sem ser percebido, mas Ray não me deixará ir sem uma briga.

"Algum lugar que precise estar, Vitale?"

"Apenas vou checar Karissa."

"Ela está bem," Ray diz.

"Eu tenho certeza que você está certo, mas ainda assim, gostaria de ir checá-la."

Ele hesita antes de acenar com desdém.

Eu sigo para fora do escritório, de volta para a sala de descanso. A multidão é menor já que as pessoas estão espalhadas pela casa. Uma rápida olhada ao redor me diz que Karissa não está aqui. Meu peito aperta, e eu peço licença assim que alguém tenta falar comigo, fazendo meu caminho através da casa, procurando por ela. Eu passo direto pela sala de estar, meus passos vacilantes quando olho para dentro, não encontrando o vestido vermelho vibrante.

Eu paro no batente da porta. Ela está sozinha, a sala silenciosa e levemente iluminada, enquanto ela olha para o revestimento acima da lareira. Eu a observo por um momento antes de lentamente andar até ela. Eu nem preciso olhar. Eu sei o que ela vê.

Eu sei, porque eu vejo toda vez que venho para esse lugar.

"Karissa."

Ela pula com o som da minha voz, olhando em minha direção, um olhar de pânico em seu rosto. "Eu, uh... Eu estava apenas indo até o banheiro, e bem..."

"Entendi."

Eu paro bem atrás dela quando ela se vira, seu olhar voltando direto para a foto no revestimento da lareira. A foto foi tirada há

aproximadamente duas décadas, mas está bem preservada no vidro, como se tivesse sido tirada ontem.

Ontem... Parece que foi ontem. Parece que foi ontem que fiquei de frente para o fotógrafo, um braço envolta de Maria, usando aquele maldito smoking enquanto ela está quase se afogando naquele vestido branco. Foi pretensioso, tudo o que nenhum de nós erámos, mas tinha sido o sonho dela de ter um casamento igual ao dos seus pais.

Então eu dei para ela.

"Você parece tão feliz," Karissa sussurra.

"Eu estava feliz," confesso, meu peito apertando enquanto olho a fotografia antiga. "Muito feliz."

"Você está...?" Ela pausa por um momento. "Você está feliz agora?"

Posso sentir seu olhar agora. Meus olhos mudam para encontrar os dela. Eu absorvo sua apreensão enquanto ela mais uma vez morde a bochecha nervosamente.

Não tenho certeza de como responder essa pergunta. Parte de mim grita para apenas dizer 'sim,' para amenizar todas suas preocupações porque eu acho que é o que ela quer ouvir. O que ela *precisa* ouvir. Mas outra parte de mim apenas não consegue mentir para ela.

"Não como eu era antes," digo, assistindo enquanto sua apreensão se transforma em desânimo. "Eu era ingênuo, Karissa. Eu pensava que existia perfeição, e eu pensava que a tinha encontrado. Eu pensava que era intocável, que nada nem ninguém poderia tirar o que eu tinha. Eu era feliz, porque eu era idiota. Eu aprendi uma lição desde

então, uma lição dura, e não posso ser aquela pessoa de novo. Não posso ser feliz daquele jeito de novo."

Ela abaixa a cabeça, desviando os olhos. Eu estico minha mão segurando seu queixo, puxando seu rosto para cima para ela olhar para mim de novo. Não quero que ela interprete isso mal, ou que se afaste pensando que estou dizendo algo que não estou.

"Não sou mais ingênuo," digo a ela. "Mas isso não quer dizer que você não me faz feliz, porque você faz... Do seu próprio jeito. O que eu tenho com você não é feliz ignorância. É real, e não é sempre bonito, mas quando é bom, é bom. Então sim, estou feliz, Karissa. Um jeito diferente de felicidade. O tipo de felicidade que diz que mesmo se tudo isso me destruir, e talvez destrua, terá valido a pena."

Ela sorri, um sorriso pequeno, enquanto ela desliza em meus braços, aconchegando-se em meu peito. Eu pressiono minha bochecha no topo da sua cabeça, acariciando suas costas, quando uma garganta limpa no batente da porta. Olhando para a direção, encontro um par de pequenos olhos escuros que olham para nós.

Martina Angelo.

"Sra. Angelo," eu digo educadamente. "Bom ver você."

Ela não diz nada, virando para olhar para Karissa. Ela curva uma sobrancelha julgando, seus olhos a examinando lentamente, quebrando-a com um olhar. Após um momento, a mulher olha para mim de novo. "O jantar está pronto. Ray está procurando por você. Imaginei que estava ocupado com sua…" Ela acena para Karissa com desdém. "*Ela*."

Martina se afasta, nos deixando sozinhos de novo. Karissa olha para mim interrogativamente. "Esposa de Ray?"

"Sim."

Ela balança a cabeça. "Eu gosto muito mais de Brandy."

A mesa de jantar deles está lotada, cheia em ambos os lados com cadeiras. As duas próximas na ponta da mesa adjacentes a de Ray permanecem vazias. Eu puxo uma, sussurrando para ela sentar.

Ela faz hesitantemente.

Eu empurro de volta, oferecendo um aceno educado a Ray enquanto sento, tomando meu lugar entre eles.

Bem no meio...

O jantar é tenso. Posso sentir a tensão ao meu redor, enrolando as mãos em minha garganta e apertando-a. Os outros comem apaixonadamente, rindo e bebendo, felizes por estarem aqui. Há alguns meses atrás eu me sentia da mesma forma.

Mas alguma coisa mudou.

Eu mudei.

Não tenho certeza se de um jeito bom.

Corto meus olhos até Karissa, observando enquanto ela remexe sua comida ao redor do garfo. Não acho que está comendo alguma coisa.

Nem eu comi.

Inclinando-me, eu sussurro em seu ouvido. "Sem fome?"

Ela se aproxima, sua voz apenas alta o suficiente para eu ouvir. "Você não estava comendo então imaginei que talvez não fosse seguro para mim, também."

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso quando rio, dando de ombros quando ela lança os olhos para mim. Seu sorriso vira

uma risada antes de Ray limpar sua garganta ao nosso lado, ganhando nossa atenção. "Algo engraçado que gostaria de compartilhar?"

Karissa fica quieta imediatamente, quando me viro para Ray. "Piada interna."

Ele não parece divertido.

Seu olhar queima através de mim por momento antes de focar em Karissa. "Então, Srta. Rita—"

"Reed," ela interrompe. "Meu nome é Karissa Reed... Não Rita."

A sala inteira fica em silêncio, o som de garfos batendo tão alto que vejo Karissa se encolher com o barulho inesperado. As pessoas não corrigem o chefe, e nem falam de volta com ele. Ele poderia chamar você de fodido Benedict Arnold[23] e o resto dos homens iriam tolerar para não perturbar o equilíbrio da situação.

Mas abalar o equilíbrio é da natureza de Karissa.

É um efeito colateral do sufocamento de sua mãe.

"Reed," Ray diz, sua voz lacônica. Ele não tem certeza de como reagir com essa declaração. "Corrija-me se estiver errado, mas seu pai é *John Rita*."

Há um nítido exalar na sala. Esse nome é como veneno – ninguém quer respirá-lo. Karissa olha ao redor antes de limpar a garganta e olhar para Ray. "Tanto quanto estou preocupada, eu não tenho pai. Meu nome sempre foi Karissa Reed."

Ray olha para mim e solta uma risada. É fria, enviando arrepios no ar. "Ela certamente não tem uma pai *agora*, tem, Vitale?"

---

[23] Foi um general norte-americano que se passou para o lado britânico durante a Guerra da Independência Americana.

Ele normalmente não discute esse tipo de coisa em público, mas ele está tentando provar um ponto – um ponto que claramente é feito quando vejo Karissa ficar tensa da minha visão periférica. Balançando minha cabeça, olho para o meu prato. "Não, ela não tem."

"Boa coisa, também." Ray diz. "Um Rita a menos significa um traidor a menos no mundo. Não é verdade?"

Ele está olhando bem para mim. Posso sentir seu olhar queimando em meu crânio. Meus dedos formigam, ansiosos para enrolar em torno do seu pescoço por me fazer essas perguntas na frente dela. Mas não tenho escolha a não ser responder, e para dar a resposta que ele quer ouvir.

"Certo," digo. "Um traidor a menos."

Ray rir de novo, sua voz alta o suficiente para nós ouvirmos. "Muitos ainda para acabar."

Como se o jantar já não estivesse tenso antes, é praticamente uma tortura agora. Todos eles voltam a agir como se a troca não tivesse acontecido e Ray descarta o assunto como se não estivesse prestes a enfrentar Karissa em primeiro lugar. Seu trabalho aqui está feito, seu objetivo atingido. Ele queria me colocar em meu lugar, queria mostrar a ela quem determinou os tiros, e ela viu. Ela está sentindo isso. Posso dizer pelo jeito que não está olhando para mim, pelo jeito que não está olhando para *nada*.

Ela ainda está aqui, mas ela se foi.

A sobremesa está na mesa. Biscoito italiano de chocolate duplo servido com café. Eu sei que Karissa iria amar, mas ela nem percebe que está lá. Os outros estão rindo, mas ela está a beira das lágrimas. Posso ver

suas mãos tremendo em seu colo enquanto luta para controlar a emoção, mas está se tornando demais.

Agarrando o guardanapo do meu colo, eu o jogo na mesa e me levanto. Inclinando-me para Ray, eu sussurro, "Estamos indo agora."

Ele olha para mim. "Tão cedo?"

Não tenho que responder. Ele não me dá a chance, de qualquer maneira. Ele se levanta no mesmo tempo em que Karissa e estende a mão para ela. Sua mão aperta a dela antes que ela possa puxar a dela.

"Estou fiquei que pôde se juntar a nós," ele diz, pressionando outro beijo nas costas de sua mão. "Sempre um prazer, Srta. Rita. Sempre um prazer."

Ela se afasta sem responder e foge da sala. Ray vira-se para mim, batendo a mão em meus ombros e o apertando antes de sentar de volta.

"Obrigado pelo jantar," digo, embora ele saiba que não comi um pedaço dele.

"Você é bem-vindo a qualquer hora, Vitale," ele diz. "Entre em contato sobre aquela coisa que conversamos. Depois que estiver feito, você e eu iremos conversar sobre a garota."

Karissa está de pé no carro quando saio, descansando no para-choque traseiro, inclinada contra o porta-malas. Meus passos vacilam, meus músculos tencionando. Eu destranco as portas, e ela se afasta do carro, andando até o banco do passageiro.

Ela não diz nada para mim no caminho de casa.

Não diz nada para mim quando chegamos lá.

Estaciono o carro na garagem e o desligo, sentando lá por um momento em silêncio. Karissa sai, sem dizer uma palavra, usando suas chaves para entrar sem mim. Eu dou alguns minutos antes de seguir, encontrando-a lá em cima, já na cama, o cobertor puxado sobre sua cabeça.

Eu não a perturbo, olhando-a por um momento antes de sair. Eu desço para a sala de descanso e sento lá por um tempo no escuro, em minha mente um turbilhão de pensamentos, antes de eu agarrar minhas chaves de novo e seguir para fora.

Eu tenho coisas para cuidar.

Não tenho certeza do que dizer para ela.

Eu dirijo através dos bairros, fora da cidade, para uma pequena cidade rural ao norte, seguindo estradas familiares que já dirigi dezenas de vezes antes. Eu paro em frente a uma cabana situada na à beira de uma extensão da floresta. É noite, e as janelas estão obscurecidas com a escuridão, mas o Chevy Suburban familiar na frente me diz que a pessoa que preciso ver está em casa.

Eu bato na porta, impaciente, e escuto o barulho do lado de dentro. Um momento depois, cadeados batem, a porta da frente se abre. O homem está usando um par de pijamas de seda pretensioso, descalço, seu cabelo grisalho bagunçado, como se eu tivesse acabado de acordar Einstein. Ele esfrega os olhos enquanto olha para fora, sua expressão ficando séria quando me vê de pé lá.

Dr. Carter.

"Vitale," ele diz, sua voz rouca. "Uh, eu não estava esperando você."

"Eu tenho outro," digo, pulando a saudação. "Eu preciso usar as instalações."

Ele e eu chegamos a um tipo de entendimento anos atrás. Eu o pago generosamente e ele entrega as chaves do pequeno crematório nos fundos. É destinado aos animais, aos donos de animais de estimação sentimentais, mas serve para o que eu preciso. As mãos do médico ficam limpas, relativamente falando... Tudo o que ele tem que fazer é olhar para o outro lado.

Ele hesita antes de virar e se afastar. Eu entro pela porta aberta, olhando ao redor, enquanto ele pega as chaves. Eu agradeço com um aceno e saio, indo até meu carro para levar até atrás.

Três horas.

É tudo o que leva para o incinerador aquecer e para Paul desaparecer da face da terra. Quando termino, ele é pouco mais do que poeira que eu solto pela janela no caminho de volta para a cidade, fazendo o desprezível desaparecer no vento.

É perto das cinco da manhã quando chego em casa, estacionando o carro na garagem, fechando a porta atrás de mim. Eu acendo a luz e abro o porta-malas, fazendo uma varredura completa nele, pulverizando cada polegada e aspirando tudo, removendo cada ponto de DNA deixado para trás.

Olho para cima quando termino, congelando quando meu olhar vai para a porta lateral que dá para a casa. Karissa está de pé no batente da porta usando apenas uma camiseta longa. Meus olhos traçam suas pernas nuas antes de encontrar seu olhar curioso. Seus olhos estão avermelhados, seu rosto preenchido com exaustão. Não parece que ela tenha dormido.

"O que você está fazendo?" Ela pergunta, cruzando seus braços sobre o peito.

"Não conseguia dormir," digo. "Decidi limpar o carro."

"Já não estava limpo?"

"Não o suficiente."

Ela me olha por um momento antes de se aproximar, espiando ao redor do lado do carro, no porta-malas aberto. Não há nada aqui. Nada demais.

Depois que ela olha, eu fecho o porta-malas e ofereço um sorriso enquanto me inclino contra o carro. Meus olhos a traçam de novo, incapaz de evitar. A camiseta está larga, o pescoço esticado. Eu posso ver sua clavícula já que segue até seu ombro. Aproximando-me, passo as pontas dos dedos ao longo de sua pele no decote antes de esfregar minha mão ao longo de sua garganta e segurar seu queixo. Eu olho em seus olhos, absorvendo com o alarme que encontro.

"Onde você foi essa noite?"

"Fora."

"O que você fez?"

"Não se preocupe com isso," digo calmamente, correndo meu polegar em seus lábios antes de me inclinar e beijá-la. "Você não tem motivos para ter medo. Não vou machucar você... Ninguém vai."

Ela me olha por um momento antes de alcançar minha mão com a dela, cobrindo-a. "Como pode ter tanta certeza?"

"Porque não vou deixá-los," digo. "Simples assim."

Capitulo 18

O primeiro dia de aulas na NYU.

Estou sentado em meu carro do lado de fora do prédio em Greenwich Village, encarando a entrada do outro lado da rua, assistindo enquanto Karissa entra apertando um caderno novo em folha contra seu peito. Ela foi firme quanto a pegar o metrô, mas eu a assegurei de que tinha negócios na vizinhança para que ela me deixasse levá-la hoje.

Ela concordou, a contra gosto, mas insistiu em pegar o metrô na volta. Foi um acordo experimental, o qual eu não pretendo seguir.

Estarei aqui quando ela sair da aula esta tarde.

Eu havia memorizado sua agenda antes mesmo dela. Sua primeira aula é a que ela estava mais hesitante em pegar: Ética e Sociedade, exatamente na mesma sala de aula de Daniel. Embora agora eles a tivessem reformado durante as férias.

Aparentemente eu deixei uma boa bagunça e os pisos precisaram ser trocados.

Depois vem Inglês e Matemática, antes que o dia dela acabe exatamente as duas em ponto.

Eu olho para o relógio. São 9 da manhã. Eu tenho exatamente 5 horas para trabalhar.

Eu espero até que ela esteja fora de vista para sair, passo por alguns quarteirões do bairro onde estou até o Cobalt, paro o carro no estacionamento antes de entrar. Kelvin está na porta de novo e me olha curiosamente enquanto entro. Ele não olha para baixo dessa vez, não desvia o olhar, até eu lhe dar um olhar curioso.

"Vitale," ele resmunga.

Eu entro, em direção ao bar, mas só dou alguns passos quando a voz de Ray corta o ar. "Ei! Olha quem está aí!"

Eu me viro para ele, e paro ao ver que Brandy está sentada no seu colo. Ela está começando a virar uma figura frequente nesse lugar, como as lâmpadas feias e inúteis que eles colocam nas mesas. Não tem nem um bulbo[24] nelas.

"Ray." Eu aceno com a cabeça. "Bom ver você."

"Você também," diz Ray, mudando de posição e praticamente jogando a garota no chão ao se levantar. Ele alcança minha mão, agarrando-a e me puxando em sua direção para me dar algum tipo de meio-abraço. "Você madrugou hoje. São o que, quatro da manhã? Cinco?"

"Nove," Eu respondo, acenando para a garçonete me trazer uma bebida quando ela passa por mim. É cedo, sim, mas nunca cedo demais para tomar uma cerveja gelada.

"Nove?" Ele soa incrédulo ao dar uma olhada para seu relógio, vesgo. Está bêbado. *Muito* bêbado. Dá para sentir o cheiro quando ele se mexe. Eles devem ter passado a noite aqui. "Merda, minha mulher vai me matar. Nós tínhamos um compromisso hoje de manha para, eh... Para, você sabe..." Ele chacoalha a mão

[24] Tipo de lâmpada de LED.

como se eu devesse saber do que ele esta falando. "Merda, eu não faço ideia. Acho que não deve ser tão importante assim."

"Acho que não," Eu digo. "Tenho certeza que Martina ligaria se fosse importante."

"É, ou então tentaria aparecer aqui," Ray diz rindo. "Ainda bem que ela sabe que aqui não podem entrar mulheres."

Meu olhar se desloca para Brandy quando ela sorri, claramente escutando a conversa, e sendo, obviamente, a exceção à regra.

Todos nós temos as nossas, eu penso.

Exceções.

Eu costumava ser uma das exceções dele.

"Então, o que você esta fazendo aqui?" Ray pergunta quando a garçonete traz minha cerveja. Eu tiro a tampa com o abridor de garrafas na minha chave e tomo um longo gole, deixando que acalme meus nervos. Ele retoma seu assento, Brandy se enrola em seu colo de novo, enquanto ele puxa a cadeira a seu lado para eu sentar.

Eu não vim aqui para socializar, ou mesmo para ver Ray, mas desagradá-lo não seria muito esperto da minha parte, então eu me sento.

"Só cuidando de alguns negócios," eu respondo, tomando mais um gole.

"O mesmo negócio que você estava cuidando na outra noite antes do jantar?" Ele pergunta, levantando uma sobrancelha curiosamente. "Não é muito do seu feitio se atrasar para as coisas. Fico me perguntando o que era tão importante."

"Tive que cuidar de um cara," eu digo. "Nada demais."

"Que cara? O que ele fez?"

"Colocou Karissa em perigo."

Ele sorri, dando uma risadinha. "Colocou Karissa em perigo."

"Sim."

"Engraçado, como você vai de querer matá-la com suas próprias mãos para querer matar qualquer um que a machuque," Ray diz. "Quem era o cara de qualquer jeito? Eu conheço?"

"Não," Eu digo. "Era só o namorado de uma das amigas dela."

"Então você deu um jeito no namorado de uma das amigas dela porque ele a colocou em perigo?"

"Sim."

"Que cavalheiro," ele resmunga. "Algo que minha filha adorava em você, se me permite dizer. Maria não parava de falar sobre suas maneiras, como você abria as portas e puxava as cadeiras e oferecia seu casaco quando sentia frio. Ela costumava dizer que tinha achado um herói em você."

Eu balanço a cabeça enquanto engulo o resto da cerveja, pondo a garrafa vazia em cima da mesa. Não há álcool que faça desaparecer o amargor dessa conversa. "Não sou herói de ninguém."

"Você está tentando ser o herói de Karissa."

"Não, só não quero ser o vilão dela."

"Ah, herói, vilão... Qual é a diferença de qualquer jeito? Nos dias de hoje, matar crianças em nome do amor é mais honorável do que acabar com a dor de alguém. O mundo está de cabeça para baixo."

"Talvez você só esteja olhando para ele do jeito errado."

"Talvez," Ray concorda, "ou talvez você é que não está realmente olhando para ele. Talvez você esteja cego."

"Talvez você esteja cego."

Ray encolhe os ombros. "Um de nós com certeza está."

Atingimos um impasse, e um que provavelmente não conseguiremos ultrapassar. Meu olhar passa de Ray para sua namorada quando ela me olha curiosamente. Ela não disse uma palavra, mas ainda esta escutando tudo.

"Talvez devêssemos conversar a sós." Eu sugiro.

"Não precisa," Ray diz petulante enquanto se move pelo bar. "Somos todos amigos aqui."

Eu não tenho amigos. Eu tenho família. E, no momento, não confio em metade deles. Mas Ray acredita no que quer acreditar, e não adianta nada puxar o saco dele porque isso não vai mudar nada.

Suspirando, eu me levanto e me dirijo ao escritório ao lado de Ray. Eu já adiei muito e não posso mais fazer isso. Ray está ficando impaciente, especialmente depois daquele show na casa dele, e eu preciso dar um fim a isso para que possamos esquecer e tentar salvar o que quer que seja que tenha sobrado.

Preciso achar Carmela.

O gerente esta no escritório, sentado na sua escrivaninha. Ele leva um segundo para me reconhecer e se levantar. "Senhor Vitale. O que posso fazer pelo senhor?"

"Eu preciso dar uma olhada nas fitas de segurança lá de fora de umas semanas atrás." Eu digo. "Mais ou menos perto do começo de junho. Houve um incidente na parte de trás."

"Ah, sim, aquilo."

"Sabe a que me refiro?"

Ele se senta e mexe na sua mesa. "O mesmo incidente que Senhor Ângelo perguntou? Seu tiroteio?"

Fico tenso. "Ray perguntou sobre isso?"

"É claro," ele diz. "Na mesma noite. Ele assistiu as gravações."

Sinto meu estômago afundar. Ray viu. Ele sabe quem deu o tiro aquela noite. Ele sabe. Eu menti para ele, ele sabe desde o começo, mas não me perguntou nada sobre o assunto.

Por quê?

"Eu preciso que você me faça cópias da gravação," eu digo. "De todos os ângulos, durante a semana anterior até o dia seguinte desse incidente."

Ele levanta as sobrancelhas e olha para mim. "São centenas de horas. Se você está procurando por algo especifico, eu posso—"

"Não se preocupe com o que eu estou procurando," eu digo, interrompendo-o. "Só me dê o que eu preciso, e seja rápido."

"Sim, senhor. Até a tarde estará pronto para o senhor."

Quando saio do escritório, o bar está vazio. Ray e sua namorada foram embora e a porta está encostada, como se Kelvin tivesse ido com eles. Eu afundo de novo na cadeira de couro do bar, fazendo um sinal para a garçonete me trazer outra cerveja.

Talvez eu possa aproveitar essa...

Algumas horas depois, as gravações estão prontas. Eu pego os discos com o gerente, agradecendo com um aceno de cabeça, e saio do Cobalt. Eu tenho tempo suficiente para passar no café ali perto e pedir um chá de chocolate com menta antes que a aula da Karissa acabe. O café está um caos. Parece que um dos funcionários não apareceu, deixando os outros na mão.

Vai entender.

Estou em meu carro, estacionado em frente à classe de matemática quando dá duas horas. Eu me sento, assistindo enquanto os estudantes vão embora, procurando por ela, procurando na multidão por um vislumbre do suéter rosa que ela está usando hoje, mas não vejo nada. A multidão fica um pouco menor, os minutos passando.

Ela não está aqui.

Fico apreensivo ao pegar meu celular no bolso para ligar para ela. Cai direto na caixa postal. Eu procuro por ela mais uma vez, e checo duas vezes para ver se estou no lugar certo, e ligo o carro. Eu acelero e tento ligar mais uma vez, sem sorte, ao dirigir para casa.

Ela não responde.

Não esta nem chamando.

Eu estaciono na minha vaga ao chegar em casa e vou direto para frente. A maçaneta gira assim que a toco.

Destrancada. Eu abro a porta, a respiração estremecida logo me atingindo, o som de um choro a distância. Meus pés cravam no chão, um arrepio corre por mim. "Karissa?"

O choro continua, ouço um soluço e a voz calma de Karissa dizendo. "Estou aqui."

A sala de descanso.

Eu ando até lá, e paro na porta. Karissa está sentada no sofá, seu braço ao redor de Melody enquanto a garota chora em seu ombro. Minha apreensão diminui um pouco, mas não vai embora completamente.

"O que houve?" Pergunto, olhando para as duas, inquieto. Eu odeio choro, não importa de quem seja.

"É o Paul," diz Karissa cuidadosamente, olhando para a amiga com simpatia quando o nome a faz chorar mais.

"Ah." *Paul.* "Aconteceu alguma coisa com ele?"

"Sim," ela diz, hesitante. "Bom, nós não sabemos. Ele meio que... Desapareceu."

Desapareceu. Poof. Do nada. Levado pelo vento.

"Desapareceu," eu repito.

"É," ela diz. "Ninguém o viu ou tem notícias dele há dias. A polícia diz que não há sinal de que tenha sido uma brincadeira de mau gosto, mas o carro dele foi deixado no trabalho e seu telefone estava esmagado no beco, então eu não sei como eles podem afirmar isso. Claramente ele não fugiu."

"Ele não fugiria," Melody diz enquanto tenta controlar seu choro. "Ele não fugiria simplesmente. Ele tinha trabalho... E a escola... E ele me tinha. Aconteceu alguma coisa com ele, alguém

fez alguma coisa com ele. Meu Deus! Porque alguém iria querer machucá-lo?"

Por quê? A pergunta que vale um milhão.

Eu poderia até responder, mas não seria o que ela queria ouvir.

Melody começa a chorar de novo. Eu entendo isso como uma deixa para pedir licença. Eu pego os discos do bolso do meu casaco e vou até minha mesa, sentando-me do outro lado da sala, dando espaço a elas.

Eu coloco o primeiro disco no computador e espero carregar. Seis câmeras estão posicionadas ao redor do Cobalt, duas na frente e duas atrás, com mais duas no beco ao lado, dando uma vista completa do prédio e das ruas ao redor dele. A tela está dividida em duas, todos os ângulos aparecendo ao mesmo tempo. Não tenho total certeza do que estou procurando, ou até se vai ajudar em alguma coisa, mas eu conheço Carmela. Ela não teria simplesmente me atacado aquela noite num impulso. Ela teria estudado o prédio antes, feito um plano e o estudado uma e outra vez.

Desespero não atrapalha alguém acostumado a sobreviver sempre, como ela claramente estava.

Eu assisto aos vídeos por um tempo, acelerando horas do mais absoluto nada, assistindo as idas e vindas do Cobalt, e esperando para que algo atiçasse meu interesse. Eu termino dois dias de gravações enquanto Karissa e Melody conversam do outro lado da sala. O choro me irrita e eu bato meus dedos contra o braço da cadeira, deixando-me cada vez mais irritado.

Eu quero silêncio e paz.

Quero acabar logo com isso.

Eu preciso por um fim nisso.

Andar com a minha vida.

Já estou no dia três de gravação quando Melody finalmente consegue se controlar e fica de pé. "Eu deveria ir. Está ficando tarde."

Está mesmo.

Já é quase à noite.

Ela está aqui há horas.

"Tem certeza?" Karissa pergunta. "Você não precisa ir. Pode ficar o quanto quiser. Nós temos quartos de hóspedes."

Meus olhos se movem para cima e encontram os de Karissa na hora. Ela me manda um olhar que diz '*não enche*' que me silencia antes até que eu tenha algo a dizer. Ela vai brigar comigo. Vai ficar feio se eu interferir.

"Tenho certeza sim," Melody diz, abraçando Karissa. "Obrigada por estar lá por mim hoje. Desculpe ter feito você perder suas aulas por causa disso."

"Não tem problema," Karissa logo diz. "Qualquer coisa que você precisar, é só falar. Estou aqui para isso."

"Vou me lembrar disso." Melody dá a ela um sorriso choroso antes de se virar para mim. "Obrigada por me deixar chorar no seu sofá, Ignazio."

"Agradeça a Karissa por isso." Eu digo. "Ela fez o convite, não eu."

Karissa rosna. "O que ele quis dizer foi *'não há de que'* e *'venha sempre que quiser'*."

Karissa a leva até a porta e meu olhar cai de novo no computador. Depois que Melody vai embora, Karissa volta para a sala e para na porta. Eu consigo sentir seu olhar me queimando.

"Você perdeu suas aulas," eu digo sem olhar para cima, "no primeiro dia."

"Ela precisava de mim."

"Para que? Não é como se você pudesse fazer alguma coisa."

Ela não diz nada.

Ainda posso sentir seu olhar em mim.

Olho para cima e encontro seus olhos. Ela está me encarando.

"Você poderia?" Ela pergunta. "*Você* poderia fazer alguma coisa?"

"Tipo o que?"

"Eu não sei... Seja lá o que você faz. Lidar com pessoas e encontrar coisas são suas especialidades não é? Foi o que você me disse. Então você pode encontrar pessoas também, certo? Quer dizer, você me achou."

"Na verdade, foi você que me achou." Eu digo, pausando o vídeo para olhar para ela. "Você caiu no meu caminho."

"Mas você me acharia, eventualmente" ela diz. "Você estava procurando minha mãe... Talvez você ainda esteja procurando por ela. Eu não sei."

Ela pausa, encarando-me. Ela formulou a frase como se estivesse afirmando, mas eu vejo a pergunta em seus olhos. Eu não vou responder, e não acho que ela espere uma resposta, por que ela se move rápido.

"Só estou falando, você faz coisas... Aquele tipo de coisas... Então eu pensei que talvez você pudesse encontrá-lo. Por Melody. Por mim."

"Por você."

"Sim," ela diz. "Como um favor."

Eu me recosto na cadeira, olhando para ela. Ela está abrindo uma porta que eu não tenho certeza se ela está preparada para cruzar. "Diga-me uma coisa, Karissa."

Ela hesita com meu tom sério. "O que?"

"Quando você envenenou minha comida, onde você conseguiu o veneno?"

As bochechas dela ficam vermelhas, um toque de apreensão em seus olhos. "Eu não envenenei você. Eu não queria machucar você."

"Você está evitando a pergunta."

"Não importa."

"Importa para mim."

Balançando a cabeça, ela encara o chão perto da minha mesa. "O que isso tem a ver? Desculpa, ok? É isso que você quer ouvir? Desculpa ter colocado drogas na sua comida. Desculpa ter fugido no meio da noite. Desculpa ter levado você aos meus pais. Desculpa ter causado a morte do meu pai."

"Eu achei que você não tivesse pai."

"Não tenho." A voz dela tinha um toque de desespero. "Só estou falando..."

"Você esta dizendo que sente muito." Eu concordo quando ela não termina. "Mas o que você não esta dizendo... O que você esta evitando dizer... Foi que Paul deu a droga para você."

Ela não argumenta contra isso.

Ela só olha para mim.

"Coisas ruim acontecem com pessoas más, Karissa."

"Paul não era mau."

"Ele colocou você em perigo, não colocou?"

"É, mas, você ia me *matar*!"

"Eu ia," Eu admito, "Mas eu nunca fingi que era bonzinho."

"O que você esta tentando dizer, Naz? Hm?"

"Exatamente o que estou dizendo: se você quer que eu procure por ele, eu vou, mas eu não vou achá-lo. Ninguém vai."

"Como você sabe?"

"Porque se ele pudesse ser achado, já teria sido faz tempo."

Karissa se recosta na porta, ponderando minhas palavras. Fechando o computador, eu me levanto e aliso meu casaco.

"Olha," Eu digo, "por que nós não saímos para jantar, comemorar seu primeiro dia de aula."

"Eu faltei, não lembra? Não tem muito o que comemorar."

"Claro que não. Independente se você estava lá ou não, o dia aconteceu. E tem uma lição a ser aprendida ai, sabe. A vida continua sem você."

"Pode apostar, Platão."

Eu sorrio com seu sarcasmo enquanto ando pela sala, parando na frente dela. "Eu prefiro os conselhos de Platão." Eu ponho a mão na sua bochecha, acariciando sua pela morna com meus dedos. *"Vamos comemorar com vinho e palavras doces."*

"Eu não sei, Platão."

"Huh." Curvando-me para frente, eu beijo o canto da boca dela. "Ele também disse que o sujeito que persiste nos golpes duros como um homem, aproveita um tempo suave mais tarde."

Ela sorri para mim suavemente quando a beijo de novo. "O que isso significa?"

"O que você quiser que signifique."

"O que *você* quer que signifique?"

Eu a beijo pela terceira vez, mordendo seu lábio inferior. "Talvez eu te mostre quando chegarmos em casa."

Eu esqueci completamente sobre o maldito chocolate com menta.

O copo cheio ainda está no carro, no porta-copo entre os assentos, exatamente onde coloquei quando segui para ir buscá-la

da aula. Um cheiro peculiar se apega ao interior do carro por ficar ali há horas.

Faz o meu nariz torcer.

Karissa olha o copo durante a viagem até a cidade. Espero ela perguntar sobre isso, mas ela não diz uma palavra. Posso sentir a tensão crescendo, no entanto, as teorias formando no fundo de sua mente.

"Eu comprei para você," explico antes que ela mencione a coisa. "Eu tentei buscá-la na aula essa tarde."

Sua voz vacila quando responde. "Eu disse que não precisava de uma carona para casa."

"Isso nunca me impediu antes," digo. "Você não estava na faculdade, contudo, então tentei ligar no seu celular."

"Oh, sim." Ela finalmente olha para longe da bebida para me olhar. "Meu telefone não está funcionando."

"O que você fez a ele?"

Ela estreita os olhos. "O que faz você pensar que eu fiz alguma coisa?"

Eu sorrio com seu tom defensivo. "Porque eu conheço você. Você é um inferno com aquele telefone."

Ela revira os olhos. "Então, ok, eu o derrubei, e a tela ficou preta e agora não quer ligar, mas isso não quer dizer que eu o quebrei. Pode não está relacionado, você sabe. Talvez tenha acabado a bateria."

"Improvável."

"Que seja."

"Independentemente disso, vamos conseguir um novo. Com um número novo. Vou colocá-lo no meu plano."

"Que... Doméstico."

"Bem, você vai ser minha esposa, não é?"

Ela hesita.

Hesita.

"Você vai ser minha esposa," digo, sem dizer como uma pergunta dessa vez para minha própria sanidade. "O que é meu é seu. O que, para o registro, é uma frase de Platão: *para o que é seu é meu, e o que é meu é tudo seu.*"

Ela fica quieta por uns minutos antes de limpar a garganta. "Eu vou."

"Vai o que?"

"Ser a sua esposa," ela diz. "Algum dia."

"Algum dia em breve," altero.

"Não tão breve."

"Breve o suficiente."

"Que seja."

"*Que seja,*" eu imito. Ela está começando a amar essas malditas palavras. "Falando nisso, já escolheu uma data? Já pensou sobre alguma coisa disso?"

"Não."

Dessa vez ela não hesita.

Mulher irritante.

"Não," eu ecoo.

"Não é que eu não quero," ela diz. "Eu acho que quero."

"Você acha que quer."

Ela geme alto. "Você pode não fazer isso agora?"

"Não posso fazer o que?"

"Isso! Repetir tudo o que eu falo nesse tom que você usa?"

"Repetir tudo," digo, "no tom que eu uso?"

"Naz!"

Eu respiro fundo, tentando combater a onda de frustração quando ela grita esse nome. Eu nem ao menos percebo quando eu faço o que ela está reclamando. Isso me ajudar a manter as coisas diretas ao repeti-la, levá-la palavra por palavra e não interpretar mal o que ela diz.

"Você acha que quer," digo, pegando a trilha do seu pensamento. "Continue. Estou ouvindo."

"Eu acho que quero. Eu ainda me sinto como me senti quando você me propôs, mesmo que você nunca tenha realmente me perguntado."

"Eu nunca perguntei?"

Ela corta seus olhos para mim, encarando, mas não reclama que eu repeti suas palavras. "Você não perguntou. Você disse ‘case-se comigo’. Não foi uma pergunta."

"Huh."

Ela olha para mim como se quisesse dizer mais, mas não tenho certeza em como responder a isso.

"De qualquer maneira," ela diz após um momento, demarcando a palavra. "O ponto é, sim, eu acho que quero, mas o casamento inteiro é assustador. Eu só, eu não sei... Qual o ponto? Não é como se eu tivesse alguém para me entregar. Inferno, eu nem tenho alguém para convidar. Melody eu acho... Eu convidaria minha mãe, mas eu prefiro que isso não vire assassinato, no estilo Game of Thrones. Ela não viria, de qualquer maneira. E agora Melody tem suas próprias coisas para lidar. Eu acho que poderíamos convidar seus ex-sogros. Tenho certeza que eles vão ficar tão animados em comparecer quanto o resto da sua família, claramente todos me odeiam. Talvez seu pai possa atender o evento."

Suas palavras tem uma ponta amarga nelas.

Não posso evitar, mas rio.

"Meu pai não odeia você."

"Ele claramente não *gostou* de mim."

"Ele apenas se sentiu mal por você ter que lidar comigo."

"Não preciso de pena."

Eu sorrio com isso. "Bem vinda ao meu mundo."

"Killer."

A palavra solitária ecoa através da sala de descanso. Eu olho do meu trabalho, os olhos voando para onde Karissa está sentada no sofá com seu caderno. Uma estranha sensação de déjà

vu me atinge. Ela voltou a tomar notas enquanto assiste programas de culinária.

Ela está franzindo a testa, olhando para mim.

"Killer," eu repito.

Killer.

"Sim," ela diz. "Killer."

Não tenho ideia sobre o que ela está falando. Ela está me chamando de assassino? Ela sabe alguma coisa que não deveria saber?

Após um momento, sua expressão se suaviza, um pequeno sorriso tocando seus lábios. 'Você não tem ideia do que eu acabei de falar, tem?"

"Killer."

"Sim," ela diz. "Eu disse que sinto falta de Killer."

Leva-me apenas um tempo para compreender essas palavras, para perceber que ela está falando sobre o maldito cachorro. Eu me lembro dela mencionando-o quando visitamos a casa em Watertown e então encontrando o vira-lata na casa do seu pai meses atrás.

"Ah," digo. "Seu cachorro."

"Sim, sinto falta dele." Sua testa franze contemplativamente. "Não é estranho? Tudo seguindo em frente, tudo o que aconteceu, e eu acho que o cachorro me preocupa mais."

"Isso é um pouco estranho, sim."

Ela ri para si mesma, virando para seu caderno de novo, e rabiscando distraidamente ao longo da borda do papel. Posso dizer que ela está distraída e sem prestar atenção em nada. "Eu só... Eu não sei. Algumas vezes eu penso que ele é o único inocente nisso tudo."

"O cachorro," digo, querendo esclarecer que ainda estamos na mesma página.

Outra risada. "Sim."

"Você não acha que *você* é inocente?"

"Eu?" Ela pergunta incrédula. "Não mais. Você ferrou a inocência dentro de mim. *Literalmente*."

"Estou falando sério, Karissa."

"Eu também. Talvez eu costumasse ser inocente, não sei, mas não sou mais."

"Você realmente acredita nisso?"

"Sim."

"Por quê?"

"Porque eu estou com você."

Ela quis dizer isso. Posso dizer pelo tom em sua voz. Ela acha que é uma das partes culpadas, que ela tem uma mão no que está acontecendo.

"Quão inocente eu posso realmente ser por dormir com o homem que quer matar minha família?" Ela pergunta. "Quando você me contou isso pela primeira vez... Sobre Maria, o bebê e o que aconteceu com eles... Quando você me contou que queria justiça, eu sabia o que você queria dizer. Eu sabia que você estava atrás de sangue. E naquela noite que você me contou, eu o amei

mais por isso. Eu respeitei você. A sede de sangue não me incomodou. Não foi até que eu percebi que você estava apontando para mim... para minha família... que eu estava incomodada com isso."

"Eu não vou machucá-la," digo pelo que parece ser a milionésima vez.

"Eu sei," ela diz calmamente. "Eu acredito nisso agora. Talvez eu sempre acreditei nisso. Mas você *realmente* machuca os outros. Não sou idiota. Eu sei do que você é capaz. Eu já vi. E ainda assim, aqui estou eu, preocupando-me sobre um cachorro e o que aconteceu com *ele.* Minha mãe, ela é resistente. Eu me preocupo com ela, também, mas eu só... Eu não sei. Como eu poderia começar a defendê-la? Não tenho nem certeza do que ela é capaz. Mas o cachorro... Ele não tem feito nada de errado, e eu me preocupo com o que vai acontecer com ele nisso tudo."

Se eu fosse um psiquiatra, eu diria algo sobre projeção, sobre como ela está canalizando seus medos para si mesma em direção a outra coisa viva porque está com muito medo de encará-los, mas eu sei que ela não quer escutar isso.

Eu sei, porque o hospital me fez falar com um deles anos atrás. Eu quase rasguei sua espinha fodida quando ele tentou me diagnosticar.

Transtorno de personalidade, minha bunda.

Não, Karissa quer falar sobre o maldito cachorro, então vou falar sobre ele.

"Não se preocupe," digo. "Killer vai ficar bem."

"Você quer dizer isso?"

"Claro."

Ela sorri, como se minhas palavras a tivessem aliviado, mesmo que não faça sentido. Como diabos eu poderia saber algo? Ela volta a escrever em seu caderno, seus olhos pulando entre ele e a televisão enquanto toma notas.

Meu olhar volta para o meu computador, cada músculo em meu corpo aproveitando o momento que olho para a tela. Lá está, no canto superior direito, a visão da câmera no beco ao lado do Cobalt.

Um velho Jeep Waggoner.

Eu quase perdi, distraído com Karissa. Mas conheço esse carro. Eu o reconheço. Carmela dirigia um o tempo todo quando estava fugindo, as placas falsas, completamente indetectáveis. Aperto o pause, isolando a imagem e ampliando-a. *Bingo*. Aperto o play de novo, correndo a barra na metade da velocidade. Uma pessoa no carro, mas algo mais se move no banco de trás.

Killer.

"Você sabe, ele costumava dormir comigo à noite," diz Karissa do outro lado da sala, ainda em curso sobre o assunto. "Ele era meio que meu melhor amigo. Ele sempre sabia quando eu estava chateada ou solitária e dava um jeito de me fazer companhia. E sim, eu sei que é ridículo, mas ele é meio que o único que nunca mentiu para mim."

"Eu nunca menti para você."

"Isso é uma maldita mentira se alguma vez eu já ouvi uma," ela resmunga. "Você é o rei maldito de decepção."

"Há uma diferença entre mentir e enganar."

"Talvez para você haja, mas não para mim."

Eu anoto o número da placa, não tendo certeza de quanta ajuda isso será, antes de deixar o vídeo correr em velocidade regular. Volto para todos os ângulos de câmera, observando como o carro circula o clube antes de se afastar. Ela atinge o final do beco e vira a direita, em direção ao sul através da cidade.

Recostando na cadeira, meu olhar se desloca mais uma vez para onde Karissa está sentada, batendo sua caneta contra o caderno. Ela não está assistindo a televisão mais. Ela está olhando para o nada, olhando para o espaço.

Mais uma vez, eu estou espantado com a forma como ela é linda. Fisicamente, ela é uma combinação de seus pais, mas não os vejo mais quando olho para ela. Eu não vejo as sardas de Johnny ou o rosto de Carmela. Eu vejo o que está dentro. Eu vejo a inocência, mesmo que ela não sinta como se isso ainda estivesse lá... Eu vejo isso, queimando tão forte que até mesmo dormir com um homem como eu nunca poderia apagá-lo.

Suspirando, fecho o laptop e pego meu telefone de onde ele está na mesa. "Eu tenho que fazer algumas chamadas."

Ela olha para mim quando eu falo. "Você quer que eu saia?"

"Não," eu digo, levantando-me. "Você continua fazendo o que quer que você esteja fazendo. Eu vou estar de volta em poucos minutos."

Eu uso a porta lateral e vou para a garagem vazia, certificando-me de fechar a porta atrás de mim. Caminho pelo cimento, vendo uma pequena mancha de óleo no meio da garagem, pensando no que poderia removê-la enquanto eu ligo para algumas conexões. Informo que estou procurando um Jeep

Waggoner, dando-lhes o número da placa, no caso de ajudar com a verificação.

"Cinquenta mil," Eu lhes digo, quase encolhendo com a minha própria oferta. É uma boa quantia para pagar como uma recompensa, mas eu estou esperando que isso vá seduzi-los para examinar todos os carros que passarem. "Ninguém a confronta. Ninguém a toca. Cinquenta mil por um endereço, e eu vou lidar com o resto eu mesmo."

Eu informei para cerca de uma dúzia de pessoa influentes, pessoas que eu confiei no passado para manter as coisas em silêncio enquanto fazem o trabalho. Eu desligo pela última vez trinta minutos mais tarde e deslizo meu telefone no meu bolso enquanto me dirijo para dentro, indo direto para a lavanderia para obter um pouco de detergente.

Em curso.

Eu esfrego a mancha na garagem por cerca de malditamente uma hora, em minhas mãos e joelhos. Eu não paro até que cada aspecto dela tenha desaparecido, minhas mãos arranhadas e sangrando do concreto raspá-las. Depois, eu volto para dentro, subindo para o chuveiro, para lavar os restos do dia.

Uma vez que estou limpo, eu faço o meu caminho de volta para baixo vestindo apenas uma calça de moletom cinza. Ouço barulho na cozinha, o barulho de panelas e frigideiras.

Karissa está cozinhando.

Eu passo na porta, fazendo uma pausa, e me apoio contra o batente da porta para vê-la. Ela parece mais confiante agora do que antes, movendo-se com fluidez, esses fones em seus

ouvidos. O balcão está coberto de coisas, uma panela de algo fervendo no fogão, uma frigideira de ferro fundido ao lado dela.

Ela se vira, seu olhar cintilando brevemente em minha direção enquanto ela se dirige para a geladeira. Ela pega um pedaço de manteiga e coloca-o no balcão, virando em minha direção mais uma vez, oferecendo um pequeno sorriso. É cauteloso, oscilando conforme ela puxa os fones de ouvido para fora e os envolve em torno de seu pescoço.

Sua boca se abre e fecha, antes de abrir novamente.

Eu sei o que ela vai perguntar antes mesmo que ela possa achar as palavras para dizer qualquer coisa.

"Você está, uh...?" Ela faz uma pausa, sua expressão esperançosa enquanto ela se movimenta em direção ao fogão. "Você não estaria com fome, não é?"

"Eu poderia estar," eu digo, hesitante.

"Bem, eu pensei que eu... que eu poderia... você sabe... fazer alguma coisa."

Meu olhar se desloca dela para a bagunça que ela já fez. "Eu vejo isso."

Ela não me pergunta.

Ela não diz mais nada, na verdade.

Ela se afasta, voltando para o que ela estava fazendo, mas deixa os fones de ouvido para que ela possa me ouvir, no caso de eu ter algo a dizer. Vejo-a por alguns minutos enquanto ela joga cubos de batatas em água fervente, vendo como ela derrama um pouco de óleo na frigideira. Depois que ela vai seja onde for

que ela precisa no fogão, ela pega um pouco de alface da geladeira e coloca-o em cima do balcão, em cima de uma tábua de cortar.

Ela pega uma pequena faca serrilhada e a enfia no centro da cabeça de alface. Ela puxa-a de volta, e eu me encolho, balançando minha cabeça enquanto me desencosto do batente da porta. Ela tenta outra tática, indo pelo lado, e quase se esfaqueia com a faca.

"O que você está fazendo com essa alface?" Eu pergunto, andando até ela, arrancando a faca de sua mão antes que ela corte um dedo. "Além de massacrá-lo, obviamente."

Ela olha para mim, tentando agarrar a faca de volta, mas eu a movo para fora de seu alcance e a lanço na pia.

"Eu estou fazendo uma salada," diz ela, pegando a grande tigela do balcão e acenando para mim como se para fazer seu ponto. "Ou eu estou tentando, de qualquer maneira."

"Tentando mesmo," eu respondo, estendendo-me e agarrando uma faca de chef de borda reta de 25 centímetros. Eu balanço-a em direção a ela, tocando uma página de seu livro. "Esta é a faca que você deve usar."

Eu viro a alface, cortando o fim, e removendo a camada exterior, jogando-a no lixo. Eu corto o que sobrou em linha reta até centro antes do cortá-los em quartos, rapidamente cortando-o em pedaços menores e jogando-os em sua tigela. Está terminado em menos de um minuto e eu viro para ela, levantando uma sobrancelha. "O que mais você tem?"

Ela ainda está ali parada, boquiaberta para mim. Leva-lhe um momento para responder. "Uh, hum... aqui."

Ela pega alguns tomates e coloca-os a minha frente.

Eu os corto rapidamente, livrando-me do excesso de suco e sementes, e atiro os tomates na bacia. Antes que eu possa dizer uma palavra, Karissa joga alguns pepinos em frente a mim. Eu fico olhando para eles antes de virar meus olhos para ela, vendo o sorriso brincando em seus lábios quando ela vira seu foco para panela no fogão. Ela continua empurrando vegetais em minha direção, mesmo após a salada estar feita. Cebola e pimentão verde, tomilho fresco e orégano, coisas que ela precisa para o que ela está cozinhando.

Quando tudo isso está feito, ela coloca um bloco de queijo em cima do balcão. Eu olho para ele peculiarmente antes de cortar em cubos perfeitos. "Para que é o queijo?"

"Não sei," diz ela, se estendendo por mim e pegando um cubo de queijo, estourando-o em sua boca. "Eu apenas gosto de ver você fazer isso."

Rindo, eu jogo a faca na pia, parando antes dela inventar outra coisa para eu cortar. "Meu pai me mostrou como usar uma faca quando eu era criança. Eu passei meus verões na parte de trás da delicatessen com ele."

"Isso é doce," diz ela.

"É só porque eu estava trabalhando de graça. Ele era muito pão duro para sequer contratar alguém."

"Ainda assim, eu tenho certeza que era bom poder passar um tempo com ele."

"Sim, era," eu admito, limpando uma seção do balcão, limpando a minha bagunça. "Foi a única vez que ele me reconheceu por algo bom. Normalmente era *'Ignazio, você me decepcionou*" ou "*Ignazio, seja um homem'*, mas esses dias ele

olhava para mim e dizia: *'Ignazio, meu filho , você fez bem hoje.*' Era bom ouvir isso."

"Então ele o ensinou a cozinhar?"

"Ele ensinou."

"Então por que você não cozinha?" Ela pergunta. "Se você está preocupado com todos envenenando sua comida, por que você apenas não cozinha para si mesmo?"

"Boa pergunta," eu digo. "Talvez eu tenha um desejo de morte."

Antes que ela possa responder, eu dou-lhe um sorriso e vou embora. "Eu vou estar na sala, se você precisar de alguma coisa, Karissa."

Ela não me para.

Eu sou grato por isso.

Poucos minutos passam – cinco, talvez dez – antes de ouvi-la amaldiçoando. Segundos mais tarde, eu fracamente sinto cheiro de fumaça. Suspirando, eu me inclino para trás em minha cadeira, com as mãos cruzadas atrás da minha cabeça, meus olhos fechados.

Eu não sei o que está acontecendo, mas eu tenho certeza que ela pode lidar com isso. Se não, ela sabe onde estou.

Eventualmente, sua maldição vai diminuindo gradualmente, e tudo fica em silencioso. Eu me perco na paz por um momento até que eu ouço a voz dela. "Naz?"

Abrindo os olhos, eu olho para ela na porta. A expressão hesitante está de volta. "Sim?"

"Se você estiver com fome, a comida está pronta."

Ela se agita como uma criança nervosa aguardando ser castigada. Concordo com a cabeça em reconhecimento. "Eu estarei lá em um minuto."

É uma pequena concessão da minha parte, mas para ela é tudo. Seu rosto se ilumina, olhos brilhando. Eu pego um vislumbre de seu sorriso radiante quando ela sai da sala, aliviando minhas preocupações.

Eu estou oferecendo-lhe a minha confiança novamente.

Quando eu entro na sala de jantar, ela já está sentada à mesa, na mesma cadeira que ela sempre se senta com ou sem mim. Eu tomo o assento em frente a ela, olhando para os nossos pratos com cautela. Bife com purê de batatas carregadas e uma tigela de salada.

"Nós podemos trocar os pratos, se você quiser," diz ela rapidamente. "Ou não, de qualquer maneira. Poderíamos até mesmo ficar lado a lado, você sabe... como, compartilhar."

"Está tudo bem," eu digo, empurrando para trás minha paranoia natural. "Então você fez bife."

"É o seu favorito," ela diz. "Eu me lembro de você me dizer isso."

"Verdade."

Eu pego o meu garfo e faca e imediatamente corto-o. O exterior está bem tostado enquanto o interior está rosa escuro, mal passado.

"Eu não tinha certeza de como você gosta, e bem, honestamente, eu não acho que eu poderia cozinhar de uma maneira específica. Eu tinha todas essas notas, mas quando chegou a hora, eu meio que só os joguei e rezava pelo melhor."

Eu corto um pequeno pedaço e coloco-o em minha boca.

Eu não acho que ela jamais poderia parecer mais feliz do que ela está no momento. Ela leva uma mordida do seu próprio, mastigando enquanto ela tenta conter o sorriso. Não há nada de ameaçador sobre a atração de seus lábios.

Nós comemos e conversamos, como um casal normal fazendo coisas normais. Eu comi refeições pessoalmente preparadas por chefs de renome mundial, mas nenhuma jamais significou tanto quanto a que está no meu prato. Ela derramou a sua alma e a ofereceu, e não está perfeito, mas foi feito para mim.

Eu não desperdiço nada.

Eu abro uma garrafa de vinho e nós bebemos entusiasticamente, o álcool afrouxando seus lábios enquanto ela relaxa, falando sobre tudo. No momento em que a garrafa está vazia, ela está muito bem iluminada. Eu posso ver isso em seus olhos enquanto eles cintilam sob as luzes da sala de jantar.

Ela se levanta para cuidar de nossos pratos, mas eu chego e pego seu pulso, parando-a antes que ela possa levá-los embora. Erguendo os pratos sujos de seus dedos, eu os coloco na mesa, ignorando seus protestos débeis conforme a puxo para o meu colo. Ela escarrancha em mim, sua saia subindo, envolvendo os braços em volta do meu pescoço. Minhas mãos esfregam seus joelhos antes de lentamente correr para cima em suas coxas, fixando-me bem sob o tecido da sua saia quando me inclino para frente, beijando-a suavemente.

Seus lábios tem sabor amargo, como o vinho que ela bebeu. Mas suas palavras são doces quando ela sussurra para mim.

"Eu amo você, Naz," ela diz a declaração apenas em uma respiração que avidamente inalo. "Deus me ajude, mas eu amo. Eu amo você."

É a primeira vez que ela me disse isso em meses. Minha mão esquerda encontra lugar em seu quadril, segurando-a lá, enquanto minha mão direita explora o local entre suas coxas, deslizando sob o tecido para acariciar seu clitóris. Ela geme em minha boca, beijando-me avidamente, seus dedos correndo pelo meu cabelo. Ela está quente, e lisa, meus dedos acariciando-a antes de deslizar para dentro. Seus quadris se movem quando ela mói no meu colo, buscando mais fricção. Eu, felizmente, dou a ela.

"É isso aí," eu digo a ela quando ela fode meus dedos, meu polegar acariciando seu clitóris cada vez que ela se move. "Pegue o que você quer de mim."

Ela choraminga, seus olhos fechados, seu ritmo crescendo. "Mais."

"Mais o quê?" Eu pergunto, meus lábios encontrando seu pescoço. "Diga-me o que você quer."

"Você," ela sussurra, com a voz tensa. "Eu quero você."

"Que parte de mim?"

"Você todo."

Eu sorrio contra sua pele, mordiscando sua garganta quando ela inclina a cabeça para trás. "Eu estou bem aqui, baby, e eu vou lhe dar o que quiser. Tudo que você tem a fazer é me dizer o que é."

Sua respiração engata quando meu polegar pressiona com mais força, esfregando seu clitóris mais rápido. Ela já está

chegando perto. A mulher tem botões que eu sou um especialista em empurrar, minhas mãos sintonizadas em cada centímetro de seu corpo. Apenas mais alguns golpes a manda direto sobre a borda. Seu corpo fica tenso, seu rosto se contorcendo de prazer quando ela gagueja o meu nome.

De pé, eu a levanto e a coloco direto sobre a mesa, empurrando suas costas nela. Ela não resiste, seus olhos abrem e encontram os meus quando aperto os lados da sua calcinha e a puxo para baixo de suas pernas. Atiro-a no chão e caio de joelhos, derrubando a cadeira. Minha boca encontra sua boceta, minha língua varrendo ao longo de sua entrada antes de mergulhar, saboreando cada pedaço dela.

Isso é o paraíso.

Ela mói seus quadris enquanto suas mãos derivam para seus seios, apertando-os como se ela estivesse segurando sua preciosa vida. Eu toco e acaricio, lambo e chupo, fodendo-a com a minha língua, levando-a de volta para gozar.

Uma vez que ela relaxa de seu segundo orgasmo, levanto-me e olho para ela, espalhada sobre a mesa. Inclinando-me para baixo, eu beijo sua boca, incapaz de parar o meu sorriso quando sua língua varre ao longo dos meus lábios.

"Obrigado pelo jantar," eu digo a ela, minha mão acariciando sua coxa exterior. "Mas eu particularmente adoro a sobremesa."

Ela me agarra quando eu tento me afastar, envolvendo os braços em volta de mim com força. "Eu quero você."

"Ouvi isso antes."

"Eu quero você dentro de mim," diz ela, um rubor em suas bochechas. "Eu quero tudo de você, sim, mas agora eu quero que você me foda."

Sorrindo, eu puxo suas mãos do meu pescoço quando eu salpico pequenos beijos em sua boca. "Tudo o que a senhora quiser."

Eu a fodo, ali mesmo, em cima da mesa. Eu a fodo de costas, de lado, de bruços. Eu a fodo tão duro que seus gemidos tornam-se gritos, então eu a fodo lenta e profunda, movendo-me dolorosamente. Ela desmorona ao redor de mim, debaixo de mim, sobre mim, os pequenos fios que a sustentam desvanecendo, deixando-a nua até o núcleo. Ela está desinibida, embriagada, e ela está vulnerável ao meu toque.

Eu a fodo como eu nunca a fodi antes.

E então eu a levo lá para cima e eu a fodo mais um pouco.

Depois, nós nos deitamos na cama, seu corpo envolto em torno do meu, nem uma peça de roupa nos cobrindo. Nossa pele brilha de suor e satisfação sob o brilho do luar entrando através da janela. Meus dedos distraidamente esfregando suas costas nuas, cegamente desenhando formas em torno de suas sardas, enquanto ela dorme profundamente, sua cabeça no meu peito. Ela nem sequer mexe quando meu telefone começa a apitar na mesa de cabeceira ao meu lado, alguém ligando.

Cuidadosamente, eu me estico e pego o telefone, olhando para a tela. Número desconhecido. Hesito antes de responder por um capricho. "Sim?"

Há um momento de silêncio antes de uma voz vagamente familiar surgir, um dos caras que corre no norte de Nova York. "Você sabe o anúncio que você colocou mais cedo?"

"Sim."

"Bem, eu a encontrei," diz o homem. "Eu estou olhando para o carro agora."

Hesito, olhando para Karissa, garantindo que ela ainda esteja dormindo. Apenas algumas horas. Isso é tudo que levou para que ela fosse encontrada. Ela me evitou por anos, mas ela não está fugindo mais.

Eu matei seu marido.

Eu levei sua filha.

Eu tirei seu chão.

"Mande-me uma mensagem com o endereço."

"Claro que sim," diz ele. "E, uh, sobre essa recompensa..."

"No minuto em que eu receber o que eu preciso, você vai conseguir o que deseja. Entendeu?"

"Entendi."

Desligo, deslizando o telefone de volta no criado-mudo. Não olho para ele quando ele apita com uma mensagem de texto. Não quero saber disso agora. Hoje não. Só mais uma noite, é tudo que eu preciso. Mais uma noite onde eu posso fingir que não tenho que fazer o que eu tenho que fazer. Mais uma noite de consciência limpa. Porque com o nascer do sol, quando terei que encarar a realidade de novo, eu sei que vou ter que fazer uma coisa que eu prometi que não faria.

Eu tenho que ferir intencionalmente Karissa.

Eu tenho que matar sua mãe.

Pegando seu cabelo, empurro-o para longe, para fora de seu rosto, quando eu a acordo de seu sono. "Karissa," eu sussurro, sacudindo-a de leve conforme eu mudo de posição na cama. "Acorde, meu amor."

Ela se mexe, abrindo os olhos, e pisca algumas vezes enquanto ela olha para mim. Um sorriso sonolento toma seus lábios, aquela felicidade cobrindo seu rosto. Felicidade ignorante. Eu me lembro da sensação disso. Eu invejo isso no momento.

Eu quero isso para mim novamente.

"O que está errado?" ela pergunta, sua voz grossa de sono.

"Nada," eu digo a ela, deslocando-a debaixo de mim para que eu possa passar o olhar sobre sua bela estrutura. "Não há absolutamente nada de errado. Como poderia haver? Eu tenho você."

Não achava que fosse possível, mas seu brilho cresce. Ela envolve seus braços em volta de mim, puxando-me para ela para um beijo, quando eu me instalo entre suas pernas. Eu já estou duro. Mais uma vez.

Eu empurro dentro dela devagar, segurando-a firmemente conforme eu faço isso, ouvindo o som de sua respiração. O suspiro de prazer lava através de mim e eu tremo, aninhado em seu pescoço quente.

Eu não a fodo desta vez.

Eu não posso.

Eu não quero.

Eu faço amor com ela, derramando a minha alma para ela como ela fez para mim esta tarde. Eu trilho beijos leves em todos os lugares que eu posso chegar, sussurrando o quanto eu a amo, as palavras vagando através de sua pele. Meu nariz escova contra o dela quando olho sem seus olhos, bebendo da inocência.

"Há algo sobre você," eu digo em voz baixa. "Algo que eu tenho procurado por um tempo muito longo."

Seu sorriso oscila, sua expressão fica sóbria. "Eu já ouvi essas palavras antes."

"Eu sei que você ouviu." Eu disse a ela exatamente a mesma coisa aquela noite em seu quarto do dormitório. "E agora que eu encontrei, Karissa, eu não tenho certeza se posso deixá-la ir."

Ela se estende, escovando as mãos através do cabelo que atinge a testa, antes de ela embalar o meu rosto. "Então, não deixe."

Capítulo 19

O dano, portanto, que você faz para um homem deveria ser tal que você não precise temer sua vingança.

A citação de *O Príncipe* sempre foi uma das minhas favoritas. Eu vivi minha vida através dela desde o tempo que posso lembrar. É uma lição que aprendi com a experiência, através da sede de sangue e derramamento de sangue. É uma lição que me manteve vivo e guiou muitas outras mortes.

Se você vai machucar alguém, faça-o fatal.

Não machuque. *Mate.*

Não os deixe fugirem.

É um código que aqueles do país antigo vivem – você não mata apenas um homem, você mata sua família inteira. Filhos órfãos crescem para serem homens vingativos. Maridos viúvos vêm atrás de sangue.

Eu sento no meu carro, mais uma vez na pequena cidade de Dexter, apenas alguns quilômetros ao oeste de Watertown. Minha cópia do livro de Maquiavel está aberta em meu colo enquanto folheio as páginas no escuro. Não pude acreditar, quando olhei para o meu telefone essa manhã e o endereço familiar da loja de flores em Watertown me recebeu.

Carmela voltou para casa, parece.

Estou curioso do porque, e tenho algumas teorias: talvez porque seja o único lugar que Karissa saberia procurar por ela, ou talvez porque Carmela não tem mais para onde ir. Mas eu acho que é mais complexo, como se talvez ela soubesse o que está vindo, e quando isso acontecer, ela quer que seja nos termos dela.

Ela tem a vantagem aqui.

Ou é o que pensa.

Através das árvores, posso ver a casa. O jeep estava abandonado na loja na cidade, as portas todas trancadas. Não tenho certeza se ela voltou para cá ou não, mas ela está em algum lugar na área e eu não sei aonde mais ela iria à noite.

Ela não tem dinheiro.

Ela não tem amigos.

Ela provavelmente não esperava que me desse o trabalho de olhar aqui, desde que já a tirei deste lugar.

Espero por um tempo, apenas aguardando, olhando a casa enquanto minhas mãos esfregam a capa do livro. Está tudo quieto e escuro, parecendo abandonada e estou perto de uma reavaliação por mim mesmo, quando há uma movimentação no jardim. Sombras se mexem, a grama perturbada, segundos antes de um latido fraco cortar o silêncio.

Killer.

Assisto atentamente quando a porta da frente da casa abre apenas um pouco e o pequeno cachorro segue direto para dentro. Eu continuo a olhar, mesmo quando tudo está parado de novo, contemplando para onde ir a partir daqui.

Alcançando o console central, eu puxo a arma de calibre pequeno, checando duas vezes cuidadosamente para ter certeza que ainda está carregada.

Está se aproximando da meia-noite quando saio do carro e lentamente faço meu caminho pelas árvores, observando meus arredores. Sem alarmes no lado de dentro, imagino, desde que o cachorro não os disparou. Estou achando que não há nem eletricidade.

Isso deixa tudo complicado.

As pessoas tomam como garantidos os sons que os rodeiam. Nós os ajustamos naturalmente, mas quando eles acabam, nós os perdemos. Eles mascaram o desconhecido e sem amortecedor, cada rangido e gemido soa grave e anormal.

Aproximo-me da casa, seguindo para a lateral dela. Lembro-me de como era da visita com Karissa. Sigo para onde a janela do seu antigo quarto estaria, recordando a história sobre janelas não muito tempo atrás. Sua mãe criou um hábito de pregá-las fechadas, mas Karissa rejeitou e usou um pé-de-cabra para abri-las novamente.

Eu tento a janela, rezando para Carmela não ter percebido. Mexe-se facilmente, mal fazendo um rangido. Eu me lanço para cima, cuidando para me empurrar para dentro. Meus pés tocam o chão de madeira e eu paro lá por um momento, deixando-me acostumar com a escuridão abafada.

Está mortalmente silencioso.

Uma vez que me acostumei, eu me levanto, agarrando a arma firmemente quando sigo para a porta. Ela não está trancada, eu me lembro. A porta do quarto de Karissa sempre tinha sido quebrada.

Faço meu caminho para o quarto de Carmela, meus passos tão leves que não fazem um barulho. Sua porta está fechada. Eu agarro a maçaneta, testando.

Destrancada.

Tomo uma respiração profunda para me acalmar, perguntando-me se foi assim que Johnny fez, se foi desse jeito que ele se sentiu quando invadiu minha casa, quando ele matou minha esposa no meio da noite. Ele hesitou do lado de fora do quarto? Será que ele ao menos considerou desistir por um momento?

Ou foi fácil para ele, entrar, apontar aquela arma e destruir minha vida?

Afastando esses pensamentos, viro a maçaneta e empurro a porta. Ela solta um gemido horrível. O mundo a minha volta parece cair em câmera lenta enquanto me movo na velocidade da luz. O barulho ecoa, tudo ao meu redor cristalino.

Um cachorro rosna por perto quando a cama se mexe.

Carmela se senta ereta.

Um segundo passa.

Eu encaro o rosto familiar, naqueles olhos cheios de terror. Uma vida inteira se desenrola em nossa volta, um mundo de memórias e todas aquelas chances perdidas, o dilúvio do que poderia ter sido.

Poderia ter sido, mas nunca será, porque é tarde demais.

A chance acabou.

Eu levanto a arma.

Outro segundo.

Eu puxo o gatilho.

BANG

Uma única bala rasga direto o crânio de Carmela, derrubando-a instantaneamente. Eu hesitei mais tempo do que ela sentiu.

O rosnado vira um latido frenético. Viro a arma, apontando para o vira-lata. Suas orelhas estão para trás enquanto ele viciosamente bate os dentes, vindo em minha direção defensivamente. Meu dedo enluvado descansa no gatilho.

Eu tento.

Eu tento.

Eu fodidamente *tento* fazer isso, puxar o maldito gatilho, mas não consigo.

Não consigo fazer isso.

"Porra," eu xingo para mim mesmo, derrubando a arma, abandonando-a. O barulho do metal contra o chão faz o cachorro se acovardar brevemente. Ele choraminga antes de rosnar mais uma vez, aterrorizado, mas protetor, seguindo-me através da casa quando sigo para a porta da frente. Eu a destranco, abrindo-a e segurando aberta para o cachorro correr, mas ele se afasta, recostando-se na varanda.

Eu considero deixá-lo lá.

Eu quase faço isso.

Mas não consigo.

Novamente, não posso fazer isso.

A voz de Karissa ecoa no fundo da minha cabeça.

Ela o ama.

Ele é inocente.

Por um capricho, eu abaixo e agarro o cachorro, levando-o para fora comigo. Ele late e se mexe, frenético para escapar do meu agarre. O segundo em que meu aperto alarga, ele recua, seus dentes enterrando em meu antebraço.

Dor atravessa meu braço e eu instintivamente o solto. Merda. O cachorro atinge o chão e eu espero que ele corra, escape, mas ele apenas fica lá, rosnando mais um pouco.

Agitando, eu faço o que preciso, improvisando para acender uma faísca, colocando a varanda da casa em chamas. Vejo o fogo se espalhar, meus pensamentos derivando, uma dormência estranha me preenchendo.

Os efeitos de assistir a morte costuma ficar por horas, fazendo meus dedos formigarem e meu coração acelerar, meu corpo se contorce enquanto tento sair disso, mas não há nada hoje.

Sem euforia.

Sem adrenalina.

Nada.

Meu coração não está acelerado. Não há vida dentro de mim.

Eu sou um monstro.

Karissa estava certa sobre mim.

A única coisa que sinto no momento é o pulsar do meu braço e o fluxo de sangue do ferimento fresco escorrendo em minha pele.

Não posso acreditar que o vira-lata me mordeu.

Eu salvo sua vida e é esse o agradecimento que recebo?

Eu espero até as chamas começarem a varrer através da casa antes de me afastar. O cachorro me segue até o carro, rosnando, tentando me intimidar. Não tenho tempo a perder. Alguém vai ver o fogo e chamar alguém, e não posso estar aqui quando isso acontecer.

Ninguém aqui pode saber que eu existo.

Abrindo a porta traseira, eu agarro o cachorro e o jogo no banco antes que possa me morder de novo.

Dr. Carter mais uma vez semiacordado. Ele está de pé na sua porta da frente, piscando rapidamente enquanto me olha através da luz fraca do batente. “Outro?”

Ele não esperava me ver de novo tão cedo.

Ele acha que minha contagem de corpos aumentou de novo.

E tem, claro, mas não preciso dele para isso, assim como não precisei quando matei Johnny. Ray iria querer evidência, prova tangível de que a justiça fora feita.

Ele iria querer Carmela encontrada.

Balançando a cabeça, eu puxo a manga da minha camisa, mostrando a mordida para ele. Sangue escorre pelo meu braço. Posso sentir isso molhando minha blusa de baixo, manchando o branco em um tom escuro de vermelho.

“Entre,” ele diz, acenando para eu entrar, seus olhos correndo freneticamente ao redor antes de fechar a porta atrás de mim. Eu o sigo

pelo corredor, para a cozinha, tentando não derramar sangue em seu chão.

Não porque eu me importo com essas coisas.

Mais como eu não quero deixar mais de mim para trás do que já deixei.

Essa não é a primeira vez que ele me costura e não será a última. Eu tomo um assento na mesa da sua cozinha enquanto ele acende a luz e começa a trabalhar. Seus suprimentos estão reunidos, o mínimo necessário: apenas uma agulha e um pouco de linha.

Eu mesmo faria isso, mas não posso costurar uma merda.

Eu sei.

Já tentei.

"Só preciso pegar a anestesia," ele resmunga, indo em direção à porta, mas eu o alcanço e puxo seu braço, parando-o. Seu olhar em pânico volta para mim quando minhas mãos o segura, antes de encontrar meus olhos.

"Não se incomode," digo, deixando ir. "Apenas termine com isso."

"Você tem certeza?"

"Eu não falaria se não tivesse."

Acenando, ele segue para limpar o sangue e desinfetar a área. Ela queima quando o peróxido penetra nas pequenas feridas que revestem a lesão. Posso ver a marca dos dentes, a pele já com hematomas familiares.

O veterinário olha com cuidado antes de começar a trabalhar.

Eu quase não sinto a agulha quando ele começa.

“Executou um animal hoje à noite?” pergunta ele, fazendo o primeiro ponto.

“Não acho que isso seja algo da sua conta.”

“Não, você está certo,” ele murmura. “Não é.”

Apenas mais alguns pontos para fechar a ferida maior e ele acabou, afastando-se da mesa para limpar a bagunça. “Quando foi sua última vacina antitetânica, Vitale?”

“Você saberia mais do que eu.”

Ele para, pensando. “Você deveria provavelmente tomar uma dose, apenas para garantir.”

“Não estou preocupado com isso.”

“Você deveria. Tétano é—”

“O menor dos meus problemas agora.”

“Bem, pelo menos me deixe dar alguns antibióticos.”

“Não se incomode,” digo. “Não irei tomá-los.”

Ele balança a cabeça, virando para mim. Seus olhos arregalados agora. Ele sabe que sua noite de sono tranquila terminou. “É incrível que você ainda esteja vivo, você sabe.”

“Eu sei,” admito, levantando-me. “Vou ir agora.”

Eu saio antes que ele possa oferecer mais algum tipo de cuidado, seguindo de volta para o carro. Eu paro ao lado do carro, vendo o cachorro no bando de trás, ainda rosnando para mim.

Meu olhar muda para o batente da porta, para onde Carter está me olhando. Eu aceno com a cabeça para o banco de trás. “Você acha que pode fazer algo com isso para mim?”

Seus olhos arregalam. “O cachorro?”

“Sim.”

“Você não quer dizer...” Ele aponta a cabeça para os fundos. “Você não quer que eu… quer?”

Sua gagueira me faz rir.

“Não estou pedindo para você matá-lo,” digo. “Estou apenas perguntando se pode fazer algo com ele. Amarrá-lo lá nos fundos, apenas temporariamente, até que eu possa fazer outros planos.”

Abrindo a porta de trás, eu deixo o cachorro sair. Não espero por Carter dizer alguma coisa, para ao menos confirmar que irá cuidar das coisas. Sem outro olhar, eu vou até o carro para ir embora.

Está perto do sol nascer quando chegou ao Brooklyn, um toque de luz no horizonte. Estou exausto e frustrado, desejando que tivesse sentido algo mais.

Estaciono o carro na garagem, sabendo que irei limpá-lo primeiro e sigo para dentro para pegar o que preciso. Uma toalha, água sanitária, algo para se livrar dos pelos do cachorro. *Algo para esfregar a memória para longe.*

Eu sempre esperei sentir alívio.

Eu esperei sentir uma peso levantado.

Mas assim que entro na casa e fico cara a cara com uma preocupada Karissa na cozinha, o que realmente sinto é um peso sendo pressionado contra mim. Meu peito aperta quando vejo a preocupação

em seus olhos... Preocupação sobre onde estive, preocupação sobre o que talvez tenha feito noite passada.

Ela não pode nem começar a imaginar...

"Você está em casa," ela diz, sua voz baixa como se talvez estivesse dizendo isso para si mesma.

Eu respondo do mesmo jeito. "E você acordou cedo."

"Não consegui dormir."

"Nem eu."

Eu beijo sua bochecha rapidamente, tendo certeza de não demorar muito, antes de seguir para o andar de cima. Eu tiro minhas roupas, jogando-as com as sujas, fazendo uma nota mental para descartar a de baixo antes que Karissa descubra. Sigo para o banheiro e me lavo antes de colocar um terno limpo e seguir para o andar de baixo.

Isso levou apenas alguns minutos.

Ela ainda está na cozinha.

O cheiro de café preenche o ar enquanto ela mexe na máquina. Eu passo direto, optando por uma garrafa de água da geladeira.

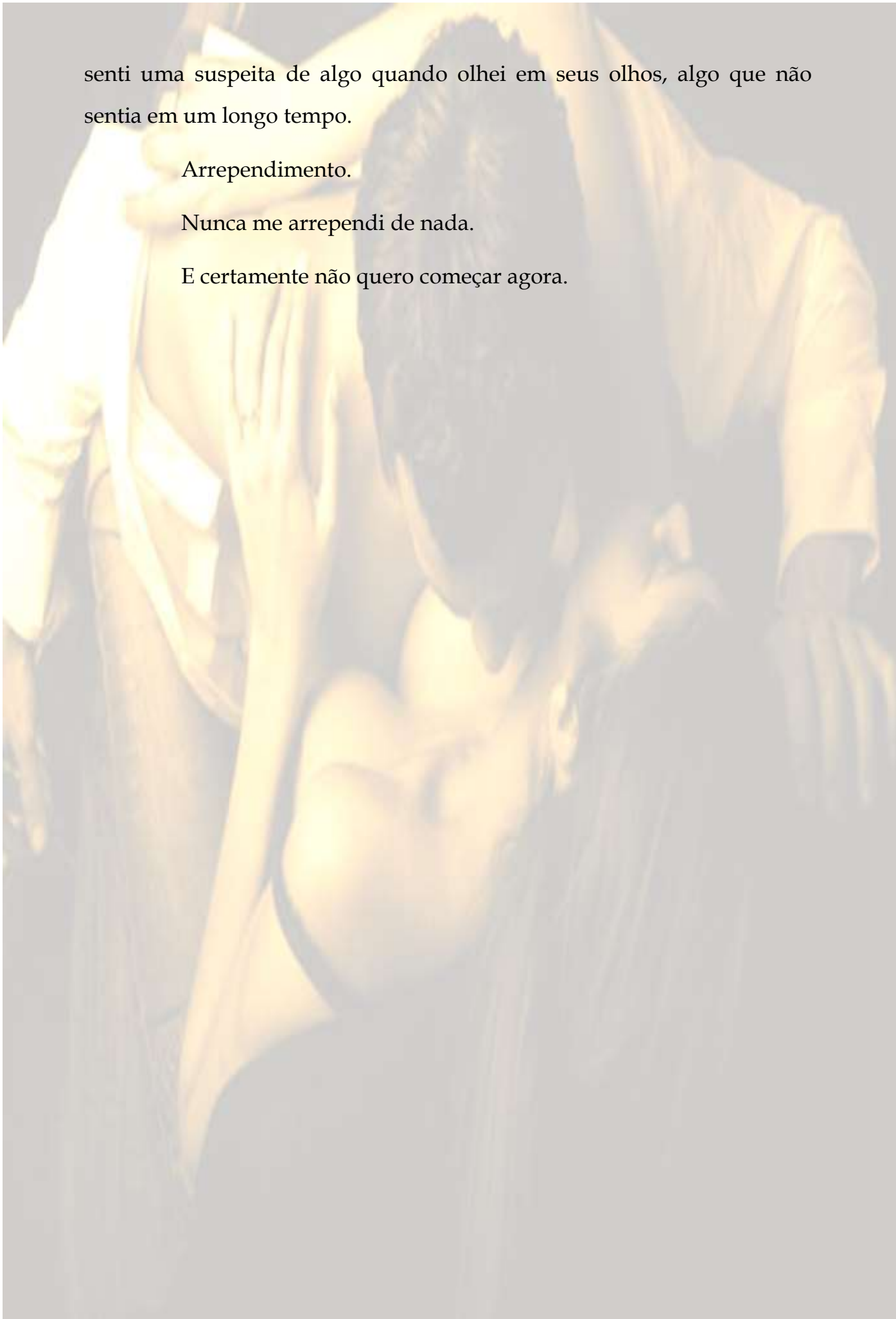
"Se precisar de mim," digo, "Estarei na garagem."

"Fazendo o que?"

"Limpando o carro."

"Você apenas fez isso não muito tempo atrás."

Não me incomodo em responder, sem saber o que dizer quando sigo para fora. Eu meio que espero que ela me siga, mas ela não o faz. Meu próprio alívio me surpreende. Por mais que eu ame tê-la por perto,



senti uma suspeita de algo quando olhei em seus olhos, algo que não sentia em um longo tempo.

Arrependimento.

Nunca me arrependi de nada.

E certamente não quero começar agora.

Capítulo 20

Não houve um assassinato em Dexter, Nova York em mais de uma década. Nem um único incêndio. O único crime que a pequena cidade vê é roubo, mas uma noite na cidade, eu destruí tudo.

É notícia de primeira página do jornal Watertown Daily Times.

COMUNIDADE CHOCADA COM VIOLÊNCIA.

Eu vou até Cobalt após dois dias, segurando uma cópia do jornal. Kelvin me olha curiosamente, sem se incomodar em abaixar a cabeça quando passo. Ouço a voz de Ray ecoando através do clube, alta e irritada. Algo o tem em um humor ruim.

Ele está prestes a ficar muito, mas muito feliz, eu acho.

A gritaria está vindo do seu escritório no fundo. Eu paro no bar, pegando uma cerveja para acalmar meus nervos, e sigo para seu escritório depois de tomar um gole. Eu bato na porta, seus resmungos cortando com o som, antes de ele soltar, "alguém está interrompendo. Eu ligo de volta depois de lidar com eles."

Meu interior instintivamente tenciona com sua raiva óbvia, mas por fora não mostro nenhum sinal de aflição.

Eu o ouço pisar forte na sala, a porta puxada aberta, sua voz chamando. "É melhor que seja bom."

Ele me vê de pé lá, sua expressão mudando para surpresa. Ele não esperava que fosse eu.

"Vitale," diz. "Você precisa de algo de mim?"

"Não," respondo, segurando o papel, batendo contra seu peito largo, "mas você precisava de algo de mim."

Posso dizer que ele está irritado, mas ele segura para si mesmo, agarrando o papel e olhando a primeira página. Eu passo por ele, não esperando por um convite, e pego um assento em uma das cadeiras oposta a sua mesa.

"*Per Dio!*[25]" ele exclama, fechando a porta enquanto permanece atrás de mim. "Você fez isso, não fez?"

Eu li o artigo enquanto estava sentado no transito. Eu sei exatamente o que diz. Polícia está trabalhando para identificar o corpo feminino encontrado baleado e queimado numa casa antiga em Dexter. Em nenhum lugar no artigo diz seu nome, mas é uma questão de tempo antes de eles descobrirem.

"Você fez isso," ele diz de novo, soando impressionado quando se aproxima e senta em sua cadeira. Ele analisa o papel por um momento antes de seus olhos encontrarem os meus. "Você fodidamente fez isso."

Eu não respondo.

Não preciso.

Sua risada exultante me diz que nenhuma palavra é necessária. Ele bate o papel em cima da mesa e se encosta a sua cadeira, olhando-me.

"Eu tenho que ser honesto, Vitale," ele diz. "Não pensei que você faria isso. Eu realmente pensei que você tinha amolecido, que seria

[25] Por Deus, em italiano.

fraco demais para lidar com o negócio. Aquela garota penetrou em sua pele e eu pensei que ela o tinha quebrado... Eu pensei que você tinha se esquecido de quem era, que tinha esquecido o porquê de estarmos aqui... Que tinha esquecido o que aquela família fez. O que roubaram de você. Pensei que ela tinha feito você se esquecer, mas agora estou pensando que talvez você não esqueceu por inteiro."

"Eu nunca irei esquecer."

Ray olha para o papel mais uma vez. "E você não perdoa, também."

"Claro que não," digo. "Não há perdão para o que aconteceu. Eles pagaram pela traição deles, então acabou agora. Tomei conta disso. Está feito."

Ele me olha, sem responder a minha declaração. Isso faz meu estômago se apertar de ansiedade. Após um momento, seus olhos mudam de volta para o papel em sua mesa enquanto bate os dedos contra a madeira velha.

"Você sabe, eu tive um encontro com aquele detetive não muito tempo atrás," ele diz. "Aquele bastardo Jameson."

"Eu também. Ele sempre tem perguntas."

"Sim, mas dessa vez ele sabia coisas, coisas que não deveria. Ele conectou pontos que não deveria ser capaz de conectar. Talvez você não esteja ficando desleixado, mas alguém esteja abrindo a boca, e eu não gosto disso. Não gosto de ser importunado. Uma razão que sempre confiei em você, Vitale, é porque você os mantém a distância. Mas isso não está mais funcionando. Não está funcionando porque há um espião em nosso meio."

"Alguma ideia de quem?"

Ele me olha rígido. "Alguns meses atrás, eles pegaram sua garota, não pegaram? Ela foi até a delegacia com eles."

É como se ele tivesse encharcado meu corpo com gasolina e acendido um fósforo na minha frente. A tensão fria que se apodera de mim faz meu coração doer no peito. Raiva cresce dentro de mim. Eu olho de volta para ele, essas palavras rolando repetidamente em minha cabeça. Não posso acreditar que ele disse isso.

Não posso acreditar que ele *sugeriu* isso.

Sentando-me reto, aponto minha cerveja para ele, não gostando de onde isso está indo. "Não diga a não ser que queira dizer." Tomo um gole, tendo que forçá-la em minha garganta. "Algumas coisas não podem ser tomadas de volta, Ray, então estou lhe avisando..."

"Você está me avisando?"

"Estou avisando a você," digo de novo. "Não diga a não ser que queira dizer."

Ele hesita.

Um silêncio tenso sufoca a sala.

Após um momento, ele olha para longe, abrindo a gaveta de sua mesa e pegando um envelope grande. Ele para enquanto segura antes de abrir a aba superior. Ele olha dentro, puxando o conteúdo e segura para fora para que eu possa ver. Meus olhos mudam dele para isso, e eu fico tenso com a fotografia... Uma fotografia de Karissa, de pé fora da delegacia, detetive Jameson bem ao seu lado.

Não.

De nenhuma maneira fodida.

Ela não faria isso.

Ela não falaria com eles.

Sobre nada.

Não sobre *mim*.

De jeito nenhum.

Ray solta a fotografia na mesa antes de puxar outra... E outra... E outra... Soltando cada uma em cima da outra. Uma dúzia, talvez mais. Paro de contar. Paro de olhar. Meus olhos encontram os de Ray. Ele não parece presunçoso em tudo. Não sinto nenhuma satisfação.

Não, eu vejo pena.

Pena.

Que se foda sua pena.

"Ela não faria isso," digo. "É um mal entendido."

Ray não diz nada para mim antes de pegar seu telefone e discar um número. Assim que a linha atende, ele murmura, "Venha aqui por um segundo, sim?"

Momentos depois, há uma batida na porta. Ela abre, e Kelvin entra. Ele olha entre nós nervosamente antes de focar em seu chefe. "Senhor?"

Ray aponta em direção as fotografias. "Isso é um mal entendido?"

"Não, senhor," ele diz logo em seguida. "Eu a segui direto da casa no Brooklyn... Ela estava na delegacia por trinta, talvez quarenta minutos antes do detetive a trazer para fora. Eles ficaram na frente por alguns minutos, talvez cinco. Não podia escutar muito sobre o que eles

estavam falando, mas ele disse para ela voltar caso tivesse mais informação."

Assim que ele termina, Ray aponta para a porta, e Kelvin sai de novo, deixando-nos sozinhos.

"Você a teve sendo seguida," digo. "Você o deixou segui-la."

"Estou surpreso que *você* não teve," Ray contraria, sem um pingo de remorso em suas palavras. "Tão contrário de você ser confiante. É uma boa coisa que não fui intoxicado. Aquela garota tem sangue Rita bombeando em suas veias. Você acha que pode acreditar em uma palavra que ela diz a você? A maçã não cai muito longe da árvore, Vitale."

Balanço a cabeça. Não acredito nisso. *Não posso.* Karissa não iria me trair. Ela não iria me espionar.

Ela não faria isso.

Ela me ama.

Ray reúne as fotografias, jogando-as no envelope antes de empurrá-lo para mim. "Aqui, fique com elas. Chame de souvenir. Não preciso mais delas."

Eu as ignoro, sem quebrar o contato visual. "O que você espera que eu faça?"

"Nada," ele diz enquanto relaxa na cadeira. "Ame-a ou deixe-a – não me importo. Não importa mais. Você disse que está feio? Então está feito. Não vou dizer a você para matá-la. O que acontece agora depende de você. É sua pele. Você faz o que você quiser."

Eu agarro o envelope da mesa e me levanto, saindo sem dizer outra palavra para ele. Eu passo pela garçonete, derrubando minha garrafa em seu lixo. Kelvin está na entrada do Cobalt, olhando-me

curiosamente quando me aproximo. Ele espera que eu passe direto sem reconhecê-lo e é pego fora de guarda quando agarro seu colarinho e o jogo contra a parede. Isso tira o ar dele, e ele inala bruscamente, medo brilhando em seus olhos.

"Não chegue perto dela," digo a ele, minha voz um grunhido baixo. "Eu não quero pegá-lo *nunca* mais a seguindo."

"Mas eu estava... Quero dizer... Ele me mandou!"

"Eu não ligo," digo a ele. "Ele *pode* matar você por não seguir suas ordens, mas se eu pegar você a menos de um quilômetro dela, eu *irei* matá-lo. Entendeu?"

"Sim, senhor." Sua voz treme. "Entendi."

Ela está na cozinha.

Estou de pé na porta, parado, estoico. Ela está cozinhando de novo. O cheiro de comida está forte e faz meu estômago agitar.

Não é fome.

É enjoo.

Ela não me escuta entrando, não me notou parado aqui ainda, dando-me um momento para me reorganizar enquanto olho para ela. Ela parece a vontade. Feliz, até. Ela voa ao redor do fogão, segurando uma espátula, um sorriso em seu rosto. Pergunto-me se ela está orgulhosa do que temos, do que estamos construindo, ou se ela apenas está feliz agora porque pensa que não estou por perto.

Aperto o envelope em minha mão, não querendo acreditar na evidência dentro dele. Olhando para ela, sinto-me rasgado ao meio, minha lealdade distorcida. Espiões morrem. É assim que funciona. Fofoqueiros são costurados antes de serem jogados para fora do barco.

Não existem nenhuma exceção dessa vez.

Não pode haver.

Por que eu sempre tenho que fazê-la minha?

Matei homens por menos do que essas fotos mostram. Cortei a garganta deles durante seu sono por somente *pensar* em falar com a polícia. Mas o pensamento de matá-la, de sequer machucá-la, enoja-me. Eu também posso enfiar uma faca em meu peito, cortar meu coração com minhas próprias mãos e assistir seus últimos batimentos. Tem sido um longo tempo desde que investi em alguém do jeito que investi nela. Da última vez, matou-me emocionalmente. Dessa vez, talvez finalmente seja fisicamente.

Por que falhar no teste do Ray não significa notas ruins.

Significa morte certeira.

Johnny Rita não conseguiu me matar, mas Ray, eu acho, conseguiria.

Ray poderia trazer o mundo inteiro em cima de mim.

E ele faria.

É a vida dela ou a minha.

É mais cruel do que uma ordem.

Ele está *me* forçando a escolher.

A morte dela seria minha culpa, minha escolha, unicamente em minhas mãos e terei que viver com isso todos os dias. Estaria lá pela manhã quando eu acordasse e estaria lá a noite quando eu tentasse dormir. Sou um assassino. Não vou adoçar o rótulo. Eu o uso com orgulho. Mas *isso?*

Isso é suicídio.

Karissa vira, assustando-se quando me vê parado aqui. Ofegante, ela aperta o peito, derrubando a espátula com surpresa. Ela me olha, e eu vejo o brilho de medo em seus olhos, medo que ela tenta esconder quando coloca aquele sorriso de volta no rosto. É forçado agora, no entanto. Não há mais felicidade.

"Naz?" Ela diz. "Você está bem?"

"Por que não estaria, Karissa?"

"Eu, uh... Não sei." Ela se abaixa e pega a espátula de novo. "Você parece meio, uh..."

"Meio o que?"

"Meio chateado."

Chateado.

Isso é colocar o mínimo.

Por dentro, estou uma bagunça fodida.

"Estou bem," minto. Descaradamente. Ela pode dizer que não estou bem. "Como você está?"

"Bem." Ela me olha com cautela. "Sério, você está bem? Alguma coisa aconteceu?"

Alguma coisa aconteceu? Sim, algo aconteceu. Meu olhar muda para o envelope enquanto balanço a cabeça. "Você confia em mim, Karissa?"

"Uh..." Ela hesita, jogando a espátula na pia. "Estou tentando. Eu confio que você não irá me machucar, se é o que quer dizer, mas até onde realmente confio em você... Eu não sei. Acho que sim. Por quê?"

"Apenas curiosidade," digo, andando pela cozinha. "E você acha que eu deveria confiar em você?"

"Claro."

"Porque eu comecei a confiar," digo, "e não foi fácil para mim. Tomou muito de mim para dar a você minha confiança."

"Eu sei," ela diz, sua voz calma. "Você pode confiar em mim."

"Então não há nada que você queira contar para mim?" Pergunto. "Nada que queira tirar de seu peito?"

Sua testa franze com a minha linha de perguntas. "Não."

"Nada mesmo?"

"Não, nada." Sua expressão está cheia de confusão. "Sobre o que é isso, Naz?"

Sem dizer uma palavra, eu a olho, antes de abrir o envelope e alcançando lá dentro. Segurando para cima, puxo a fotografia de cima, apenas longe o suficiente para ela ver o que é. Ela encara isso em branco por um momento antes de seus olhos se arregalarem com reconhecimento. Seus olhos voam direto para mim, em pânico, aquele medo retornando.

A faca em meu peito sendo torcida.

"Onde você conseguiu isso?" Ela pergunta. "Quem tirou isso?"

"Kelvin. Você se lembra de Kelvin, certo? O segurança do clube? Suponho que alguns daqueles momentos que você sentia que estava sendo observada, você realmente estava."

Seus olhos arregalam ainda mais. "Você tem me seguido? Você disse que não. Você mentiu para mim!"

"Eu menti para você?" Pergunto incrédulo, balançando a fotografia em seu rosto. "Você me disse que eu podia confiar em você."

"Você pode," ela diz. "Isso não é o que parece. Não sei o que ele disse para você, mas não é o que parece."

"Não é? Porque parece para mim, Karissa, como se você tivesse sido pega falando com a polícia."

"Eu não fui *pega*. Não foi desse jeito."

"Não foi? Porque eu não me lembro de você me dizendo sobre isso. Não me lembro de você vindo até mim."

"Isso porque você estava ferido," ela diz, balançando a cabeça enquanto desliga o forno, abandonando o que quer que estava cozinhando. "Jesus, Naz, você tinha acabado de ser baleado! Você tinha o suficiente para lidar. Eu estava tentando ser forte… Para você, para mim… Por *nós*. Eu estava tentando ok? E sempre que eu deixava a casa, toda vez que saía para algum lugar, aqueles detetives estavam por perto. Então falei com eles."

"Você falou com eles."

"Sim, você estava ferido."

"Quando eu estava machucado," digo. "Você falou com eles."

"Uh, pare com isso!" Ela rosna. "Pare de ficar me repetindo. Eu fui até lá porque eles não nos deixariam em paz. Eu fui até lá porque você estava machucado, Naz, porque você tinha sido baleado e eu queria saber o que eles iam fazer sobre isso. Então perguntei, e então eles responderam para eu ajudá-los, então eu disse o que eu sabia."

Raiva, às vezes, é muito fria.

Há o azul.

"Você disse a eles o que sabia?"

"Eu disse a eles quem atirou em você."

Aproximo-me dela, jogando o envelope ao lado do fogão enquanto fico de igual para igual com ela, apoiando-a contra o balcão. "Você não *sabe* quem atirou em mim."

"Sim, eu sei," ela diz, sua voz tremendo. Posso dizer que ela está tentando manter tudo isso junto. "Não sou idiota. Só porque você não me diz as coisas não significa que não posso adivinhar por conta própria. Eu sei quem atirou em você."

"E você disse a eles."

"Sim," ela diz. "Eu disse a eles, porque era melhor do que a alternativa."

"O que, exatamente, é essa alternativa, Karissa?" Pergunto, olhando para ela. "Diga-me porque você realmente fez isso. Diga-me porque você falou com a polícia."

"Acabei de dizer o porquê," diz. "Se eu fosse mais longe, um de vocês iria acabar morto. Eu não podia deixar isso acontecer. Então disse que minha mãe atirou em você, eu reportei a polícia, porque eu prefiro vê-la na cadeia do que em uma cova!"

Essas não são as palavras que eu queria ouvir.

Eu esperava por uma negação.

Um ponto de repúdio que eu podia me agarrar.

Eu precisava que ela me dissesse que era um mal entendido.

Que ela nunca falaria com a polícia.

Mas ela está confirmando um dos meus maiores medos.

"E as outras coisas," digo. "Por que disse as outras coisas para eles?"

"Que outras coisas?"

"Vamos lá, Karissa… Você acabou de me dizer que não era idiota. Não aja como ignorante agora. Eles sabem coisas… Coisas que não saberiam a menos que alguém contasse a eles. Talvez eu não tenha dito exatamente para você sobre ela, mas como você disse, eu não preciso. Você pode juntar tudo isso sozinha. Então me diga, querida, você disse a eles o quão monstro eu sou? Como eu matei seu pai... Como eu matei seu professor?"

A cor drena de seu rosto.

Ela sabe que eu fiz isso, mas eu nunca confessei descaradamente a ela antes.

"Eu não contei nada."

"Então você não disse a eles que eu estava vindo atrás de sua família? Você não disse sobre o homem na oficina? Você não disse sobre o homem que não voltou para casa de Vegas conosco?"

"Eu não contei," ela sussurra. "Eu juro."

"E você espera que eu *acredite* em você?"

"Sim."

"Por que eu acreditaria?"

"Porque eu estou dizendo a verdade."

Eu quero acreditar que não há mais, que ela não soltou cada detalhe sujo, mas a evidência está contra ela, e ela já confessou parte dela. Eu quero acreditar nela.

Não tenho certeza se consigo.

"Eu não fiz isso," ela diz. "O que quer que eles saibam, não veio de mim. Eu não contei nada sobre você. Eu disse a eles que minha mãe atirou em você. Isso é tudo. Eu juro. Eu queria parar tudo isso. Não queria que mais ninguém morresse! Pensei que se eles a prendessem, ela estaria segura. Pensei que você estaria seguro. Eu estava tentando salvar a vida de vocês!"

"E você se colocou em perigo no processo *mais uma vez*," digo, rindo amargamente enquanto dou um passo para trás. Eu preciso de espaço para respirar... Para *pensar.* Correndo minhas mãos pelo cabelo, eu rosno frustrado, tentando tirar a agressão que está crescendo sob minha pele. "Você sabe o que acontece com pessoas que espionam? Você sabe o que fazemos com eles? Cristo. Você deveria ter pedido um advogado – é isso o que você faz. Você mantém sua boca fechada e eles falam. Por que aquele homem? Jameson? Ele não dá a mínima para mim. Ele não se importa sobre sua mãe, ou você. Ele não se importa com nada. Tudo o que você deu para ele foi validação. Você deu a ele a justificativa que ele queria para continuar. A única pessoa que você ajudou foi *ele.*"

"Eu não queria—"

"Não importa," digo, cortando-a. "Não diga a menos que queira dizer. Quantas vezes eu lhe disse isso? Hein? Você disse, e agora você tem que lidar com isso. E agora eu tenho que..."

Sua voz treme quando pergunta, "Tem o que?"

Virando-me, sigo para a porta, sem responder sua pergunta.

O que eu deveria falar?

Agora eu tenho que decidir quem mais irá morrer por causa disso?

Capítulo 21

Há coisas piores do que estar sozinho.

Ser solitário, por exemplo.

É uma tortura, estar em um quarto com alguém, respirar o mesmo ar, mas se sentir a quilômetros de distância. O isolamento que você sente, compartilhar a cama com alguém que você não consegue se conectar, é insuperável. Algumas pessoas tem sexo casual, eles se deliciam com o prazer físico, mas isso nunca foi o suficiente para mim. Já dormir com algumas mulheres desde que minha mulher morreu, flertes casuais que terminaram assim que começaram.

Não tirei nada disso.

Depois, eu me deitava na cama ao lado de algumas mulheres enquanto se banhavam em um brilho pós-sexo, coberto de suor e fluídos corporais e não sentia nada, mas desolação. *Desgosto.* Isso cheirava a desespero.

Sempre foi o momento mais solitário da minha vida.

Até agora.

Karissa está deitada ao meu lado na cama, nós dois bem acordados. Eu poderia me aproximar e tocá-la se eu quisesse, correr meus dedos ao longo de suas curvas de seu corpo suave, mas sucumbir a tentação parece muito com rendição. Sexo com ela, sempre teve paixão,

virando a linha fina entre o amor e o ódio. Tocá-la essa noite seria perigoso. Eu poderia condená-la facilmente assim como perdoá-la, enrolar minhas mãos ao redor de sua garganta e me esquecer de soltar.

Suspirando exasperadamente, eu sento, meu pé batendo no chão ao lado da cama. Passo as mãos em meu rosto. Estou exausto, fisicamente e mentalmente, mas não vou conseguir dormir.

No momento que me levanto, sua voz me chama. "Ignazio?"

Não Naz. *Ignazio.*

Eu acho que ela sabe que isso me prende.

"Não agora," eu digo quando sigo para o closet. "Não posso fazer isso com você agora, Karissa."

Ela diz mais alguma coisa, mas não fico por perto para ouvir. Eu pego meu terno e saio, colocando-o e me ajeitando enquanto sigo para o andar de baixo. Leva apenas alguns minutos, e eu coloco meus sapatos na sala de descanso, pegando minhas chaves antes de seguir para o lado de fora.

Eu tranco a porta atrás de mim.

Eu preciso de espaço.

Eu preciso de respostas.

Eu preciso fodidamente *pensar.*

São cinco da manhã, e não há muito trânsito nas ruas enquanto dirijo em torno dos bairros antes de seguir para Manhattan. Não tenho certeza de onde estou indo ou o que estou fazendo, parando em Hell's Kitchen antes do amanhecer. Eu dirijo através do bairro antigo, as ruas que corri enquanto crescia. As ruas onde Johnny Rita era meu melhor

amigo, onde Carmela era como uma irmã para mim, onde eu me apaixonei por Maria.

Eles estão todos mortos agora.

Todos os três.

Dependendo de quem você perguntar, eu talvez tenha o sangue dos três em minhas mãos.

Eu paro o carro em uma vaga ao longo da rua e saio, mas não me incomodo de alimentar o parquímetro. Não tenho trocado comigo. Eu caminho até a calçada, em direção ao antigo sobrado de tijolos, estranhamente uma tonalidade mais clara do que o resto dos outros no quarteirão.

Está escuro, sem luzes acesas, mas não importa.

Não tenho intenção de entrar.

Hesito na frente dele, olhando para a pintura lascada na porta da frente, antes de sentar nos degraus sujos que levam a ele. Eu sento em silêncio sob a luz fraca do lado de fora, olhando ao redor da vizinhança.

Após dez minutos, a porta atrás de mim abre inesperadamente. Eu não me viro, não me incomodo em olhar. Posso sentir os olhos queimando atrás da minha cabeça. Passos descem os degraus e param na calçada de frente para mim.

Meus olhos se movem lentamente, encontrando o olhar de aço do meu pai.

"Tenho visto você mais esse verão," diz, "mais do que o vi nos últimos anos."

"Eu não vim ver você," digo. "Eu imaginei que já estaria no trabalho."

"Então, o que, veio para incomodar sua mãe?"

Eu posso ouvir sua raiva na pergunta.

"Não, não vim incomodá-la."

"Então por que está aqui?"

Eu hesito antes de decidir ir com honestidade. "Eu não sei."

Ele acena, sua expressão dura suavizando, como se eu não saber faz todo o sentido para ele. Ele coloca as mãos nos bolsos da sua calça cáqui, manchada de anos de trabalho. Eu o olho curiosamente, surpreso por ele está demorando aqui. Eu sei que não é porque ele gosta da minha companhia. Ele provavelmente está com medo de eu tentar entrar.

"Engraçado, vê-lo aqui fora, esgueirando-se na escuridão, uma vez que sempre teve medo disso."

A maneira contundente que ele fala me faz arrepiar. "Não tenho mais medo do escuro."

"Claro que não," ele diz. "Não é a escuridão que é assustadora, é o que você pode encontrar nela. E isso não o assusta mais, Ignazio, porque *é* você. Você é o que é assustador na escuridão."

Ele diz como uma questão de fato, mas não soa assustador.

Eu não o assusto.

Para ele, eu sou apenas o que restou do seu pequeno garoto, o que costumava usar uma luz noturna porque não conseguia dormir no escuro. Eu sou um cadáver profanado.

"Posso perguntar uma coisa?" Pergunto ao meu pai. Ele não diz nada por um tempo, mas sua expressão inalterada é tão boa quanto a permissão. "Você já falou com a polícia sobre mim alguma vez?"

"Sim."

Sem besteira.

Sem negação.

Eu rio amargamente para mim mesmo, balançando minha cabeça enquanto olho para longe dele.

"Eles aparecem de vez em quando, fazendo perguntas," ele diz. "Eu digo a eles que não sabemos nada. Eu conheço sua reputação, Ignazio, mas não é meu negócio repetir o que eu ouço. Isso é entre você e o seu criador."

"Você é meu criador."

Ele zomba. "Você sabe o que eu quero dizer."

"Eu sei," murmuro, inclinando em meus cotovelos. "Então você nunca considerou me entregar? Você me ameaçou algumas vezes."

"Nunca ameacei lhe entregar para o polícia," ele conta. "Eu apenas protegi o que é meu. Não sou um covarde, Ignazio. Você não vai machucar o que eu amo. Mas o resto é com você. Não tem nada a ver comigo. Eu não procuro por problema. Eu não quero. É por isso que eu peço para ficar longe."

Acenando, eu me levanto dos degraus e fico de pé. "Eu provavelmente não deveria estar aqui."

Eu desço, parando de frente para ele.

"Há um motivo para você estar me perguntando isso?"

Eu considero apenas sair andando, mas que diabos? Eu preciso tirar isso do meu peito, e sua opinião certamente não pode piorar. Meu pai não irá segurar e talvez, eu acho, a honestidade brutal é o que eu preciso.

"Karissa, a mulher que eu estava aqui aquele dia..."

"A criança de Johnny e Carmela?"

"Sim," digo. "Ela foi até a polícia."

"Ela traiu você?"

"Ela jura que não."

"E você não acredita nela?"

"Eu não sei."

Ele fica lá por um momento antes de sentar exatamente onde eu estava. "Agora me responda uma coisa, Ignazio... Você diz que essa garota sabe o tipo de pessoa que você é? Que ela sabe a história entre você e os pais dela?"

"Sim."

"E ela jura que não entregou você?"

"Sim."

"Por quê?"

Essa pergunta me faz tropeçar. "Por que o que?"

"Por que ela não traiu você?" Ele pergunta. "Parece para mim que ela tem todas as razões no mundo para isso. Nós protegemos o que amamos. Então por que ela não traiu você?"

"Essa é uma boa pergunta."

"Por que ela iria falar com eles? Qual foi a explicação dela?"

"Ela disse a eles que Carmela me atacou."

Seus olhos arregalam com surpresa. "Ela entregou a mãe dela?"

"É o que ela diz," respondo. "Diz que pensou que seria a solução perfeita para nos manter salvos, mas ela se arriscou fazendo isso. Quem vai protegê-*la* agora?"

"Você." Ele diz sem hesitação. "Como você disse, nós protegemos o que amamos."

"Não tenho certeza se posso fazer isso."

"Vamos lá, Ignazio. Você é muitas coisas, coisas que eu não gosto, mas eu sempre tive orgulho de sua coragem. Você não puxou minha integridade, mas puxou minha coragem. Parece para mim que se alguém consegue protegê-la, esse alguém é você."

"Mas Ray—"

Ele me interrompe com uma risada amarga que nunca ouvi, o tipo que aperta meu peito.

"Raymond Angelo," ele diz, balançando a cabeça. "Nunca gostei desse cara. Não gosto de quem ele é, não gosto do que ele transformou você."

"Ele não me transformou em nada."

"Não?" Ele conta. "Do jeito que eu vejo, ele criou esse demônio... Criou-o e o alimentou, com o jeito que ele tenta manter você sob seu dedo. Mas você não deve nada a ele. Não importa o que pensa Angelo ou o ele que quer. Você colocou essa garota na bagunça."

"Eu não—"

"Você colocou," ele diz, um tom duro em sua voz. "Ela não estaria nessa situação se não fosse você. Você carrega um pouco da culpa. E se algo ruim acontecer com ela, você carregará a culpa, também. Eu criei você para ser um homem. Um *homem*. Não isso."

Ele aponta as mãos em minha direção para provar seu ponto

"Mas existem regras," digo. "regras que seguimos."

"Besteira," diz. "Você acha que alguém como Raymong Angelo respeita regras? Ele cria todas conforme se encaixa com suas necessidades. Porque é tudo o que ele se importa: ele mesmo. Ele não se importa com esse bairro ou essas pessoas, e ele não se importa com você. Você acha que esses policiais não se importam? Dê uma olhada de quem está a sua volta, porque eles não ligam, também."

Meses atrás, eu teria ido em defesa de Ray, mas não tenho isso em mim agora no momento. Meu silêncio não passa despercebido pelo meu pai, que ri para si mesmo enquanto fica de pé. Sem dizer adeus, ele começa a se afastar, dando uns passos antes de se virar para mim.

"Você quer um conselho, Ignazio?"

Hesitando, eu aceno.

"Pessoas cometem erros. Elas fazem coisas às vezes que você não gosta, coisas que você não faria. Mas isso não quer dizer que você deveria desistir delas, que deveria acabar com elas. Porque ninguém é sem esperança enquanto continuar respirando."

"Esse é um bom conselho."

"É algo que sua mãe vem me dizendo há anos," ele diz. "Não fui capaz de ouvir, mas talvez você prove ser um homem melhor do que eu."

"Improvável."

Ele ri. "Sim, vocês está certo. Mas Ignazio? Faça *sua* escolha, não a de Angelo. Porque eu garanto que a escolha de Angelo apenas o beneficia."

Eu fico lá, vendo enquanto ele desaparece na rua. Uma vez que ele se foi, eu sigo para o meu carro, querendo estar longe antes que minha mãe acorde. Eu dirijo de volta para o Brooklyn, considerando as palavras do meu pai.

O que eu faria se fosse *minha* escolha?

Eu faria o que tivesse ao meu alcance para fazer Karissa feliz. Eu andaria sobre o fogo, queimaria cada ponte quebrada e cortaria todos os laços contaminados para dar a essa mulher o que ela merece. Eu daria o mundo para ela, e não o tiraria. Eu protegeria sua vida, não acabaria com ela.

Se fosse minha escolha, eu mandaria Ray se foder.

Foder suas regras.

Foder seus planos.

O sol está começando a nascer quando chegou ao meu bairro, uma espécie estranha de determinação se apoderando de mim, como se minha escolha tivesse sido tomada sem nem eu a ter tomado.

Como se não tivesse uma escolha apesar de tudo.

Meu pai estava certo, por mais que eu odeie admitir isso.

Eu sinto alívio, mas a sensação não dura muito. O segundo que minha casa surge, meu estômago embrulha, meu interior afundando.

A polícia está aqui.

Um carro está parado em minha vaga, meu lugar habitual, enquanto outro está parado na calçada. Eu entro na minha garagem, quase colado, a traseira da minha Mercedes ficando para fora na rua. Saindo, eu bato a porta, correndo para a casa, meu coração acelerado.

Não é bom.

Não é nada bom.

Não é fodidamente bom.

A porta da frente está destrancada, a maçaneta virando suavemente. Assim que a abro, eu quase bato nas costas de um homem. Antes que eu possa dizer uma palavra ou dar uma boa olhada ao meu redor, o som de soluços histéricos me acerta. Meus olhos voam direto para a fonte, vendo Karissa. Ela está sentada no sofá, as mãos cobrindo o rosto, chorando enquanto um homem familiar senta ao seu lado.

Jameson.

Em minha casa.

Em meu sofá.

Com Karissa.

"O que está acontecendo aqui?"

No segundo que eu falo, Karissa engasga com um soluço. Ela levanta a cabeça, encontrando meu olhar. Seus olhos estão avermelhados e seu rosto manchando, angústia o preenchendo. Ela abre a boca, suas palavras quebrando enquanto força os lábios. "Minha mãe," ela chora. "Está morta."

Não reajo por um momento, tentando forçar a raiva que me atravessa. Mistura com a inesperada onda de arrependimento dentro de

mim, fazendo me sentir doente. Eles vieram para notificá-la. Eles juntaram os pedaços.

"Saiam da minha casa," digo, meus olhos cravados entre os homens. "Agora."

Eles tentam argumentar, mas os corto.

"Estou pedindo amigavelmente para deixarem minha propriedade," digo. "está em meu direito removê-los."

"Remover-nos?" Jameson pergunta, ficando lentamente de pé enquanto os outros se saem. "Isso é uma ameaça, Sr. Vitale?"

"Não, é um fato."

"É mesmo?"

"Sim."

Ele acena, andando em minha direção, e parando bem na minha frente. Ele me olha bem nos olhos, inabalável, sem piscar, sem um pingo de apreensão em sua expressão. Ele me tem dessa vez, ele acha. Ele acha que tem tudo descoberto. Mas ele não me conhece como acredita que sim, ou ele saberia que não existe maneira que eu vá ser derrubado por um homem como ele. Somos inimigos.

Homens como eu?

Nós vemos o fim nas mãos de um amigo.

"Você quer saber o que eu acho?" Ele pergunta.

Eu não respondo. Não me movo. Eu não ligo sobre o que ele pensa sobre nada.

"Eu acho que é curioso," ele continua, não precisando de nenhuma pressa, "que você não pareça nem um pouco surpreso. Uma

mulher que cresceu com você, a mãe de sua noiva, está morta, e você não está nem um pouco surpreso, está?"

De novo, não digo nada.

"Curioso," ele diz de novo. "É quase como se você já soubesse."

Ele passa por mim, e eu o observo quando faz seu caminho para a porta, fechando-a atrás dele. O choro silenciou, um silêncio tenso tomando a sala. Eu viro de volta para o sofá uma vez que estamos sozinhos, encontrando o olhar de Karissa.

Olhos horrorizados me encaram.

Ela ouviu o que ele acabou de me dizer.

"Você sabia." Seu lábio inferior treme quando ela tenta se controlar, mas está falhando terrivelmente. Ela é uma casa frágil de cartas que está prestes a cair sob seu próprio peso. Tudo o que precisa é uma única respiração, a força de algumas palavras erradas, para quebrá-la. "Você... Oh Deus, *não*... Você não fez. Diga-me que não fez!"

Lágrimas escorrem de seus olhos, cobrindo suas bochechas. Sem dizer nada, aproximo-me dela, ignorando o fato de que ela se encolhe quando me aproximo. Sentando-me ao seu lado do sofá, eu a puxo para os meus braços, sem soltar meu aperto quando ela tenta me afastar. Suas lágrimas silenciosas viram soluços histéricos mais uma vez enquanto a seguro apertado, restringindo-a.

"Diga-me que você não fez isso," ela chora, lutando comigo. "Diga-me que não foi você!"

"Shhh," sussurro em seu cabelo. "Vai ficar tudo bem."

"Não!" Ela grita, engasgando com a palavra. "Diga-me! Diga que não fez isso, que *não* faria isso! Depois de tudo que passamos, tudo o que *eu* passei, diga que não faria isso!"

Ela não me espera para dizer a ela.

Ela sabe, bem no fundo, que eu não posso.

Eu não quero mentir, e ela não quer ouvir a verdade.

O silêncio está cheio com seus soluços enquanto sua hostilidade oscila, dando espaço para a devastação. Ela chora em meu peito, seu corpo tremendo violentamente em meus braços. Eu tento consolá-la, mas minhas palavras só pioram as coisas.

A culpa me apunhala até que não consigo respirar. A dor que a cobre parece estar me atingindo também.

Eu fiz isso.

Não há como contornar.

Eu causei isso.

"Sinto muito," sussurro. "Sinto muito mesmo, Karissa."

Essas palavras trazem a raiva de volta, iniciando-a. Ela me bate, empurra contra mim, deslizando para fora dos meus braços quando eu estou momentaneamente estagnado com sua agressão. Ela fica de pé, ainda chorando, seus olhos arregalados e seu rosto vermelho.

"Você sente?" Sua voz treme. "Você *sente* muito?"

"Sim," admito, surpreso com o quão eu quero dizer essas palavras. "Eu nunca quis—"

"Você nunca quis me machucar," ela diz enquanto joga as mãos para o alto, mascarando a dor com fúria que posso ver queimando em

seus olhos. "Você não lamenta que *a* machucou, lamenta? Você não lamenta que a matou, que tirou sua vida, que a tirou de mim, sente? Não, não sente! Você não sente nem um pouco."

"Sua mãe não era inocente."

"Ela não é inocente? Nenhum de nós é! Minha mãe cometeu erros, minha mãe não era perfeita, mas era minha mãe! Ela era minha... Minha mãe... Ela era *minha mãe*. Você a matou, você a tirou de mim, e tudo o que pode dizer é que ela não era inocente? *O que há de errado com você?*"

Muito, eu acho.

Demais para qualquer um de nós entendermos algum dia.

"Diga-me que isso é uma piada doente," ela continua, implorando para mim, suas emoções mudando tão rápido que mal posso acompanhar. "Diga-me que não é real. Que ela não está morta. Você me disse que se eu viesse com você aquele dia, se eu não a acordasse, você a deixaria viver. E eu fiz... Eu vim com você. Eu fiquei com você. Eu fiz tudo o que podia para salvá-la. Eu a queria viva. Eu até a entreguei para a polícia! Diga-me que não foi por nada. Por favor. Diga-me que ela não está realmente morta!"

Suas palavras fazem a culpa me consumir, transformando meu interior em gelo, congelando meus músculos enquanto encaro a bagunça da mulher tremendo na minha frente. É por isso que ela ficou comigo? Porque ela se abriu de volta para mim? Foi somente para salvar sua mãe?

Nunca foi sobre mim? Sobre *nós?*

As perguntas pulam em minha cabeça, alimentando pensamentos amargos que quase saem dos meus lábios. A sensação de

traição é tão gelado que tenho medo das respostas me quebrarem, estalar bem no meio como um pingente de gelo.

"Por favor," ela sussurra, enrolando os braços ao redor do peito como se estivesse tentando se segurar junta. "Diga-me que isso não é real."

Suspirando, meu olhar afasta dos dela. "Sinto muito."

Antes que a última sílaba sai dos meus lábios, Karissa cai no chão, suas pernas desistindo. Seu choro balança a sala, sacudindo a porra do meu cérebro. Fechando os olhos, eu corro as mãos pelo meu cabelo, pegando um punhado e puxando, tentando me distrair com a dor. Lágrimas picam meus olhos, lágrimas que não quero chorar, lágrimas que não quero sentir. Não quero nada disso.

Eu queria justiça.

Tudo o que recebi foi mais desgosto.

Eles dizem que quando você busca vingança, cava duas covas, uma para você e outra para eles. Já enterrei todos, eliminando corpos e deixei um rastro de restos carbonizados em meu despertar, e agora tudo o que sobrou é minha própria cova. E eu a cavei, certamente... Cavei tão fundo que não há nenhuma maneira fodida de sair dela.

Nenhuma maneira de sair disso, e eu estou a segundos de arrastar a mulher que amo comigo de novo.

"Vá." A palavra sai dos meus lábios sem pensar duas vezes. Não *posso* pensar duas vezes ou o monstro egoísta dentro de mim irá impedir, irá impedir esse momento de fraqueza. "Vá. Agora. Antes que eu não consiga deixá-la ir de novo."

"O que?"

Sua voz está cheia de lágrimas e confusão. Eu abro meus olhos, olhando para ela. A visão do seu sofrimento dói.

Eu tenho que olhar para longe.

"Saia, se quiser. Se quiser ir, vá. Não vou atrás de você."

"Você não vai?"

Eu tento não sofrer com a esperança que escuto em sua pergunta.

Tento, mas falho.

Fodidamente dói.

"Eu não vou," digo. "Se você quiser partir, eu a deixo ir."

Ela me encara, a expressão em branco, enquanto ela tenta entender o que estou dizendo.

"Eu não quero," digo a ela, as palavras escorregando de mim, um aperto na minha voz. Nunca me senti tão vulnerável na minha vida, rasgando-me aberto para ela. "Deixar você ir, irá me matar. Então estou pedindo para você ficar... Ficar comigo. É minha vez de pedir para você ficar dessa vez. Mas cabe a você. Não posso fazer essa escolha. Você terá que tomá-la. Fique ou vá."

Ela lentamente fica de pé e dá um passo para trás. Um passo. É tudo o que precisa. Meu interior quebra.

"Não volte nunca mais," digo. "Nunca volte de novo. Você sai pela porta, Karissa, para o bem de nós dois, você não pode voltar aqui de novo."

Ela hesita.

Um.

Dois.

E então ela se vira.

Fecho meus olhos de novo. Não quero ver enquanto ela vai embora. Não consigo.

Assim que ela sai pela porta, aquelas lágrimas queimando meus olhos se libertam.

Eu choro pela primeira vez em vinte anos.

Então essa é a dor.

Cobalt está silencioso essa tarde.

Kelvin está de pé olhando a porta, como de costume, voltando a desviar os olhos quando passo. Eu o ignoro, andando pelo clube, direto para onde Ray está sentado com alguns outros. Todos eles olham para mim quando me aproximo, silêncio abatendo sobre eles. O homem sentado à esquerda de Ray vaga o assento de couro, sem palavras necessárias. Eu sento sem dizer nada, minha expressão estoica.

"Senhores," Ray diz, limpando a garganta. "Porque vocês não me dão um tempo com meu genro."

Tantos anos depois e ele ainda me chama assim.

Isso nos torna família, mais família do que esses babacas, mas não faz muita diferença no final do dia.

Ele foderia comigo muito pior do que os outros, caso acontecesse algo.

Ele já fez.

Os homens murmuram entre eles quando dispersam, enquanto Brandy, sempre presente esses dias, continua sentada com Ray. A garçonete se aproxima então, segurando uma garrafa de cerveja, mas levanto minha mão, recusando.

"Uísque duplo," digo a ela. "Malte simples."

Ela hesita. "Você quer… Você quer que eu o *derrame* no copo?"

"Estou assumindo que esse ainda é o trabalho do bartender, mas se é isso que lhe agrada, querida, faça-o."

Ela me olha de boca aberta por um segundo antes de acenar e desaparecer com a cerveja. Viro meu olhar para Ray, que me olha com cautela. Até Brandy parece ter sido pega com surpresa, como se a garota realmente me conhecesse o suficiente para ser pega de surpresa por algo que faço.

"Uísque," diz Ray. "Andando no lado selvagem, não? Bebendo meu licor... quem sabe da próxima vez, você pode realmente começar a comer a comida da minha esposa de novo."

"Talvez," digo, olhando Brandy, assistindo quando ela faz uma careta com a menção da esposa de Ray. "Falando nisso, quando foi a última vez que passou um tempo com Martina? Toda vez que o vejo agora, você está com *ela.*"

A expressão de Brandy torce de novo, dessa vez marcada com raiva enquanto me encara. Ray corta seu olhar para ela, dando de ombros levemente enquanto dá um gole em sua bebida. "Fazemos o que nos deixa feliz."

"Não, fazemos o que somos esperados a fazer," eu contrario apenas quando a garçonete retorna com minha bebida. Eu pego dela, engolindo um pouco. É como fogo em minhas veias em frangalhos. "Ou ao menos, é como eu sempre fui ensinado. Fazemos o que devemos, não o que queremos."

Ray me olha com cautela, ordenando a garçonete para longe quando ela tenta pegar outra bebida para ele, esperando até a mulher ter ido embora para responder. "Algo que queira conversar, Vitale? Algo aconteceu com aquela, uh... Situação?"

"Ela não será mais um problema," digo, bebendo mais para queimar o sentimento em meu peito. "Ela se foi."

"Foi para onde?"

Corto meus olhos para ele, bebendo o licor. Ele está curioso, isso está claro. Ele quer saber se ela está morta, mas ele não quer fazer a pergunta.

"Não importa realmente," digo friamente. "Ela se foi como o resto deles."

Ele pondera sobre isso por um segundo, batendo seu dedo contra a borda do copo. "O que causou isso?"

"Eu voltei para casa ontem e a polícia estava lá," digo. "Jameson estava na minha casa... *Na* minha casa."

"Então você lidou com isso."

"Eu lidei com isso."

Não é uma mentira, tecnicamente.

Não é minha culpa se ele interpreta errado o que estou dizendo.

"Ah, veja, eu sabia," Ray diz presunçosamente, acenando com a cabeça para si mesmo, um leve sorriso tocando seus lábios. "Então agora você vê."

Sim, agora eu vejo...

Agora eu vejo o tipo de bastardo hipócrita que ele é.

Agora eu vejo quão perigoso ele pode ser.

Agora eu vejo que meu pai estava certo, que Raymond Angelo não é alguém que eu devesse admirar, que esse não é o tipo de homem que ele criou para eu ser.

Minhas mãos nunca ficarão limpas. Nunca irei limpar o que fiz, e eu não quero. Se você ainda está procurando por uma desculpa sobre isso, você precisa procurar em outro lugar. Meu único arrependimento é Karissa – a dor que causei a ela, o jeito que a machuquei, depois de prometer que não iria. Ela tem a única desculpa que alguém irá ter de mim. Mas ela se foi agora, e não tenho mais nada para dar.

"Agora eu vejo," digo a ele, terminando minha bebida antes de colocar o copo na mesa. "E agora eu estou fora."

Ele me encara de boca aberta quando me levanto. "Você está fora?"

"Eu tive tudo que podia conseguir, Ray. Eu esgotei isso, e agora não há nada mais para mim. Eu terminei o que comecei, o que você precisava que eu fizesse... O que eu precisava fazer... E agora eu acabei."

"Você acha que pode simplesmente ir embora?"

"Não acho que posso," digo. "Eu *estou* saindo."

Levanto minha mão para ele, para apertar a sua. Ele encara por um momento, sua expressão dura, antes de encontrar meus olhos. Ele a pega, apertando-a firmemente, quase ao ponto da dor.

Isso não me intimidou, no entanto.

Ele poderia atirar em meu rosto, e eu não iria recuar.

"Ela arruinou você," diz.

"Ela não me arruinou," digo. "Ela apenas me fez perceber que não havia mais nada para salvar. Eu morri com sua filha, Raymond. Eu sou um zumbi, e ninguém ama um monstro. *Ninguém*."

Eu puxo minha mão da dele, meus olhos mudando para Brandy. Ela está me olhando curiosamente. Meus olhos a analisam. Ela está mostrando mais pele do que cobrindo.

Eu viro para Ray, balançando a cabeça. "Aprecie o que tem, enquanto o tem. Deus sabe o quanto eu gostaria de ter mantido o que eu tinha."

Eu me afasto, saindo, sem me incomodar em dizer adeus.

Eu sei que isso não é o fim.

O fim será uma bala na cabeça.

Ninguém vai embora, mas eu vou.

Talvez eu consiga um dia.

Uma semana.

Um mês.

Não importa, embora, porque o fim virá eventualmente. Estou saindo com um relógio pesado preso em meu peito, contando os segundos que eu tenho.

Mas então de novo, eu tenho vivido desse jeito há décadas.

Eu dirijo ao redor por um tempo, não estou pronto para ir para casa. Não estive em casa desde que ela se foi, desde que ela saiu andando pela porta e não olhou para trás. Não fez nem um dia ainda, mas parece como uma eternidade. Ela não levou nada exceto sua bolsa, deixando as roupas e o telefone para trás. Gostaria de saber para onde ela foi, ou o que está fazendo, só para saber se está a salvo, mas promessa é uma promessa.

Ela é resistente.

Enquanto ela ficar fora desse maldito lugar, ela irá conseguir.

Eu tenho que acreditar nisso.

Eu termino em Hell's Kitchen uma hora mais tarde, parando nos degraus da casa dos meus pais. Eu hesito antes de bater suavemente, bater na porta velha de madeira. Ouço a voz da minha mãe do lado de dentro, dizendo que está vindo. Inclino-me contra a grade, cruzando meus braços em meu peito enquanto espero.

Um momento depois, a porta abre, minha mãe aparecendo. Michelle Vitale é linda, parecendo muito mais nova do que seus sessenta anos, e eu sei que é natural. É o tipo de beleza que vem dos anos de amor incondicional e falta de estresse. É o que eu ficando longe faz com ela. Por mais que ela sinta minha falta, e me ame, eu sei que ela está melhor longe da realidade da minha vida. Eu sei disso e meu pai certamente sabe também.

É por isso que ele não me quer perto dela.

Mas não posso evitar hoje.

Não há cura para os males da vida como o rosto sorridente de sua mãe.

Ela sorri quando me vê, suspirando com surpresa, e instantaneamente me puxa para um abraço. Seu abraço é apertado. Eu a abraço de volta.

Ela tem um jeito de me fazer sentir como um garotinho de novo, e não apenas por fora. Em *tudo.*

"Ignazio!" Ela diz. "Que surpresa maravilhosa!"

"Mãe," digo, beijando sua bochecha. "Você está linda como sempre."

"Oh, você mantém sua bajulação," ela diz, corando enquanto esmaga em meu peito. "Entre, entre... Eu estava apenas fazendo o almoço."

Eu hesito por um momento antes de entrar. Ela fecha a porta atrás de mim, trancando-a. Eles nunca fizeram isso enquanto eu crescia, nunca se incomodaram em trancar as portas, assim como eles não costumavam se incomodar com a segurança na delicatessen. Assim como lá, eu me pergunto se isso é um sinal dos tempos mudando ou se é algo que meu pai fez por minha causa.

Eu a sigo para a cozinha, caindo em uma cadeira na mesa pequena.

Minha mãe é agitada, fofocando e conversando como se nenhum tempo tivesse passado desde a última vez em que me viu, tratando-me como se eu estivesse aqui para o almoço todos os dias. Ela me trata como se eu pertencesse.

Eu sinto falta disso.

Pertencer.

Eu escuto, alegremente, sua voz me acalmando, e eu concordo quando me faz alguma pergunta, mas caso contrário, eu apenas a deixo falar. Ela é interrompida uns minutos depois pelo telefone tocando, e ela se apressa para a sala de estar para atender. Eu sento em silêncio por um momento, olhando em volta.

Tudo ainda parece igual como anos atrás.

Ela retorna, colocando um pouco de macarrão nos pratos e se vira para mim com um sorriso. "Espero que esteja com fome."

Eu devolvo seu sorriso enquanto ela coloca um prato na minha frente, juntando-se a mim na mesa com um prato para ela. Abaixo minha cabeça instintivamente quando ela faz uma rápida oração antes de pegar meu garfo, pegando o macarrão.

"Isso não está envenenado, está?" Pergunto, dando uma mordida.

Ela ri, esticando-se na mesa para bater em meu braço. "Você sabe melhor do que isso, Ignazio. Quem no mundo envenenaria meu garoto com macarrão?"

Eu dou de ombros. "Você ficaria surpresa."

Ela retorna a fofocar. Eu apenas aproveito sua companhia e a comida caseira. Meu prato está praticamente limpo quando o afasto, inclinando-me na cadeira. Estou prestes a agradecê-la, as palavras na ponta da língua quando há uma batida na porta. Meus músculos tencionam enquanto ela solta um suspiro exagerado, empurrando a cadeira para trás.

"É provavelmente seu pai," ela diz, revirando os olhos. "Ele sempre esquece a chave de casa."

"Você o estava esperando para o almoço?" Pergunto.

"Não, mas não estou surpresa que esteja aqui," ela diz. "Foi ele que ligou agora a pouco... Ele também estava surpreso quando eu disse que você estava aqui visitando. Ele achou que eu o estava enganando, disse que não podia acreditar que você estava aqui."

Meu estômago afunda quando ela diz isso.

Ela acha que a surpresa dele é boa.

Eu sei que não é.

Eu empurro minha cadeira para trás e levanto. Eu a sigo, ouvindo a voz familiar assim que ela abre a porta da frente. Não é meu pai, não, mas ele enviou alguém. Não esperava menos.

"Senhora, Ignazio Vitale está aqui?"

Jameson.

Minha mãe parece perturbada. "Uh, sim, claro." Ela retorna para me chamar, mas já estou de pé ali. Meus olhos encontram os de Jameson enquanto eles dançam com diversão. Alguma razão para me assediar é um dia bom para ele.

"Assumo que meu pai ligou para você?"

Jameson acena.

"Não sabia que invadir era sua jurisdição."

"Também temos algumas perguntas."

"Claro que você tem."

"Invasão?" Minha mãe pergunta. "Quem está invadindo?"

"Eu estou," digo a ela, inclinando para beijá-la na bochecha de novo. "Obrigado pelo almoço mãe. Foi bom ver você."

Eu saio para a varanda quando um policial puxa suas algemas.

"Você pode fazer isso quando ela não estiver olhando?" Pergunto. "Por respeito."

Minha pergunta é ignorada, sem surpresa, quando sou jogado contra o parapeito, meus braços forçado para trás. Uma vez que estou algemado, sou arrastado para o carro próximo. Olho de volta para minha mãe, de pé na porta. Ela está horrorizada, os olhos arregalados. Ela parece tão mais velha agora, assim de repente.

Eu deveria ter ficado longe.

Não digo nada no caminho para a delegacia.

Nem quando chegamos lá.

Como de costume, eles esperam até meu advogado chegar para tentar me questionar. Sentamos na pequena sala de interrogatório, meus braços cruzados sobre meu peito, enquanto Jameson e seu parceiro, Andrews, sentam na nossa frente.

"Sobre o que se trata?" Meu advogado pergunta. "Espero que não seja para fazer as mesmas perguntas de antes. Meu cliente não sabe nada sobre o assassinato de Daniel Santino."

"Ou John Rita... Ou o assassinato de sua esposa, Carmela? Ele não sabe nada sobre eles também, certo?"

"Tenho certeza que se meu cliente tivesse alguma informação sobre eles, ele teria vindo até vocês. Mas só porque eles costumavam ser próximos não significa que ele sabe o que aconteceu com eles."

"E sobre a filha deles, Karissa?" Jameson pergunta, olhando mortalmente em meu rosto enquanto fala. "Ele não tem nenhuma informação sobre ela?"

"O que sobre ela?" O advogado pergunta.

"Temos um motivo para acreditar que ela está desaparecida."

"Desaparecida?" A palavra sai dos meus lábios imediatamente. Meu advogado lança um olhar que me manda ficar quieto, como de costume, mas não consigo evitar. Não quando se trata disso. "O que o faz pensar que ela está *desaparecida*?"

"Recebemos uma informação de que—"

"Uma informação," eu concordo, o interrompendo. "Alguém preencheu um relatório de pessoa desaparecida? Porque você a viu em menos de vinte e quatro horas, detetive, então não tenho muita certeza do porque seu departamento iria pegar uma informação sobre um adulto que foi visto noite passada."

Ele pausa, olhando-me. "Recebemos uma informação de uma fonte."

"Uma fonte."

"Sim, uma fonte."

"E o que essa fonte disse, exatamente?" Pergunto. "Porque eu posso garantir a você, ela não está desaparecida, e não há motivo para ninguém pensar que ela está."

"Então ela está na sua casa?" Jameson pergunta. "Porque fomos até lá e ninguém atendeu. Ela também não assistiu a sua aula hoje."

"Ela foi embora."

"Ela foi embora," ele repete, e de repente eu entendo porque irrita Karissa quando repito o que ela fala. Seu tom condescendente me faz querer socá-lo. "Para onde ela foi?"

"Você vai ter que perguntar a ela."

"Como posso entrar em contato com ela? Onde posso encontrá-la?"

"Você é o investigador," digo. "Investigue."

Ele olha para mim com tanto ódio que quase me faz sorrir. *Quase*. Ele se aproxima, do outro lado da mesa para mim. "Ela está morta, Sr. Vitale? Você a matou?"

"Por que eu faria isso?"

"Porque ela nos deixou entrar na sua casa ontem," ele diz. "Talvez isso tenha sido o que o fez fazer isso."

"Você acha que eu a mataria por falar com vocês?" Pergunto, imitando seus movimentos e me inclinando para frente. Meu advogado tenta me parar, interpondo, mas o ignoro. "Se esse é o caso, eu não deveria tê-la matado um tempo atrás, quando ela falou com você pela *primeira vez*?"

Sua testa franze, e eu vejo uma confusão genuína em sua expressão. Ele está lutando para se lembrar de quando ela falou com ele. Isso me diz logo de cara que Karissa estava dizendo a verdade. Se ela fosse a fonte, ele teria deixado sua expressão propositalmente em branco.

"O fato que importa, detetive, é que Karissa está viva, então o que quer que sua fonte contou a você é besteira."

"Então você não cuidou dela por ter falado com a polícia?" Ele pergunta. "Raymond Angelo não queria que você se livrasse dela?"

"Raymond Angelo não é meu chefe."

"Ah, certo, porque você foi embora."

No momento em que ele diz isso, tudo se encaixa no lugar. Ele praticamente recitou minha conversa dessa manhã palavra por palavra. Ele tinha uma escuta plantada lá, mas não do tipo eletrônica. Ray procura por elas diariamente, cuidadosamente controlando quem entra e sai do lugar. Não, ele tinha uma escuta em forma de espião. Sua fonte.

Havia somente outra pessoa lá.

Uma que sempre está lá.

Brandy.

"Não tenho mais nada para falar." Encosto de volta em minha cadeira enquanto viro para meu advogado. "Você quer cuidar disso?"

"Estou tentando," ele sorri forçado, claramente irritado que respondi as perguntas do detetive, mas isso me deu o que eu queria. Ele entra em seu discurso habitual – acusá-lo ou soltá-lo, pare de perseguir meu cliente ou estará olhando para uma ação judicial – antes de eu ser levado de volta para fora da sala.

Pela primeira vez na minha vida, com todas as vezes que fui arrastado para cá algemado, sou fichado no sistema.

Invasão criminal de segundo grau.

"Isso é um pouco demais não?" Pergunto enquanto pegam minha impressão digital. Uma contravenção. "Minha mãe me convidou para entrar."

"Seu pai disse que pediu mais de uma vez para você ficar longe."

"Então ele está prestando queixa."

"Ele está."

Apesar de tudo, dou risada.

Vai entender.

Deixe isso para meu pai ter a certeza que a primeira marca preta apareça em meu registro permanente. Não posso nem ficar bravo.

Não realmente.

Ele me avisou.

Repetidamente.

Capítulo 22

A fita corre em velocidade normal, a maior parte da tela obscurecida porque já é noite, mas há luz o suficiente dentro do setor nos fundo para deixar claro o que está acontecendo. Eu me vejo quando caio no chão atrás do Cobalt, vejo quando as balas voam em mim da arma tremida a apenas alguns passos de distância. Até mesmo no vídeo embaçado, não é difícil reconhecer seu rosto, não é difícil identificar quem foi que me atacou naquela noite.

Assim que o último tiro ecoa e Carmela começa a correr, eu rebobino a fita, recomeçando tudo de novo.

Estive sentado aqui pelo que parece ser um longo tempo. Tempo demais. Horas, talvez. Não sei. Eu apenas continuei assistindo a mesma parte do vídeo, como se talvez em algumas dessas vezes algo vá mudar, como se talvez vá me fazer sentir outra coisa além de desolação. Como se talvez meu arrependimento vá desaparecer e eu me sentirei justificado de novo.

Não está funcionando.

Não posso tirar o olhar no rosto de Karissa da minha cabeça.

Suspirando exasperadamente, fecho meus olhos e encosto na cadeira em minha mesa na sala de descanso. Esfrego as mãos em meu rosto. Preciso expulsar essa frustração, essa agressividade, antes que fodidamente eu exploda. Minha casa está quieta, quieta demais. Sou

acostumado a apreciar o silêncio aqui. Mas hoje parece menos pacífico e mais como penitência. O silêncio não é um presente. É uma tortura.

Abrindo os olhos de novo, olho para meu computador assim que Carmela entra em pânico e vira para correr. Alcanço o botão, para voltar uns minutos, para assistir tudo de novo, quando algo chama minha atenção. No canto da tela, estou lutando para chegar até meu carro, mas meus olhos agora estão focados em Carmela, fixados no brilho de algo atingindo o chão quando corre.

Ela derrubou algo.

Eu rebobino algumas imagens antes de ver de novo, congelando na imagem e dando zoom. Meu estômago embrulha, meu peito aperta quando percebo minhas chaves caindo de sua mão. Ela não para por elas, não as pega, desaparecendo na escuridão e as deixando lá.

Não.

Isso não está certo.

Não pode ser.

Ela voltou?

Ela voltou apenas para pegar as chaves?

Eu acelero a imagem, olhando para o ponto, assistindo quando caos surge no estacionamento, pessoas correndo para a cena para tentar ver o que tinha acontecido. O tempo passa, uma hora, quase duas, antes que alguém finalmente se deparar com as minhas chaves.

É um homem.

Eu aperto o play de novo, assistindo quando ele vira para a câmera.

Kelvin.

Descrença me atinge quando Kelvin joga as chaves para outra pessoa, outra pessoa com as costas viradas para mim, mas não preciso ver para reconhecer Ray. Ele pega minhas chaves por um momento antes de deslizá-las em seu bolso e se afastar.

Eu aperto o stop, a tela ficando preta, deixando a sala de descanso no escuro total.

Ray tinha as minhas chaves o tempo todo.

Aquele filho da puta *brincou* comigo.

Alcanço o outro lado da mesa, onde o telefone de Karissa está, e o seguro enquanto penso no que fazer sobre tudo isso. Corro meu polegar ao longo do rachado no centro do telefone, cheio de culpa que nunca cheguei a comprar um novo para ela.

Sou um namorado terrível.

Um noivo terrível.

Um marido ainda pior.

Não sou um homem bom. Eu já provei isso... De novo... E de novo.

Eu pressiono o botão de cima, aliviado quando ele liga. Eu juro que essa coisa tem mais vidas do que um gato. Abrindo seus contatos, deslizo por eles, não ficando surpreso ao encontrar o de Brandy.

Eu entendo agora porque a garota tentou ser amiga de Karissa.

Ela estava tentando chegar a mim.

Não posso evitar me perguntar se Ray sabia. Será que ele sabe quem realmente é o espião? Será que ele plantou a semente, a trouxe para

seu esquema e a usou para ter certeza que tudo terminaria do jeito que ele queria? Depois do que eu vi, não duvidaria disso.

Se não sou um benefício, não sou nada mais do que um estorvo, um obstáculo que ele estaria muito ansioso para limpar para chegar onde ele quer estar. *Sentimentalismo* para que.

Não aceito muito bem ser desrespeitado, nem levo muito bem ser manipulado. Não sou um de seus brinquedos. Mas se ele quer fazer disso um jogo, eu irei felizmente participar. Eu irei mostrar com prazer como essas coisas são jogadas.

Brandy vive em um arranha-céu em Manhattan, uma suíte na cobertura, com um porteiro e a maior segurança que o dinheiro possa pagar. Ray paga as contas, é claro. Ele paga por tudo. Isso torna quase impossível chegar até ela. Não tem jeito de deslizar para dentro sem ser visto. Não estou muito preocupado em ser pego. Só não quero ser impedido.

Não posso ir até ela, então ela terá que vir até mim.

Pressionando o botão de ligar, escuto enquanto ele chama... E chama... E chama. Estou prestes a desligar e tentar de novo quando a linha é atendida. "Karissa?"

"Brandy," digo calmamente. "É Ignazio Vitale."

"Oh, uh… Vitale. Oi. O que eu, uh… O que posso fazer por você?"

"Na verdade, eu pensei que eu pudesse fazer algo por você," digo. "Eu estava limpando a casa, você sabe, de todas essas coisas... Karissa tinha bastante coisa, coisas que não vai mais precisar, então pensei que talvez você quisesse vir aqui, ver se tem algo que queira."

Ela hesita. "Eu, uh... Não sei."

"Veja, tem sido dias difíceis. Nunca é fácil descobrir que tem alguém lhe dedurando para a polícia. Então preciso fazer isso. Preciso fazer… o que aconteceu valer a pena. Não quero que nada disso seja desperdiçado."

"Ok." Ela ainda soa hesitante, mas não é uma negação, então aceito. "Eu acho que... Irei vê-lo em breve."

"Bom."

Desligo, olhando para a tela por um momento antes de colocá-lo de volta na mesa. Alcançando a gaveta debaixo da mesa, eu puxo um par de luvas de couro e as deslizo em minhas mãos.

Então eu espero.

Eu espero meia hora, então quarenta e cinco minutos. Uma hora passa, e outra, antes de eu ouvir um carro parar em frente da minha casa. Eu saio, nem um pouco surpreso em encontrar Kelvin atrás do volante, com Brandy descendo do lado do passageiro.

As mãos nos bolsos, para não alarmar o homem, eu sigo até o carro, colocando um sorriso em meu rosto. Isso o deixa nervoso. Eu vejo em seus olhos.

"Vá para dentro," digo a Brandy. "O quarto é lá em cima à direita. Vou falar com Kelvin."

Brandy segue para dentro. Ela não se atreveria perder uma oportunidade para espiar. Nenhum espião iria.

Eu espero até ela ter desaparecido antes de focar em Kelvin.

"Vá para casa," digo. "Eu a levo mais tarde."

"Mas—"

"Saia," digo a ele. "Brandy e eu temos alguns negócios para tratar, se você sabe o que quero dizer."

"Oh, uh, claro," ele diz, concordando. "Entendi."

Ele acha que entendeu, mas não.

"E eu aprecio sua discrição," digo enquanto ele liga o carro. "Eu sei que Ray assina seus cheques, mas não sou um cara que você quer cruzar. Entendeu?"

"Sim, entendi," ele murmura, evitando meus olhos. "Tenha uma boa noite, senhor."

"Oh, eu irei." Digo. "A melhor que irei ter em um bom tempo."

Ele acelera para longe, pneus cantando, e eu rio para mim mesmo enquanto sigo para dentro. Fecho a porta atrás de mim silenciosamente, escutando atentamente.

Escuto o barulho no andar de cima no quarto.

Eu subo as escadas lentamente, sem fazer um barulho enquanto sigo pelo corredor, parando na porta aberta. Encosto-me no batente, cruzando meus braços no peito, e observo Brandy mexendo no closet.

Meu closet.

Ela mexe em minhas roupas antes de focar no topo da prateleira, passando a mão na caixa de metal. Ela a pega e eu me encolho quando ela puxa, quase a derrubando, o conteúdo chacoalhando. Ela coloca na cama, tentando abrir a tampa.

Através da escuridão, vejo-a fazer uma careta quando percebe que está trancada. "Merda," ela murmura. "Onde está a chave?"

Ela vira e congela quando me vê parado lá. Seus olhos se arregalam em horror quando inala bruscamente, segurando a respiração. Ela parece que está prestes a fazer xixi nas calças.

"Closet errado."

Ela exala trêmula. "Eu, uh… Eu só, pensei… Quero dizer."

Ela continua a gaguejar quando eu me afasto do batente, puxando minhas mãos dos bolsos. Ela começa a tremer quando me aproximo, seus olhos fixos nas luvas que estou usando.

"Você sabe, Karissa uma vez me perguntou o que tinha nessa caixa," digo. "Eu disse que não tinha nada. Não é verdade, claro, porque obviamente há algo ai dentro, mas não era exatamente uma mentira. Não é nada que ela precisava se preocupar."

"Eu não sabia," Brandy diz logo de cara. "Eu estava apenas olhando e a vi, não sabia."

Ela não tem desculpa. Ambos sabemos disso.

Ela está apenas esperando que eu deixe passar.

"Pergunte-me o que tem dentro," digo. "Vá em frente... *Pergunte*."

"O que tem dentro?"

"Que tal eu mostrar para você?"

Ela fica tensa quando me estico sobre ela para abrir a gaveta ao lado da cama, puxando um dos grampos descartados de Karissa. Eu o dobro e entrego para Brandy.

"Você vê, sem chave para essa caixa… Havia, uma vez, há muito tempo, mas me livrei dela. O único jeito de abrir é forçando o caminho."

Leva um momento para eu conseguir abrir, encontrando a combinação certa de movimentos para a tranca soltar. Ela pula aberta, e eu puxo a tampa para fora, deixando-a de lado. Eu assisto Brandy quando seus olhos curiosamente se aproximam, sua testa franzindo quando olha dentro.

"É a minha vida," digo a ela. Não abri essa caixa em um longo, longo tempo, desde que a tranquei anos atrás. "Ou a vida que eu costumava ter, de qualquer maneira. Depois que minha esposa morreu, eu tranquei o pouco que compartilhamos nessa caixa e guardei. O resto eu queimei. Eu enterrei memórias debaixo de um monte de raiva, e eu continuei, esquecendo esse homem." Eu aponto para a caixa. "Porque eu virei este no lugar dele." Aponto para mim mesmo.

Ela me olha com cautela.

Eu mudo os papeis e cima da caixa – certidão de casamento, certidão de óbito de Maria, a escritura da casa que tínhamos – para mexer através do resto das coisas. Algo velho de Maria, algo novo, algo emprestado e algo azul do casamento, e algumas de suas coisas, pedaços que eu ainda não estava pronto para deixar ir na época. Há um chocalho aqui, a única coisa que compramos para o bebê... A única coisa que Maria teve a chance de escolher. Fotos, muitas e muitas fotos, e finalmente, bem no fundo, eu pego nossas alianças de casamento. Eu seguro seu anel de noivado, o diamante brilhando enquanto a luz da lua bate nele através da janela.

"Você sabe o que eu fiz para comprar esse anel?" Pergunto. "Você sabe o que um garoto de dezoito anos de idade faz para pagar um diamante desse tamanho?"

Ela balança a cabeça.

"Eu prometi coisas para o Ray," digo. "Qualquer coisa que ele queria, qualquer coisa que precisasse, e eu estava lá. Eu disse a ele que faria qualquer coisa pelo dinheiro, para poder dar a filha dele o anel que ela merecia, e ele me fez trabalhar por isso. Eu vinha para casa à noite com as juntas dos dedos sangrando e mentia bem na cara dela sobre como aconteceu. Mas nunca tinha matado um homem. Eu nunca menti. Ele nunca pediu… Até depois que consegui o anel. Depois que nos casamos, ele me disse que havia um espião que eu precisava lidar. Não sabia o que significava isso na época. *Lide com eles*. Mas eu sei agora, e eu sei que você, também."

Ela confirma.

Ela está tremendo, com medo sobre o porquê eu estar contando isso a ela.

Bom.

"Ele me disse que eu ainda devia para ele, pelo dinheiro que ele tinha me dado pelo anel, mas se eu fizesse essa única coisa, meu débito seria pago. Então eu concordei. E ele me olhou naquele dia, e disse, 'Ignazio, você tem que matar seu melhor amigo.' E eu não podia fazer isso. Espiões têm que ir, mas cara... Meu melhor amigo?"

Balançando a cabeça, eu deslizo o anel de noivado em meu bolso antes de fechar a caixa de novo, deixando-a em cima da cama. Eu encaro a parte de cima dela, tentando controlar a emoção que abri-la causou dentro de mim.

"Eu não conseguia fazer isso, mas acho que Johnny conseguia. Levou quase vinte anos para eu retornar o favor, mas eu fiz, finalmente, e agora meu débito está pago. E eu aprendi uma lição valiosa aquele dia, uma que nunca irei esquecer."

"O que?" Ela pergunta calmamente.

"Você elimina um espião antes que ele possa pular do navio."

Antes que ela possa reagir, minhas mãos estão em sua garganta. Eu a arrasto para a parede, batendo sua cabeça contra o gesso com tanta força que faz um buraco. Seus olhos arregalam enquanto luta comigo, mas não vacilo. Eu seguro apertado até que suas veias sanguíneas estouram e seu coração para de bater, roubando seu último suspiro.

Eu a coloco no porta-malas e dirijo para o norte, para a casa enfiada no meio da mata. Eu bato na porta da frente bem depois da meia noite, para o desespero de Carter. Ele me olha com descrença antes de pegar a chave do incinerador sem dizer nada, entregando-a antes de voltar para a cama.

Eu não estou fazendo isso para cobrir meus rastros ou esconder meu crime.

Ray vai descobrir.

Eu quero que ele descubra.

Só quero ter a certeza que nada fiquei para trás para o homem se lamentar.

Ele brincou comigo.

Eu vou levar sua Baby Doll dele.

Capítulo 23

Sofrimento não vai embora.

Você pode ignorar o quanto quiser, arrastá-lo para baixo ou engolir, fingir que não existe, mas ele está lá. Continua lá, à espreita nas sombras, vivendo bem abaixo nas profundezas, alimentando-se de raiva, apenas esperando pelo dia que irá surgir de novo e tomar o controle.

Não, sofrimento não vai embora, nunca, porque sofrimento se torna parte de você.

Ela enraíza em seu sistema, infectando sua corrente sanguínea. Sofrimento pulsa em casa batida do seu coração e o rondeia com cada respiração de seus pulmões. Sofrimento nada atrás de suas pálpebras toda vez que você pisca. Ele vive em cada palavra que fala.

Sofrimento é a porra de uma sanguessuga.

Eu sei, porque estou sofrendo.

Eu tentei ignorar por anos, mascarando com raiva, mas nada fez isso ir embora. O momento que parei e me abri novamente, derrubando minha guarda para me deixar sentir, o sofrimento tomou controle.

A grama é de um verde brilhante não natural que parece brilhar sob o céu cinzento sombrio. Água brilha no solo, a umidade se infiltrando

através dos meus sapatos quando me levanto. Estou aqui há vinte minutos, acho. Vinte horas. Vinte dias. Será que ainda importa, porra?

É a primeira vez que venho aqui em vinte anos.

Eu sei disso por um fato.

O mármore na minha frente ainda parece nova, o nome gravado em negrito. *Maria Angelo Vitale.* Flores frescas estão em cima dela. Algumas rosas vindas de muito tempo. Eram as favoritas dela, eu acho. Não tenho mais certeza. Minha memória está fugindo. Hoje, é a suas flores favoritas. Amanhã será seu rosto. Eu já esqueci o som da sua voz. Já perdi demais. Por que eu não poderia manter isso?

A raiva levou embora, eu acho. Ela tomou lugar em minha busca por vingança.

Não fez justiça a sua memória, como Ray disse.

Fez injustiça para todos nós, mas especialmente para mim.

Roubou os únicos pedaços dela que eu conseguia manter.

Dou uns passos mais perto, parando bem onde eu fiquei no dia que desceram seu caixão. Estou usando o mesmo terno de novo.

Talvez eu o queime depois disso.

"Tem sido um longo tempo," digo. "Um longo, longo tempo."

Minha voz é baixa, mas parece ser levada com a brisa. Não há mais ninguém aqui essa manhã, ninguém nesse cemitério velho, mas parece errado, como se o vento estivesse roubando as palavras dirigidas apenas para ela. Isso me irrita. Irracional, talvez, mas desde quando sou racional?

Eu queria matar uma mulher jovem inocente simplesmente por ter nascido.

"Não sei por que estou aqui," admito. "Não sei se você gostaria de me ver, ou o que você pensaria de mim se ainda estivesse aqui. Não sei, Maria... Mas eu sei que sinto sua falta. Passei malditos vinte anos sentindo sua falta, com raiva que você nunca teve uma chance... Estive tão fodidamente com raiva que esqueci como viver. Estou tentando lembrar, mas é mais difícil do que pensei. Eu sinto culpa. Culpa, porque eu me deixei ser feliz de novo. Não foi por muito tempo, mas eu senti. É fácil esquecer o sofrimento, você sabe, quando você ignora sua existência. Mas ele voltou e agora eu estou fodidamente sofrendo."

Puxando o diamante do meu bolso, eu o olho sob o céu nublado antes de me aproximar, colocando-o na lápide ao lado das flores. Eu me pergunto quem as deixou. Sua mãe? Seu pai? Um amigo que na verdade lembra coisas sobre ela?

"Você deveria ficar com o anel," digo. "Você deveria ter sido enterrada com ele. Eu não estava pensando na época... Eles tiraram de você, e você já estava na terra quando lembrei. Alguém vai provavelmente vir aqui e roubá-lo antes que o dia acabe, mas não é nada novo. Eles roubam tudo. É seu, embora, não meu, então estou devolvendo-o para você, mas dessa vez sem promessas."

Eu dou um passo para trás, mais uma vez olhando as flores. Elas parecem erradas de alguma forma. Talvez por ser rosa.

Flores cor de pêssego eram a sua favorita, eu acho.

"Adeus, Maria," digo. "Parte de mim sempre irá amar você, mas é hora de eu ir agora e finalmente tentar lidar com esse sofrimento."

Eu dou um último olhar para o mármore antes de me afastar. Eu ando através da grama para onde meu carro está estacionado junto ao meio fio e sigo viagem até em casa.

Tem sido uma semana.

Uma semana desde que Karissa foi embora.

Em sete dias, ela poderia estar em qualquer lugar, no sul ou bem ao oeste, algum lugar que não é aqui.

Algum lugar bem longe.

Tem sido uma longa semana.

Não consigo dormir.

Estou dormente fisicamente, emocionalmente acabado. Não tenho mais nada para dar. Loucura me consome. Cada rajada de vento é um aviso; cada farfalhando de folhas é uma ameaça. Estou cansado, tão cansado. Só quero que isso termine.

Eu estaciono na garagem quando chego em casa, subindo e fechando a porta. Faço lentamente o caminho para a casa, puxando minhas chaves e destrancando a porta da frente. Cuidadosamente, eu a abro, congelando com minha mão na maçaneta quando escuto um barulho a distância, vozes animadas vindo da sala de descanso.

A televisão.

Está ligada.

Não a liguei a semana inteira.

Eu não a assisto.

Não me interessa.

Nada aqui me interessa.

Minha pele arrepia, enjoo crescendo na ponta do meu estômago enquanto solto a maçaneta. Lentamente, dou um passo para trás. Estou tão fixado na televisão que mal escuto o farfalhar atrás de mim, o som vago de alguém se mexendo na grama.

Está perto quando escuto, muito perto.

Fodidamente perto demais.

Estou desarmado.

Estou atrasado demais.

Virando-me, a primeira coisa que vejo é o cano de uma arma, apontada bem no meu rosto apenas a alguns passos de distância. Ray a segura, apertando com força a arma, seu dedo no gatilho.

Eu o encaro nos olhos.

Raiva.

Tudo o que vejo é raiva.

Eu reconheço isso, porque por um longo tempo foi assim que me senti, também. É o olhar que eu via toda vez que encarava meu reflexo no espelho.

"Você esteve na minha casa," digo. "Procurando por mim, suponho."

Ele balança a cabeça. "Eu não entrei. Não precisei. Seu carro tinha ido. Sabia que ia voltar eventualmente."

Ele está mentido, eu acho.

Ele tem que estar.

Alguém esteve lá dentro.

Não fui eu.

"Estou surpreso que você esteja aqui," digo calmamente, tentando comprar para mim um tempo para pensar. "Pensei que seria Kelvin, talvez um dos outros. Sujar as mãos não é realmente a sua praia."

"Sim, bem, um homem faz o trabalho sozinho quando tem um assunto pessoal sobre isso."

"Então é pessoal."

"Você sabe que é."

Suas mãos estão firmes. Ele não treme.

Ele vai atirar em mim.

Eu sei disso.

E ele não vai errar seu alvo.

Isso não é uma ameaça vazia ou com a intenção de mandar uma mensagem. Ele é um homem em uma missão e sua missão é assassinar. O fim sempre vem na mão de um amigo. Eu não deveria esperar menos do que o homem que foi como um pai para mim.

"Vá em frente," digo, minha voz firme. Não tenho medo. Eu provavelmente deveria. Talvez seja o monstro em mim que não tem medo da morte. Viver me assusta mais. Viver é fodidamente difícil. Eu já morri uma vez. "Faça isso se realmente for fazer. Ponha uma bala em minha cabeça. Deixe sua filha orgulhosa."

Sua raiva inflama. "Ela era boa demais para você."

"Ela era," concordo, "mas ela me amava, apesar de tudo."

O dedo de Ray pressiona contra o gatilho, perto de dispará-lo, enquanto eu continuo a olhar para ele nos olhos. Há algo errado comigo,

eu acho. Eu deveria estar implorando pela vida. Deveria estar rezando para viver. Meu coração deveria estar acelerado. Eu deveria estar suando. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Mas não sinto nada.

De novo, não há nada.

Nada até eu ouvir meu nome.

É hesitante, falado atrás de mim de dentro da casa, um leve sussurro familiar que nunca pensei que iria escutar de novo. *Naz.* É apenas minha imaginação, digo a mim mesmo. Eu realmente não ouvi.

Exceto que eu ouvi.

Eu ouvi, e eu ouço de novo. *Naz.*

Dessa vez Ray ouve, também.

É real.

Seu olhar passa por mim, até a porta aberta, sua raiva dando espaço para surpresa. Eu viro rapidamente, pegando um par de olhos castanhos suaves, hesitantes, mas desprovidos de medo. Ela pode me ver, mas não pode vê-lo. Ela pensa que estou sozinho. Ela pensa que estou apenas de pé aqui.

Ela não está com medo de mim.

Não mais.

Karissa.

Ela não tem certeza do que pensar com o meu silêncio quando dá um passo para perto de mim e fala de novo.

"Ignazio?"

Meu coração pula uma batida antes de martelar forte em meu peito, meus pensamentos de repente acelerados. *Aqui* está o sentimento. *Aqui* está o medo. *Aqui* está a adrenalina. Ela lava através de mim tudo de uma vez até que estou me afogando, mas não por mim. Não, nem um pouco. É por *ela.*

Não.

Não.

Foda-se, não.

Ela não deveria estar aqui.

Karissa dá um passo em minha direção.

Assim como Ray.

Meu olhar pula entre os dois, frenéticos.

São apenas segundos, aqueles breves segundos onde o mundo para de girar, quando você olha para o cano da arma que você sabe que vai tirar tudo de você. Sua vida, talvez, mas certamente sua razão de viver. Mas dura apenas segundos antes da arma mudar.

Ray mira em cima do meu ombro, para a porta. Seu dedo aperta o gatilho quando eu grito, lançando-me nele. O tiro voa, alto em meu ouvido, uma pequena explosão que ressoa no ar ao meu redor. Eu o acerto um segundo tarde demais, derrubando-o no chão, uma raiva familiar me consumindo. Nós lutamos enquanto eu brigo com ele, colocando minhas mãos na arma, batendo nele com ela para me soltar de seu aperto antes de virar. Eu não hesito. Eu nem penso sobre isso.

Eu seguro a arma.

Eu puxo o gatilho.

Um segundo depois que eu atiro, eu escuto o exalar afiado, a luta por ar em seus pulmões desesperados. Meus olhos estão em Ray, enquanto ele deita de costas na grama, imóvel. Ele não está respirando.

Isso não veio dele.

Não.

Deus, não.

Meus olhos voam para a porta da casa onde o som me atinge de novo. Não vejo Karissa. Ela não está de pé lá mais. Mas posso ouvi-la.

Eu escuto quando ela engasga.

Quando ela tenta respirar.

Afastando-me de Ray, fico de pé, solto a arma na grama e corro para dentro, quase caindo assim que me aproximo da entrada. Sangue pinta o linóleo branco ao redor de Karissa. Ela está caída de costas, apertando o ferimento no peito, tentando manter o sangue, mas está escorrendo rápido demais. Caindo de joelhos, eu a puxo em meus braços, forçando suas mãos fracas para longe do ferimento. Eu rasgo sua blusa, tirando-a do caminho. O ferimento está perto de sua caixa torácica e está sugando ar cada vez que inala.

Merda.

Eu coloco suas mãos apertadamente contra ele de novo, olhando para ela. "Aguente firme, ok? Vou pegar alguma coisa para segurar o ar."

Corro para a cozinha, jogando coisas ao redor enquanto procuro nos armários, procurando um rolo de plástico filme. Eu pego uma fita médica da gaveta e corro de volta para Karissa, grato por ela estar exatamente do jeito que a deixei. Caio no chão, puxando suas mãos

para longe, e rasgo um pouco do plástico. Cubro o ferimento, tampando-o apertado, antes de procurar em meus bolsos para encontrar meu telefone.

Com uma mão, aperto firmemente o ferimento, enquanto com a outra eu disco para a emergência. Meu coração ainda bate acelerado enquanto suas mãos ensanguentadas agarram meus braços, segurando em mim. Lágrimas escorrem em suas bochechas, suas respirações em suspiros de pânico enquanto olha para mim. O olhar aturdido já está em seus olhos.

"Respire fundo, baby," digo a ela, minha voz embargada, enquanto seguro o telefone na curva do meu pescoço. "Tente relaxar. Quanto mais agitada você ficar, mais rápido seu coração bombeia e mais sangue você perde."

"*911, qual sua emergência*?"

"Preciso de uma ambulância agora," digo. "Mulher de dezenove anos com um ferimento de bala aberto no peito."

Eu falo o endereço, e a atendente tenta me dar instruções, pedindo-me para ficar na linha até a ajuda chegar, mas derrubo o telefone, deixando-o atingir o chão ao meu lado, sem me incomodar em desligar. Eu ainda pressiono com força o ferimento, tentando diminuir o sangramento enquanto minha mão livre retira o cabelo de seu rosto.

"Naz," ela sussurra. "Naz..."

"Está tudo bem," digo a ela, continuando a afastar seu cabelo enquanto olho para ela. "Eu tenho você. Só continue respirando, ok? Você vai ficar bem contanto que continue respirando para mim. Você acha que consegue fazer isso?"

Ela acena fracamente.

"Só continue respirando," sussurro, saboreando cada respiração que ela dá, não importa o quão tensa. "Só continue respirando."

Ela tenta. Porra, posso dizer que ela está tentando, mas cada inalar traz uma careta de dor. Seu rosto se contorce com um choro enquanto limpo as lágrimas. "Naz..."

"Não," digo, balançando a cabeça. "Não tente essa merda. Não faça *Naz* em mim. Você só continue respirando e vai ficar tudo bem. Eu prometo. Você não pode... Eu não posso perder você. Eu preciso que você continue respirando, Karissa. A ajuda está vindo. Apenas aguente por mim."

Dois minutos.

Quatro minutos.

Dez minutos.

Um fodido século.

Eu não sei quanto tempo passou antes de ouvir as sirenes à distância, as luzes brilhando quando param em frente a casa. É a polícia primeiro, depois os socorristas. As pessoas cercam a casa, oficiais e médicos. Alguém me agarra, me puxando para longe dela. Karissa vira a cabeça na minha direção quando sou arrastado para a entrada, e eu não escuto sua voz, mas eu vejo seus lábios se moverem, murmurando meu nome.

Naz.

Sou arrastado para fora. Está um caos.

Outro século passa.

Talvez seja só um minuto.

Eu não sei.

Eu não sei nada.

"Apenas continue respirando," sussurro para mim mesmo. "Apenas continue respirando."

Eu pisco e os oficiais me cercam.

Outra piscada e Karissa está sendo carregada para longe.

Tento forçar meu caminho pela multidão, tentando chegar até ela, mas sou detido. Há muitas pessoas aqui. De onde diabos elas vieram? Não importa o quanto eu grite, o quanto eu lute, a ambulância sai sem mim, rasgando entre a rua em alta velocidade, as sirenes berrando.

Mais algumas piscadas. As pessoas estão falando comigo. Suas vozes estão ilegíveis. Não posso pensar, porra. Agarro meu cabelo com força, andando em círculo, sem dizer uma palavra exceto "continue respirando."

Não sei quando aconteceu, mas de repente Jameson está aqui. Fita de cena de crime em volta da minha casa. Estou de pé na frente dela, coberto de sangue, minhas mãos tremendo. Ele está na minha frente, uma expressão preocupada no rosto. Ele está uma bagunça, e eu pisco para limpar minha visão, percebendo que estou chorando.

Estou chorando, porra.

De novo.

"Eu preciso ir," digo, tentando passar por ele. "Preciso chegar ao hospital. Tenho que estar lá."

Ele dá um passo em minha direção, cerca de doze homens com ele, bloqueando meu caminho. Eu olho para ele, as narinas dilatadas. Posso sentir as lágrimas queimando meus olhos. Está me irritando mais do que já estou.

"Você quer me impedir?" Pergunto, dando um passo na direção de Jameson. "Eu desafio você a tentar. Eu *desafio* você."

O homem não mostra sinal de raiva, seu olhar perturbado deixando os meus para olhar ao redor. Sua atenção se prende no volume na grama coberto com um lençol.

"Apenas diga-me o que aconteceu," ele diz antes de voltar para mim, sua expressão séria. "O que aconteceu?"

Hesito.

"Ele atirou em minha noiva," digo. "Ele nos queria mortos."

"Então você o matou."

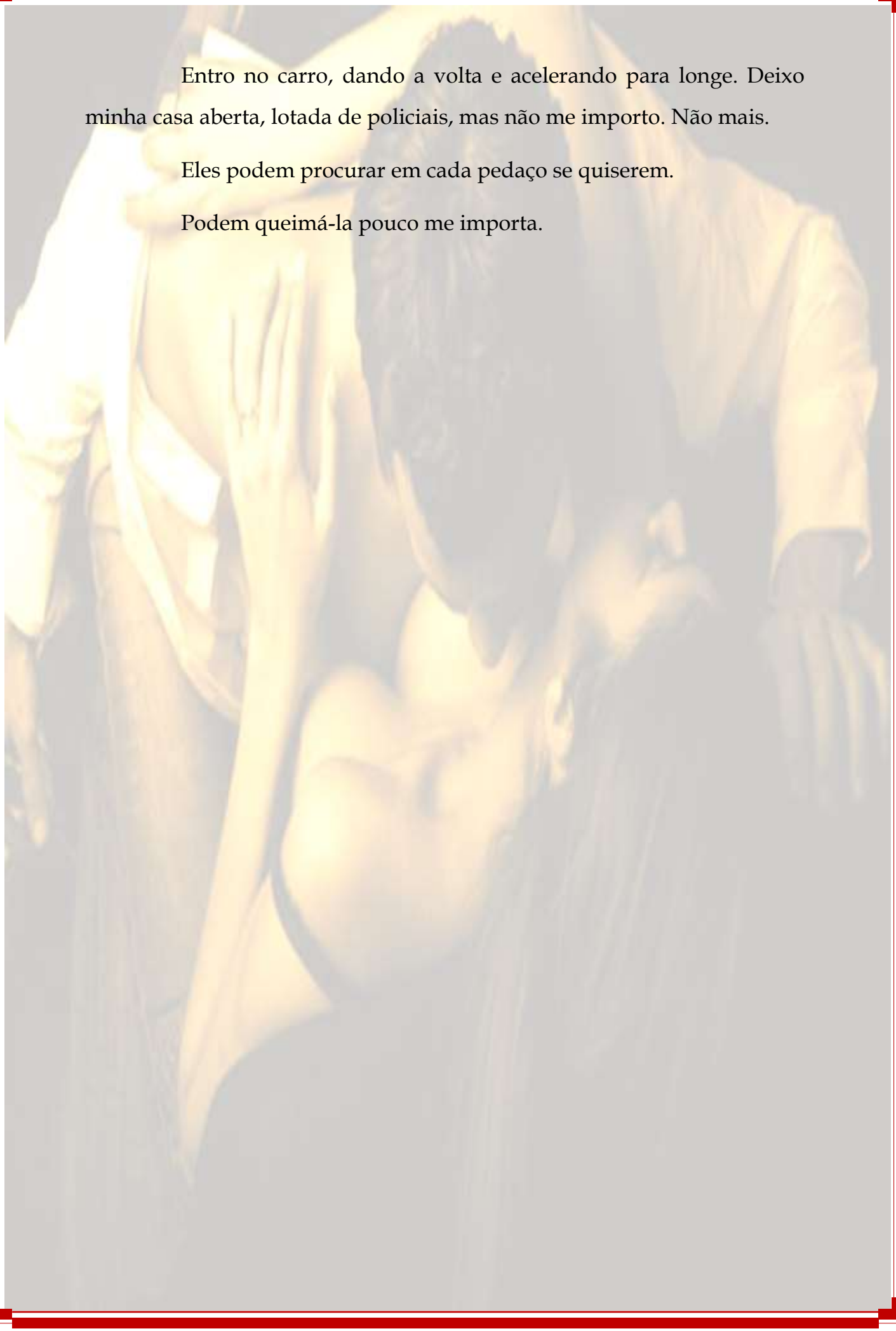
"Então eu o impedi," corrijo. "Justiça já foi servida, Jameson. Não que você consiga alguma para mim, de qualquer maneira, mas seu trabalho aqui está feito. Eu fiz isso para você... *De novo.*"

Ele acena antes de entrar. "Vá em frente. Vou fazer algumas perguntas para você mais tarde, mas vá em frente, vá para o hospital."

Eu passo por ele, agarrando minhas chaves e sigo para o carro.

"Você vai deixá-lo sair livre?" Andrews pergunta com descrença. "Ele acabou de confessar que o matou, e você o está deixando sair livre?"

"Foi legítima defesa," Jameson diz. "Eu o quero atrás das grades tanto quanto você, mas não queremos parecer como os caras maus aqui."



Entro no carro, dando a volta e acelerando para longe. Deixo minha casa aberta, lotada de policiais, mas não me importo. Não mais.

Eles podem procurar em cada pedaço se quiserem.

Podem queimá-la pouco me importa.

Capitulo 24

A sala de espera de hospital é um purgatório.

É aquele lugar, entre o céu e o inferno, onde você é forçado a esperar pela sua hora, pela palavra a respeito de onde você vai em seguida. Não é agradável. Na verdade, é uma tortura. Mas você senta lá, e se agarra à esperança, dizendo para si mesmo que não é tão ruim, porque você sabe que sempre pode ser pior.

Porque você sabe que apenas pode.

A sala está bem iluminada, as luzes fluorescentes em cima de mim piscando e queimando meus olhos. Cada piscada dói. Cada músculo em meu corpo dói.

Uma criança grita no corredor. Sua mãe soluça. Um velho fica espirrando. Uma mulher não para de falar. Os barulhos me cercam, uma névoa de caos que faz minhas orelhas doerem enquanto puxo meu cabelo com força e olho a porta.

Eu encaro.

E encaro.

E encaro.

Apenas esperando ela abrir, e eles me darem o julgamento final.

Céu ou inferno.

Vida ou morte.

Parece que estou amarrado em uma maca com uma agulha no braço, exceto que não sei se é uma sala de hospital ao meu redor ou uma câmara de execução.

Mais alguns minutos.

Eu continuo respirando, inspira e expira, de novo e de novo, rezando para ela estar, também. *Apenas continue respirando.*

A porta abre eventualmente e um médico sai. Todos ao meu redor olham para ele, esperançosos, mas ele olha direto para mim, sua expressão branca. Ele para antes de andar em minha direção, parecendo nervoso.

Meu estômago afunda.

Não.

Não.

Não diga isso.

Não me diga que ela se foi, também.

Não me diga que sua última palavra foi meu nome.

"Sr. Vitale? Posso falar com você em particular?"

Olho para longe dele, olhando ao redor da sala. A mãe está chorando de novo. A criança ainda está gritando. O velho assoa o nariz enquanto a mulher lhe conta sobre as malditas feridas.

Já é o inferno, decidi, não o purgatório.

"Apenas diga," digo a ele. "Acabe com isso."

"Se você insiste."

"Sim."

"Ela está na recuperação."

Leva algumas batidas para essas palavras afundarem. Eu olho para ele. "*Recuperação?*"

Ele confirma. "Foi difícil e um pouco perigoso… Perfurou um pulmão, fraturou algumas costelas, mas reparamos o estrago. Ela teve sorte por você estar lá quando aconteceu. Seu pensamento rápido salvou a vida dela."

Deveria me sentir aliviado com isso, mas não.

Eu não salvei a vida dela.

Eu quase a tirei dela.

"Obrigado," digo. "Posso vê-la?"

"Em breve," diz. "Ela ainda está inconsciente, mas será levada para o quarto daqui um tempo. A enfermeira irá chamá-lo assim que você puder entrar."

São três horas mais tarde quando eles veem até mim.

Eu sei com certeza dessa vez, porque em vez de olhar para a porta, eu olhei para o relógio. Nesse tempo, o velho recebeu boas notícias, a mulher falante caiu no sono e a mãe recebeu a notícia de que seu mundo nunca mais seria o mesmo.

A enfermeira me guia para um quarto escuro na UTI. Paro na porta, olhando para a cama. Karissa está deitada completamente imóvel. Ela está respirando, mas não por conta própria.

Ela está em um respirador.

"Você pode ter alguns minutos," a enfermeira diz, "mas então vou ter que pedir para você sair. O horário de visitas já acabou, então você terá que voltar amanhã."

A enfermeira se afasta e eu fico na porta, olhando-a, ouvindo seu coração bater no monitor. Não espero a enfermeira voltar.

Eu apenas saio.

Não vou muito longe, terminando de volta na sala de espera. Eu acampo em uma cadeira no canto, sem dormir. As pessoas entram e saem à noite toda e na tarde seguinte. Eu ando pelo hospital ocasionalmente, passando os minutos em transe.

Estou de pé ao longo de uma parede perto da UTI, vinte e quatro horas após Karissa ter sido trazida, ainda usando as mesmas roupas, sujas com seu sangue. Olho para fora da janela, para o estacionamento, vendo os carros entrarem e saírem, quando alguém se aproxima por trás. "Sr. Vitale?"

Eu viro, encontrando o médico que deu as notícias ontem. Ele para quando dá uma boa olhada para mim, gaguejando um momento. "Você esteve aqui esse tempo todo?"

"Sim."

"Você deveria ir para casa," ele diz. "Descanse um pouco."

Eu olho para mim mesmo e balanço a cabeça. "Não há nada para mim lá."

"Ao menos se limpe," ele diz. "Deixe-me pegar uma roupa cirúrgica para você. Temos chuveiros que você pode usar."

Quero discutir, recusar, mas um banho parece muito bom agora. Eu sigo o homem para o vestiário no próximo piso. Ele me entrega um par de roupas escuras, dizendo-me para tomar meu tempo.

Fico de pé na água quente por um longo tempo, lavando a tonalidade vermelha da pele, tentando absolver-me das memórias, mas elas me assombram. Toda vez que fecho os olhos, vejo seu rosto pálido, seu olhar vidrado, o sangue jorrando de sua pele.

Desligo a água, secando-me e vestindo as roupas. Descarto meu terno no lixo antes de sair. Ando ao redor do hospital de novo e sigo de volta para a UTI. Faço meu caminho até o quarto de Karissa, parando do lado de fora da porta.

Ela está acordada.

As máquinas estão apitando, mas o respirador se foi. Uma enfermeira está de pé ao lado da cama, checando seus sinais vitais enquanto Karissa se mexe um pouco. Eu assisto curiosamente, quieto, esperando até a enfermeira terminar. A moça sai, lançando-me um sorriso.

Uma vez que ela se foi, eu lentamente entro no quarto, olhando-a. Seus olhos mudam para mim. Não tenho certeza do que dizer. Uma desculpa está na ponta da língua, outra fodida desculpa, mas ela quebra o silêncio e fala primeiro.

"Roubando roupas cirúrgicas de novo?"

Sua voz está rouca e fraca, mas está brincando. Isso me deixa imediatamente à vontade, aliviando a tensão que estava carregando em meus músculos desde ontem. Eu me aproximo, encorajado pelo fato de que ela não mandou eu me ferrar. "Você disse que pegamos emprestado, lembra?"

"Eu lembro."

"Então estou tentando esse visual de novo. Os ternos pretos não servem mais para mim."

"Eu gosto," ela diz, sorrindo suavemente. "Você parece... Um médico."

"Médico," repito, puxando uma cadeira mais perto de sua cama e sentando. "Terei que me lembra disso."

Seu sorriso vacila um pouco quando me olha. Ela estica a mão para mim, e treme um pouco quando tenta mantê-la lá. Suspirando, eu a agarro, pressionando entre minhas duas mãos. Sua pele está fria.

"Você me assustou, querida," digo calmamente.

"Sinto muito."

"Não se desculpe," digo. "Nunca se desculpe para mim. Não é sua culpa… É minha. Se alguém deveria estar se desculpando, deveria ser eu."

Ela lentamente balança a cabeça. "O médico disse que você salvou minha vida."

"Eu a coloquei nessa situação para começar," digo. "Você não deveria estar lá. Você foi embora, e eu disse para você não voltar... Eu disse que se saísse, para continuar, para nunca voltar. Por que você estava lá? O que estava *pensando?*"

Sua voz é ainda mais baixa agora que responde. "Eu senti sua falta."

"Você sentiu minha falta," eu digo, rindo em descrença. "Sério... Você sentiu minha falta?"

"Sim."

"Por quê?"

Ela me olha de novo. Ela não responde.

"Você deveria estar feliz. Eu disse que não iria atrás de você, e eu não fui. Você estava livre e limpa."

"Esse é o problema," diz. "Eu sabia que você não estava vindo."

"Eu pensei que era o que você queria, Karissa. Você queria que eu a deixasse ir, então eu deixei."

"Eu pensei que era o que eu queria, também, mas o que eu queria era a opção. Eu queria ter uma escolha. Eu queria que você perguntasse."

"Eu perguntei."

"Não, você não perguntou. Você disse que estava pedindo para eu ficar, mas nunca perguntou. Você nunca perguntou."

Não faz sentido para mim. É um argumento mesquinho. Não importa como eu disse isso... Se ela quisesse ir, ela iria, e ela foi. Ela saiu.

E eu não entendo porque ela iria voltar.

"Eu senti sua falta," ela diz calmamente enquanto aperto sua mão. "Não esperava sentir sua falta tanto quanto senti. Senti falta de conversar com você... Senti falta do jeito que você me provoca, o jeito que me olha. Eu odeio as coisas que você faz... Odeio partes suas, o monstro você é algumas vezes, mas eu não odeio o homem que eu me apaixonei. E ele é o único que eu senti falta."

"Não sou um homem bom, Karissa."

"Você não é um mau, também, Ignazio."

É o mesmo argumento de novo.

"Eu pensei que você odiava o jeito que eu olho você."

"Eu odeio," diz, "mas eu amo, também."

Balançando minha cabeça, solto um suspiro longo e me inclino para baixo, beijando a mão da mão dela. "Você deveria correr para longe, muito longe de mim."

"Eu sei que deveria," ela diz. "Eu gostaria de poder."

"Você pode."

Ela balança a cabeça e olha para longe, encarando o teto. Ela está piscando devagar, pesado.

"Não sei porque eu voltei," ela diz. "Eu não entendo nada disso, mas talvez eu não deva. Eu não deveria estar aqui, mas estou... Eu não deveria amar você, mas eu amo. Você tem problemas, Naz. Há alguma coisa *seriamente* errada com você. Mas talvez haja algo errado comigo, também, porque não importa o quanto eu tente odiar você, ou quanto eu quero ficar longe de você, eu não consigo. Eu amo você, mas eu não entendo... Eu não entendo porque você faria isso, porque faria isso comigo, como você poderia me machucar quando deveria me amar, também."

"Não era sobre você."

"Como você pode dizer isso?" Ela pergunta, sua voz crescendo um pouco, forte. "Ela é minha mãe."

"Eu não queria fazer isso, Karissa," digo. "Eu não aproveitei um segundo disso."

"E isso deveria tornar-se melhor?"

"Não," digo, olhando para sua mão na minha, meus olhos traçando a intravenosa em seu braço. "Nada que eu diga irá melhorar isso, Karissa. O que está feito, está feito, e não pode ser trazido de volta. Eu não espero seu perdão... Não tenho nem certeza se você *deveria* me perdoar. Perdão... Isso certamente não era algo que eu era capaz."

Ela está chorando, calmamente, lágrimas silenciosas escorrendo em suas bochechas enquanto continua a olhar para o teto. "Ela não sabia... Sobre o que ele tinha planejado, sobre o que tinha feito, até depois. Ela me disse isso, e eu acredito nela. Ela não sabia ate que era tarde demais."

"Isso talvez seja verdade," eu respondo, "mas ela passou anos depois disso sabendo o que ele tinha feito, e ela o protegeu. Ela o escolheu. Apesar do que ele fez, ela se recusou a dar as costas para o homem."

"Tal mãe," ela sussurra, "tal filha."

Eu acaricio sua mão por um momento, meu polegar fazendo círculos ao longo de sua pele. "Não estou dizendo que o que ela fez justifica o que eu fiz. Não estou tentando justificar isso. Estou apenas dizendo, sua mãe fez a escolha dela. Ela sabia o que significaria para ela. Ela atirou em mim. Ela sabia que esse jogo terminaria com um de nós morto, e estou arrependido que tenha sido ela, Karissa... Eu estou... Mas não posso sentir muito por não ter sido eu."

Ela inala profundamente, como para se acalmar, enquanto fecha os olhos. "Eu não sei o que eu devo fazer. Eles estão segurando ela... Ela está em Watertown, e eles me disseram que eu posso ir, que eu posso... tê-la, mas não sei o que devo fazer."

"Você a coloca para descansar."

"Onde?"

Fico quieto por um momento, pensando na pergunta, antes de eu soltar a mão de Karissa. Ela a deixa no ar por um segundo antes de colocá-la de volta na cama, descansando contra o peito.

"Eu tenho um lugar," digo, correndo minhas mãos pelo rosto.

Ela vira a cabeça para olhar para mim. "Você tem um lugar?"

"Cemitério Católico St. John's no Queens. Eu tenho um terreno lá."

"Você tem?"

"Sim," digo calmamente. "Acho que sua mãe iria gostar. Johnny foi enterrado lá meses atrás, então ela não ficaria longe dele."

Karissa não diz nada, mas não está argumentando contra, então isso conta para alguma coisa.

"Farei os arranjos para você," digo, levantando-me. "Você não deveria lidar com isso."

Começo a me afastar quando ela me chama.

"Naz, por que você tem um terreno lá?"

"Comprei há um tempo," digo, hesitando perto da porta para olhar para ela. "É onde Maria foi enterrada."

"Mas você não—?"

"Eu não preciso disso," digo antes que ela faça a pergunta. "Eu não pertenço lá. Não mais. A vida de Maria foi marcada por violência... Ela deveria ser capaz de descansar em paz."

São duas semanas mais tarde quando Karissa é liberada do hospital.

Duas semanas depois quando ficamos de pé na grama úmida do cemitério silencioso, em frente ao caixão preto brilhante colocado sobre a sepultura recém cavada. A realidade da situação envolve o túmulo, um lembrete constante de onde a vida nos levou. Carmela viveu sua vida se escondendo e a sua morte parece quase a mesma coisa.

Isolada.

Não há ninguém aqui.

Ninguém para compartilhar memórias.

Ninguém para dizer adeus.

Ninguém, isso é, exceto eu e Karissa, junto com um padre e os homens da casa funerária. À distância, na colina, posso ver o carro da polícia sem identificação, mas eles não vão se aproximar.

Eles estão apenas observando.

Observando-me, porque apesar de tudo, eles ainda estão determinados a me acusar de algo.

"Devemos, uh, começar?" O padre pergunta, enquanto o silêncio tenso que nos rodeia fica maior.

Karissa não responde. Ela está de pé bem ao meu lado, usando um vestido preto simples, tão perto que seu braço roça no meu. Sua cabeça está abaixada, olhos fixos na grama, as mãos cruzadas na frente dela. Ela balança um pouco. Ela não deveria estar de pé. Mas é teimosa… Tão malditamente teimosa.

Ela me ignora quando digo para encontrar algum lugar para sentar.

Lágrimas presas no canto dos seus olhos. Ela apenas queria alguém que se importasse, alguém que aparecesse... Mais alguém que não fosse eu. Ela queria que a vida de sua mãe importasse para mais alguém além dela.

Suspirando, viro para longe dela e olho ao redor, congelando quando vejo alguém se aproximando ao longe. Surpresa corre através de mim.

Meu pai.

Ele está usando sua roupa comum de trabalho, calça cáqui e uma camiseta branca, o avental sujo ainda preso ao redor de sua cintura. Ele veio direto da delicatessen, percebo, e ele se esqueceu de tirá-lo na pressa. Ele está segurando um buquê de flores, e quando chega mais perto, eu vejo que são rosas.

Rosas cor de rosa.

Meu olhar se desloca para o túmulo adjacente. O anel já se foi, sem surpresa, mas as rosas permanecem no lugar. Murchas, mas ainda estão lá.

E eu acho que sei quem as deu para ela.

Meu pai mantém a cabeça baixa enquanto anda, murmurando para si mesmo quando se aproxima. A cabeça de Karissa levanta com o som de sua voz, seus olhos arregalando enquanto olha para ele.

"Desculpe por estar atrasado," ele diz para ninguém em particular. "Perdi a noção do tempo."

"Sem problema," o padre diz, pegando sua mão para apertá-la, parecendo aliviado demais por mais alguém ter aparecido. "Estamos felizes que conseguiu chegar aqui."

Meu pai acena, afastando-se do homem, e coloca as flores em cima do caixão antes de dar um passo para trás. Ele cruza as mãos na frente, recusando-se a encontrar meus olhos enquanto permanece lá, esperando.

O padre começa.

Não há muito que dizer.

Ele conta os fatos sobre a vida de Carmela, fazendo da mulher uma caricatura que nenhum de nós aqui reconhece, antes de limpar a garganta e olhar para nós três, lutando por algo mais a dizer. "Algum de vocês tem uma história que gostariam de compartilhar sobre Carmela?"

"Eu tenho uma."

A voz do meu pai chama minha atenção de volta para ele. O padre acena em sua direção, dando a ele a vez.

"Eu conhecia Carmela desde que ela era uma garotinha," diz, apontando para os joelhos. "Ela era mais ou menos dessa altura, você sabe, uma pequena coisinha corajosa. Ela costumava vir à delicatessen todo dia em seu caminho da escola para casa e eu perguntava como seu dia tinha sido, e não importava o quão bom seu dia tinha sido, ela sempre me contava alguma coisa ruim. Ela vivia reclamando, isso sim. E eu sempre dava um cookie, você sabe, um daqueles que fazemos fresco. Eu falava para era não se preocupar, que o dia seguinte seria melhor. Faz muitos anos desde que a vi... A última vez, ela veio na loja, e eu perguntei como seu dia tinha sido e ela disse que tinha acabado de descobrir que teria um bebê, então ela não iria reclamar mesmo se pudesse. Ela pegou

um cookie e saiu. Nunca mais a vi de novo. Desde esse dia, sempre que fazemos Snickerdoodles[26], eu penso nela. Era o favorito dela."

Lágrimas escorrem nas bochechas de Karissa, mas ela sorri. "Ela costumava fazê-los para mim."

Silêncio preenche o ar novamente. O padre limpa a garganta antes de seguir.

Acaba tão rápido quanto começou.

Depois, meu pai se aproxima, pegando as mãos de Karissa nas suas. Ele beija sua bochecha, sorrindo, dando a ela a saudação calorosa que não recebeu da última vez.

"Venha à delicatessen qualquer dia," ele diz a ela. "Tenho alguns cookies com seu nome neles."

"Obrigada," ela sussurra. "Eu irei."

Ele a solta, acenando para mim com a cabeça. "Apenas deixe esse aqui em casa na próxima vez."

O padre puxa Karissa depois, e meu pai vira para mim, encontrando meus olhos. Ele me olha por um momento, sem um pingo de apreensão.

"Rosa," digo.

Ele dá de ombros. "São as favoritas de sua mãe, então imaginei que não podia errar com elas."

Ele se vira, hesitando quando o chamo. "Olhe..."

Ele levanta a mão no ar para me parar. "Guarde isso, Ignazio. O que quer que seja, não quero ouvir." Seu olhar muda para Karissa

[26] Um tipo de cookie feito com manteiga ou óleo, açúcar e farinha, enrolado na canela.

brevemente antes de voltar para mim. "Apenas não me faça visitar outro túmulo de mulher por sua causa."

Meu pai sai andando, e eu acho, enquanto ele desaparece no cemitério, que essa é, provavelmente, uma das últimas vezes que irei falar com ele.

"Naz?"

Viro quando Karissa diz meu nome e eu imediatamente a puxo para meus braços, abraçando-a apertado.

"Você está pronta para sair daqui?" Pergunto.

"Sim."

Ela dá um ultimo longo olhar para onde sua mãe irá descansar para sempre antes de virar para longe. Seguimos para o meu carro e entramos, e eu olho o espelho retrovisor quando nos afastamos, esperando a polícia me seguir, mas acontece o contrário.

Eles não vêm atrás de mim.

Algum dia, mas não hoje.

Solto um suspiro de alívio, esticando e pegando a mão de Karissa, dando um aperto.

Eu não vou para casa.

Karissa não questiona.

Eu dirijo para o norte, fora da cidade.

Ela olha para fora da janela, ainda segurando minha mão, mas fica em silêncio. Talvez esteja com medo de fazer perguntas. Talvez ela apenas confie em mim para levá-la a algum lugar seguro.

Eu não sei, mas aprecio seu silêncio.

É mais confortável do que eu esperava que fosse.

A casa do Dr. Carter está silenciosa, sem carros por perto, sem pessoas ao redor. Estaciono a Mercedes bem na frente e desligo o motor enquanto Karissa olha a construção com confusão. Há apenas uma pequena placa ao lado, mas seus olhos estão nela.

Dr. Michael Carter.

Serviço Veterinário.

"Você está brincando comigo," ela diz, seus olhos virando para mim. "Eu pensei que ele fosse médico."

"Ele é," digo. "Um médico de medicina veterinária."

"Você levou um tiro, quase morreu, e em vez de ligar para a emergência, você faz uma ligação para a porra de um *veterinário*?"

Sua descrença me faz rir, mas não comento. Em vez disso, eu abro a porta do carro. "Vamos lá, há algo que eu quero mostrar para você."

Ela sai do carro depois de mim e eu a guio para os fundos. O momento que viro a esquina, eu ouço o rosnado e paro, olhando para baixo para um par de olhos castanhos redondos enquanto eles me olham.

"Killer!"

Karissa engasga, afastando-se de mim para correr até ele. Seu rosnado cessa instantaneamente quando fica animado com a visão dela, pulando para cima e para baixo. Karissa cai de joelhos, enrolando seus braços ao redor do cachorro enquanto começa a soluçar.

Ela se perde.

Ela chora muito e forte.

Ela está sofrendo.

Tortura.

Posso sentir isso emanando dela.

Está bem no fundo de sua alma.

Não é sobre o cachorro, eu sei. Não é nem sobre sua mãe, e certamente não é sobre seu pai. Não tem nada a ver com ele. Tem a ver comigo, ou ela, ou qualquer um. Não é sobre Daniel, Paul ou Ray. É sobre a vida, e como cruel ela pode ser às vezes.

Quão injusta a vida é.

Todos nós temos uma mão nisso.

Fazemos o que devemos fazer, pegamos o que devemos pegar e algumas vezes machucamos pessoas que juramos não machucar, mas machucamos, porque a vida nos faz.

É um mundo de cachorro comendo cachorro.

Somos todos monstros, quando chega ao fundo disso.

Seus olhos encontram os meus.

Ela murmura a palavra 'obrigada'.

Não faço nada além de acenar.

Não mereço sua gratidão.

Mas ela é o tipo de mulher que é grata, de qualquer maneira.

Epílogo

Eu vou lhe contar algo que um homem sábio uma vez me contou: *não é a escuridão que é assustadora, é o que você talvez possa encontrar nela que é.*

Eu sempre tive medo do escuro quando criança, medo que monstros iriam entrar no meu quarto à noite, mas agora eu sei que não há nada para temer. Não porque monstros não existem. Eles existem. Já os vi. Encontrei com eles. Um me atacou enquanto eu dormia.

Eu até me tornei um depois.

Não, a razão pela qual não há nada para temer no escuro é porque monstros de verdade espreitam na luz, também. Eles se escondem em lugares a vista. O truque é encontrá-los antes que eles alcancem você.

Não sou um homem bom.

Não sou.

Eu sei.

Mas Karissa me diz que talvez eu não seja um homem mal, também. Sou o tipo de homem que desliza facilmente entre a escuridão e a luz, o tipo de monstro que anda ao longo das sombras.

Através da escuridão, eu olho para Karissa deitada ao meu lado na cama. Ela me olha cautelosa, seus olhos reservados e nervosos

enquanto espera por uma reação. Estou suando, tentando recuperar meu fôlego, tentando me acalmar e expulsar as memórias da minha cabeça.

Odeio esses pesadelos fodidos.

Segundos passam enquanto ela espera antes de ter um barulho no corredor, algo arranhando contra a porta do quarto.

Entrando em pânico, nem penso sobre isso enquanto agarro Karissa protetoramente, forçando-a atrás de mim. Meu coração salta quando olho para a porta, sentindo suas mãos em mim.

"Relaxe," ela sussurra, agarrando meu braço. "É apenas Killer."

Killer.

Leva um momento para isso afundar em mim, mas eu não relaxo, meus músculos e ombros tensos. Eu ofereço um pequeno sorriso a Karissa quando ela se inclina, beijando levemente meus lábios.

Eu a beijo de volta quando ela corre as mãos ao longo do meu rosto, enxugando o suor da minha testa. Ela não faz perguntas. Ela não pede nada de mim. Dou a ela o mundo e por isso ela me oferece confiança. Ambos sabemos que eu não mereço isso.

Nunca irei.

Mas sou grato, e eu mostro a ela.

Eu subo em cima dela, beijando-a profundamente, mais frenético. É instintivo, quando ela se abre, espalhando as pernas para eu me ajeitar. Estou dentro dela logo em seguida. Com ela, nunca há hesitação.

Eu aprendi minha lição.

Eu encontro paz na escuridão algumas vezes agora. Eu encontro paz com ela. Eu nunca vou esquecer, mas ela me faz sentir como se está tudo bem me lembrar. Tudo bem lembrar da dor e do medo. Tudo bem admitir que a escuridão me apavora.

Porque eu encontrei uma luz nela.

Eu a encontrei.

Os arranhões na porta continuam, seguidos por rosnados quando Karissa começa a fazer barulho. Ela pode confiar em mim, mas Killer certamente não. Ele pega os gemidos de prazer dela como sinais de perigo e tenta quebrar a porta para me pegar.

Eu tinha outro medo quando criança.

Apenas mais um.

Malditos cachorros.

Cena Bônus

Karissa.

O bar esportivo está um caos total.

Cada cabine lotada, bundas plantadas em todos os bancos, enquanto os garçons correm para trás e para frente e os bartenders entregam bebida atrás de bebida. Naz ainda está bebericando a mesma que pediu há trinta minutos. Imagino que deva estar quente agora, mas não parece incomodá-lo.

Ele não parece *notar*, de fato.

Ele está sentado de frente para mim no pequeno banco de madeira, a postura relaxada, mas expressão em branco. O homem está aqui fisicamente, mas sua mente está em algum lugar longe, bem longe. Onde? Não sei. Eu perguntaria, mas ele provavelmente não responderia.

Ele iria apenas me dizer para não me preocupar sobre isso.

É o que ele sempre diz esses dias quando pergunto coisas, quando ele pode dizer que estou começando a pensar demais novamente. *Não se preocupe com isso.* Eu tento, mas é difícil, dado o que enfrentamos, dado a quem ele é.

Ou costumava ser...

"*Você está fora?*"

"*Tão fora quanto um homem como eu possivelmente pode estar.*"

"*O que isso ao menos quer dizer?*"

"*Não se preocupe com isso. Só saiba que eu estou fora de tudo aquilo.*"

Fora.

Fora de tudo aquilo.

Dificilmente.

Durante o ano passado, houve incidentes. Conversas baixas no telefone e desaparecimentos no meio da noite, nenhuma deles ele deu explicações, seguidos por dias de limpeza obsessiva de seu carro finalmente concertado ou sendo mais paranoico que o normal. Os policiais estiveram por perto mais vezes do que pude contar, perguntando sobre situações e pessoas que Naz finge ignorar.

Fora, para Naz, certamente, não é acabar com os hábitos.

Limpando minha garganta, pego o hambúrguer de bacon que a garçonete colocou na minha frente minutos atrás quando passou correndo. Dou uma mordida, dramaticamente rolando os olhos. Jesus Cristo, é o céu em um pão. Estou surpresa que não escuto trombetas tocando ao longe enquanto mastigo, limpando a gordura do meu rosto quando escorre pelo meu queixo.

Melhor hambúrguer de todos.

"Eu juro, eu poderia comer um desse todo dias," digo. "Café da manhã, almoço *e jantar*."

Os olhos de Naz mudam para mim com o som da minha voz. Ele não está comendo. Ele diz que não está com fome. "Não tenho certeza se seria bom para sua saúde."

"Sim, mas você ainda me amaria se eu ganhasse, tipo, trezentos quilos, certo?"

Um pequeno sorriso surge no canto dos seus lábios enquanto ele me olha, apenas o suficiente para dar um vislumbre de suas covinhas. "Certo."

"Vê? Nenhum problema."

"Claro, até você ter um enfarte maciço das artérias obstruídas. Eu já me preocupo com você tendo diabetes com o tanto de chocolate que come."

Eu reviro os olhos em vez de argumentar, dando outra mordida enquanto ele ri. Eu engulo com o resto da minha coca assim que a garçonete aparece acelerando. Ela derrapa até parar, pegando o copo vazio com um sorriso. "Refil, querida?"

"Sim, por favor."

Ela vira sua atenção para Naz. "Outra cerveja?"

Ele balança a garrafa. *Vazia.* "Claro."

A garçonete se afasta, retornando momentos depois com nossas bebidas. A tampa já está fora da garrafa de Naz, mas ele mal dá uma olhada antes de tomar um gole.

Eu sorrio, incapaz de evitar, enquanto olho para ele. Sua mente divaga de novo, sua atenção para todo lado, mas não me importo. Não realmente. Isso me dá a chance de olhar para ele como ele costuma me olhar.

Tenho certeza, se as pessoas nos conhecessem, se soubessem da nossa história... Se tivessem lido as letras pequenas da nossa história… Eles se perguntariam como eu posso estar aqui agora. Como eu posso me sentar nessa mesa, de frente para esse homem, e respirar o mesmo ar que ele respira, compartilhar o mesmo espaço que ele ocupa. Ele iriam se perguntar como eu consigo olhar para ele e sentir qualquer coisa menos ódio. Como eu posso vê-lo e não desejá-lo morto.

A verdade é que, algumas vezes, eu me faço as mesmas perguntas.

Pergunto-me se há algo de errado comigo. Se é algum tipo de doença que peguei? Delírio. Ilusões. Talvez seja a Síndrome de Estocolmo[27], ou talvez uma doença que nasceu comigo. Não contagiosa, mas genética, algo que minha mãe passou para mim. Eu vejo um eco dela em mim. Estou tropeçando pelo mesmo caminho que ela se perdeu um tempo atrás, um caminho que reafirmou seu amor eterno por um homem que fora marcado pela morte.

Pergunto-me se é assim que ela se sentiu, encarar a compreensão de que o homem que tinha escolhido para se entregar era o mesmo homem que levou muito dela. Pergunto-me se ela se sentiu do jeito que eu me sinto, se ela viu o que eu vejo: um homem imperfeito, uma alma torturada, um pingo de esperança dentro do que todos os outros acham sem esperança. Pergunto-me bastante, mas nunca terei as respostas, nunca terei a chance de fazer essas perguntas, graças ao homem sentado a minha frente.

Alguns dias, ainda estou muito irritada sobre o que ele fez, sobre como ele me machucou, mas outros dias... dias como hoje, quando

[27] Síndrome em que a pessoa, submetida há um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia e até mesmo sentimento de amor ou amizade perante o seu agressor.

o pego em silêncio e vejo uma sugestão de vulnerabilidade que ele normalmente mantém trancada... Proporciona-me uma sensação de alívio. Alívio que nunca vou ter minhas perguntas respondidas, que nunca vou ter que saber como todos nós somos fodidos.

Termino de comer enquanto ele bebe sua cerveja, olhando para a televisão mais próxima. Está passando futebol, o barulho da multidão alto, mas o silêncio que nos rodeia é confortável.

Após eu ter terminado meu hambúrguer, deslizo meu prato de lado e olho a tv. Não sei nada sobre esportes. Há um time verde e um azul e eles colidem entre si como as ondas de um mar tumultuado, mexendo, esmagando e fazendo o que diabos eles fazem para marcar pontos.

Eu não sei.

Eu não entendo.

"Eu preciso de um emprego."

Minha atenção voa direto para Naz quando ele diz isso. "O que?"

Suspirando exasperadamente, ele se inclina no banco, seus olhos mudando para mim. Ele me olha, mas sua expressão continua impassível.

Após um momento, ele dá de ombros.

"Um emprego," ele diz de novo. "Alguma coisa."

"Você quer...? Quero dizer, se é sobre dinheiro, eu..."

Ele me interrompe com uma risada e toma um gole da cerveja. "Estamos bem de dinheiro. Nossos filhos estão bem com dinheiro, assim como os filhos deles, e os filhos dos filhos deles. Não é sobre o dinheiro."

Olho de boca aberta para ele. Isso foi um inferno de um monte de crianças hipotéticas, ele apenas as jogou lá para um homem que não proferiu uma palavra para mim sobre nós potencialmente termos uma família desde a última vez que pisamos na cidade do pecado. "Se não é sobre dinheiro, então..."

"Eu só preciso de alguma coisa," ele explica, sem olhar para mim agora, seus olhos mudando para a mesa de madeira entre nós. "Você tem a faculdade. Você vai ter alguma coisa um dia, uma *carreira*, e eu não tenho nada."

"Você tem muito," eu digo, embora eu saiba exatamente o que ele quer dizer quando fala que não tem *nada*. Ele não tem nenhum foco, nenhuma objetivo, nada para estar trabalhando por mais. O homem passou toda sua vida adulta caçando algo, e agora que foi feito, ele está apenas lá, estagnado, sem saber para onde ir.

"Você me perguntou uma vez o que eu teria feito com a minha vida se eu não tivesse perdido tudo," ele diz. "Eu estava pensando sobre isso mais cedo... Pensando sobre que tipo de homem eu teria sido se Johnny não tivesse me transformado."

"Você descobriu?"

"Eu não sei," ele diz, terminando sua bebida antes de colocar a garrafa para baixo. "Eu era um garoto punk. Claro, eu estava na faculdade, mas quem sabe quanto tempo isso teria durado, considerando que eu já estava fazendo trabalhos estranhos para Ray na época. Eu só queria ser tudo o que meu pai não era... Eu não queria ter que trabalhar até morrer apenas para pagar as contas. Eu não queria terminar como Giuseppe Vitale. Então eu acho que talvez, independentemente, quando tudo foi dito e feito, eu ainda seria exatamente assim. Mesmo se Johnny

não tivesse feito o que fez, alguém, provavelmente teria, e eu ainda teria me tornado esse homem."

Sua voz tem um tom desanimado, como se essa compreensão fosse um duro golpe.

"Você acha que foi o destino? Que você apenas nasceu para ser desse jeito?"

"Não." Ele encontra meus olhos de novo. "Estou dizendo que minhas escolhas teriam eventualmente me levado para esse caminho. Eu posso apenas culpar a mim mesmo, e eu sinto muito pelo que ser esse homem causou para todos que já amei."

Essas palavras enviaram uma onda de choque através de mim.

Nunca, em um milhão de anos, eu esperava escutá-lo dizer isso.

Não sei como responder.

"Então sim..." Ele acena para a garçonete, pedindo a conta. "Eu preciso de *alguma coisa.*"

Ele puxa um pouco de dinheiro, jogando-o na mesa, antes de levantar. Ele estica a mão para mim, e eu olho sua mão estendida por um momento, em estado de choque.

Ele *realmente* acabou de dizer isso?

Puta merda.

Ignazio Vitale realmente aceitou a culpa.

Naz solta uma risada leve quando balanço a cabeça para sair do estupor e pego sua mão, ficando de pé. Ele liga nossos dedos juntos,

apertando levemente, enquanto nós dois saímos do bar lotado para o andar do MGM Grand[28].

Eu não esperava voltar aqui, ver esse lugar de novo tão cedo depois da nossa última visita. O cassino está lotado, e ainda é bastante cedo para uma sexta-feira à noite, mas em vez de ficar aqui com a multidão, seguimos para nossa cobertura.

Exatamente o mesmo quarto que da última vez, também. Tudo parece familiar, ainda assim tão diferente. Dessa vez, não há Brandy, Ray e nenhum homem que Naz vai matar no final do dia (que se pode esperar, de qualquer maneira). Não há negócios para lidar (que eu saiba), nada planejado (que ele me diz), sem expectativas exceto viver o momento.

Nenhuma expectativa exceto estarmos juntos.

Eu gosto muito mais dessa maneira.

Assim que chegamos ao quarto e Naz abre a porta, eu vejo uma garrafa de champanhe em um balde de gelo na mesa, um prato de morangos cobertos com chocolates ao lado. Sorrindo, ando até a mesa, pegando um morango da bandeja e o segurando no alto, acenando-o para Naz enquanto ele se aproxima.

"Para alguém preocupado com a minha diabetes iminente, você com certeza me mima demais com essas coisas."

Ele sorri enquanto estoura a garrafa de champanhe e pega duas taças, colocando um pouco em cada. Ele entrega uma para mim, ficando com a outra, enquanto dou uma mordida no meu morango. "Não estou no negócio de negar nada a ninguém. Eu definitivamente não *me* nego. Claro, isso talvez mate você um dia, mas eu certamente não sou de julgar.

[28] Hotel & Cassino de Las Vegas.

Tudo que eu faço é obrigado a voltar para mim, e quando isso acontece…" Ele dá de ombros, tomando um gole da champanhe antes de sorrir brincalhão. "Tenho certeza que será um inferno para pagar."

"Para você?"

"Ou eles."

"Quem são *eles?*"

Ele se aproxima de mim e eu fico tensa instintivamente, a taça em uma mão e metade de um morango na outra, quando ele pega meu queixo, puxando meu rosto em direção a ele, seu polegar traçando meu lábio inferior. Sua expressão muda diante dos meus olhos, o divertimento acabando enquanto aquele olhar surge em seus olhos. *Aquele* olhar.

O monstro.

Ele está me olhando.

"*Eles* são qualquer pessoa que ousar entrar no meu caminho," ele diz, a voz baixa, e eu não posso evitar, mas tremo quando essas palavras me atingem. Medo. Excitação. Terror. Alegria. As sensações lutando por controle no meu corpo, remexendo meu interior e deixando meus joelhos fracos. Eu nunca, em nenhum momento, vou duvidar que ele quer dizer isso, e tão assustador quanto possa ser, sabendo do que ele é capaz, sabendo que ele não hesitaria fazer isso, minha loucura aprecia a segurança. Ele mataria o mundo inteiro, queimaria até chão, mas aquela parte em mim acredita nele quando ele diz que vai *me* proteger do mal.

Ele não é a prova de balas. Eu sei que não é. Mas eu acho, agora, ele virou um resistente quebrado. Depois de tudo, Naz não é fácil de derrubar. Algum dia, quando ele morrer, se acontecer amanhã com

uma bala ou daqui a sessenta anos de velhice, Naz irá morrer lutando. Ninguém nunca vai quebrá-lo novamente.

Seus olhos analisam meu rosto, lentamente e metodicamente, como se estivesse estudando cada contorno, antes de seu olhar fixar em minha boca. Ele lambe os lábios, e os meus se separam em resposta, soltando um suspiro trêmulo. Meus olhos se fecham quando ele me beija suavemente, e eu gemo com antecipação, esperando-o aprofundá-lo, mas em vez disso, ele ri em meus lábios.

Abrindo meus olhos, eu vejo quando ele dá um passo para trás, sua expressão mais uma vez leve. O monstro foi embora. Naz bate sua taça contra a minha antes de beber o resto e se virar.

"Desfrute de seus morango," ele diz. "Vou tomar um banho."

Provocador do caralho.

Eu olho de boca aberta para ele até desaparecer antes de eu terminar de comer o resto do morango. Eu o ouço se movimentar no segundo andar da suíte, ouço a água ligar no banheiro. Eu fico aqui, ouvindo o barulho por um momento, franzindo o cenho.

Eu deveria ficar aqui em baixo.

Realmente.

Eu não deveria segui-lo.

Não deveria *incomodá-lo*.

Não é como se ele tivesse me pedido para ir junto.

Não é como se tivesse me convidado.

Então eu deveria ficar bem onde estou. Deveria beber toda a champanhe, comer todos os morangos e apenas mandá-lo se foder, o bastardo provocador.

Eu deveria.

Não fico.

Eu tomo o que está no meu copo antes de colocá-lo para baixo e sigo para as escadas. Eu piso levemente, nas pontas dos meus até o banheiro no andar de cima. A porta está encostada e não faz um barulho quando eu a empurro lentamente para o lado. As luzes estão fracas, o ar embaçado com o vapor da água, os espelhos revestidos com uma fina camada de névoa no vidro, mas posso vê-lo de pé sob o chuveiro.

Suas costas estão viradas para mim enquanto ensaboa o cabelo com shampoo, o cheiro forte, todo masculino de Naz flutuando em minha direção. Jesus, o homem sempre cheira tão bom quanto aparenta. É pecaminoso, como se apenas respirá-lo fosse o suficiente para uma garota gritar alguns Ave Maria.

Ave Maria, cheia de Graça, deixe esse homem me foder essa noite...

"Não estou surpreso."

O som da sua voz deixa meus músculos tensos. Suas costas ainda estão viradas para mim. Ele nem ao menos olhou em minha direção, não consigo deixar de imaginar como ele sabe que estou aqui.

Não digo nada.

Eu não sei o que dizer.

Não estou surpreso?

Ele está falando comigo?

Ele lava seu cabelo, o mais casual possível, como se não tivesse dito uma palavra. Após um momento de silêncio, Naz vira para mim, seus olhos encontrando os meus. Ele se aproxima do vidro, usando sua mão para limpar um pouco a névoa.

Eu tento manter contato visual.

Eu mantenho.

Eu tento.

Realmente, eu tento muito.

Muito.

Mas meus olhos traidores têm mente própria; meu corpo faz o que diabos ele quer. Meu olhar muda para seu peito e suas cicatrizes, seguindo a trilha de pelos até seu pau.

Sim, definitivamente duro.

Sua risada é mordaz, levanto meus olhos de volta para os seus, sabendo que fui pega o admirando.

"É você," ele diz. "Exibicionismo é *sua* coisa, passarinho engaiolado, não minha."

Eu sinto minhas bochechas corarem. Ele curva o dedo, fazendo sinal para eu me aproximar quando ele abre a porta de vidro. Hesitando, ando até ele, enquanto ele casualmente encosta contra a parede do chuveiro, cruzando os braços sobre o peito. Eu me sinto como uma criança prestes a ser repreendida por espiar, com o jeito que ele está me olhando, a expressão séria, sobrancelha levantada. Ele parece quase *irritado.*

Ugh, por que é que isso me excita mais ainda?

"Existe algo que eu possa fazer por você?" Seus olhos me analisam como eu fiz com ele um momento atrás. "Você precisa de algo?"

A insinuação é clara, embora seu tom seja tudo menos brincalhão. Há um limite duro nas palavras. Quando ele encontra meus olhos de novo, eu os vejo escurecidos. O monstro está de volta e ele está se sentindo irritado.

A parte racional de mim grita para sair correndo daqui e deixar o homem tomar banho em paz, mas eu não escuto. Eu sei disso e Naz também. Ele levanta uma sobrancelha, esperando pela minha resposta.

Eu não consigo formas as palavras.

"Bem?" Ele diz após um momento. "Você vai responder a pergunta ou eu vou ter que *tirá-la* de você?"

Eu abro minha boca para dizer algo, *qualquer coisa*, mal falando uma sílaba quando Naz me agarra. Oh inferno, ele não está nem *esperando* pela minha resposta. As palavras saem em um grito quando ele me puxa completamente vestida para o chuveiro com ele. A água está quente... Jesus, está praticamente *escaldante*. Estou surpresa que não queima meus mamilos.

Ele me empurra para de baixo do jato na frente dele, batendo a porta de vidro. A água se agarra ao meu vestido, pesando o material, encharcando minha pele. Eu tento empurrá-lo, para me afastar, mas ele é forte demais. Seu corpo me prende lá, forçando minhas costas na parede. Suas mãos apertam minhas coxas, puxando-me para cima, e eu engasgo com surpresa, enrolando meus braços ao redor do seu pescoço enquanto me seguro pela vida preciosa.

"Como eu disse..." Seus lábios passam ao longo da minha mandíbula antes de parar ao lado da minha orelha. "Eu não estou surpreso."

"Você alguma vez está?"

"Não."

Ele me aperta contra a parede do chuveiro, uma mão firmemente ao meu redor, mantendo-me no lugar, enquanto a outra desliza entre nós, encontrando seu caminho por baixo do meu vestido encharcado. Minha respiração falha quando ele me esfrega sobre o tecido fino da minha calcinha antes de sua mão deslizar por baixo.

Oh merda.

Oh merda.

Puta que pariu.

Seus dedos são ásperos, calejados, e ele não é nem um pouco gentil com seus movimentos, esfregando forte, enviando cargas fortes de eletricidade pelo meu corpo.

"Tão molhada," ele murmura.

"Bem..." minhas unhas cavam na pele atrás do seu pescoço enquanto me seguro nele, meu corpo tenso com as sensações correndo através de mim. "Nós *estamos* no chuveiro."

Naz ri sombriamente. "Você sabe o que eu quis dizer, querida."

Ele empurra um dedo dentro de mim, depois outro, enquanto seu polegar encontra meu clitóris. Eu mordo o interior da minha bochecha, mas é desnecessário. Eu mordo com tanta força que sinto gosto de sangue. Ele conhece cada botão para apertar, cada pedaço de pele para tocar, para me arrastar sobre a borda e o esquecimento. Com apenas uma

mão, o homem me tem subindo a parede, ofegante, contorcendo, desesperada por mais.

Mais.

Mais.

Mais.

"É isso o que você quer?" Ele pergunta. "É isso o que você precisa?"

Balanço minha cabeça, fechando os olhos, enquanto relaxo contra a parede. Água cai no meu rosto, cai em cima de mim, meus olhos queimando, rímel escorrendo e a maquiagem derretendo, mas estou tão perto do orgasmo que não consigo nem me importar. "Mais."

"Quanto mais?"

"Muito mais," murmuro, sentindo a pressão crescendo, cada pedaço de mim formigando. Calor me ataca violentamente, dentro e fora, golpeando minha pele enquanto estico meus músculos. Os lábios de Naz encontram meu pescoço e ele suga, fazendo-me ofegar quando ele morde o ponto sensível abaixo da minha orelha. Seus dedos bombeiam com fervor enquanto eu esfrego duro contra suas mãos, chegando perto... Perto... Perto.

"Oh Deus, tão perto," eu gemo, inclinando mais a cabeça quando seus lábios fazem seu caminho até a frente do meu pescoço. Ele morde minha garganta, a pele vibrando ao redor de sua boca quando eu solto um grito agudo com a dor inesperada. Meu corpo tenciona em reação quando ele curva os dedos, encontrando o ponto.

Aquele ponto.

Eu explodo, prazer, dor, tensão, libertação e cada coisa fodida que meu corpo já continha inflamando em uma bola de fogo que brilha bem entre minhas pernas. Eu bato minha cabeça contra o azulejo, a dor atirando contra meu crânio.

Antes do prazer diminuir, Naz me solta, colocando-me de pé. Meus joelhos dobram, e eu quase atinjo o azulejo, despreparada, mas Naz me mantém de pé. Ele me arrasta para o outro lado do chuveiro antes mesmo que eu possa recuperar o fôlego, girando-me então minhas costas viradas para ele.

Naz me pressiona contra a parede de vidro enorme que dá para o primeiro andar da suíte. O tecido do meu vestido bate contra ele, aderindo-o assim como gruda em meu corpo trêmulo.

Ele não diz uma palavra – nenhuma sílaba, nenhum suspiro, nenhum um sussurro contra minha pele, quando ele arranca minha calcinha e me levanta o suficiente para empurrar dentro de mim. Eu engasgo, e ele para com o barulho, antes de se equilibrar, estabilizando-me lá, para bater em mim. Ele me fode duro, tão brutal que eu quase choro, o mix de prazer e dor intenso, inesperado. Jesus, eu não estava preparada para *isso*. Um braço me prende a ele na cintura enquanto sua outra mão encontra minha garganta.

Eu puxo uma respiração profunda, exalando trêmula quando meus pulmões parecem que vão queimar, mais e mais. É uma tortura, esperar por algo, esperar pela sensação vertiginosa dele bloqueando o fluxo de ar, esperando seus dedos pressionarem contra minha jugular. Estou distraída, esperando... Esperando... Esperando… Pela asfixia.

Ela não vem.

Eu sinto vontade de *gritar.*

"Naz..." Minha voz é um grunhido. "Por favor."

Eu não sei nem o que estou implorando. Eu quero que ele faça isso? Eu não sei. *Eu não sei*. Eu só queria que ele me tirasse da miséria, Jesus Cristo, apenas faça isso ou não. A provocação é demais, a ameaça iminente de sua mão em minha garganta agitando a adrenalina até minha visão embaçar.

Foda-se, eu não sei o que eu quero.

Ele parece saber, no entanto, sua mão mudando, apertando apenas o suficiente para me fazer ofegar por ar.

Dentro de segundos, um orgasmo me preenche, e ele solta quando sugo uma respiração profunda, gritando seu nome. Ele empurra dentro de mim tão forte que estou surpresa que o vidro consegue sustentar a força, surpresa que ele não quebra com nosso peso, quando seu corpo treme.

Ele me solta rápido, deixando-me ir e se afastando. Sou pega de surpresa, atingindo o azulejo com um estrondo. Eu estremeço e olho para Naz, assistindo em choque quando ele se masturba, rápido, forte, gozando no ralo do chuveiro.

Tem sido um longo tempo desde que ele fez isso, puxado desse jeito, gozando em algum lugar exceto dentro de mim. *Um longo, longo tempo*. Seus olhos estão fechados, a cabeça jogada para trás enquanto suas respirações saem alteradas. Ele é impressionante, não há dúvidas sobre isso, mas a visão dele me importuna.

Há algo errado.

Ele está se segurando.

Após seu corpo se acalmar, ele abre os olhos, abaixando seu olhar para mim. O olhar distraído e desvanecido de antes está de volta, sua testa franzida com a minha visão no chão do chuveiro. "Você está bem?"

Eu aceno lentamente. "Eu acho que quebrei minha bunda, mas de outra forma..."

Ele se abaixa e me puxa em pé, puxando-me de volta para debaixo do chuveiro. Ele tira minha roupa, puxando o vestido encharcado e pesado, descartando-o no canto do chuveiro, antes de suas mãos explorar minha pele. Ele acaricia e massageia, pegando o sabonete e gentilmente lavando cada pedaço de mim, antes de passar shampoo no meu cabelo.

Eu apenas fico lá, deixando-o fazer isso.

Ele não fala, mas isso parece como o inferno de uma desculpa.

Depois, ele pega uma toalha de rosto e a passa em minhas bochechas, esfregando a pele ao redor dos meus olhos. Posso ver as manchas pretas da minha maquiagem no tecido. "Eu pareço um guaxinim, não pareço?"

Um sorriso toca seus lábios. "Você é linda, baby. Não se preocupe."

Reviro os olhos, mas ele não me dá muita chance de argumentar. Ele desliga a água e abre a porta do chuveiro, saindo. Pegando um roupão do cabide na parede próxima, ele o enrola em mim, esfregando meus braços e beijando minha testa.

"Por que você não vai colocar mais champanhe para nós?" Ele sugere. "Estarei bem atrás de você."

Eu sigo para o andar de baixo, assim como ele me pediu.

Leva um tempo para ele descer.

Naz está distante o resto da noite. De novo, ele está aqui fisicamente, mas seus pensamentos estão longe. Eu pergunto a ele mais de uma vez se está bem, mas ele apenas repete seu mantra. *Não se preocupe com isso.*

Naturalmente, eu me preocupo.

E me preocupo.

E preocupo.

Eu deito na cama à noite, *ainda* me preocupando.

Eu pego no sono me preocupando.

Eu sonho com isso.

Estou preocupada.

Alguma coisa me acorda no meio da noite. O quarto está escuro, sombras cobrem tudo, a única luz vem do buraco entre as cortinas deixando o brilho entrar. Estou deitada sobre minhas costas, e eu rolo, piscando o sono para longe, mas congelo quando vejo que o lado de Naz na cama está vazio.

Essa não é a primeira vez que acordo para encontrá-lo desaparecido.

Toda vez, eu espero que seja a última.

Suspirando, eu sento, esfregando os olhos. Trabalhando, eu presumo. Eu acho que ele está aqui a trabalho, depois de tudo. Estou prestes a ficar de pé quando algo se mexe, assustando-me. Eu ofego, levemente vendo uma forma na escuridão. Naz está sentado na ponta da

cama, ainda completamente nu, sua cabeça para baixo enquanto encara o chão, as mãos cruzadas na sua frente.

Leva um momento para meu coração se acalmar, para eu voltar da onda de alarme. Eu engulo pesadamente, minha voz rachando quando chamo seu nome. "Ignazio?"

Ele solta um suspiro profundo, mudando de posição, virando sua cabeça em minha direção. Não consigo ver seu rosto muito bem na escuridão, mas eu sei como ele pareceria se eu pudesse.

Conturbado.

"Eu fui um idiota, Karissa." Ele fala baixo, pouco mais alto que um sussurro, as palavras tensas. "A porra de um idiota."

"Por quê?" Puxo o cobertor em torno de mim quando meu peito começa a doer, apertando com seu tom angustiado. "O que você fez?"

"Nada," ele diz, suspirando de novo antes de completar. "Tudo."

Eu espero, mas ele não continua.

Ele não dá nenhuma explicação.

"Eu não entendo."

Balançando a cabeça, ele olha para longe de mim. "Eu não estou surpreso."

Minha confusão aprofunda, minha preocupação apenas crescendo quando ele olha para suas mãos em punhos no colo. O silêncio é sufocante. Há muito mais para dizer. Eu sei que há… Eu só não sei o que.

O que eu devo dizer?

Antes que eu possa dizer algo, Naz se levanta. Eu acho que ele vai sair, que ele vai se afastar, e seu nome está em meus lábios para pará-lo quando em vez disso ele vira em minha direção.

Tudo o que sai de mim é um suspiro de surpresa.

Naz cai em seus joelhos. Não, em *um* joelho. Apenas um. Bem aqui, ao lado da cama, completamente pelado na escuridão. O homem fica em um único joelho ao meu lado. Meus pensamentos estão uma nevasca esmagadora que eu não consigo enxergar para ter uma explicação ao meu redor. Eu não sei onde estou. Eu me sinto como se estivesse flutuando, pairando, meus pés fora do chão. Derrubada de bunda por esse homem pela segunda vez no dia.

"Naz," digo, minha voz com um tom de pânico. "Oh Deus, Naz, o que você está...?"

"Só fique quieta e me deixe fazer isso, ok?"

"Mas—"

"Por favor, Karissa."

Por favor. O homem disse *por favor.*

Isso sozinho me silencia.

"Eu estive pensando sobre fazer isso o dia todo," ele diz. "A porra do dia todo isso tem me incomodado. Eu deveria fazer isso? Eu não deveria fazer isso? Eu não sabia qual era a escolha certa. Eu *ainda* não sei. Mas eu não consigo mais pensar sobre isso. Então estou fazendo, e esperando como inferno *você* saber qual a escolha certa, porque eu não sei."

Estou sem palavras.

Fodidamente sem palavras.

Naz abre sua mão, e em sua palma está um anel. Eu não consigo vê-lo na escuridão, não realmente, mas posso dizer que é modesto, nem um pouco parecido com o anel que ele me deu antes. Aquele anel era berrante e extravagante. Esse anel não parece nada como o outro que ele tinha escolhido.

Parece mais com o que eu escolheria.

"Você jogou fora o último que comprei," ele diz calmamente. "Eu poderia comprar centenas iguais a ele. Cem diamantes mais chamativos, maiores, brilhantes, cada anel mais caro, mas não significaria nada, porque iria ser apenas um anel. Um anel que comprei com dinheiro que ganhei fazendo coisas que nunca quero admitir para você. Eu não casaria comigo com um anel como aquele também. Eu não casaria com o tipo de pessoa que comprou aquele tipo de anel."

"Naz..."

"Apenas... *Não.*"

Eu fico quieta de novo.

"Então eu fui até o meu pai," ele continua, "e pedi a ele o anel que usou. Ele trabalhou quase até a morte economizando para comprá-lo, e levou anos para ele. *Décadas.* Eu era adolescente na época que ele finalmente podia comprar um anel de verdade. E não era *nada,* apenas um quilate, mas era muito para eles."

Meu estômago afunda. *O anel da sua mãe.* Michelle Vitale morreu alguns meses atrás, morreu inesperadamente em seu sono. Eu nunca tive a chance de conhecê-la, mas eu fui ao seu funeral com Naz... E embora ele mantivesse distância, sem ir muito perto, nenhuma vez se aproximando de seu pai ou participando dos serviços, eu sei que

significou muito para ele poder estar lá. Que ele teve a chance de se despedir.

Ele se culpa, embora.

Eu sei que sim.

A morte leva todos que eu amo, ele disse para mim naquele dia. Minha única resposta foi, *eu estou aqui para ficar.*

"Eu fui até ele, e pedi a ele por este anel, porque esse anel significa algo. Esse anel foi comprado com dinheiro que um homem lutou para ganhar, para uma mulher que ele amou mais do que qualquer coisa. Esse anel é um sinal de respeito, lealdade e honestidade. Esse é o tipo de anel dado por um homem com integridade, um homem como o meu pai... Um homem, eu percebo, que eu fui um idiota por não querer ser igual. Eu pedi a ele, e eu o esperava dizer não, mas ele me deu. Ele o deu para mim, e disse, 'se o fizer, você tem que querer dizer isso, e tem que ser certo'. E eu quero dizer isso... Deus sabe, eu quero dizer isso... Mas eu não sei se é certo."

Ele olha para o anel por um momento antes de encontrar os meus olhos.

"Eu não sou um homem bom," ele diz, "mas eu estou tentando. Estou tentando. Não posso fazer nenhuma promessa de perfeição. Não posso prometer que serei o que você merece, ou o que precisa, ou até mesmo o que você sempre quis. Tudo o que posso prometer é que eu vou amar você até o dia em que eu morrer, e eu vou passar cada momento que estou vivo tentando por você."

Ele para, os olhos estudando meu rosto.

"Então estou pedindo a você..." Balançando a cabeça, ele solta um gemido, recuando. "Você quer se casar comigo, Karissa?"

Ele olha para mim como se achasse que vou dizer não.

Como se *esperasse* que eu fosse dizer não.

Eu deveria.

Eu sei que deveria.

Racionalmente, eu deveria rejeitá-lo, correr para longe dele, ficar o mais longe possível do homem. Mas o amor é tudo, menos racional. O amor é feio e uma bagunça. Amor não faz nenhum fodido sentido. E eu o amo, por mais que seja impossível.

Eu o amo.

É ridículo.

Mas quando eu penso sobre minha vida agora, não consigo imaginá-la sem ele estar nela. Quando penso sobre meu futuro, eu sempre o vejo. Esse homem está em um joelho, completamente pelado e vulnerável e eu poderia chutá-lo enquanto está abaixado, eu poderia machucá-lo apenas uma fração do que ele me machucou, mas eu só iria me arrepender, porque isso, eu acho, é o certo. Por mais que isso seja errado, parece certo para mim.

"Eu vou," sussurro. "Eu vou casar com você."

Alívio preenche sua expressão enquanto estico minha mão. Ele desliza o anel nela, e é um pouco grande demais, mas parece que pertence ao meu dedo. Levantando-se, ele se inclina para mim, as mãos em ambos os lado da cama ao meu lado, quando esmaga seus lábios nos meus. Ele me beija duro, beija-me profundamente, subindo em cima de mim.

"Agora," sussurro contra sua boca, enrolando meus braços em volta dele. "Eu quero fazer isso agora."

"Você quer?" Ele pergunta, os lábios deixando os meus para traçar minha mandíbula, até meu pescoço. Ele beija o centro da minha garganta, onde deixou uma mordida mais cedo, enquanto pressiona contra mim. Ele está duro. "Você quer isso, baby?"

Eu tremo, correndo meus dedos através do cabelo de sua nuca. "Uh, sim, mas quis dizer que eu quero me casar."

Ele se afasta, levantando as sobrancelhas. "Casar? Agora?"

"Sim," sussurro. "Hoje à noite."

"Mas—"

"Fique quieto," digo, o cortando, cobrindo sua boca com a minha mão enquanto dou risada. "Você quer que eu escolha uma data, certo? Então escolho uma. Hoje."

Ele parece atordoado, mas não argumenta, um pequeno sorriso surgindo no canto de seus lábios. Ele se inclina para baixo, deixando um beijo leve contra meus lábios. "Tudo o que você quiser, Karissa. É seu."

Horas depois, depois do sol se pôr, Naz e eu estamos na pequena capela no MGM Grand. Não há convidados, sem amigos, família, apenas estranhos como testemunhas e um homem licenciado para nos casar. Eu não uso um vestido de noiva. Naz nem ao menos usa um terno. Apenas eu, ele, e os votos simples.

Eu prometo amar você para sempre.

É a única promessa que temos.

Após o homem nos declarar marido e mulher, Naz me agarra, puxando-me até ele, e me beija profundamente, mordiscando meu lábio

inferior. Eu me afasto, corando, enquanto Naz começa a me puxar para a saída da capela.

"Vamos lá," ele diz. "Temos um casamento para consumar."

"É isso mesmo?"

"Absolutamente," ele diz, sua voz baixa, rouca. "Eu acho que vou fodê-la do lado de fora do Bellagio, na frente da fonte, algum lugar onde o mundo inteiro possa ver."